

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Arthur de Melo Sá

**Parâmetros temporais em português brasileiro: investigação das estruturas
lexicogramaticais orientada para os estudos linguísticos da tradução**

Belo Horizonte

2020

Arthur de Melo Sá

**Parâmetros temporais em português brasileiro: investigação das estruturas
lexicogramaticais orientada para os estudos linguísticos da tradução**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da
Universidade Federal de Minas Gerais como
requisito parcial para obtenção do título de Doutor
em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Estudos da Tradução – 3B

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Silvina Pagano

Belo Horizonte

2020

S111p Sá, Arthur de Melo.
Parâmetros temporais em português brasileiro [manuscrito] :
investigação das estruturas lexicogramaticais orientada para os
estudos linguísticos da tradução / Arthur de Melo Sá. – 2021.
359 f., enc. : il., tabs, grafs, color.
Orientadora: Adriana Silvina Pagano.
Área de concentração: Linguística Aplicada.
Linha de Pesquisa: Estudos da Tradução.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 350-359
Apêndices: f. 95-108.

1. Tradução e interpretação – Teses. 2. Funcionalismo (Linguística)
– Teses. 3. Língua portuguesa – Estudo e ensino – Teses. 4.
Traduções – Estudo e ensino – Teses. I. Pagano, Adriana Silvina. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III Título.

CDD: 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Parâmetros temporais em português brasileiro: investigação das estruturas lexicogramaticais orientada para os estudos linguísticos da tradução

ARTHUR DE MELO SÁ

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDO LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Estudos da Tradução.

Aprovada em 11 de setembro de 2020, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Adriana Silvina Pagano - Orientadora
UFMG

Prof(a). Rodrigo Esteves de Lima-Lopes
UNICAMP

Prof(a). Giacomo Patrocínio Figueredo
UFOP

Prof(a). Igor Antônio Lourenço da Silva
UFU

Prof(a). Kícila Ferregueti de Oliveira
UFMG

Belo Horizonte, 11 de setembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por **Igor Antônio Lourenço da Silva, Usuário Externo**, em 11/09/2020, às 18:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kicila Ferregueti de Oliveira, Professora Magistério Superior-Substituta**, em 11/09/2020, às 18:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Silvina Pagano, Professora do Magistério Superior**, em 11/09/2020, às 20:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Esteves de Lima Lopes, Usuário Externo**, em 11/09/2020, às 20:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Giacomo Patrocínio Figueredo, Usuário Externo**, em 12/09/2020, às 15:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0226711** e o código CRC **79FC77E3**.

AGRADECIMENTOS

À professora Adriana Pagano, por todos os ensinamentos ao longo de minha carreira acadêmica, pela paciência durante o desenvolvimento desta pesquisa e escrita desta tese, e pelo apoio, parceria e confiança no decorrer de quase uma década.

Aos professores Giacomo Figueredo e Igor Silva, por contribuírem de maneira ímpar para o aperfeiçoamento desta tese ao participarem do exame de qualificação e da defesa. E aos professores Rodrigo Esteves e Kícila Ferregueti pela arguição e pela leitura atenciosas, participando da defesa desta tese.

À CAPES, pelo suporte financeiro à minha formação e a esta pesquisa.

Aos professores e colegas do LETRA, que participaram ao longo de quase uma década (insisto, quase uma década) de minha formação e puderam contribuir direta e indiretamente com esta pesquisa. Todos estes anos de trabalho e amizade encontram-se condensados nesta tese, que é fruto de uma experiência construída através de muitas reuniões, aulas, palestras, defesas, apresentações, almoços, lanches e bolos. Sem estas contribuições e suporte este trabalho seria em vão. Aos professores Célia Magalhães e Fabio Alves, agradeço por compartilharem comigo seus conhecimentos e experiências, levando ao amadurecimento das ideias que culminaram nesta tese. E em especial, agradeço aos colegas André, Fran, Kícila, Rodrigo, Júlia, Norma e Karina. Dentre muitas indas e vindas, tivemos a oportunidade de nos suportar (*pun intended*) nestes anos. Foi um prazer compartilhar deste período de minha vida com vocês.

Aos amigos que estiveram comigo em um espaço de uns 700 quilômetros, mais ou menos. André, Matheus, Fernanda, Pedro, Zé e Esther, sem vocês o longo percurso seria impossível – em todos os sentidos.

À minha família, que, mesmo sem entender muito bem o que faço, tem me dado todo o apoio e carinho. À minha mãe, Raquel, ao meu pai, Gilberto, à minha irmã, Laura, à minha sogra, Norma, ao meu sogro, Gerardo, às minhas cunhadas, Priscila e Ruth, obrigado por estarem comigo desde o início de meus estudos, me apoiando e construindo junto comigo esta formação.

À minha amada Neftali, um agradecimento mais que especial, pelo apoio incondicional, paciente e gentil. Cada linha desta tese carrega em si o cuidado e o carinho vividos tão intensamente durante a pesquisa e a redação.

Experience is the reality that we construe for ourselves by means of language.

M. A. K. Halliday & Christian M. I. M. Matthiessen

RESUMO

Fundamentando-se na linguística sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2014) e nas abordagens sistêmicas da tradução (PAGANO; VASCONCELLOS, 2005; MATTHIESSEN, 2001; TEICH, 2001, 2003), esta tese apresenta uma pesquisa sobre o potencial de produção de significados no contato linguístico entre o português brasileiro e o inglês com enfoque nos parâmetros básicos de tempo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999) e suas realizações lexicogramaticais. Esta pesquisa lança mão dos princípios norteadores de Halliday e Matthiessen (1999) para a descrição das estruturas lexicogramaticais que realizam a experiência de tempo sob orientação dos quatro parâmetros básicos de tempo construídos pelo processo: localização, perspectiva, estágio e perfil. Esta tese leva em conta as propostas anteriores de descrição da experiência tempo de Câmara Jr. (1999), Cunha e Cintra (2017), Cegalla (2008), Perini (2005), Travaglia (1991, 2014), Castilho (1967, 2010), Bechara (2009), Neves (2000) e Bagno (2012). Essas propostas, no entanto, abordam a construção da experiência de tempo a partir do eixo sintagmático, concentrando-se quase exclusivamente na ordem lexicogramatical da palavra. Assim, tendo em vista a necessidade apontada na teoria sistêmico-funcional de uma descrição tratar as relações estruturais como derivadas das relações paradigmáticas (HALLIDAY, 1966, 2002, 2003a; CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004a, p. 23), esta tese descreve como as estruturas lexicogramaticais realizam diferentes possibilidades de escolha na semântica para a construção da experiência de tempo. Esta tese também aborda a experiência de tempo no contato entre o português brasileiro e o inglês, com foco no polo do potencial de significados. Pesquisas anteriores abordam a experiência de tempo a partir de outros ramos dos estudos da tradução (e.g., APPELO, 1986, 1994; OLSEN et al., 2000), tendo outras fundamentações teóricas (RODRIGUES, 2000; RAMALHO, 2004), ou, ainda que tenham uma abordagem e fundamentação teórica semelhantes a esta tese, não concentram sua análise na descrição do potencial de significados da experiência de tempo (BRAGA, 2016). Com isso, a pesquisa apresentada nesta tese, com enfoque sobre o polo do sistema, permite que a experiência de tempo seja compreendida como potencial de significados multilíngue, com interseções e divergências nas redes de sistemas lexicogramaticais que realizam essa experiência em português brasileiro e inglês. Nesse sentido, esta pesquisa vai de encontro ao proposto por Figueredo (2015a) para a modelagem do ambiente multilíngue, que sugere a identificação de interseções e disjunções entre as redes de sistemas das línguas em contato como parte do esforço para a compreensão da produção de significado no espaço

multilíngue. Esta tese tem como objetivos (i) contribuir para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro e (ii) contribuir para os estudos da tradução de orientação sistêmico-funcional. Para isso, são delimitados os seguintes objetivos específicos: (1) mapear a realização da experiência de tempo segundo os parâmetros de localização, perspectiva, estágio e perfil em português brasileiro nas unidades lexicogramaticais (a) da oração, em relação às estruturas que realizam os sistemas de TRANSITIVIDADE, MODO e TEMA, (b) do grupo, em relação às estruturas que realizam os sistemas de TEMPO SECUNDÁRIO, AGENCIAMENTO, ASPECTO VERBAL, FINITUDE e MODALIDADE, e (c) da palavra, em relação às estruturas que realizam os sistemas de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL e MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA; (2) comparar as estruturas do português brasileiro e do inglês que realizam a experiência de tempo conforme os parâmetros de localização, perspectiva, estágio e perfil nas unidades da oração, do grupo e da palavra; (3) identificar semelhanças e diferenças nas redes de sistemas da oração, do grupo e da palavra que organizam as estruturas que realizam a experiência temporal em português brasileiro e em inglês. Foi selecionada uma amostra de textos originais organizados em oito categorias (Artigo Acadêmico, Discurso Político, Divulgação Científica, Ficção, Manual de Instrução, Propaganda Turística, Resenha e Website Educacional) a partir do corpus Klapt! (NUNES, 2010, 2014; FERREGUETTI, 2014). Esta amostra formou o corpus de análise, composto por aproximadamente 480 sentenças – ou 10776 palavras. Este corpus foi segmentado em figuras semânticas, orações, grupos verbais e verbos e anotado por meio de planilhas eletrônicas. A análise do corpus revelou os padrões estruturais que constroem os parâmetros de tempo nas ordens da oração, do grupo e da palavra de acordo com cada metafunção – a saber, ideacional, interpessoal e textual. Como resultado, apresenta-se um mapeamento das estruturas que realizam a experiência de tempo em sistemas da oração (MODO, TRANSITIVIDADE e TEMA), do grupo verbal (FINITUDE, MODALIDADE, TEMPO SECUNDÁRIO, TIPO DE EVENTO, AGENCIAMENTO e ASPECTO VERBAL) e do verbo (ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL e MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA), agrupando-as conforme cada parâmetro de tempo (localização, perspectiva, estágio e perfil). Esta tese faz as seguintes contribuições para os estudos linguísticos: (i) valida os conceitos teóricos e a metodologia de descrição da linguística sistêmico-funcional; (ii) apresenta uma nova abordagem para a descrição do tempo do português brasileiro e dá continuidade à descrição sistêmica da língua, com foco na construção dos parâmetros temporais; e (iii) fornece informações que podem ser utilizadas por outras áreas dos estudos multilíngues (MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008), como tipologia e estudos da tradução, com a comparação dos sistemas, estruturas e funções que realizam a experiência de tempo em português brasileiro com o inglês, francês, russo, grego, chinês, quéchua, etc.

Palavras-chave: linguística sistêmico-funcional, estudos da tradução, experiência de tempo.

ABSTRACT

Drawing on systemic functional linguistics (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2014) and being affiliated to the systemic functional approaches to translation (PAGANO; VASCONCELLOS, 2005; MATTHIESSEN, 2001; TEICH, 2001, 2003), this thesis investigates the meaning potential of the language contact between Brazilian Portuguese and English with a focus on the basic temporal parameters theorized by Halliday and Matthiessen (1999) and their lexicogrammatical realizations. This research follows Halliday and Matthiessen (1999) guiding principles for the description of semantic phenomena and the four basic parameters for studying the construal of temporal experience: location, perspective, staging and profile. This thesis takes into account previous description proposals (CÂMARA JR., 1999; CUNHA; CINTRA, 2017; CEGALLA, 2008; PERINI, 2005; TRAVAGLIA, 1991, 2014; CASTILHO, 1967, 2010; BECHARA, 2009; NEVES, 2000; BAGNO, 2012), which address the construal of experience of time from the syntagmatic axis, focusing almost exclusively on the lexicogrammatical word rank. In view of the need pointed out in the systemic functional theory for a description to treat structural relations as derived from paradigmatic ones (HALLIDAY, 1966, 2002, 2003a; CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004a, p. 23), this thesis describes how lexicogrammatical structures realize different possibilities of semantic choices for construing the experience of time. This thesis also investigates the experience of time in the language contact between Brazilian Portuguese and English, with a focus on the potential pole of the instantiation cline. Previous research addresses the experience of time from other branches of translation studies (e.g., APPELO, 1986, 1994; OLSEN et al., 2000) and other theoretical frameworks (RODRIGUES, 2000; RAMALHO, 2004). And even though this thesis and Braga (2016) share a common approach and theoretical framework, Braga (2016) does not focus her analysis on the description of the meaning potential of the experience of time. This thesis, with a focus on the system pole, allows for understanding the experience of time as a multilingual meaning potential, with intersections and divergences in the lexicogrammatical system networks construing experience of time in Brazilian Portuguese and English. Thus, this research addresses Figueredo (2015a) proposal for modeling the multilingual environment. Figueredo (2015a) proposes that, in order to understand the production of meaning in the multilingual space, it is necessary to identify intersections and disjunctions between systems networks of languages in contact. This thesis aims at contributing (i) to the systemic-functional description of Brazilian Portuguese and (ii) to systemic-functional translation studies. To this

end, the following specific objectives are defined: (1) to map the realization of experience of time according to the parameters of location, perspective, stage and profile in Brazilian Portuguese in each lexicogrammatical unit: (a) clause, in relation to the structures that realize the systems of TRANSITIVITY, MOOD and THEME, (b) group, in relation to the structures that realize the systems of SECONDARY TENSE, AGENTIVITY, VERBAL ASPECT, FINITENESS and MODALITY, and (c) word, in relation to the structures that realize the systems of INTERPERSONAL ORIENTATION and EXPERIENCE MODIFICATION; (2) to compare the structures of Brazilian Portuguese and English that realize the experience of time according to the parameters of location, perspective, stage and profile in the units of clause, group and word; (3) to identify similarities and differences in the systems networks of clause, group and word that organize the structures that realize the temporal experience in Brazilian Portuguese and English. In this study, a sample of texts originally written in Brazilian Portuguese was selected from the Klapt! corpus (NUNES, 2010, 2014; FERREGUETTI, 2014), arranged in eight categories (Research Article, Political Speech, Popular Science, Fiction, Instructions Manual, Tourism Leaflet, Review and Educational Website). This sample composed the corpus of analysis, with approximately 480 sentences – or 10776 words. This corpus was segmented into semantic figures, clauses, verbal groups and verbs and annotated using electronic spreadsheets. Corpus analysis revealed the structural patterns that construe the temporal parameters in the clause, the group and the word according to each metafunction (ideational, interpersonal and textual). Results consist of a mapping of the structures that realize systems of the clause (MOOD, TRANSITIVITY and THEME), the verbal group (FINITENESS, MODALITY, SECONDARY TENSE, EVENT TYPE, AGENTIVITY and VERBAL ASPECT) and the verb (INTERPERSONAL ORIENTATION and EXPERIENCE MODIFICATION) and demonstrate how each temporal parameter (location, perspective, staging and profile) is construed. As regards the contributions to linguistics, this thesis (i) validates theoretical concepts and description methods developed in systemic functional linguistics; (ii) presents a new approach to the description of time in Brazilian Portuguese and continues the systemic description of this language, focusing on the construal of the temporal parameters; and (iii) provides useful information for other areas of the multilingual studies (MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008), such as typology and translation studies, by comparing the systems, structures and functions that realize the experience of time in Brazilian Portuguese with English, French, Russian, Greek, Chinese, Quechua, etc.

Keywords: systemic functional linguistics, translation studies, experience of time.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS:

FIGURA 1 – Localização desta pesquisa no campo disciplinar dos estudos da tradução	33
FIGURA 2 – Localização desta pesquisa no espaço dos estudos multilíngues.....	36
FIGURA 3 – O contínuo de instanciação e a experiência de tempo	41
FIGURA 4 – A hierarquia de estratificação e a experiência de tempo	43
FIGURA 5 – O sistema de TEMPORALIDADE organizado pela delicadeza e pela agnação	46
FIGURA 6 – O espectro de metafunção, a hierarquia de estratificação e a experiência de tempo	51
FIGURA 7 – Dimensões globais e locais da linguagem	53
FIGURA 8 – Análise manual e automatizada	57
FIGURA 9 – Teoria, descrição e análise	59
FIGURA 10 – Diferentes tipos de fase.....	63
FIGURA 11 – Rede de sistemas de MODO do inglês.....	95
FIGURA 12 – Rede de sistemas de TRANSITIVIDADE do inglês.....	96
FIGURA 13 – Rede de sistemas de TEMA do inglês	98
FIGURA 14 – Rede de sistemas do grupo verbal do inglês.....	99
FIGURA 15 – Rede de sistemas do verbo do inglês	101
FIGURA 16 – Rede geral do sistema de COMPLEXIDADE do inglês.....	102
FIGURA 17 – O sistema semântico de PROJEÇÃO	110
FIGURA 18 – Taxonomia do Ente em um primeiro nível de distinção.....	116
FIGURA 19 – Funções numerativas	116
FIGURA 20 – A rede de sistemas de TEMA	118
FIGURA 21 – Rede de sistemas de MODO	120
FIGURA 22 – Rede de sistemas da oração mental	121
FIGURA 23 – Rede de sistemas de AVALIAÇÃO MODAL.....	123
FIGURA 24 – Rede de sistemas de PREDICAÇÃO.....	125
FIGURA 25 – Rede de sistemas de IDENTIFICAÇÃO	127
FIGURA 26 – Sistema de QUALIFICAÇÃO em inglês e português brasileiro	130
FIGURA 27 – Rede de sistemas do verbo.....	133
FIGURA 28 – Rede de sistemas do grupo verbal	134

FIGURA 29 – Rede de sistemas dos Adjuntos	137
FIGURA 30 – Sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.....	138
FIGURA 31 – Rede de sistemas das orações verbais.....	140
FIGURA 32 – Rede de sistemas das orações materiais	144
FIGURA 33 – Rede de sistemas de CONJUNÇÃO.....	145
FIGURA 34 – O sistema de TEMPORALIDADE e a dimensão da delicadeza	164
FIGURA 35 – Complexo bimodal de figura verbal e visual, com relação semântica verbo-visual de Elaboração	170
FIGURA 36 – Codificação do sistema de TEMA do português brasileiro simplificado.....	172
FIGURA 37 – Os estudos multilíngues e sua caracterização em relação ao número de línguas e ao contínuo de instanciação.....	184
FIGURA 38 – Equivalência tradutória e correspondência formal nos estudos multilíngues.	187
FIGURA 39 – Estudos multilíngues como ação e reflexão.....	190
FIGURA 40 – Captura de tela da ferramenta <i>Aligner</i> do <i>Wordsmith Tools</i> para seleção das sentenças do corpus de análise	205
FIGURA 41 – Captura de tela da planilha eletrônica que armazena as sentenças selecionadas do texto PO_FIC_K006.....	206
FIGURA 42 – Captura de tela da ferramenta <i>Aligner</i> do <i>Wordsmith Tools</i> para seleção das sentenças do texto PO_PTUR_K006.....	207
FIGURA 43 – Captura de tela da planilha eletrônica de anotação das figuras semânticas....	210
FIGURA 44 – Captura de tela da planilha eletrônica de anotação na ordem da oração	213
FIGURA 45 – Captura de tela da planilha eletrônica de anotação na ordem do grupo	214
FIGURA 46 – Captura de tela da planilha eletrônica de anotação na ordem da palavra	215
FIGURA 47 – Rede de sistemas de MODO do português brasileiro.....	230
FIGURA 48 – Rede de sistemas de TRANSITIVIDADE do português brasileiro	240
FIGURA 49 – Rede de sistemas de TEMA do português brasileiro	248
FIGURA 50 – Rede de sistemas do grupo verbal do português brasileiro.....	261
FIGURA 51 – Rede de sistemas do verbo do português brasileiro.....	289
FIGURA 52 – Rede geral do sistema de COMPLEXIDADE do português brasileiro.....	297
FIGURA 53 – As fases da narração e das falas no Texto (1).....	326
FIGURA 54 – As fases da narração e das falas no Texto (2).....	329
FIGURA 55 – Modelos de construção da experiência de tempo	337
FIGURA 56 – Distribuição das línguas de acordo com os modelos de construção da experiência de tempo	339

LISTA DE GRÁFICOS:

GRÁFICO 1 – Frequência relativa de orações com circunstâncias por tipo de texto	136
GRÁFICO 2 – Agrupamento dos textos com base em todos os sistemas analisados	169
GRÁFICO 3 – Agrupamento das estruturas genéricas da introdução de artigo acadêmico em inglês e português brasileiro	174

LISTA DE QUADROS:

QUADRO 1 – Dimensões globais e locais da linguagem	26
QUADRO 2 – Localização do objeto de estudos na matriz função-ordem.....	29
QUADRO 3 – Dimensões, princípios e ordens da linguagem	39
QUADRO 4 – Contínuo de instanciação no contexto e na linguagem	39
QUADRO 5 – A estrutura orbital do componente experiencial da metafunção ideacional no estrato lexicogramatical.....	49
QUADRO 6 – A estrutura serial do componente lógico da metafunção ideacional no estrato lexicogramatical.....	49
QUADRO 7 – A estrutura prosódica da metafunção interpessoal no estrato lexicogramatical	49
QUADRO 8 – A estrutura periódica da metafunção textual no estrato lexicogramatical.....	49
QUADRO 9 – Parâmetros básicos de tempo e suas categorias básicas	60
QUADRO 10 – Estruturação da localização temporal do Exemplo (2).....	61
QUADRO 11 – Quatro domínios de experiência do inglês e suas configurações básicas.....	65
QUADRO 12 – Quatro domínios de experiência do inglês e suas configurações básicas.....	65
QUADRO 13 – Realização da localização por orações maiores em inglês	69
QUADRO 14 – Realização da localização por Adjuntos modais de temporalidade.....	70
QUADRO 15 – Circunstâncias de extensão e localização definidas e indefinidas em inglês .	71
QUADRO 16 – Circunstâncias de localização absoluta e relativa em inglês	71
QUADRO 17 – Circunstâncias de localização de repouso e movimento em inglês.....	71
QUADRO 18 – Conjunções de intensificação temporal do inglês	74
QUADRO 19 – Realização dos tempos verbais primário e secundário por grupos verbais em inglês.....	76
QUADRO 20 – Opções de realização do Finito como Operador temporal e modal.....	79

QUADRO 21 – Exemplos de Adjuntos modais de modalidade que realizam a perspectiva em inglês.....	80
QUADRO 22 – Exemplos de Adjuntos modais de temporalidade que realizam a perspectiva em inglês.....	80
QUADRO 23 – Realização do Finito por operadores modais.....	82
QUADRO 24 – Tipos de verbos frasais em inglês.....	85
QUADRO 25 – Exemplos de realização da relação lógico-semântica de intensificação temporal	87
QUADRO 26 – Tipos de projeção em relação à função discursiva da oração projetada e aos tipos de taxa	89
QUADRO 27 – Realizações do sistema de FASE do inglês.....	91
QUADRO 28 – Realizações do sistema de CONAÇÃO do inglês.....	92
QUADRO 29 – Panorama geral das contribuições de cada autor para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro	109
QUADRO 30 – Exemplos de realização lexicogramatical do sistema semântico de PROJEÇÃO	111
QUADRO 31 – Grupos em relação às dimensões do sistema.....	112
QUADRO 32 – Funções do grupo nominal e classes de palavra.....	113
QUADRO 33 – Subsistemas de QUALIDADE.....	114
QUADRO 34 – Termos e itens do sistema de DETERMINAÇÃO	114
QUADRO 35 – Dêiticos não-específicos em português	115
QUADRO 36 – Divisão do trabalho gramatical para a submodificação.....	115
QUADRO 37 – Realização do sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL do verbo do português brasileiro	131
QUADRO 38 – Tipos de Circunstância e testes gramaticais	135
QUADRO 39 – Potencial de morfemas na realização de relações lógico-semânticas.....	139
QUADRO 40 – Principais características dos Processos verbais.....	141
QUADRO 41 – Critérios de diferenciação dos Processos	142
QUADRO 42 – Exemplos de verbos que podem operar como Processos verbais.....	142
QUADRO 43 – Panorama geral das contribuições de cada descrição para os estudos sobre o tempo em português brasileiro	159
QUADRO 44 – Modelo sistêmico do texto argumentativo do RPG de mesa.....	172
QUADRO 45 – Exercício de agnação para a realização da experiência de tempo secundário futuro	197

QUADRO 46 – Parâmetros básicos de tempo e etiquetas de anotação do corpus de descrição	208
QUADRO 47 – Estruturação da localização temporal do Exemplo (78).....	218
QUADRO 48 – Localização temporal secundária e perspectiva	224
QUADRO 49 – As realizações da experiência de tempo segundo o estágio em português brasileiro	225
QUADRO 50 – Realização do desdobramento e do estágio por orações imperativas.....	232
QUADRO 51 – Realização da localização de acordo com o sistema de DÊIXIS TEMPORAL ..	233
QUADRO 52 – Realização da perspectiva por orações aspectuais.....	235
QUADRO 53 – Realizações da perspectiva visualizada com localização temporal interna por orações subjuntivas.....	235
QUADRO 54 – A dêixis modal e a realização do estágio.....	236
QUADRO 55 – O Adjunto modal de modalidade e a realização do estágio.....	237
QUADRO 56 – Tipos de Adjunto modal	238
QUADRO 57 – Adjuntos modais de temporalidade	239
QUADRO 58 – Diferentes tipos de oração segundo o sistema de TRANSITIVIDADE.....	241
QUADRO 59 – A realização da experiência de tempo por orações receptivas	243
QUADRO 60 – Circunstâncias de extensão e localização temporal do português brasileiro	244
QUADRO 61 – Realização e exemplos de Temas textuais.....	254
QUADRO 62 – Realização e exemplos de Temas interpessoais	259
QUADRO 63 – As funções que os verbos operam no grupo verbal e sua estrutura lógica ...	262
QUADRO 64 – Realização da localização pelo sistema de TEMPO SECUNDÁRIO	264
QUADRO 65 – A realização da localização por grupos verbais	265
QUADRO 66 – A realização do sistema de TEMPO SECUNDÁRIO por grupos verbais não-finitos com Núcleo realizado por verbo com morfologia de subjuntivo	270
QUADRO 67 – Realização da perspectiva temporal em relação às opções dos sistemas lexicogramaticais de ASPECTO VERBAL e FINITUDE	273
QUADRO 68 – Realização do sistema de ASPECTO VERBAL por grupos verbais finitos	274
QUADRO 69 – Realização do sistema de ASPECTO VERBAL por grupos verbais não-finitos aspectuais.....	277
QUADRO 70 – Realização do sistema de ASPECTO VERBAL por grupos verbais não-finitos subjuntivos.....	278
QUADRO 71 – Opções do sistema de AGENCIAMENTO do grupo verbal	280
QUADRO 72 – Exemplos de realização dos sistemas de DÊIXIS MODAL e POLARIDADE	283

QUADRO 73 – Opções do sistema de TEMPORALIDADE que realizam localização e perspectiva	290
QUADRO 74 – Verbos no passado imperfeito e passado volitivo realizando a perspectiva visualizada	292
QUADRO 75 – Realização de perspectiva por verbos não-finitos	293
QUADRO 76 – Exemplo de realização da localização e da perspectiva nas relações paratáticas e hipotáticas por complexos oracionais	299
QUADRO 77 – Exemplos de realização da relação lógico-semântica de intensificação temporal por complexos oracionais	303
QUADRO 78 – As relações de projeção em complexos oracionais paratáticos e hipotáticos	312
QUADRO 79 – Exemplos de realização da experiência de tempo por orações projetadas ...	313
QUADRO 80 – As opções do sistema de FASE e suas realizações.....	317
QUADRO 81 – Realização de estágio, localização e perspectiva pelo Evento dominante em complexos de grupos verbais hipotáticos com relação de elaboração.....	318
QUADRO 82 – Opções do sistema de CONAÇÃO e suas realizações	320
QUADRO 83 – Opções do sistema de MODULAÇÃO e suas realizações	321
QUADRO 84 – Realização da experiência de tempo por morfemas lógico-semânticos	322
QUADRO 85 – Realização da experiência de tempo de acordo com cada sistema em cada unidade lexicogramatical do português brasileiro	342
QUADRO 86 – Realização da experiência de tempo de acordo com cada sistema em cada unidade lexicogramatical do inglês	343

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Tipos de textos e frequência de Processos relacionais encontrados nos textos alvo em português brasileiro no Klapt!	128
TABELA 2 – Tipos de textos e frequência de Processos existenciais encontrados nos textos alvo em português brasileiro no Klapt!	129
TABELA 3 – Frequência das orações no corpus conforme a análise em Halliday (1971)....	167
TABELA 4 – Organização do Klapt! e número de palavras por subcorpus e tipo de texto...	202
TABELA 5 – Organização e contabilização do corpus de análise.....	203

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	38
2.1	A teoria sistêmico-funcional	38
2.2	A descrição sistêmico-funcional	54
2.2.1	A descrição sistêmico-funcional da experiência de tempo	59
2.2.2	O mapeamento dos recursos lexicogramaticais que realizam a experiência de tempo em inglês.....	67
2.2.3	Princípios de descrição sistêmico-funcional.....	102
2.2.4	A descrição sistêmico-funcional do português brasileiro	108
2.2.5	A descrição das estruturas lexicogramaticais que realizam a experiência de tempo em português brasileiro	146
2.3	A análise sistêmico-funcional	165
2.4	As abordagens sistêmicas da tradução	175
2.5	A análise da construção da experiência de tempo em tradução	178
2.6	Os estudos multilíngues	182
3	METODOLOGIA	192
3.1	O papel do corpus na pesquisa	192
3.2	O corpus Klapt!	201
3.3	O corpus de análise	203
3.4	Metodologia de descrição das realizações da experiência de tempo	207
4	RESULTADOS.....	217
4.1	O mapeamento dos recursos lexicogramaticais que realizam a experiência de tempo em português brasileiro	217
4.2	Os recursos lexicogramaticais que realizam a experiência temporal.....	227
4.2.1	A realização da experiência de tempo na ordem da oração	229

4.2.2	A realização da experiência de tempo na ordem do grupo	259
4.2.3	A realização da experiência de tempo na ordem da palavra.....	288
4.2.4	A realização da experiência de tempo por meio de relações lógico-semânticas	297
4.3	A instanciação das estruturas lexicogramaticais que realizam a experiência temporal em português brasileiro	323
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	330
5.1	Contribuições para os estudos linguísticos.....	330
5.2	Contribuições para os estudos tipológicos	337
5.3	Contribuições para os estudos da tradução	339
5.3.1	As estruturas lexicogramaticais que realizam a experiência de tempo em português brasileiro e inglês.....	341
6	CONCLUSÃO	346
	REFERÊNCIAS	351

1 INTRODUÇÃO

Em *Construing Experience Through Meaning*, Halliday e Matthiessen (1999) afirmam que “o ponto-chave para a construção da experiência humana é a percepção de mudança”¹ (p. 213). Os autores esclarecem que todas as experiências humanas são organizadas na forma de um *quantum* de mudança, cuja propriedade fundamental é a capacidade de ensinar a temporalidade, isto é, a capacidade de experienciar as mudanças no e do mundo. E eles prosseguem com o argumento:

Construir a experiência temporal não é uma tarefa fácil. E a maneira como as línguas fazem isso varia consideravelmente: há diferenças entre uma e outra língua e também diferenças dentro da mesma língua com o passar do tempo. [...] nosso modelo gramatical de tempo evoluiu de forma inconsciente no contexto da sobrevivência humana, fazendo parte do conhecimento seletivo e coletivo que a espécie acumulou quanto ao entendimento de sua relação com o ambiente e da interação de seus indivíduos uns com os outros. E de modo semelhante a todos os outros elementos da construção da experiência, a experiência temporal é fruto de um processo contínuo de concessões, no qual aspectos divergentes e muitas vezes contraditórios são ajustados e acomodados, de forma que todos eles fazem parte do quadro geral. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 213–214)²

É nesse contexto que os autores explicam que a experiência humana de mudança é construída por meio de significados ideacionais, que possibilitam a categorização e a configuração dos fenômenos da experiência como significados. Nesse sentido, é possível categorizar os fenômenos da experiência humana como processos, participantes ou qualidades e construir figuras semânticas com base nesses elementos. A figura semântica é, portanto, o fragmento básico da experiência que forma um *quantum* de mudança (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 128).

E o principal elemento da figura semântica que constrói a mudança desse *quantum* é o processo. Halliday e Matthiessen (1999, p. 213) salientam que,

enquanto os participantes se localizam num espaço referencial, os processos se localizam no tempo. O grupo verbal que realiza o processo constrói um

¹ Minha tradução de: “*The key to the construal of experience is the perception of change*”.

² Minha tradução de: “*It is not easy to construe experience of time, and different languages vary considerably in the way they do it: there are differences from one language to another, and differences within the same language over the course of time. [...] the grammar's model of time has been evolving unconsciously in the context of human survival; it is part of the selective and collective wisdom that the species has accumulated in the understanding of its relationship to its environment and in the interaction of its members one with another. And again like everything else in the construal of experience it is the product of continual compromise, whereby divergent and often conflicting aspects of experience are adjusted and accommodated in such a way that all of them have some place in the total picture.*”.

‘momento’ no tempo começando com o agora (o tempo da fala) e terminando com a categorização do Evento.³

A explicação dos autores é ilustrada pelo Exemplo (1), no qual os participantes (em itálico) “Pimenta”, “da ideia” e “a investigação” e a circunstância (em negrito) “em termos confidenciais” não apresentam uma referência temporal, enquanto os grupos verbais (sublinhados) “gostou” e “preferia manter” realizam essa função na oração, ancorando-a no passado relativo ao momento da troca entre falante e ouvinte⁴.

Exemplo (1) *Pimenta* não gostou muito *da ideia*, pois preferia manter *a investigação* **em termos confidenciais**.

Halliday e Matthiessen (1999, p. 214) também afirmam que, “ao transformar a experiência temporal em significado, as comunidades humanas desenvolveram diversos parâmetros básicos”⁵, quais sejam: (i) a localização temporal (em inglês, *temporal location*), com o processo ocorrendo em um fluxo de tempo linear, em uma relação com o “agora” da interação em termos de passado, presente ou futuro; (ii) a perspectiva temporal (*temporal perspective*), segundo a qual o processo estabelece uma relação com o fluxo de experiência como um todo, sendo possível aumentar ou diminuir o foco sobre o processo; (iii) o estágio temporal (*temporal staging*), com o processo ocupando alguma medida de tempo relativa ao começo, intermédio ou final do *quantum* de mudança; e (iv) o perfil temporal (*temporal profile*), segundo o qual é possível estender o processo no tempo, de maneira que pode ser ilimitado ou delimitado.

Esta tese se propõe a mapear as estruturas lexicogramaticais que realizam a construção da experiência de tempo no português brasileiro, agrupando-as conforme os parâmetros temporais, e a comparar essas realizações com aquelas da língua inglesa no contato linguístico promovido pela tradução por meio da comparação do potencial de significados nessas línguas.

³ Minha tradução de: “*While participants are located in referential space, processes are located in time. The verbal group realizing a process constructs a “moment” in time beginning with the ‘now’ (the time of speaking) leading up to a categorization of the Event*”.

⁴ Neste caso, por se tratar de um texto escrito, seria uma troca entre autor e leitor. No entanto, a título de simplificação, esta tese considera toda troca entre interlocutores como entre um falante e um ouvinte.

⁵ Minha tradução de: “*In transforming experience of time into meaning, human communities have evolved a number of basic parameters.*”.

A tese se fundamenta na teoria sistêmico-funcional (cf. HALLIDAY, 2003a; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2014) para descrever as estruturas que realizam no estrato lexicogramatical a experiência de tempo do português brasileiro tendo como orientação os parâmetros propostos por Halliday e Matthiessen (1999). Além disso, apoiando-se numa abordagem linguística da tradução (HALLIDAY; MCINTOSH; STREVEENS, 1964; CATFORD, 1965; MATTHIESSEN, 2001; MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008), este estudo considera a tradução como uma operação entre línguas em contexto de cultura, de forma que a construção do tempo como significado e suas realizações são investigadas à luz das culturas fonte e alvo.

Diante disso, uma característica fundamental da pesquisa apresentada nesta tese é a perspectiva sistêmica do estudo da linguagem, que, de acordo com Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 214), coloca o eixo paradigmático em posição de destaque (cf. HALLIDAY, 1966). De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 22), a estrutura diz respeito ao eixo sintático, ou seja, padrões de *o quê ocorre junto de o quê*, enquanto o sistema trata do eixo paradigmático, que são padrões de *o quê pode ocorrer em vez de o quê*. Nesse sentido, tendo em vista a necessidade apontada na teoria sistêmico-funcional de uma descrição tratar as relações estruturais como derivadas das relações paradigmáticas (HALLIDAY, 1966, 2002, 2003a; CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004a, p. 23), esta tese descreve como as estruturas lexicogramaticais realizam diferentes possibilidades de escolha na semântica para a construção da experiência de tempo. Assim, esta tese propõe uma perspectiva que destaca o paradigma das realizações lexicogramaticais da experiência temporal, seus padrões e características.

A fim de apresentar as justificativas e relevância desta pesquisa, é necessário explicar como outros autores descreveram a experiência de tempo do português brasileiro. Nesta tese, são destacadas as descrições de Câmara Jr. (1999), Cunha e Cintra (2017), Cegalla (2008), Perini (2005), Travaglia (1991, 2014), Castilho (1967, 2010), Bechara (2009), Neves (2000) e Bagno (2012), sendo discutidas em relação aos parâmetros básicos de tempo propostos por Halliday e Matthiessen (1999, p. 214), quais sejam: localização (um processo ocorre em um fluxo linear de tempo), perspectiva (um processo se relaciona ao fluxo de experiência como um todo, incluindo outros processos), estágio (um processo ocupa uma medida de tempo) e perfil (um processo pode se estender no tempo).

As contribuições de pesquisas anteriores sobre a experiência de tempo em português brasileiro, detalhadas no capítulo 2, evidenciam uma abordagem que enfoca o eixo sintagmático, isto é, a estrutura da língua, mais especificamente explorando a unidade da

palavra a partir do polo lexical do contínuo lexicogramatical. Além disso, essas contribuições não levam em conta a organização hierárquica da lexicogramática em uma escala de ordens (qual seja, oração, grupo, palavra, morfema) nem a organização dos significados segundo as diferentes metafunções (a saber, ideacional, interpessoal e textual). Por fim, excetuando-se autores como Perini (2005) e Travaglia (1991, 2014), as contribuições anteriores não abordam a construção da experiência de tempo a partir da estratificação da linguagem, não compreendendo a experiência temporal como um fenômeno semântico que é realizado no estrato lexicogramatical. Ainda assim, cumpre destacar que todas as contribuições anteriores abordam as estruturas conforme os parâmetros da perspectiva e do perfil, enquanto a localização e o estágio não sejam abordados por todos os autores.

Diferentemente das propostas de descrição anteriores, esta tese explora a temporalidade do português brasileiro levando em consideração as dimensões globais (estratificação, metafunções, instanciação) e locais (ordenação, eixo, delicadeza) da linguagem propostas pela teoria sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 32; HALLIDAY, 2002, 2003a; MATTHIESSEN; HALLIDAY, 2009; MARTIN, 2013). Isso permite que a experiência de tempo do português brasileiro seja tratada por uma abordagem que enfoque o eixo paradigmático, de maneira que as estruturas que realizam essa experiência temporal na lexicogramática sejam relacionadas umas às outras conforme as funções que diferentes classes operam em cada unidade.

O QUADRO 1 ilustra as dimensões globais e locais da linguagem que orientam a pesquisa apresentada nesta tese.

QUADRO 1 – Dimensões globais e locais da linguagem

Escopo	Dimensão	Ordens
global	estratificação	contexto – linguagem [conteúdo [semântica – lexicogramática] – expressão [fonologia – fonética]]
	metafunção	ideacional [experencial – lógica] – interpessoal – textual
	instanciação	potencial – subpotencial/tipo de instância – instância
local	ordenação	para a lexicogramática: oração – grupo/frase – palavra – morfema
	eixo	paradigmático (sistema) – sintagmático (estrutura)
	delicadeza	para a lexicogramática: contínuo entre gramática e léxico

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 32).

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 31-32), as dimensões globais permitem que uma pesquisa em linguística localize a lexicogramática em relação a outros subsistemas que fazem parte da “arquitetura” da linguagem humana, possibilitando que esta tese identifique com mais precisão e explore em profundidade a temporalidade do português brasileiro. Os autores explicam que as dimensões da estratificação, das metafunções e da instanciação são globais porque determinam a organização geral da linguagem em contexto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 31–32). Já as dimensões locais, ainda segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 31-32), dizem respeito à organização interna dos estratos da linguagem (*i.e.*, contexto, semântica, lexicogramática, fonologia e fonética). Por isso, eixo, ordenação e delicadeza são dimensões locais da “arquitetura” da linguagem, pois cada estrato apresenta uma relação axial própria, uma escala de ordens própria, e seus sistemas são organizados em uma delicadeza própria.

O objeto de estudo desta tese, isto é, a experiência de tempo, encontra-se no estrato da semântica e é realizada por diferentes estruturas no estrato lexicogramatical. Além disso, a experiência de tempo é organizada de acordo com a metafunção ideacional no estrato semântico, mas é realizada na lexicogramática por estruturas distribuídas ao longo de todo o espectro metafuncional, isto é, as metafunções ideacional, interpessoal e textual. Assim, sistemas do estrato da lexicogramática como TRANSITIVIDADE, TEMA e MODO são fundamentais para o estudo da temporalidade do português brasileiro, ainda que os dois últimos sejam organizados pelas metafunções interpessoal e textual. Ainda, esta tese descreve o potencial linguístico da construção da experiência de tempo. Para isso, explora um fenômeno da ordem dos elementos da figura na semântica, observando como ele é realizado em todas as ordens lexicogramaticais. Com isso, o paradigma da temporalidade em português brasileiro pode ser abordado através de redes de sistemas que realizam esses significados lexicogramaticalmente. As redes de sistemas lexicogramaticais permitem ainda mapear quais estruturas lexicogramaticais realizam a experiência de tempo, assim como explicar as semelhanças e diferenças e possibilidades de seleção dos significados no sistema linguístico. Por fim, esta descrição dispõe as redes de sistemas ao longo de um eixo de delicadeza, sendo possível explorar generalizações e particularidades.

Em suma, esta tese apresenta uma nova abordagem sobre a construção da temporalidade no português brasileiro, desenvolvida segundo as dimensões globais (estratificação, metafunções, instanciação) e locais (ordenação, eixo, delicadeza) da linguagem,

dentro da perspectiva teórica e descritiva da linguística sistêmico-funcional. Essa nova abordagem ao tempo contribui com a justificativa desta pesquisa.

Ao levar em conta as contribuições de Câmara Jr. (1999), Cunha e Cintra (2017), Cegalla (2008), Perini (2005), Travaglia (1991, 2014), Castilho (1967, 2010), Bechara (2009), Neves (2000) e Bagno (2012)⁶, observa-se que cada proposta anterior aborda a construção da experiência de tempo a partir do eixo sintagmático, concentrando-se quase exclusivamente na realização dessa experiência na ordem lexicogramatical da palavra. A proposta desta tese é abordar a questão de como a experiência de tempo é construída no português brasileiro a partir do eixo paradigmático, o que possibilita relacionar as funções lexicogramaticais que realizam essa experiência nas estruturas de cada unidade. Além disso, ao adotar como ponto de partida para a descrição os parâmetros de tempo propostos por Halliday e Matthiessen (1999), é possível comparar cada proposta de descrição anterior a fim de encontrar pontos de contato entre elas.

Portanto, esta tese se justifica para os estudos linguísticos ao abordar a construção da experiência de tempo em português brasileiro a partir da relação entre os eixos sintagmático e paradigmático, dando enfoque ao segundo, o que possibilita o mapeamento mais delicado das funções lexicogramaticais que realizam essa experiência nas unidades da oração, do grupo e da palavra. Ao tratar da construção de experiência a partir das dimensões da teoria sistêmico-funcional, esta tese lança luz sobre novas possibilidades de descrição da realização do tempo na lexicogramática ao relacionar as estruturas em redes de sistemas.

Diante disso, é possível localizar o objeto de estudos desta tese de acordo com a matriz função-ordem ilustrada pelo QUADRO 2, que mostra os sistemas semântico e lexicogramaticais envolvidos na construção do tempo segundo as metafunções, em cada ordem de cada estrato.

⁶ A revisão da literatura detalhando cada proposta de descrição anterior encontra-se na seção 2.2.5.

QUADRO 2 – Localização do objeto de estudos na matriz função-ordem

Estrato	Ordem	Classe	Lógica		Experiencial	Interpessoal	Textual	
semântica	[ideacional] elemento	processo						
lexicogramática	oração		TAXE e TIPO DE RELAÇÃO LÓGICO- SEMÂNTICA		TRANSITIVIDADE	MODO	TEMA	
	grupo/frase	verbal		TEMPO SECUNDÁRIO	AGENCIAMENTO, ASPECTO VERBAL	FINITUDE, MODALIDADE		
		adverbial						
		frase preposicional						
	palavra	verbo			MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA		ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL	
		substantivo						
		adjetivo						
				complexo	simples			

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 87).

É possível observar no QUADRO 2 os estratos onde a construção da experiência de tempo se encontra: na semântica e na lexicogramática. Com relação ao estrato semântico, esta pesquisa localiza a construção da experiência temporal no elemento semântico do processo, construída conforme os parâmetros básicos da localização, da perspectiva, do estágio e do perfil. E com relação ao estrato lexicogramatical, esta tese investiga a realização da experiência de tempo nas ordens (i) da oração, pelos sistemas de TRANSITIVIDADE, MODO e TEMA; (ii) do grupo, pelos sistemas de TEMPO VERBAL SECUNDÁRIO, TIPO DE EVENTO, AGENCIAMENTO, FINITUDE e MODALIDADE; e (iii) da palavra, pelos sistemas de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA e ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL. Os sistemas de TAXE e TIPO DE RELAÇÃO LÓGICO-SEMÂNTICA permeiam todas as ordens da escala lexicogramatical e são os responsáveis por organizar os complexos nas ordens da oração, do grupo e da palavra.

Esta tese também encontra sua justifica mais especificamente nos estudos linguísticos de base sistêmico-funcional. Halliday (2003b) explica que uma descrição linguística se baseia em uma teoria linguística, que por sua vez tem o objetivo de explicar o funcionamento da linguagem humana. O autor esclarece que,

por definição, categorias teóricas são gerais e atendem a todas as línguas: essas categorias evoluíram conforme uma teoria linguística geral foi sendo construída e estão sendo constantemente refinadas e aprimoradas conforme o entendimento sobre a linguagem aumenta; porém, não são passíveis de verificação direta. [...] Já categorias descritivas são específicas para cada língua: elas evoluíram conforme a descrição de cada língua em particular. Todas as línguas humanas têm muito em comum, e naturalmente as categorias descritivas de uma língua são usadas como orientação para a descrição de outra língua. Porém, mesmo que categorias descritivas denominadas “oração”, “passiva” ou “Tema” sejam usadas na descrição, por exemplo, do inglês e do chinês, elas apresentam definições específicas de acordo com cada língua. [...] Portanto, as categorias descritivas pertencem a um nível de abstração inferior e podem ser definidas de forma a serem passíveis de verificação.⁷ (HALLIDAY, 2003b, p. 201–202)

Nesse sentido, as descrições de Araújo (2007), Figueredo (2007, 2011, 2015b), Pagano, Ferregueti e Figueredo (2011), Ferregueti (2014, 2018), Figueredo, Pagano e Ferregueti (2014), Sá (2016), Braga (2016), Monteiro (2016), Rosa (2017), A. Paula (2017),

⁷ Tradução de Sá (2016, p. 34) de: “*Theoretical categories are, by definition, general to all languages: they have evolved in the construction of a general linguistic theory. They are constantly being refined and developed as we come to understand more about language; but they are not subject to direct verification. [...] Descriptive categories are in principle language-specific: they have evolved in the description of particular languages. Since we know that all human languages have much in common, we naturally use the descriptive categories of one language as a guide when working on another. But, if a descriptive category named "clause" or "passive" or "Theme" is used in describing, say, both English and Chinese, it is redefined in the case of each language. [...] Descriptive categories are thus of a lower order of abstraction. They can be defined in such a way as to make them subject to verification*”.

L. Alves (2017) e R. Alves (2018) contribuem para os estudos linguísticos de base sistêmico-funcional ao validarem a própria teoria em que se baseiam e ao oferecer novas observações sobre a linguagem humana no contexto de cultura do português brasileiro. A pesquisa apresentada nesta tese se justifica para a linguística sistêmico-funcional também por ser uma nova validação da teoria e por observar um fenômeno ainda não explorado em outras descrições sistêmico-funcionais do português brasileiro.

Além disso, esta pesquisa trata realização da experiência temporal do português brasileiro em contato com o inglês com enfoque no produto tradutório, evidenciando a relevância desta tese também para o campo disciplinar dos estudos da tradução. Para discutir a justificativa desta pesquisa para esse campo disciplinar, primeiramente são apresentados a seguir outros estudos sobre a experiência temporal em tradução, destacando-se aqui as pesquisas de Appelo (1986, 1994), Olsen *et al.* (2000), Bond, Ogura e Uchino (2000), Safar e Marshall (2001), Wang, Collins e Koehn (2007), Meyer (2011), Meyer e Popescu-Belis (2012), Rodrigues (2000), Ramalho (2004) e Braga (2016).

Nesse contexto, é importante destacar que, com exceção de Braga (2016), as pesquisas anteriores não se fundamentaram numa abordagem linguística sistêmico-funcional para o estudo da tradução de experiência de tempo. Com isso, nenhuma das pesquisas teve como fundamento as dimensões da escala de ordens e da estratificação; e somente Meyer (2011) e Meyer e Popescu-Belis (2012) têm suas análises fundamentadas nas dimensões das metafunções e do eixo, uma vez que se baseiam na teoria da estrutura retórica (em inglês, *rhetorical structure theory*). Como consequência, é possível apontar as seguintes diferenças entre as pesquisas anteriores e esta tese.

Primeiramente, esta tese se diferencia de boa parte das pesquisas anteriores apresentadas acima por se tratar de uma análise do produto tradutório, com enfoque no polo do potencial de significados. Comparativamente, somente Ramalho (2004) e Braga (2016) fazem uma análise do produto tradutório propriamente dito, nos termos de Holmes (2000) e Toury (1995), como uma investigação empírica das relações estabelecidas entre textos fonte e alvo. Assim, somente esta tese, Ramalho (2004) e Braga (2016) podem ser enquadrados no ramo dos estudos descritivos da tradução, enquanto, nos termos de Holmes (2000), as pesquisas em tradução automática podem ser enquadradas no ramo dos estudos aplicados; e Rodrigues (2000), nos estudos teóricos.

Em segundo lugar, esta tese propõe uma abordagem linguística para o estudo descritivo do produto tradutório com base na linguística sistêmico-funcional. Com exceção de Braga (2016) e, em certa medida, Meyer (2011) e Meyer e Popescu-Belis (2012), nenhuma das pesquisas anteriores abordou a experiência temporal com base na linguística sistêmico-funcional. O caráter sistêmico desta tese é fundamental tanto para a metodologia quanto para a análise do produto tradutório aqui propostas, pois coloca o paradigma em posição de destaque para explicar como as realizações lexicogramaticais da experiência de tempo são selecionadas no texto. Todos os trabalhos em tradução automática, incluindo Meyer (2011) e Meyer e Popescu-Belis (2012), colocam a estrutura em evidência e, muitas vezes, como o único parâmetro de explicação. Uma consequência é o que Halliday e Matthiessen (2014, p. 23) denominam “inventário de estruturas”, no qual um trabalho não explica justamente “como” ou “por que” uma opção do sistema pode ser selecionada em detrimento das demais, antes apresenta simplesmente uma (longa) lista de estruturas possíveis. No caso dessas pesquisas em tradução automática, um objetivo comum entre elas é produzir listas de possíveis equivalentes entre duas línguas, não se preocupando em explorar como e por que as relações de equivalência tradutória são estabelecidas. Além disso, Rodrigues (2000) e Ramalho (2004), ainda que façam parte dos estudos de base na tradução, não abordam o produto tradutório fundamentados na linguística sistêmico-funcional, de modo que seus objetivos e resultados também são diferentes dos desta tese.

Um dos objetivos desta pesquisa é descrever como a experiência de tempo se dá no contato entre português brasileiro e inglês através do produto tradutório, enfocando o polo do sistema no contínuo de instanciação. O enfoque sobre o polo do sistema permite que a experiência de tempo seja compreendida como um potencial de significados multilíngue, com interseções e divergências nas redes de sistemas lexicogramaticais que realizam a experiência de tempo em português brasileiro e inglês. Nesse sentido, esta pesquisa vai de encontro ao proposto por Figueredo (2015a), que sugere a identificação de interseções e disjunções entre as redes de sistemas das línguas em contato como parte do esforço para a compreensão da produção de significado no espaço multilíngue.

Portanto, esta tese encontra sua justificativa para os estudos da tradução ao verificar como a realização lexicogramatical da experiência de tempo em português brasileiro e inglês organiza-se no polo do potencial, observando interseções e disjunções entre os sistemas. Além disso, ainda que não sejam desenhados sistemas multilíngues nesta tese, ela oferece subsídios

para que sejam desenvolvidos em pesquisas futuras, podendo contribuir com o desenvolvimento da metodologia proposta por Figueredo (2015a).

A FIGURA 1 ilustra a localização desta pesquisa no campo disciplinar dos estudos da tradução. Holmes (2000, p. 176) explica que o objetivo dos estudos da tradução descritivos é “descrever como os fenômenos do traduzir e das traduções se manifestam no mundo”⁸. Nesse sentido, esta tese se propõe a descrever como a experiência de tempo se manifesta no produto tradutório. Holmes (2000) esclarece que os estudos orientados ao produto são caracterizados pela investigação de traduções já existentes, o que envolve a adoção de um corpus como ferramenta de reflexão. No caso desta tese, o *Klapt!* (cf. FERREGUETTI, 2014, p. 32–33) é adotado como corpus de pesquisa, possibilitando a investigação da construção da experiência de tempo no produto tradutório por meio de uma abordagem linguística, com enfoque no polo do potencial de significados.

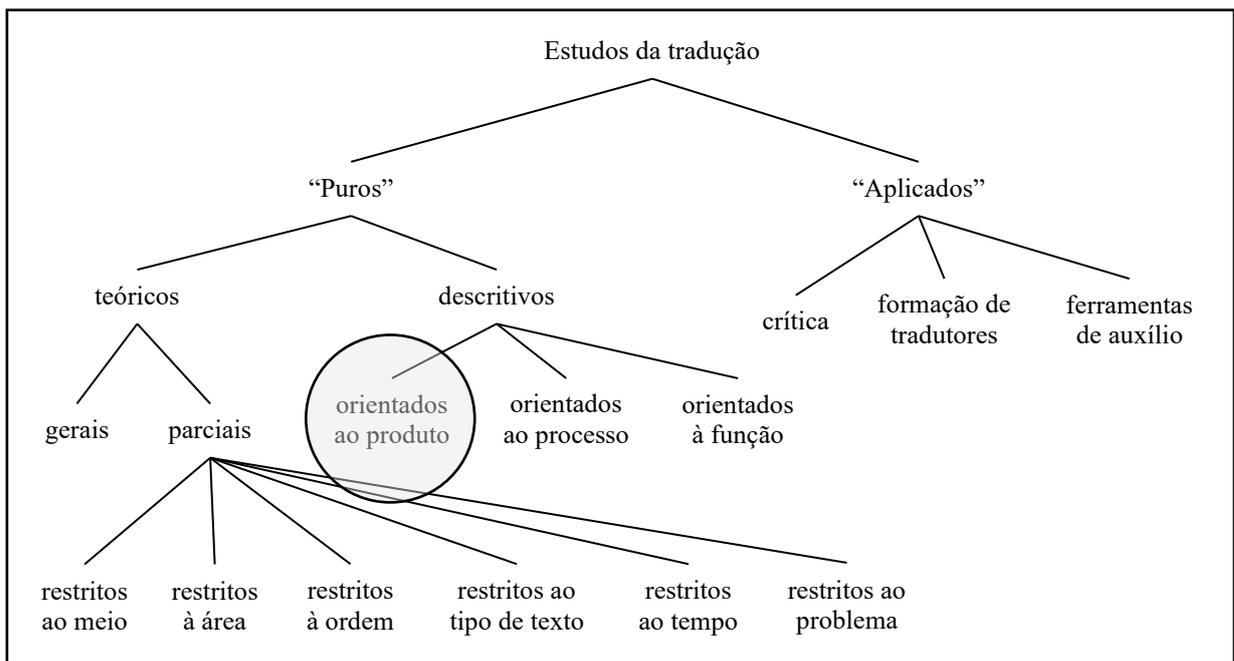


FIGURA 1 – Localização desta pesquisa no campo disciplinar dos estudos da tradução

Fonte: adaptada de Toury (1995, p. 10).

⁸ Minha tradução de: “to describe the phenomena of translating and translation(s) as they manifest themselves in the world of our experience”.

Por fim, esta tese também encontra sua justificativa nos estudos multilíngues. Os estudos multilíngues são definidos por Matthiessen, Teruya e Wu (2008) como um espaço comum de atuação para os estudos linguísticos, no qual diferentes abordagens e pesquisas podem contribuir mutuamente (i) para o desenvolvimento de descrições linguísticas e da própria teoria sistêmico-funcional e (ii) para a aplicação em diferentes áreas, como os estudos da tradução e a tipologia.

Por entender que a tradução é uma operação entre línguas em contexto de cultura (HALLIDAY; MCINTOSH; STREVENSON, 1964; CATFORD, 1965; MATTHIESSEN, 2001), a descrição de um fenômeno linguístico de uma dessas línguas já se configura, no espaço dos estudos multilíngues, como uma contribuição para os estudos da tradução. Para além disso, esta tese propõe uma descrição que pode contribuir para outras áreas do espaço multilíngue, ainda que tenha como foco os estudos da tradução.

E por entender que as línguas são o potencial semiótico das sociedades (HALLIDAY, 1978), esta tese visa descrever parte do potencial linguístico do português brasileiro, mais especificamente a construção de significados relativos ao tempo, tornando possível a comparação dos sistemas semânticos e lexicogramaticais do português brasileiro com sistemas análogos em outras línguas em áreas como a linguística contrastiva, linguística comparada e a tipologia (CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004a), assim como torna possível a comparação do produto tradutório dentro dos estudos descritivos da tradução (HALLIDAY; MCINTOSH; STREVENSON, 1964; TEICH, 2001; PAGANO; VASCONCELLOS, 2005).

Halliday, McIntosh e Strevens (1964, p. 125-126) explicam que

[é] possível conceber o processo de tradução como uma seleção progressiva dentre categorias e elementos na língua de chegada que são identificadas, com base em critérios contextuais, como sendo equivalentes a categorias e elementos na língua de partida, sendo que cada uma dessas categorias e elementos possui uma série de equivalências potenciais numa escala de probabilidade. Podemos construir, assim, um modelo dessa “seleção progressiva” baseado numa escala gramatical de níveis.⁹

Nesse sentido, em última análise, a descrição das realizações da experiência temporal do português brasileiro abre novos caminhos para uma compreensão mais completa

⁹ Tradução de Pagano e Vasconcellos (2005) de: “*It is thus possible to view the process of translation as the progressive selection among categories and items in the target language that are recognized on contextual criteria as equivalent to categories and items in the source language, each category and item having a set of potential equivalents range on a scale of probability. We can then construct a model of this 'progressive selection', based on the grammatical scale of rank.*”.

do processo tradutório por explicar quais opções estão disponíveis para o tradutor. Com isso, é possível, por exemplo, comparar os sistemas de TEMPO SECUNDÁRIO do português brasileiro e do inglês, construir redes de sistemas multilíngues do TEMPO SECUNDÁRIO, entender as opções mais ou menos prováveis nesses sistemas multilíngues e modelar o processo tradutório a partir da análise textual (cf. PAGANO; ALVES; SILVA, 2013).

Em suma, esta tese encontra justificativas tanto nos estudos linguísticos quanto na linguística sistêmico-funcional e nos estudos da tradução dentro do espaço dos estudos multilíngues.

A FIGURA 2 ilustra a localização desta tese nos estudos multilíngues e a relação entre a descrição linguística e os estudos da tradução. Nessa figura, observa-se que a descrição linguística possui um caráter mais monolíngue e tem como propósito fazer generalizações em relação ao potencial linguístico de determinados fenômenos de uma única língua, aproximando-a do polo do potencial no contínuo de instanciação. No caso desta tese, os fenômenos descritos são as realizações lexicogramaticais da experiência de tempo. Em contrapartida, os estudos da tradução no espaço dos estudos multilíngues envolvem a investigação de fenômenos linguísticos em mais de uma língua no produto tradutório, o que faz essa área se aproximar do polo da instância no contínuo de instanciação. Nesta tese, o estudo da experiência de tempo tem como foco o potencial de significados no contato entre o português brasileiro e o inglês, partindo do entendimento de que instâncias e sistemas fazem parte do mesmo fenômeno linguístico (HALLIDAY, 2003b). Nesse sentido, esta tese visa contribuir com os estudos da tradução ao comparar o potencial de significados relativos à construção da experiência de tempo do português brasileiro e do inglês.

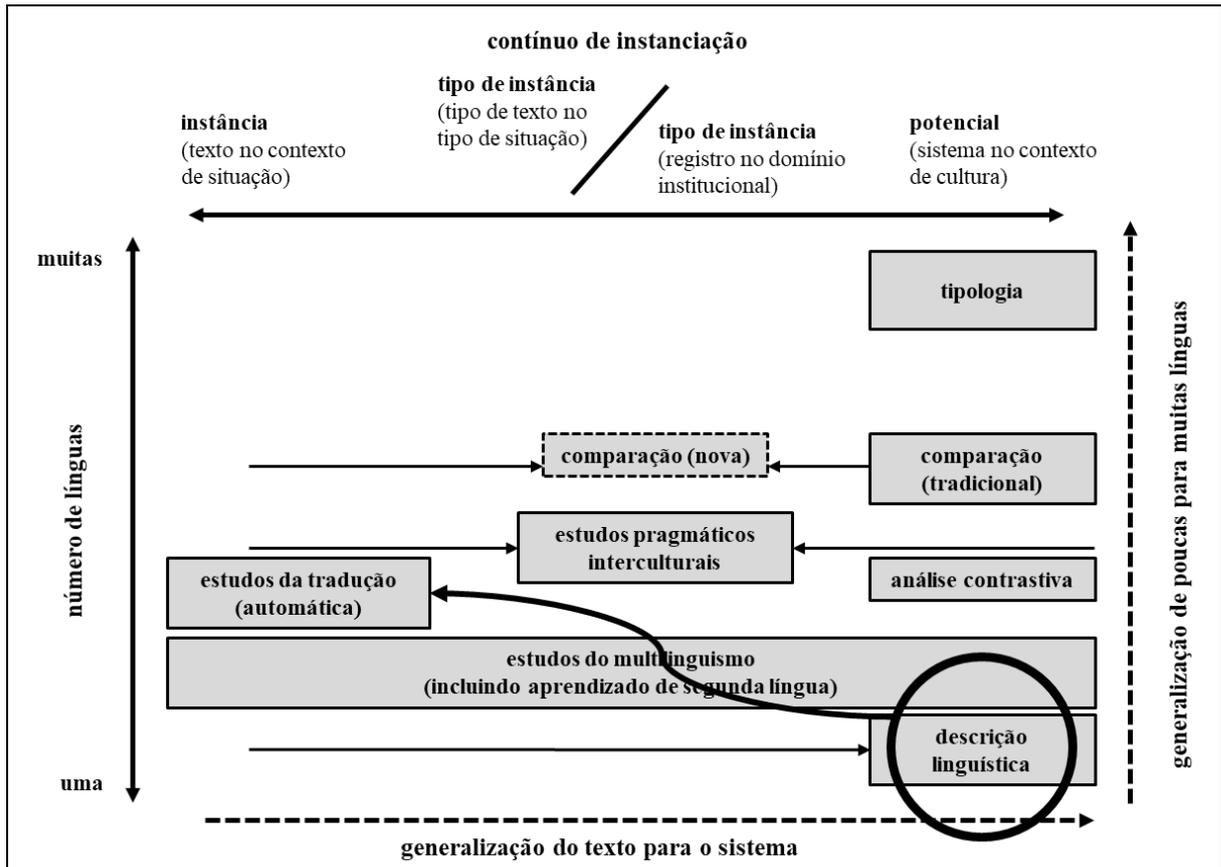


FIGURA 2 – Localização desta pesquisa no espaço dos estudos multilíngues

Fonte: adaptada de Matthiessen, Teruya e Wu (2008, p. 149).

Após a apresentação do objeto de estudo desta tese e de suas justificativas teóricas e disciplinares, é possível delimitar os objetivos desta pesquisa. Esta tese tem como objetivos gerais (i) contribuir para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro, e (ii) contribuir para os estudos da tradução de orientação sistêmico-funcional.

Esta pesquisa tem como objetivos específicos:

- mapear a realização da experiência de tempo segundo os parâmetros de localização, perspectiva, estágio e perfil em português brasileiro nas unidades lexicogramaticais (i) da oração, em relação às estruturas que realizam os sistemas de TRANSITIVIDADE, MODO e TEMA, (ii) do grupo, em relação às estruturas que realizam os sistemas de TEMPO SECUNDÁRIO, AGENCIAMENTO, ASPECTO VERBAL, FINITUDE e MODALIDADE, e (iii) da palavra, em relação às estruturas que realizam os sistemas de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL e MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA;

- comparar as estruturas do português brasileiro e do inglês que realizam a experiência de tempo conforme os parâmetros de localização, perspectiva, estágio e perfil nas unidades da oração, do grupo e da palavra;
- identificar semelhanças e diferenças nas redes de sistemas da oração, do grupo e da palavra que organizam as estruturas que realizam a experiência temporal em português brasileiro e em inglês.

Além da presente introdução, esta tese apresenta cinco capítulos, organizados da seguinte maneira. O segundo capítulo trata da revisão teórica, abordando os fundamentos da teoria sistêmico-funcional para a descrição das realizações da experiência de tempo, os pressupostos teóricos e metodológicos, e o estado da arte da descrição sistêmico-funcional do português brasileiro, da descrição da experiência de tempo e da análise desses significados em tradução. O terceiro capítulo apresenta a metodologia adotada nesta pesquisa e o corpus utilizado. No quarto capítulo são apresentados os resultados desta pesquisa, primeiro com a descrição das realizações no estrato lexicogramatical da experiência de tempo, orientando-se pelos parâmetros de localização, perspectiva, estágio e perfil. Na sequência, é apresentado um exemplo de instanciação da experiência de tempo em dois segmentos de texto e no produto tradutório. O quinto capítulo aborda a discussão dos resultados, demonstrando as contribuições desta pesquisa para a teoria sistêmico-funcional, para a descrição do português brasileiro e para os estudos da tradução. A conclusão retoma as justificativas e os objetivos detalhados nesta introdução e apresenta sugestões para a continuidade das pesquisas sobre a construção da experiência de tempo em português brasileiro.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Tendo em vista a localização, as justificativas e os objetivos desta pesquisa para os estudos linguísticos e os estudos da tradução, neste capítulo são apresentados os fundamentos teóricos e descritivos para a descrição da construção da experiência de tempo do português brasileiro e para a análise dessa experiência no par linguístico português brasileiro-inglês. Este capítulo também apresenta o estado da arte da descrição sistêmico-funcional do português brasileiro, da descrição da experiência temporal desta língua e da análise dessa experiência em tradução.

2.1 A teoria sistêmico-funcional

Tanto para a descrição da experiência de tempo quanto para a análise dessa experiência em tradução, é necessário não somente localizar o objeto de pesquisa nas dimensões globais e locais da linguagem, mas também definir esses conceitos de acordo com os princípios que os organizam na “arquitetura” da linguagem humana. A partir dessas definições é possível compreender as lacunas teóricas, descritivas e analíticas que esta pesquisa preenche e como isso é feito. As dimensões, princípios e ordens da linguagem são ilustrados pelo QUADRO 3.

Começando pela instanciação, observa-se, no QUADRO 3 que seu princípio de organização também é denominado instanciação, estabelecendo uma relação entre o potencial de produção de significados de uma língua e instâncias de fato produzidas. Martin (2013, p. 116) define a dimensão da instanciação e sua organização da seguinte maneira:

o contínuo entre o potencial sistêmico geral de uma língua e o texto (a instância desse potencial). Ao longo desse contínuo, em posições intermediárias entre os polos do sistema e do texto, encontram-se as variedades de registro e código. Considerando o nível mais elevado de abstração, o sistema do contexto, o potencial sistêmico geral diz respeito ao contexto de cultura; os registros, aos tipos de situação; e os textos, às situações. Ainda, a instanciação pode também se referir ao processo de se mover entre o potencial e a instância: o processo de atualizar o sistema na forma de texto.¹⁰

¹⁰ Minha tradução de: “*The cline between the overall systemic potential of language and the text (instance of the potential). Lying along the cline of instantiation intermediate between these two endpoints are varieties of register and code. At the higher-level system of context, the overall systemic potential is associated with context of culture,*

QUADRO 3 – Dimensões, princípios e ordens da linguagem

Dimensão	Princípio	Ordens
instanciação	instanciação	potencial – subpotencial/tipo de instância – instância
estratificação	realização	contexto – linguagem [conteúdo [semântica – lexicogramática] – expressão [fonologia – fonética]]
metafunção	metafunção	ideacional [experencial – lógica] – interpessoal – textual
estrutura (ordem sintagmática)	ordenação	para a semântica: texto – parasema – sequência – figura – elemento para a lexicogramática: oração – grupo/frase – palavra – morfema
sistema (ordem paradigmática)	delicadeza	para a semântica: significado realizado por sistemas lexicogramaticais para a lexicogramática: contínuo entre gramática e léxico

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 20).

Matthiessen, Teruya e Lam (2010) propõem o seguinte quadro para ilustrar essa relação entre os estratos do contexto e da linguagem em termos de instanciação:

QUADRO 4 – Contínuo de instanciação no contexto e na linguagem

	Potencial	Subpotencial	Tipo de instância	Instância
contexto	contexto de cultura (potencial cultural)	<i>loci</i> institucionais (subculturas)	tipos de situação	contextos de situação
linguagem	sistema linguístico (potencial de significado)	registro	tipo de texto	textos (atos de significado)

Fonte: adaptado de Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 123).

Além disso, os autores também explicam que

o contínuo de instanciação é importante tanto do ponto de vista metodológico quanto teórico, pois define os domínios de observação, análise, descrição e

registers with situation types and texts with situations. Instantiation also refers to the process of moving between potential and instance — the process of actualizing the system in text”.

teorização no tratamento científico da linguagem [...]. Linguistas sistêmico-funcionais (ou, de forma mais geral, estudiosos da semiótica) estudam a esfera dos fenômenos da linguagem (ou, de forma mais geral, os sistemas semióticos) por meio da observação, amostragem e análise de instâncias, justamente através desse polo do contínuo de instanciação – em outras palavras, estudam textos em seu contexto de situação. Com base na análise de instâncias, esses pesquisadores podem se mover no contínuo de instanciação em direção ao polo do potencial ao fazerem generalizações a respeito de uma amostra de textos que representem algum ponto intermediário do contínuo, como tipo de texto ou registro, ou mesmo do potencial geral em si, caso estudem um sistema semiótico específico.¹¹ (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 123)

O estudo da experiência de tempo do português brasileiro nesta tese permite a compreensão não somente das instâncias, isto é, dos textos nessa língua, mas também do potencial desses significados. Isso se deve ao fato de descrever o potencial geral desses significados no sistema do português brasileiro a partir da análise de textos, procurando encontrar generalizações a partir de uma observação empírica da língua. Portanto, esta tese se concentra no polo do potencial do contínuo de instanciação para a descrição da experiência de tempo, partindo das instâncias. A FIGURA 3 ilustra a abordagem desta tese ao contínuo de instanciação.

Com relação à estratificação, a teoria sistêmico-funcional explica que os sistemas semióticos humanos são organizados hierarquicamente em dois níveis diferentes de abstração: os estratos do conteúdo e da expressão, cada qual organizado em dois estratos, de maneira que o conteúdo é dividido em semântica e lexicogramática, enquanto a expressão é dividida em fonologia e fonética (HALLIDAY, 2005; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; MATTHIESSEN; HALLIDAY, 2009). A relação entre os estratos é chamada de realização, na qual o estrato menos abstrato realiza o mais abstrato da seguinte forma: o contexto é realizado pela semântica, que é realizada pela lexicogramática, que é realizada pela fonologia, que é realizada pela fonética. Nesse sentido, variáveis do estrato do contexto são significadas no estrato semântico; os significados do estrato semântico são codificados no estrato lexicogramatical como fraseados, que por sua vez encontram sua expressão como composição,

¹¹ Minha tradução de: “*The cline of instantiation is methodologically and theoretically important because it defines the domains of observation, analysis, description and theory in scientific engagement with language [...]. Systemic functional linguists (or more generally, semioticians) study the phenomenal realm of language (or more generally, semiotic systems) by observing, sampling and analysing instances at the instance pole of the cline of instantiation – texts in their contexts of situation. Based on the analysis of instances, they can move further up the cline of instantiation towards the potential pole by making generalizations about sets of texts sampled to be representative of some point higher up the cline of instantiation such as a text type or a register, or of the overall potential itself, the particular semiotic system being studied*”.

que então podem ser expressados fisicamente no estrato fonético como sonorização (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 25–26).

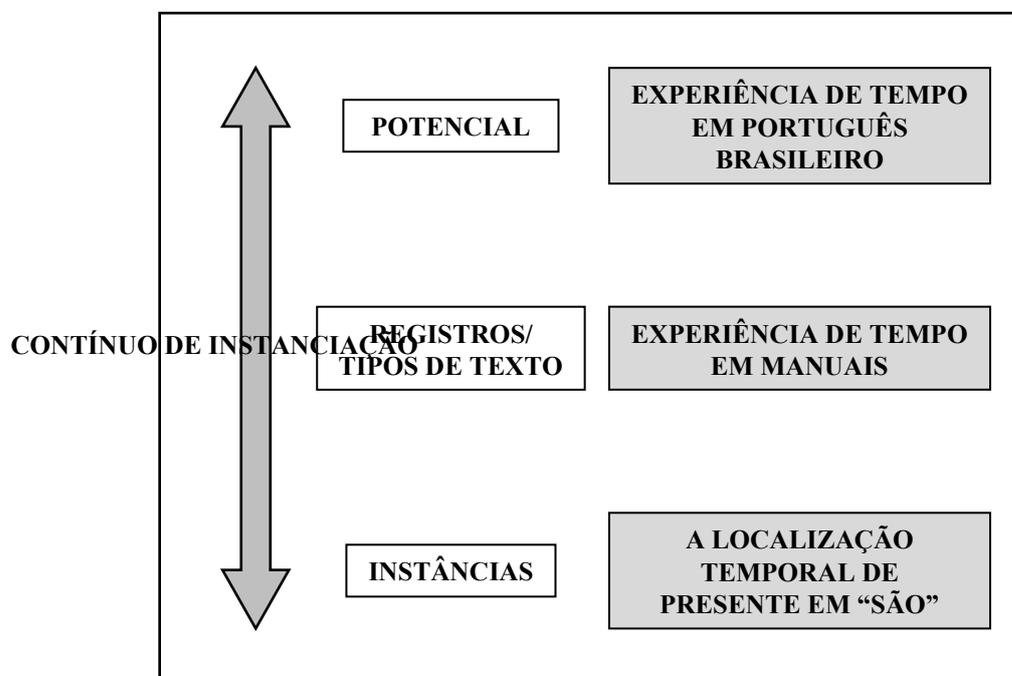


FIGURA 3 – O contínuo de instanciação e a experiência de tempo

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

Halliday e Matthiessen (2014, p. 25) esclarecem que a hierarquização da linguagem em níveis de abstração teve um papel fundamental na evolução humana, permitindo que seres humanos dessem sentido às suas experiências (cf. WILLIAMS; LUKIN, 2006). Levando em consideração a divisão do conteúdo em semântica e lexicogramática, Halliday e Matthiessen (2014, p. 25) afirmam que “isso é o que permite que o potencial de significado de uma língua se expanda de maneira mais ou menos ilimitada”¹². Os autores ainda elucidam que considerar a linguagem como um fenômeno estratificado torna possível sua modelagem como uma “série de redundâncias por meio das quais é possível relacionar o ambiente ecossocial a distúrbios não aleatórios no ar (*i.e.*, ondas sonoras)”¹³ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 25).

¹² Minha tradução de: “This is what allows the meaning potential of a language to expand, more or less indefinitely”.

¹³ Minha tradução de: “a series of redundancies by which we link our eco-social environment to non-random disturbances in the air (soundwaves)”.

Assim, é possível realizar a descrição de qualquer fenômeno de qualquer estrato e ainda relacioná-lo a outros fenômenos de outros estratos, desde o contexto até a fonética. Esta tese investiga a experiência de tempo a partir de três perspectivas diferentes: “de cima”, “ao redor” e “de baixo”. Essa abordagem é chamada na teoria sistêmico-funcional de perspectiva trinocular (HALLIDAY, 1978, p. 130–131; MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 233).

Uma vez que a experiência de tempo é um fenômeno do estrato semântico, é possível estudá-la (i) “de cima”, em relação aos padrões contextuais que realizam e em relação a seu funcionamento em outras unidades semânticas, como a figura e a sequência; (ii) “ao redor”, em relação à própria unidade semântica do elemento, sendo possível observar como a experiência de tempo é construída pelo processo; e (iii) “de baixo”, em relação à realização da experiência de tempo por estruturas nas unidades do estrato lexicogramatical. A FIGURA 4 ilustra a localização do objeto de estudos desta pesquisa nos estratos de acordo com a perspectiva trinocular.

É possível observar na FIGURA 4 que os estratos da semântica, da lexicogramática e da fonologia apresentam uma organização interna, disposta hierarquicamente de maneira semelhante à hierarquia da estratificação. Essa organização hierárquica interna dos estratos é denominada escala de ordens (HALLIDAY, 2002, 2005; HALLIDAY; MCINTOSH; STREVENS, 1964), que é a disposição da estrutura de cada estrato pelo princípio da ordenação.

Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 170) definem concisamente escala de ordens como “uma hierarquia de unidades segundo a composição, na qual as unidades de uma ordem são compostas pela unidade da ordem imediatamente inferior”¹⁴. Assim, é possível descrever uma escala de ordens para o estrato da semântica e outra para o estrato da lexicogramática.

A escala de ordens lexicogramatical do português brasileiro é descrita por Figueredo (2007, 2011) como sendo formada por oração, que é composta pelo grupo, que é composto pela palavra, que é composta pelo morfema. Halliday e Matthiessen (2014) apresentam uma escala de ordens semelhante para a lexicogramática do inglês com as mesmas unidades.

¹⁴ Minha tradução de: “*A hierarchy of units based on composition: units of one rank are composed of the units of the rank immediately below*”.

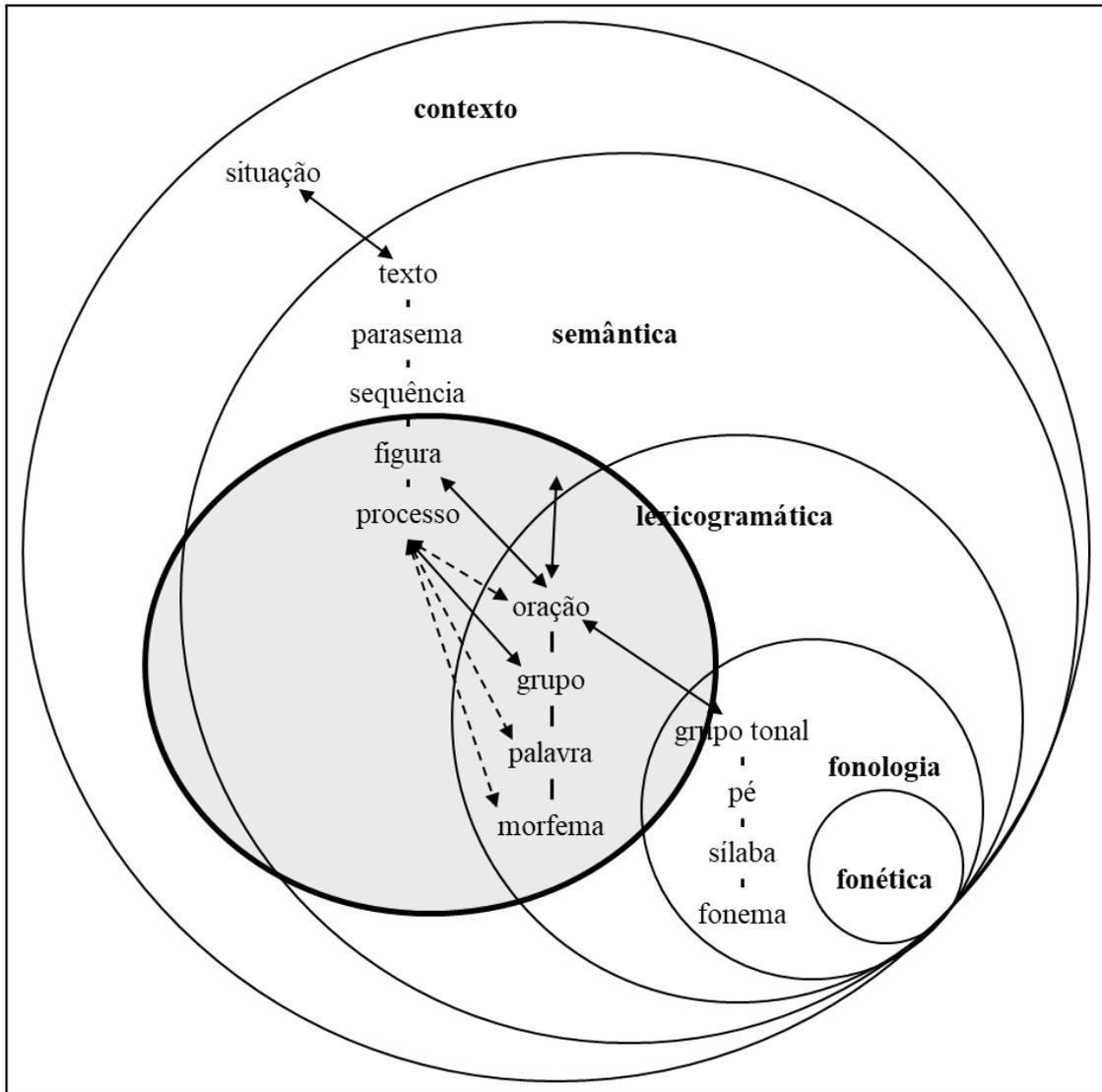


FIGURA 4 – A hierarquia de estratificação e a experiência de tempo

Fonte: adaptada de Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 207).

Com relação à escala de ordens semântica, somente o inglês apresenta uma descrição completa, como pode ser verificada em Halliday (2005, p. 254-256) e ilustrada de maneira mais detalhada em Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 189-191). Essa escala de ordens é formada segundo a perspectiva ideacional por texto, que é composto pelo parasema, que é composto pela sequência, que é composta pela figura, que é composta por elementos. O português brasileiro ainda não tem uma descrição completa de sua escala de ordens semântica; porém, R. Alves (2018, p. 55-64) já apresenta um desenho inicial similar à escala de ordens semântica do inglês, sendo formada por unidades análogas. As escalas de ordens da semântica

e da lexicogramática do português brasileiro e do inglês podem ser ilustradas igualmente pela FIGURA 4.

É importante esclarecer que o princípio da ordenação estabelece uma relação de composição hierárquica entre as unidades de uma escala de ordens, segundo a qual uma unidade é composta por outra imediatamente inferior¹⁵ (HALLIDAY, 2002). Nesse sentido, uma unidade tem alguma função na unidade imediatamente superior, como explicam Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 102):

Na organização sintagmática de uma unidade, cada elemento de sua estrutura serve uma ou mais funções estruturais [...] A função estrutural de um elemento representa sua contribuição com a unidade que faz parte como um todo.¹⁶

Portanto, retomando as escalas de ordens lexicogramaticais e semânticas do português brasileiro e do inglês, é possível afirmar que (i) morfemas funcionam em palavras, que funcionam em grupos, que funcionam em orações e (ii) elementos funcionam em figuras, que funcionam em sequências, que funcionam em parasemas, que funcionam em textos.

Para se descrever e analisar a realização lexicogramatical da experiência de tempo do português brasileiro, é fundamental que seja entendida segundo o princípio da ordenação as estruturas organizadas em escala de ordens, tanto na semântica quanto na lexicogramática. Dessa forma, considera-se que a experiência temporal é um fenômeno que ocorre na unidade semântica do elemento, mais especificamente organizada segundo os parâmetros de tempo na classe dos processos, que, por sua vez, funcionam na unidade da figura. Ademais, a experiência temporal é realizada na lexicogramática principalmente por grupos da classe verbal, mas também ao longo das outras unidades da escala de ordens desse estrato (*i.e.*, oração, palavra, morfema).

Além disso, Halliday (2002), ao tratar das categorias teóricas fundamentais para a descrição linguística, apresenta o recurso metodológico da manobra, necessário para uma investigação mais aprofundada e que consiga relacionar um fenômeno de uma unidade da escala com fenômenos das outras unidades. Ao comparar sua proposta com a de outros autores, Halliday (2002, p. 69) explica:

Tomando as unidades menores como fundamentais, a descrição [tradicionalmente] começa na direção de baixo para cima. É conduzida

¹⁵ Comparativamente, na estratificação a relação entre os diferentes estratos é de realização, segundo a qual o estrato mais abstrato é *realizado* pelo menos abstrato.

¹⁶ Minha tradução de: “*In the syntagmatic organization of a unit, each element of structure serves one or more structural functions [...] The structural function of an element represents its contribution in the organic whole of the unit it is part of*”.

unidirecionalmente do morfema até a palavra, ou até algum ponto da ordem do grupo. Não é surpreendente, portanto, que se não houver manobra, torne-se extremamente difícil seguir adiante neste caminho. Manobrar, ou mover-se para cima e para baixo na escala de ordens, é parte do método descritivo imposto pela teoria para mostrar a relação entre as diferentes unidades; para permitir uma descrição unificada com ligações, em todas as categorias. Desde o morfema até a sentença. Na falta da manobra, a descrição é obrigada a saltar para o topo da escala de ordens e ser realizada para baixo desde a sentença pela análise da “constituição imediata”. Porém, ainda assim é unidimensional, só que na direção oposta.¹⁷

Assim, ainda que a descrição e análise da experiência de tempo tenham a unidade semântica do elemento como ponto de partida, leva-se em consideração as outras unidades semânticas e todas as unidades lexicogramaticais, observando como a temporalidade contribui para a sua construção.

Diante disso, é possível retornar à distinção de Halliday e Matthiessen (2014, p. 22) feita na introdução entre estrutura e sistema: a estrutura trata da ordenação sintática, ou seja, padrões de *o quê ocorre junto do quê*, enquanto o sistema trata da ordenação paradigmática, que são padrões de *o quê pode ocorrer em vez do quê*. Uma descrição que tem como base a teoria sistêmico-funcional permite explicar a estrutura, descrevendo-a de acordo com a disposição dos componentes de uma unidade, e o sistema, explicando as diferentes opções de componentes que podem ocupar certa posição na estrutura de uma unidade.

É nesse contexto que Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 23) apontam que a estratégia de descrição sistêmico-funcional é considerar as relações estruturais (sintagmáticas) como derivadas de relações sistêmicas (paradigmáticas). Portanto, a estrutura é o meio de realização das escolhas feitas no sistema. Essa relação entre estrutura e sistema é denominada de eixo (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 61–62), e é o que permite explicar tanto o potencial de significado de uma unidade quanto a sua estrutura.

Ainda sobre o sistema, isto é, a ordem paradigmática do eixo, é importante destacar que ele é organizado pelo princípio da delicadeza, como já apontado na introdução, organizando os significados em uma escala que representa as opções que organizam determinada unidade a partir das mais gerais em direção às mais específicas (MATTHIESSEN; HALLIDAY, 2009, p.

¹⁷ Tradução de Figueredo (2007, p. 79-80) de: “*With the smallest unit as fundamental, the description starts off in an upward direction. It proceeds, unidirectionally, from the morpheme, through the word to somewhere around the group. Not surprisingly, since there is no shunting, it proves extremely difficult to take it further along the same route. Shunting, or moving up and down the rank scale, is a part of descriptive method imposed by the theory to show the relation among the different units: to permit a unified description with links, through all categories, all the way from morpheme to sentence. In the absence of shunting, the description has to jump to the top end of the rank scale and proceed downwards from the sentence by “immediate constituent” analysis: still unidirectional, though with the direction reversed*”.

44). Igualmente necessário para a compreensão da dimensão do sistema é o conceito de agnação, definido por Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 49) como “a relação entre as opções paradigmáticas, representadas como os termos nos sistemas de uma rede”¹⁸.

Halliday e Matthiessen (2014, p. 49) destacam que “explicar alguma coisa consiste não somente em dizer como ela se estrutura, mas em demonstrar como se relaciona com outras coisas, isto é, seu padrão de relações sistêmicas”¹⁹. Desse modo, para explicar a experiência temporal, é necessário demonstrar como ela se organiza através de redes de sistemas. Além disso, ao demonstrar como essa experiência é realizada na lexicogramática, é necessário também demonstrar como isso ocorre em cada unidade. É possível afirmar, então, que a delicadeza organiza os sistemas especificando o significado em opções cada vez mais delicadas, e essas opções são agnatas, pois pertencem ao mesmo sistema e dizem respeito a diferentes opções para uma unidade em um mesmo nível de generalização. Portanto, as opções são organizadas em sistemas, que, por meio da delicadeza e da agnação, são dispostas em redes sistêmicas.

Para ilustrar os princípios da delicadeza e da agnação na organização das redes de sistemas, é possível observar o sistema de TEMPORALIDADE, ilustrado pela FIGURA 5.

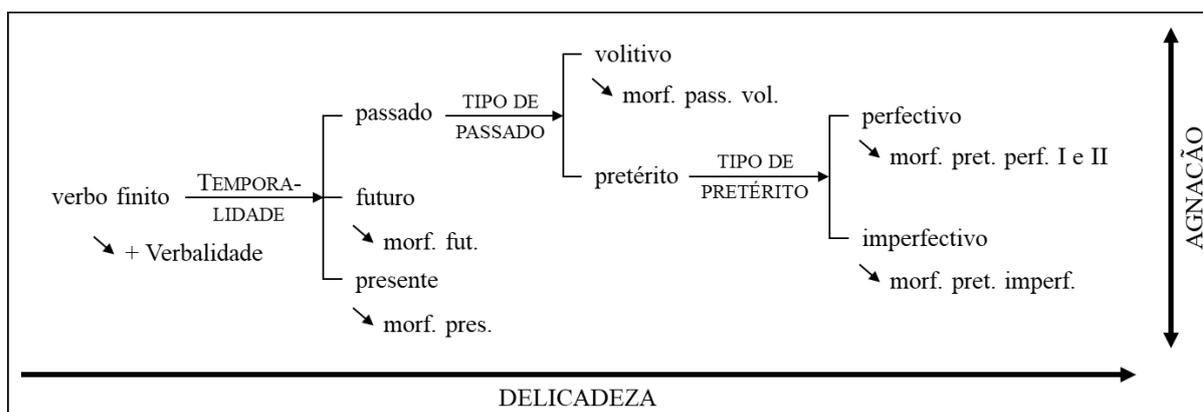


FIGURA 5 – O sistema de TEMPORALIDADE organizado pela delicadeza e pela agnação

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

¹⁸ Minha tradução de: “relatedness among paradigmatic options, represented as terms in the systems of a system network”.

¹⁹ Minha tradução de: “Explaining something consists not in stating how it is structured but in showing how it is related to other things: its pattern of systemic relationships”.

Em termos de delicadeza, o sistema de TEMPORALIDADE é organizado da esquerda para a direita, com o verbo finito ocupando uma posição mais geral, enquanto imperfectivo, por exemplo, ocupa uma posição mais específica. As opções verbo finito e imperfectivo se relacionam em termos de generalização ou especificidade – a generalização diz respeito a aspectos mais próximos do polo gramatical; a especificidade, a aspectos mais próximos do polo lexical. Em termos de agnação, opções como passado, presente e futuro estão diretamente relacionadas por fazerem parte do mesmo sistema (TEMPORALIDADE); no entanto, a seleção de uma opção implica a não seleção das demais, de forma que são mutuamente excludentes.

Cumprindo ainda destacar que o princípio da delicadeza estabelece uma relação de realização da semântica pela lexicogramática. Halliday e Matthiessen (1999, p. 87) explicam:

Em geral, é possível dizer que o movimento na delicadeza na base ideacional do “mais geral” para o “mais delicado” é construído lexicogramaticalmente como um movimento da “gramática” em direção ao “léxico”. Isso é fundamental para a construção de categorias semânticas. O início da escala de delicadeza é construído na “zona” gramatical, que fornece os recursos de esquematização gramatical para construir categorias mais delicadas, que por sua vez são realizadas lexicalmente, ainda que construídas segundo os parâmetros sistêmicos da gramática. Por exemplo, a gramática do grupo nominal fornece o esquema para construir várias categorias de ente mais delicadas ao classificar, descrever, ordenar, etc.²⁰

Portanto, a lexicogramática constrói e realiza a semântica por se tratar de um nível menos abstrato no estrato do conteúdo, isto é, menos geral e mais específico.

Por fim, com relação ao espectro da metafunção, Halliday (1978, p. 128-129) explica que os sistemas se aglomeram formando grandes redes de acordo com as estruturas que as realizam. O autor explica que os significados são construídos de acordo com essas aglomerações, resultando em três diferentes modos de significado que operam em uma relação intrínseca (cf. MARTIN, 1991) nos estratos do conteúdo, de maneira que a lexicogramática evidencia essa organização dos significados em três componentes distintos (HALLIDAY, 1978, p. 129). Esses três diferentes modos de significado são denominados metafunções ideacional, interpessoal e textual.

²⁰ Minha tradução de: “*In general, then, we can say that the move in delicacy in the ideation base from ‘most general’ to ‘most delicate’ is construed lexicogramatically as the move from ‘grammar’ to ‘lexis’.* This is of fundamental significance in the construal of semantic categories. The early part of the scale of delicacy is construed in the grammatical ‘zone’. This zone provides the resources of grammatical schematisation for construing more delicate categories: those categories are realised lexically but construed according to the systemic parameters of the grammar. For example, the grammar of the nominal group provides a schema for construing various delicate categories of things, by classifying, describing, ordering and other such strategies”.

Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 138) resumem esse raciocínio ao definirem a dimensão da metafunção como “funções com alto grau de generalização que são resultado da evolução e por meio das quais a linguagem opera, e isso é evidenciado em sua organização”²¹. E Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 10) esclarecem que, uma vez que os significados são organizados segundo as metafunções, isso lhes confere um caráter de complementaridade e simultaneidade, no qual é possível produzir mais de um significado ao mesmo tempo.

Diante disso, Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 145) elucidam que

diferentes tipos ou modos de significado associam-se a diferentes **metafunções**. Na metafunção ideacional, **construímos** nossa experiência sobre o mundo à nossa volta e dentro de nós como significado. Na metafunção interpessoal, **encenamos** nossos papéis e relacionamentos como significado. Na metafunção textual, **criamos** os significados ideacionais e interpessoais como um fluxo de informações²².

Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 29-30) também esclarecem que,

do ponto de vista estrutural, as metafunções predizem a natureza de sua relação estrutural. Recursos ideacionais dizem respeito a formas **particulares** de realização, podendo construir a experiência de mundo como fragmentos e partes. Essas partículas podem ser organizadas em **órbitas**, formando **configurações** compostas por núcleo, margem e periferia (significado experiencial), ou podem ser organizadas em **séries**, formando **cadeias** de etapas interdependentes (significado lógico). [...] Recursos interpessoais, por outro lado, se relacionam com formas **prosódicas** de realização, encenando a realidade social como pulverizações de engajamento, saturando o domínio. [...] Por fim, recursos textuais correspondem a formas **periódicas** de realização, organizando a realidade semiótica como ondas de informação (o ritmo do discurso).²³

Nesse sentido, “metafunção” é o nome dado tanto à dimensão linguística quanto ao seu princípio de organização, uma vez que os significados são organizados nas três metafunções de acordo com sua realização, isto é, a relação entre os diferentes estratos.

²¹ Minha tradução de: “*The highly generalized functions language has evolved to serve and which are evidenced in its organization*”.

²² Minha tradução de: “*Different kinds of meaning associated with the different metafunctions. Within the ideational metafunction, we construe our experience of the world around us and inside us as meaning; within the interpersonal metafunction, we enact our roles and relationships as meaning; and within the textual metafunction, we create ideational and interpersonal meanings as a flow of information*”.

²³ Minha tradução de: “*Seen as structure, metafunctions are predictions about the nature of their structural realization. Ideational resources are associated with particulate forms of realization – they construe experience of the world as bits and pieces. The particles may be organized orbitally, into configurations consisting of a nucleus, margin and periphery (experiential meaning); or they may be organized serially, into chains of interdependent steps (logical meaning). [...] Interpersonal resources on the other hand are associated with prosodic forms of realization – they enact social reality as splashes of engagement, which saturate their domain. [...] Finally, textual resources are associated with periodic forms of realization – they organize semiotic reality as waves of information (the rhythm of discourse)*”.

As diferentes formas de significado (ou padrões de significado, cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 21) são realizadas no estrato lexicogramatical por sistemas como TRANSITIVIDADE, TIPO DE RELAÇÃO LÓGICO-SEMÂNTICAS, MODO e TEMA. Essa relação é ilustrada a seguir do QUADRO 5 ao QUADRO 8, nesta ordem.

QUADRO 5 – A estrutura orbital do componente experiencial da metafunção ideacional no estrato lexicogramatical

	O interesse de Jardim por estudar a bacia do rio Negro	surgiu	no início dos anos 1990
estrutura orbital	Participante existente	Processo	Circunstância de loc. temp.

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

QUADRO 6 – A estrutura serial do componente lógico da metafunção ideacional no estrato lexicogramatical

	quando	começaram	a ser	publicados	os primeiros estudos
estrutura serial		Núcleo/Evento	Auxiliar	Evento	
		Expansão: elaboração			

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

QUADRO 7 – A estrutura prosódica da metafunção interpessoal no estrato lexicogramatical

	Até então,	as pesquisas voltadas para rastrear a concentração desse metal pesado nos rios da Amazônia	se	voltavam	para as áreas próximas a garimpos
estrutura prosódica	Adj.	Sujeito	Compl.	Finito/ Predicador	Adjunto

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

QUADRO 8 – A estrutura periódica da metafunção textual no estrato lexicogramatical

	Até então,	as pesquisas voltadas para rastrear a concentração desse metal pesado nos rios da Amazônia se voltavam para as áreas próximas a garimpos
estrutura periódica	Tema	Rema

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

No QUADRO 5, é possível observar a estrutura orbital no estrato lexicogramatical através do núcleo da oração (Processo e Participante existente) e sua periferia (Circunstância de localização temporal). Nessa estrutura orbital, Processo e Participante realizam os elementos essenciais da figura semântica, sem os quais essa experiência (“o interesse surgiu”) não seria possível em termos semióticos. Além disso, o Processo e a Circunstância realizam na lexicogramática a localização temporal de passado.

No QUADRO 6, observa-se a estrutura serial realizada na ordem do grupo, na qual dois grupos verbais estabelecem uma relação lógico-semântica de expansão: elaboração. Nesse caso, o primeiro grupo verbal (“começaram”) modifica o segundo (“a ser publicados”) ao especificar seu estágio no tempo, indicando seu início.

Já o QUADRO 7 mostra a estrutura prosódica sendo realizada de maneira pulverizada na oração. Nesse exemplo, é possível verificar a realização da localização temporal de passado tanto pelo Finito/Predicador “voltavam” quanto pelo Adjunto “até então”, que ainda realiza a perspectiva temporal de enfoque e o estágio de final de processo.

Por fim, o QUADRO 8 ilustra a realização lexicogramatical da estrutura periódica na ordem da oração, com uma Circunstância de localização temporal operando como Tema da oração. Assim, o ponto de partida para a realização do significado dessa oração é a localização temporal no passado com extensão até o momento em que o texto foi escrito.

A FIGURA 6 ilustra a dimensão do espectro metafuncional, cada tipo de significado, suas diferenças e como a experiência de tempo é realizada na lexicogramática de acordo com cada metafunção.

É importante destacar que o processo semântico é realizado de maneira congruente pelo grupo verbal. Portanto, o grupo verbal é responsável por realizar a experiência de tempo na lexicogramática. Ainda assim, diferentes sistemas ao longo de todo o espectro metafuncional e de toda a escala de ordens lexicogramatical podem participar da realização dessa experiência, como pode ser observado na FIGURA 6. Assim, é possível afirmar que, no português brasileiro, a experiência temporal é realizada ao longo de toda a escala de ordens: (i) na oração, pelos sistemas de TRANSITIVIDADE, MODO e TEMA; (ii) no grupo, por TEMPO VERBAL SECUNDÁRIO, TIPO DE EVENTO, AGENCIAMENTO, ASPECTO VERBAL, FINITUDE e MODALIDADE; (iii) na palavra, por ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL e MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA; e, (iv) ao longo de toda a escala de ordens, pelos sistemas de TAXE e TIPO DE RELAÇÃO LÓGICO-SEMÂNTICA.

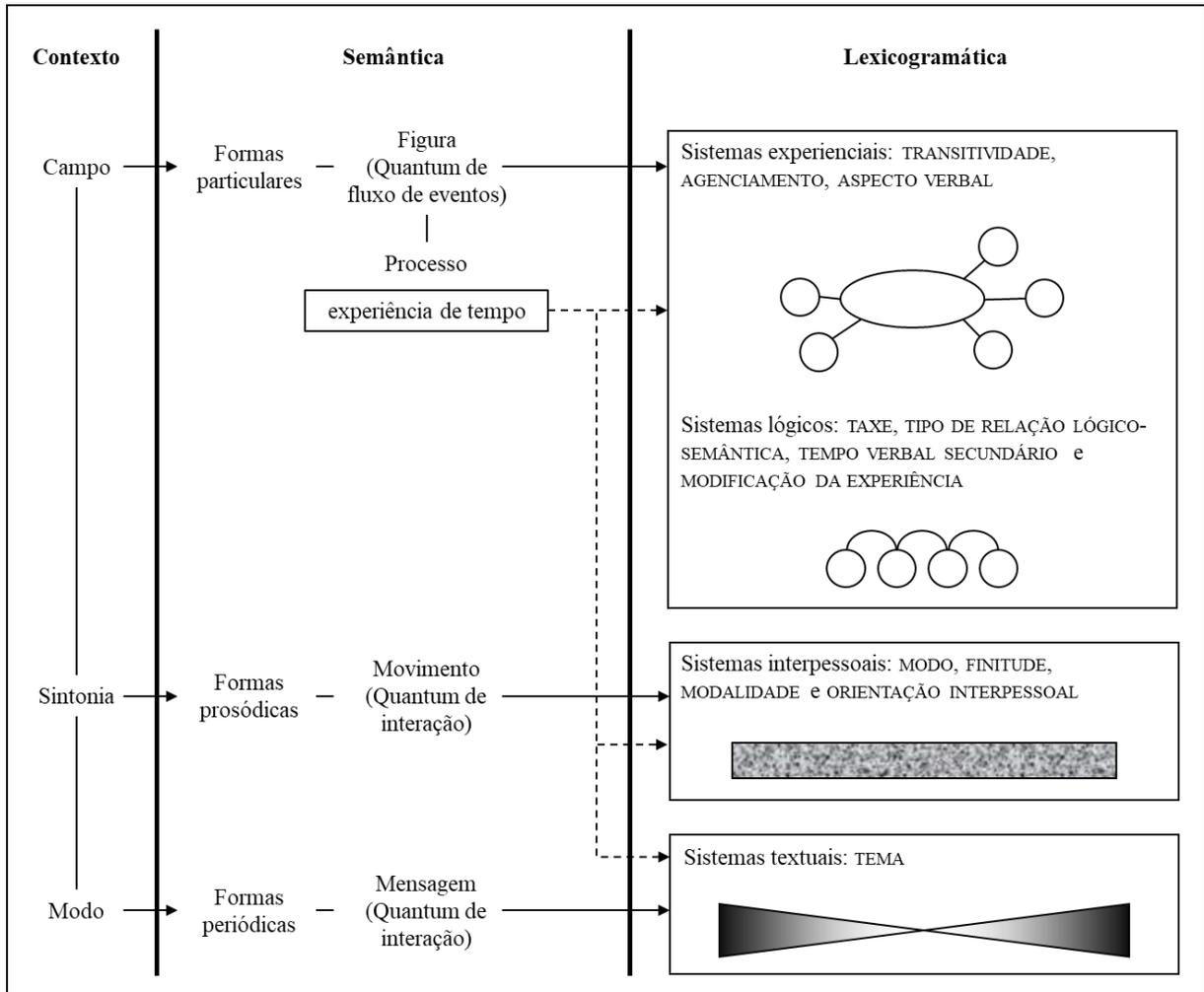


FIGURA 6 – O espectro de metafunção, a hierarquia de estratificação e a experiência de tempo

Fonte: adaptada de Halliday e Matthiessen (2014, p. 21).

Por fim, nota-se, também na FIGURA 6, o espectro metafuncional organizando três diferentes conjuntos de variáveis no estrato do contexto: campo, sintonia e modo. Halliday e Matthiessen (2014, p. 34) esclarecem que

Campo, sintonia e modo são conjuntos de variáveis relacionadas, formados por uma gama de valores contrastantes. Juntos esses conjuntos definem o espaço semiótico multidimensional, isto é, o ambiente de significados onde operam a linguagem e outros sistemas semióticos e sociais. As combinações dos valores de campo, sintonia e modo determinam os diferentes usos da linguagem, isto é, os diferentes significados que estão em risco em determinado tipo de situação. Por isso, há correspondências sistemáticas entre os valores contextuais e os significados que estão em risco nos contextos definidos por esses valores. Como sugeriu Halliday (1978), os valores de campo **ressoam** com significados ideacionais; os valores de sintonia, com significados interpessoais; e os valores de modo, com significados textuais.

[...] Em outras palavras, as correspondências entre contexto e linguagem ocorrem de acordo com a organização funcional dessas duas ordens de significado.²⁴

Além disso, Halliday e Matthiessen (2014, p. 33-34) resumem as variáveis de contexto da seguinte maneira:

- campo – o que está acontecendo na situação: (i) a natureza da atividade social e semiótica; e (ii) o domínio da experiência relacionado a essa atividade (o “assunto” ou “tópico”)
- sintonia – quem participa dessa situação: (i) os papéis desempenhados por quem participa da atividade sociossemiótica – (1) papéis institucionais, (2) papéis de *status* (poder, podendo ser igual ou desigual), (3) papéis de contato (familiaridade, variando numa gradação entre estranhos e íntimos) e (4) papéis sociométricos (afeto, podendo ser neutro ou ter carga positiva ou negativa); e (ii) os valores que são inculcados no domínio pelos interlocutores (podendo ser neutros, ou ter carga positiva ou negativa)
- modo – o papel que a linguagem e outros sistemas semióticos desempenham na situação: (i) a divisão do trabalho entre atividades semióticas e sociais (variando numa gradação entre a atividade semiótica constituir a situação ou facilitá-la); (ii) a divisão do trabalho entre atividades linguísticas e outras atividades semióticas; (iii) modo retórico: a orientação do texto para o campo (e.g., informativo, didático, expositivo, explicativo) ou para a sintonia (e.g., persuasivo, exortativo, admoestativo, polêmico); (iv) turno: dialógico ou monológico; (v) meio: escrito ou falado; (vi) canal: fônico ou gráfico.²⁵

Ao realizar o contexto de situação, o texto realiza a combinação das variáveis de campo, sintonia e modo por meio do espectro metafuncional. Particularmente, a experiência de tempo tem uma relação direta com as variáveis de campo, pois participa da realização de “o quê está acontecendo na situação”, definindo a relação do texto com o aqui-e-agora da situação.

²⁴ Minha tradução de: “*Field, tenor and mode are thus sets of related variables, with ranges of contrasting values. Together they define a multi-dimensional semiotic space – the environment of meanings in which language, other semiotic systems and social systems operate. The combinations of field, tenor and mode values determine different uses of language – the different meanings that are at risk in a given type of situation. There are systematic correspondences between the contextual values and the meanings that are at risk in the contexts defined by these values. As Halliday (1978) suggested, field values **resonate** with ideational meanings, tenor values resonate with interpersonal meanings, and mode values resonate with textual meanings [...]. In other words, the correspondences between context and language are based on the functional organization of both orders of meaning*”.

²⁵ Minha tradução de: “• *field – what’s going on in the situation: (i) the nature of the social and semiotic activity; and (ii) the domain of experience this activity relates to (the ‘subject matter’ or ‘topic’)*
• *tenor – who is taking part in the situation: (i) the roles played by those taking part in the socio-semiotic activity – (1) institutional roles, (2) status roles (power, either equal or unequal), (3) contact roles (familiarity, ranging from strangers to intimates) and (4) sociometric roles (affect, either neutral or charged, positively or negatively); and (ii) the values that the interactants imbue the domain with (either neutral or loaded, positively or negatively)*
• *mode – what role is being played by language and other semiotic systems in the situation: (i) the division of labour between semiotic activities and social ones (ranging from semiotic activities as constitutive of the situation to semiotic activities as facilitating); (ii) the division of labour between linguistic activities and other semiotic activities; (iii) rhetorical mode: the orientation of the text towards field (e.g. informative, didactic, explanatory, explicatory) or tenor (e.g. persuasive, exhortatory, hortatory, polemic); (iv) turn: dialogic or monologic; (v) medium: written or spoken; (vi) channel: phonic or graphic*”.

Em conclusão, esta seção apresenta as definições das dimensões teóricas da linguagem humana, seus princípios e suas ordens. Com isso, é possível apresentar os conceitos teóricos que fundamentam a descrição da construção da experiência de tempo do português brasileiro e no contato linguístico com o inglês. A FIGURA 7 ilustra a relação entre as dimensões locais e globais na “arquitetura” da linguagem, representando as dimensões (i) da instanciação, apresentando a relação entre o potencial linguístico e a instância, (ii) da estratificação, elucidando a relação entre os estratos da linguagem, (iii) da ordem sintagmática, explorando a organização hierárquica interna dos estratos em termos estruturais, (iv) da ordem paradigmática, apontando a organização das possibilidades de cada estrato como opções em redes de sistemas, e (v) da metafunção, mostrando como as metafunções operam simultaneamente na produção de significado.

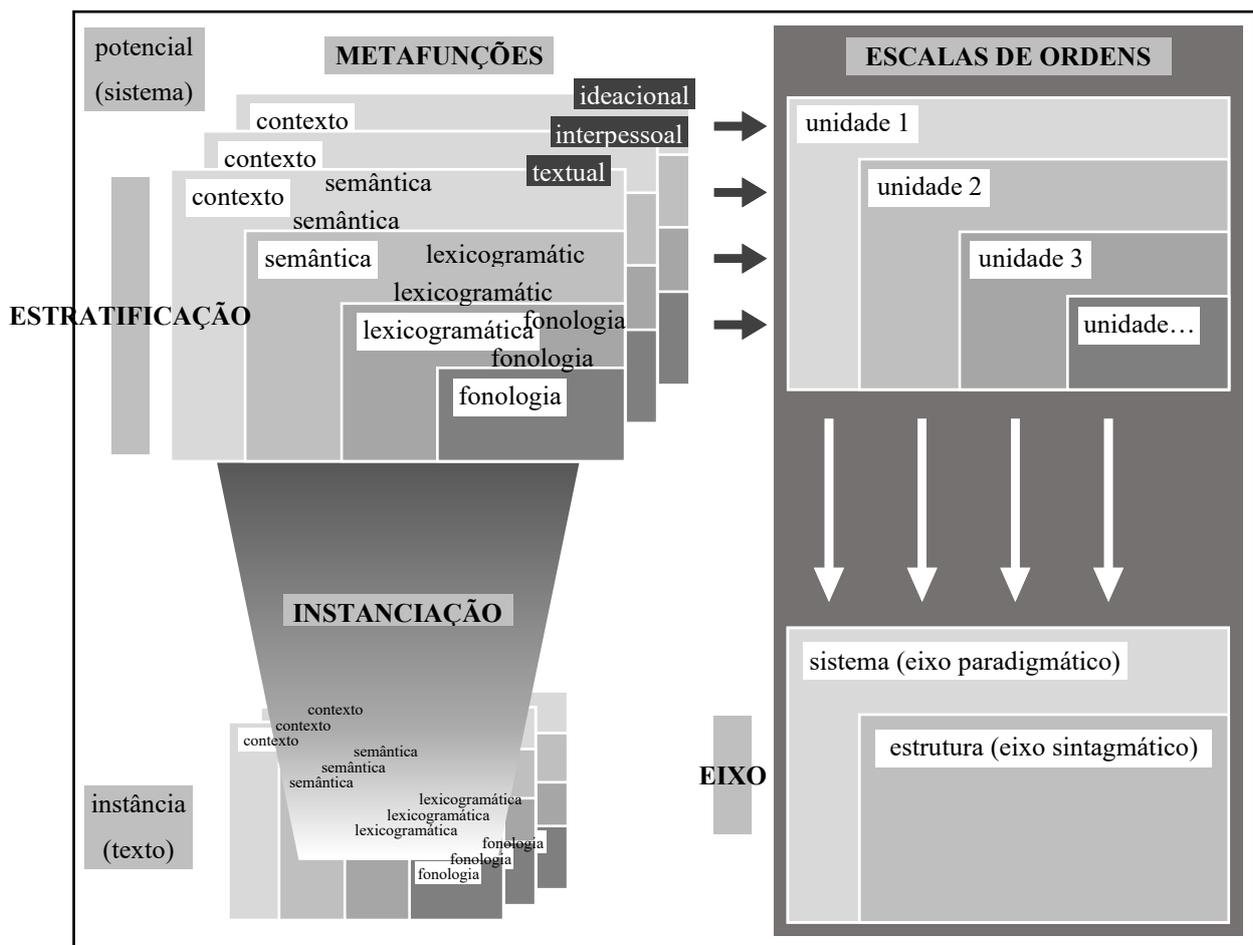


FIGURA 7 – Dimensões globais e locais da linguagem

Fonte: adaptada de Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 37).

2.2 A descrição sistêmico-funcional

Com base nas dimensões e nos princípios teóricos definidos na seção anterior, é possível apresentar os princípios metodológicos para descrição linguística propostos pela teoria sistêmico-funcional.

Primeiramente, é necessário distinguir o que são teoria, descrição e análise. Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 10) afirmam que

teoria e descrição são muito diferentes do ponto de vista ontológico na linguística sistêmico-funcional: teoria é a teoria da linguagem humana (ou ainda, por extensão, de sistemas semióticos como um todo), e descrições são descrições de línguas específicas (ou, por extensão, de sistemas semióticos específicos). Tanto teoria quanto descrição são **recursos**, seja para a construção da linguagem (teoria) ou de línguas (descrições).²⁶

Assim, teoria e descrição são recursos para a compreensão dos fenômenos linguísticos. Porém, o escopo de estudos da teoria é explicar fenômenos da linguagem humana, explorando como o *Homo sapiens* produz significado, enquanto o escopo de estudos das descrições enfoca a produção de significados por grupamentos humanos específicos.

Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 10) também elucidam que

a teoria sistêmica considera que a linguagem é diferente de outros sistemas semióticos, pois é metafuncional e organizada em três estratos, isto é, um sistema semiótico superior. Entretanto, a **teoria** sistêmica não diferencia “variantes” da linguagem, como inglês ou chinês, pois essa é a tarefa das **descrições** das línguas individualmente.²⁷

Para ilustrar esse raciocínio, os autores explicam que é possível descrever a construção lexicogramatical de tempo como uma experiência humana em inglês e em chinês. Entende-se essa construção como uma característica geral da linguagem, na qual o tempo e outros fenômenos da experiência humana são construídos na metafunção ideacional. Porém, Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 10) esclarecem que as especificidades da construção de tempo em cada língua são demonstradas em suas descrições: o inglês é descrito por Halliday (1994) e Matthiessen (1995, 1996, 2004) como um sistema temporal (*temporal system*),

²⁶ Minha tradução de: “*Theory and description are ontologically quite distinct in systemic functional linguistics: theory is the theory of human language (or indeed, by extension, of semiotic systems in general); descriptions are descriptions of particular languages (or, by extension, of particular semiotic systems). Both theory and description are resources – resources for construing language (theory) and languages (descriptions)*”.

²⁷ Minha tradução de: “*systemic theory thus differentiates language from other kinds of semiotic system, interpreting it as a tristratal and metafunctional semiotic – a higher-order semiotic. However, systemic **theory** does not differentiate among different “variants” of language such as English and Chinese; that is the task of systemic **descriptions** of different particular languages*”.

construído por meio de uma estrutura serial no componente lógico da metafunção ideacional; e o chinês é descrito por Halliday e McDonald (2004) como um sistema aspectual (*aspect system*), construído por meio de uma estrutura orbital no componente experiencial da metafunção ideacional (CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004a). Assim, de acordo com os autores, a partir das dimensões e dos princípios da teoria sistêmico-funcional, é possível descrever o tempo como uma serialização, como é o caso do inglês, ou como uma taxonomia, como é o caso do chinês. No entanto, Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 11) enfatizam que categorias como “passado”, “presente”, “futuro”, “tempo primário” e “tempo secundário” são descritivas, não teóricas, pois dizem respeito à construção de significado interna e individualmente em cada língua.

Ainda sobre a relação entre teoria e descrição, Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 12-13) afirmam que ela pode ser tratada em termos de abstração: a teoria é mais geral e abstrata que as descrições, as quais são a realização da teoria. Os autores citam como exemplo a categoria de Sujeito, uma função lexicogramatical que é descrita em várias línguas diferentes, mas que ainda assim não consiste em uma categoria teórica, mas, sim, a realização de uma abstração como “função estrutural interpessoal no estrato da lexicogramática” (CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004a, p. 12). De forma análoga, o sistema de TEMPORALIDADE é uma categoria da descrição do português brasileiro realizando a seguinte abstração: sistema na ordem da palavra no estrato da lexicogramática (cf. SÁ, 2016).

Portanto, a atividade de descrição de uma língua é feita com base em uma teoria da geral linguagem. No caso da descrição da experiência de tempo do português brasileiro apresentada nesta tese, ela é feita com base na teoria sistêmico-funcional, suas categorias, dimensões e princípios (apresentados na seção 2.1).

Quanto à relação entre análise e descrição, Halliday e Matthiessen (2014, p. 54) afirmam que observamos a linguagem na forma de texto, isto é, um fluxo de fala ou como segmentos de escrita. Os autores esclarecem que é possível estudar uma língua de duas maneiras: (i) se já houver uma descrição do potencial de significados de uma língua, é possível analisar textos de acordo com essa descrição, observando como os significados (por exemplo, do sistema ilustrado pela FIGURA 5) são instanciados; ou, (ii) se ainda não houver uma descrição do potencial de uma língua, é possível desenvolver uma através da análise de um corpus, isto é, um conjunto de instâncias de uma língua, de maneira que as observações sejam generalizadas a partir das instâncias. Portanto, a relação entre análise e descrição se dá em

termos de instanciação, na qual cada um opera em um polo do contínuo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 54).

É importante destacar o caráter complementar da relação entre análise e descrição. Halliday e Matthiessen (2014, p. 54) afirmam que, ao se fazer uma análise, é possível encontrar lacunas ou mesmo erros na descrição. A análise é, então, uma maneira de submeter a descrição a testes rigorosos, resultando no seu aprimoramento. Por outro lado, uma vez que existe a descrição do potencial de significados de uma língua, é possível utilizar esse conhecimento em diferentes atividades, como ensino e aprendizado de línguas, processamento e geração de linguagem natural e, no caso desta tese, o estudo do produto tradutório.

Exemplificando: a análise de um verbo em um texto como “surgiu”, feita segundo o sistema de TEMPORALIDADE do português (ilustrado pela FIGURA 5) que foi descrito por Sá (2016), permite que ele seja caracterizado como “passado: pretérito: perfectivo”. Caso a análise de um texto identifique uma instância que não esteja contemplada pela descrição do verbo de Sá (2016), esta deve ser revista de modo a abranger todas as possibilidades de construção de significado.

Além disso, Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 51-54) comentam sobre a possibilidade de uma análise ser manual ou automatizada. De acordo com os autores, tradicionalmente a análise automatizada começa “de baixo”, observando instâncias a partir dos estratos menos abstratos, como grafologia e lexicogramática (na ordem da palavra ou morfema), e se move na direção de estratos mais abstratos e unidades maiores. Para isso, emprega ferramentas como concordanceadores, *POS taggers* e *parsers*, que permitem análises no estrato da grafologia (segmentando os textos de acordo com os espaços entre palavras, para línguas como o português brasileiro, ou caracteres, como o chinês) e da lexicogramática (segmentando os textos de acordo com as estruturas das unidades).

Em contrapartida, segundo Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 51-54), a análise manual humana possibilita um movimento mais livre entre os estratos, as unidades e os eixos, e também um início a partir de estratos mais abstratos e unidades maiores da escala de ordens lexicogramatical. Ademais, uma análise manual também permite que todos os estratos sejam considerados, de forma que seja possível analisar variáveis contextuais e sua realização metafuncional na semântica, lexicogramática, fonologia e fonética.

A análise da construção da experiência de tempo desta tese (cf. seção 4.3) foi feita manualmente. A produção de dados ocorreu de maneira manual, por meio da segmentação e

anotação das características de instâncias. Isso possibilitou que todos os estratos fossem considerados no processo de análise, ainda que o foco tivesse sido os estratos da semântica e da lexicogramática. Como consequência, esta tese não analisou um corpus de grandes dimensões, pois isso impossibilitaria uma análise com o mesmo nível de detalhamento.

A FIGURA 8 ilustra as possibilidades de análise manual e automática, mostrando as diferenças na abrangência dos estratos e na quantidade de dados que podem ser processados.

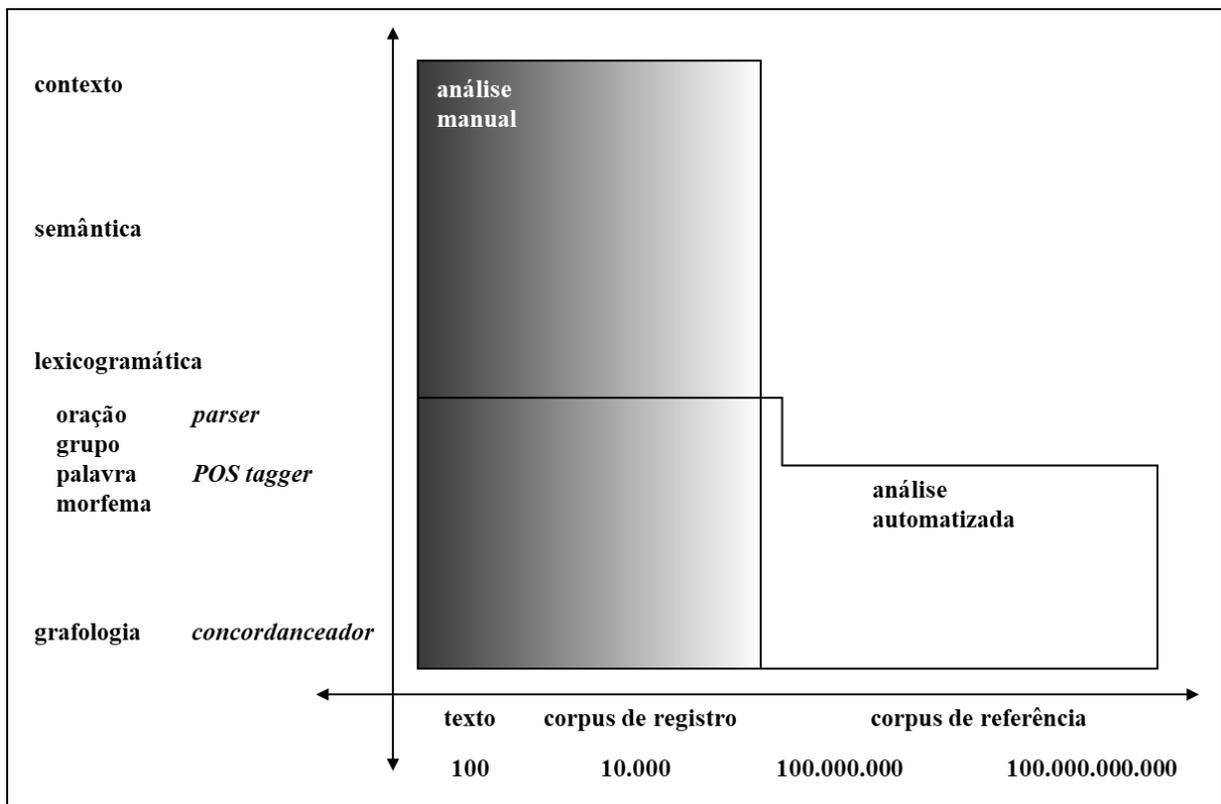


FIGURA 8 – Análise manual e automatizada

Fonte: adaptada de Matthiessen (2009, p. 53).

Por fim, Halliday e Matthiessen (2014, p. 54) apontam o caráter empírico da linguística sistêmico-funcional, segundo o qual teoria, descrição e análise se fundamentam em dados produzidos a partir do texto, isto é, da instância. Porém, é importante notar que análise e descrição dizem respeito somente à linguagem humana, enfocando a produção de significados por grupamentos humanos específicos. Já a teoria, visto que se ocupa em explicar a linguagem humana, também precisa diferenciar a produção de significados desse sistema em comparação

a outros sistemas semióticos, desde outros sistemas humanos, como música ou dança, até a protolinguagem no início da vida humana e a linguagem em outras espécies de animais, como a “dança” das abelhas. Nesse sentido, a teoria sistêmico-funcional trata da produção como um todo, abrangendo todos os sistemas semióticos conhecidos.

Por isso Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 12-13) afirmam que a relação entre teoria e descrição é de realização, pois a descrição (e a análise) é um nível menos abstrato de produção de conhecimento sobre a linguagem. Nesse contexto, Matthiessen (2009, p. 50) acrescenta que,

quando se desenvolve uma teoria, é necessário, a princípio, abranger tudo na esfera dos sistemas semióticos: trata-se da informação acumulada ao longo do processo de subida no contínuo de instanciação, a partir da instância e em direção ao sistema, e da informação acumulada por meio das descrições das línguas. A teoria geral da linguagem deve, portanto, ter uma abrangência ampla, pois, se não tivesse, não seria uma teoria geral da linguagem.²⁸

A FIGURA 9 ilustra a relação entre teoria, descrição e análise discutida até aqui, mostrando como a descrição realiza a teoria, como a análise instancia a descrição, e as diferenças nas abrangências de cada uma, com a teoria representando a abrangência mais ampla de fenômenos semióticos, e a análise representando a mais reduzida.

Com base na distinção entre teoria, descrição e análise, é possível então apresentar algumas orientações da teoria sistêmico-funcional para a descrição de sistemas linguísticos e análise de instâncias.

Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 13-14) propõem que,

ao se iniciar a descrição de uma língua ainda não descrita nos termos da teoria sistêmico-funcional, é possível realizar essa empreitada partindo do zero e guiando-se unicamente pela teoria geral. Essa seria a abordagem ideal, pois evitaria o risco de a (experiência de) descrição de outra língua se impor sobre a língua que está sendo descrita. Esse risco se manifesta, por exemplo, na maneira como missionários linguistas impuseram as categorias de descrições tradicionais do latim e linguistas gerativistas impuseram as categorias de descrições formais do inglês a outras línguas. [...] Entretanto, essa abordagem sem pressupostos baseados em outras línguas e na qual a descrição de sistemas lexicogramaticais é construída a partir de observações de instâncias exige uma quantidade considerável de tempo. Então, como prática heurística, pode ser útil modelar a descrição de uma língua com base em outra.²⁹

²⁸ Minha tradução de: “*When we develop theory, we must, in principle, cover everything in the realm of semiotic systems: we are responsible for information accumulated in the move up the cline of instantiation from instance to system, and for information accumulated from descriptions of particular languages. The general theory of language must thus have a very extensive coverage — otherwise it would not be a general theory of language*”.

²⁹ Minha tradução de: “*If we embark on a description of a language that has not previously been described in terms of systemic functional theory or indeed any other linguistic theory, we can build up the description from*

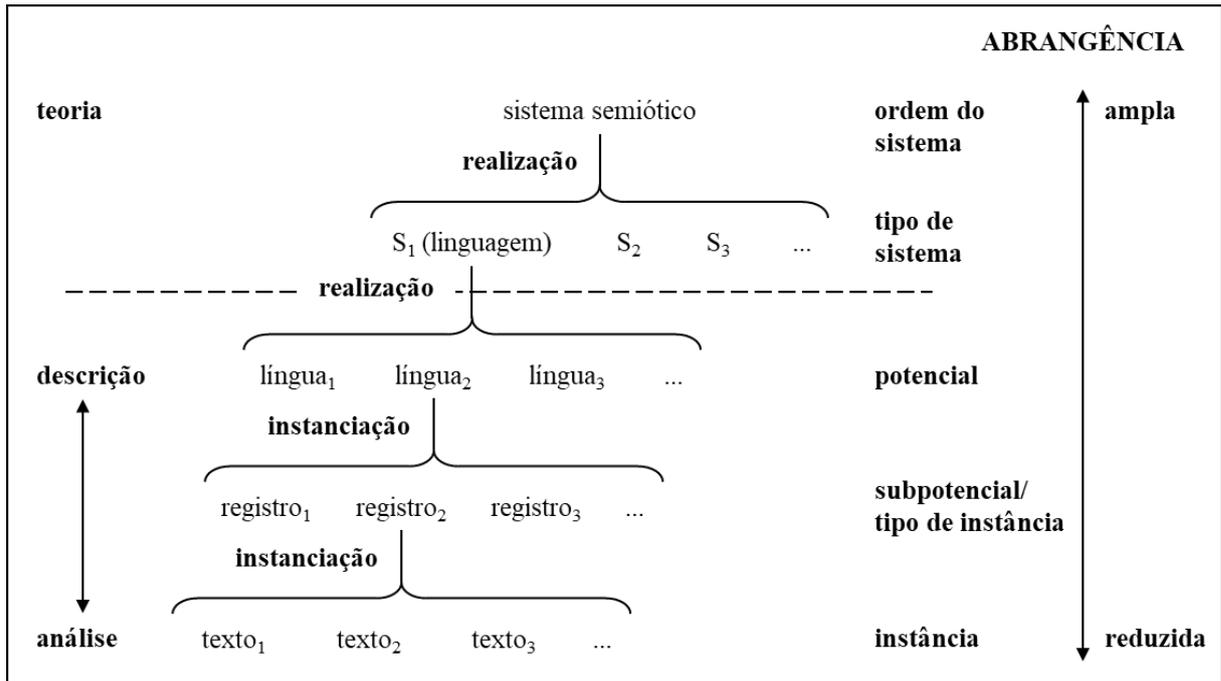


FIGURA 9 – Teoria, descrição e análise

Fonte: adaptada de Matthiessen (2009, p. 49).

Ainda que procure descrever o potencial da experiência temporal do português brasileiro partindo do zero, a descrição apresentada nesta tese recebe contribuições das descrições da experiência temporal do inglês, por Halliday e Matthiessen (1999), e do francês, por Caffarel (1992).

2.2.1 A descrição sistêmico-funcional da experiência de tempo

É essencial destacar a principal contribuição de Halliday e Matthiessen (1999) para esta tese, que são os parâmetros básicos de tempo. Halliday e Matthiessen (1999, p. 214)

scratch using only the general theory as a guide. In many ways, this would be the ideal approach because it would avoid the danger of imposing (our experience of) a description of another language on the new language being described – a danger manifested in the way that missionary linguists imposed the categories of traditional descriptions of Latin on languages around the world and in the way that modern generative linguists have imposed the categories of formal descriptions of English on languages around the world. [...] However, the type of approach where no assumptions are made based on other languages and where the description of the lexicogrammatical system is built up from observations of discursive instances takes a considerable amount of time, so as a practical heuristic, it may be helpful to model the description of one language on the description of another”.

identificam quatro parâmetros básicos na descrição da experiência de tempo: (i) localização temporal (*temporal location*), segundo a qual o processo ocupa um local determinado no fluxo linear do tempo como passado (*past*), presente (*present*) e futuro (*future*); (ii) perspectiva temporal (*temporal perspective*), segundo a qual o processo se relaciona com o fluxo de experiência como um todo, inclusive com outros processos, de maneira a focar (*in focus*) ou desfocar (*out of focus: terminated, significant for what follows* ou *visualized*) o processo no tempo – o enfoque podendo ser contínuo (*ongoing*), significativo em si mesmo (*significant in itself*) ou atualizado (*actualized*), enquanto o desfoque pode ser terminado (*terminated*), significativo para o que se segue (*significant for what follows*) ou visualizado (*visualized*); (iii) estágio temporal (*temporal staging*), segundo o qual o processo ocupa alguma medida de tempo, como começo (*beginning*), intermédio (*taking place*) e final (*ending*); e (iv) perfil temporal (*temporal profile*), segundo o qual pode haver extensão do processo no tempo, de maneira que seja delimitado (*bounded*) ou ilimitado (*unbounded*) temporalmente. O QUADRO 9 resume esses quatro parâmetros temporais, suas definições e categorias básicas.

QUADRO 9 – Parâmetros básicos de tempo e suas categorias básicas

Parâmetro	Definição	Categorias básicas	
localização	o processo ocupa um local determinado no fluxo linear do tempo	passado	
		presente	
		futuro	
perspectiva	o processo se relaciona com o fluxo de experiência como um todo	enfoque	contínuo
			significativo em si mesmo
			atualizado
		desfoque	terminado
			significativo para o que se segue visualizado
estágio	o processo ocupa alguma medida de tempo	começo	
		intermédio	
		final	
perfil	o processo pode se estender no tempo	delimitado	
		ilimitado	

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Em sua descrição da base ideacional do inglês, Halliday e Matthiessen (1999, p. 215-217) apresentam um panorama geral da construção da experiência de tempo nessa língua.

Primeiramente, os autores abordam o parâmetro da localização, e explicam que a localização temporal encontra-se em primeiro plano na construção do tempo, que pode ser tanto em relação ao aqui-e-agora da interação quanto em relação a algum momento relativo a esse agora (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 215). Por exemplo, os processos em “*they paid me*”, “*they pay me*” e “*they wil pay me*”³⁰ respectivamente constroem as localizações de passado, presente e futuro, relativas ao momento da interação entre falante e ouvinte. Assim, por exemplo, “*they paid me*” se refere a um momento anterior da fala. Já o Exemplo (2) ilustra a localização de presente, relativo a um passado, relativo a um futuro, relativo a um passado, relativo ao passado relativo ao aqui-e-agora.

Exemplo (2) *They said they'd been going to've been paying me all this time...*

A localização temporal desse exemplo se lê da seguinte maneira: presente no passado no futuro no passado. E, como se pode observar por meio da estruturação desse exemplo no QUADRO 10, a leitura da localização temporal é feita da direita para a esquerda, isto é, a partir do verbo com função de Evento em direção ao verbo com função de Finito.

QUADRO 10 – Estruturação da localização temporal do Exemplo (2)

figura semântica	<i>They said they'd been going to've been paying me all this time</i>						
verbos	<i>said</i>	<i>had</i>	<i>been</i>	<i>going to</i>	<i>have</i>	<i>been</i>	<i>paying</i>
função gramatical	Finito	Auxiliar	Aux.	Auxiliar	Auxiliar	Aux.	Evento
localização	passado	passado	futuro		passado	presente	
direção de leitura	←						

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Halliday e Matthiessen (1999, p. 215) ainda explicam que a localização em inglês é totalmente gramaticalizada, isto é, realizada por meio de estruturas específicas no estrato lexicogramatical. Por exemplo, a localização secundária de passado é realizada por *have*

³⁰ Todos os exemplos em inglês apresentados nesta seção encontram-se originalmente em Halliday e Matthiessen (1999, p. 215-217).

seguido de outro verbo com morfologia de particípio (verbo [^] *ed/en*). Segundo os autores, em inglês a localização é construída em uma relação lógica, e não como uma taxonomia, de forma que é possível construir o tempo de maneira seriada.

Além disso, os tempos verbais (*tense*) podem coocorrer com advérbios de tempo, como “*already*”, “*just*” e “*soon*”, como em “*they'd already paid me*”, “*they've just paid me*”, “*they soon paid me*”. E também é possível que a referência dêitica de tempo, isto é, a referência ao aqui-e-agora da interação, não ocorra, de maneira que a oração seja não-finita, como em “*not having paid me yet...*”. Por fim, a dêixis pode estar relacionada não ao tempo, mas à perspectiva do falante sobre o processo: “*they should have paid me*” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 215).

Em relação à perspectiva temporal, Halliday e Matthiessen (1999, p. 215) explicam que esse parâmetro encontra-se em segundo plano em inglês, assumindo o primeiro plano quando não há dêixis temporal, isto é, quando não há localização temporal primária (relativa ao aqui-e-agora). É o caso do Exemplo (3) e do Exemplo (4), os quais não apresentam dêixis temporal e, portanto não fazem referência ao aqui-e-agora. No entanto, o processo do primeiro exemplo (“*(on) reaching*”) é construído como atualizado e o processo do segundo (“*to reach*”) como visualizado.

Exemplo (3) *(on) reaching the gallery, turn left.*

Exemplo (4) *to reach the gallery, turn left.*

Já com relação ao estágio temporal, Halliday e Matthiessen (1999, p. 216) esclarecem que o sistema do inglês é mais explícito e lexicalizado, sendo organizado por categorias, quais sejam: continuidade, inicial, continuado e final, como ilustra a FIGURA 10.

Para exemplificar o parâmetro do estágio temporal, os autores apresentam a continuação da figura semântica do Exemplo (2), com o Exemplo (5), cujo processo “*kept on ... coming*” constrói o estágio de continuidade.

Exemplo (5) *... but the money kept on not coming through.*

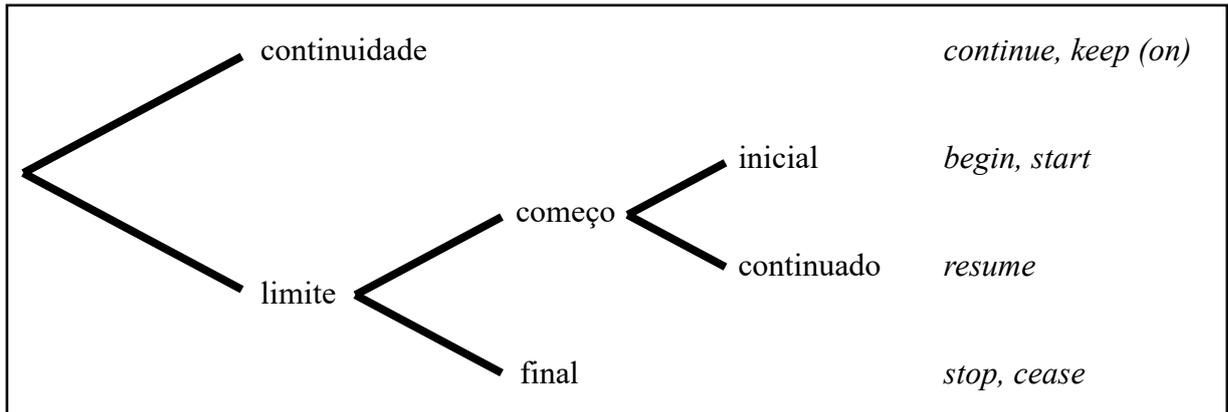


FIGURA 10 – Diferentes tipos de fase

Fonte: adaptada de Halliday e Matthiessen (1999, p. 216).

Por fim, de acordo com Halliday e Matthiessen (1999, p. 216), o perfil temporal em inglês parece se restringir a processos de fazer. Como exemplo, os autores comparam o processo ilimitado “*use*” com o processo delimitado “*use up*”, ilustrados no Exemplo (6) e Exemplo (7), respectivamente.

Exemplo (6) *use some salt.*

Exemplo (7) *but don't use it up!*

Ainda de acordo com os autores, a delimitação do processo não é definida exatamente em termos temporais, com o grau de delimitação do perfil temporal sendo específico para cada tipo de processo e podendo depender da figura como um todo e até do contexto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 216).

Halliday e Matthiessen (1999, p. 217) ressaltam que as escolhas feitas em relação a esses parâmetros temporais se relacionam à figura semântica como um todo e, possivelmente, com fragmentos maiores do discurso. Assim, os tipos principais de processo do inglês (quais sejam, sentir, dizer, fazer-e-acontecer, ser-e-ter) apresentam diferentes características temporais, o que se observa em relação a quais categorias temporais são possíveis e quais as probabilidades de ocorrência de cada categoria. Por exemplo, os autores apontam a falta de proporcionalidade mesmo diante das mesmas escolhas no inglês entre “*I go*” e “*I know*” e entre “*I'm going*” e “*I'm knowing*”.

Do ponto de vista experiencial, Halliday e Matthiessen (1999, p. 217) ainda explicam que a temporalidade de um processo é sua característica principal, não havendo taxonomias mais elaboradas que organizem os processos em sistemas semânticos ou gramaticais, em comparação aos entes que são organizados em taxonomias mais elaboradas (sobre o ente em inglês e português brasileiro, ver HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 182–212; FIGUEREDO, 2007, p. 144–157). Ainda assim, Halliday e Matthiessen (1999, p. 217) afirmam que processos também podem ser classificados de acordo com seu potencial de funcionamento nas figuras semânticas.

Nesse contexto, cumpre ainda destacar a relação entre o tipo de processo e o tipo de figura. Halliday e Matthiessen (1999, p. 52) explicam:

Uma figura é uma representação da experiência na forma de uma configuração, que é formada por um processo, os participantes desse processo e as circunstâncias associadas a ele. Obviamente, há uma infinidade de tipos de processo no mundo não semiótico, mas eles são construídos semioticamente de acordo com a maneira como configuram os participantes, formando um número pequeno de tipos de processo.³¹

Assim, de acordo com a configuração, formada pela relação entre o processo e os participantes na figura semântica, é possível discriminar quatro tipos gerais de processo, definidos por Halliday e Matthiessen (1999, p. 128) como quatro domínios primários de experiência: fazer-e-acontecer, sentir, dizer e ser-e-ter. As configurações dos quatro domínios primários de experiência do inglês são ilustradas no QUADRO 11. Observam-se também nesse quadro as funções lexicogramaticais que realizam os participantes da figura semântica e as possibilidades de projeção em figuras de sentir e de dizer.

O QUADRO 12, por sua vez, ilustra os quatro domínios primários de experiência do português brasileiro e suas configurações básicas. As descrições que fundamentam as informações desse quadro são Araújo (2007), Figueredo (2007, 2011, 2015b), Pagano, Ferregueti e Figueredo (2011), Ferregueti (2014, 2018), Figueredo, Pagano e Ferregueti (2014), Sá (2016), Braga (2016), Monteiro (2016), Rosa (2017), A. Paula (2017), L. Alves (2017) e R. Alves (2018). Essas descrições são apresentadas em maiores detalhes na seção 2.2.4.

³¹ Minha tradução de: “*A figure is a representation of experience in the form of a configuration, consisting of a process, participants taking part in this process and associated circumstances. There are, of course, indefinitely many kinds of process in the non-semiotic world; but these are construed semiotically, according to the way in which they configure participants, into a small number of process types*”.

QUADRO 11 – Quatro domínios de experiência do inglês e suas configurações básicas

	participante	processo	participante	participante	projeção
fazer-e-acontecer	Ator		Alcance		
	<i>she</i>	<i>is playing</i>	<i>the piano</i>		
	Ator		Meta		
	<i>she</i>	<i>is polishing</i>	<i>the piano</i>		
	Ator		Meta	Recebedor	
	<i>she</i>	<i>is giving</i>	<i>a book</i>	<i>to her brother</i>	
	Ator		Meta	Cliente	
	<i>she</i>	<i>is building</i>	<i>a house</i>	<i>for her brother</i>	
sentir	Experienciador		Fenômeno		
	<i>she</i>	<i>knows</i>	<i>her father</i>		
	Experienciador				
	<i>she</i>	<i>knows</i>			<i>that his father has arrived</i>
dizer	Dizente		Verbiagem	Receptor	
	<i>she</i>	<i>says</i>	<i>a few words</i>	<i>to her brother</i>	
	Dizente			Receptor	
	<i>she</i>	<i>says</i>		<i>to her brother</i>	<i>that his father has arrived</i>
ser-e-ter	Portador		Atributo		
	<i>she</i>	<i>is</i>	<i>a lawyer</i>		
	Símbolo		Valor		
	<i>she</i>	<i>is</i>	<i>his lawyer</i>		
			Existente		
	<i>there</i>	<i>is</i>	<i>a lawyer</i>		

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (1999, p. 129).

QUADRO 12 – Quatro domínios de experiência do inglês e suas configurações básicas

	participante	processo	participante	participante	projeção
fazer-e-acontecer	Ator		Alcance		
	<i>ela</i>	<i>está tocando</i>	<i>piano</i>		
	Ator		Meta		
	<i>ela</i>	<i>está limpando</i>	<i>o piano</i>		
	Ator		Meta	Recebedor	
	<i>ela</i>	<i>está dando</i>	<i>um livro</i>	<i>para o irmão</i>	
	Ator		Meta	Cliente	
	<i>ela</i>	<i>está fazendo</i>	<i>uma casa</i>	<i>para o irmão</i>	
sentir	Experienciador		Fenômeno		
	<i>ela</i>	<i>conhece</i>	<i>o pai</i>		
	Experienciador				
	<i>ela</i>	<i>sabe</i>			<i>que o pai chegou</i>

dizer	Dizente		Verbiagem	Receptor	
	ela	diz	alguma coisa	para o irmão	
	Dizente			Receptor	
	ela	diz		para o irmão	que o pai chegou
ser-e-ter	Portador		Atributo		
	ela	é	advogada		
	Símbolo		Valor		
	ela	é	a advogada		
			Existente		
		existe	advogado		

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (1999, p. 129).

Voltando aos quatro parâmetros básicos de tempo, é importante notar que Halliday e Matthiessen (1999) os observam em seu texto na descrição do inglês. Porém, eles também esclarecem que esses parâmetros podem ser encontrados em qualquer língua, ainda que cada sistema linguístico organize seu potencial de significados de maneira própria.

Sendo assim, em qualquer língua, (i) um ou outro parâmetro pode ter maior proeminência que os demais, (ii) dois ou mais parâmetros podem ser combinados em um único sistema semântico, (iii) qualquer parâmetro pode ser construído mais próximo do polo gramatical ou do polo lexical, e (iv) diferentes fatores que não são necessariamente temporais podem ser incorporados no sistema, tanto referentes a significados ideacionais (como tentar/conseguir) quanto interpessoais (como o posicionamento pessoal do falante sobre o processo na forma de julgamentos sobre probabilidade, desejabilidade, etc.).³²

Portanto, a contribuição da descrição de Halliday e Matthiessen (1999) se dá (i) através dos padrões de organização semântica e construção lexicogramatical do tempo em inglês, que podem informar sua descrição da organização e construção no português brasileiro, e (ii) através dos parâmetros básicos de construção da experiência temporal, que seriam uma generalização tipológica a partir do contato dos autores com as descrições de diferentes línguas.

Nesse contexto, Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 15) também apontam a possibilidade de se descrever uma língua com base em um conjunto de generalizações tipológicas. Esse conjunto de generalizações tipológicas permite a identificação de sistemas

³² Minha tradução de: “Thus, in any given language, (i) one or other parameter may be given prominence, (ii) two or more parameters may be combined into a single semantic system, (iii) any parameter may be construed either more grammatically or more lexically, and (iv) a number of features that are not strictly temporal may be incorporated into the picture, both ideational ones like attempting/ succeeding and interpersonal ones like the speaker's angle on the process —judgement of its likelihood, desirability, and so on”.

mais centrais e comuns entre diferentes línguas, estabelece um escopo de variação entre elas e também revela como cada língua expande esses sistemas centrais.

Matthiessen (2004) se propõe a fazer essas generalizações tipológicas a partir das descrições de línguas como inglês, francês, alemão, japonês, tagalo, chinês, vietnamita, telugo, pitjantjatjara, árabe, português europeu, espanhol, italiano e romeno. Com relação à experiência temporal, ele aponta, por exemplo, que as línguas no geral constroem as experiências de mundo como processos e participantes, sendo que os processos tendem a variar com respeito à localização temporal ou espacial no seu desdobramento no fluxo de experiência. Como exemplo de localização temporal, Matthiessen (2004, p. 541) cita (i) o inglês, que constrói o tempo localizando o desdobramento do processo, que é realizado na lexicogramática pelo tempo verbal; (ii) o chinês, que constrói o tempo determinando os limites do desdobramento do processo, que é realizado pelo aspecto; e (iii) o russo, que utiliza uma combinação dessas duas estratégias de localização temporal. E como exemplo de localização espacial, Matthiessen (2004, p. 541-542) cita o quéchua, o jocalteca e “várias línguas tibeto-birmanesas”, que constroem o tempo principalmente como direção (*e.g.*, em uma analogia ao curso de um rio, com o desdobramento temporal a montante e a jusante).

2.2.2 O mapeamento dos recursos lexicogramaticais que realizam a experiência de tempo em inglês

Esta seção apresenta um panorama geral dos sistemas em inglês que realizam a experiência de tempo, orientando-se pelos parâmetros de tempo definidos por Halliday e Matthiessen (1999), quais sejam: localização, perspectiva, estágio e perfil. As descrições que fundamentam esse panorama geral encontram-se em Halliday e Matthiessen (1999, 2014), Matthiessen (1995, 1996) e Halliday e Hasan (1976).

Os recursos lexicogramaticais que participam da realização do tempo estão distribuídos ao longo de toda a escala de ordens. Do Exemplo (8) ao Exemplo (11) é possível observar casos em que o tempo é realizado por oração, grupo, palavra e morfema³³.

³³ Os exemplos em inglês nesta tese foram obtidos a partir (i) do subcorpus formado por textos originalmente escritos em inglês (IO) do Klapt! (sobre a organização do Klapt!, ver seção 3.2); (ii) da bibliografia consultada (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2014; MATTHIESSEN, 1995, 1996; HALLIDAY; HASAN, 1976) e (iii) do *Corpus of Contemporary American English* (COCA) (DAVIES, 2008).

Exemplo (8) *Photographs taken with infrared reflectography and X ray suggested that this rogue painter, while filling in Da Vinci's sketched study, had made suspicious departures from the underdrawing... as if to subvert Da Vinci's true intention.*

Exemplo (9) *Visitors at the gallery's Leonardo Room now found a misleading and unapologetic plaque where the Adoration once hung.*

Exemplo (10) *Meanwhile, the women back in the mangroves had started to hear the cries of the children.*

Exemplo (11) *An errand boy came to tell me that the marquis of Salles is at Amorim's Café and invites the gentlemen to have a drink, Mukumbe informed them, unperturbed.*

No Exemplo (8) é possível observar que a oração “*while filling in Da Vinci's sketched study*” estabelece uma relação lógico-semântica de intensificação temporal com a oração “*this rogue painter... had made suspicious departures from the underdrawing*”, especificando em que momento relativo ao aqui-e-agora da interação ocorreram as modificações relativas ao “*underdrawing*”. No Exemplo (9) observa-se dois grupos realizando a experiência temporal: “*now*”, que é uma Circunstância de localização temporal e “*found*”, realizando a função de Finito, Predicador e Processo com dêixis temporal no passado. No Exemplo (10) já nota-se o complexo de grupos verbais “*had started to hear*”, que realiza o tempo de três maneiras diferentes: através do Núcleo com tempo primário passado (“*had*); por meio da estrutura de tempo secundário passado *have* ^ verbo+*en* (“*had started*”); e através da relação lógico-semântica de elaboração entre os dois grupos que formam esse complexo (“*had started*” e “*started to hear*”). Por fim, o Exemplo (11) apresenta diversos verbos realizando diferentes aspectos da experiência temporal: “*came*”, com função de Finito, realizado por um verbo com morfologia de passado; “*tell*”, com função de Evento, realizado por um verbo com morfologia de forma-base; “*is*” e “*invites*”, em ambos confluindo as funções de Finito e Evento, realizados por verbos com morfologia de presente; “*have*”, com função somente de Evento, realizado por um verbo com morfologia de forma-base.

Observa-se, portanto, que a realização da experiência temporal em inglês no estrato lexicogramatical envolve diferentes recursos em cada unidade. A seguir são apresentadas as características principais dos sistemas que realizam essa experiência de acordo com cada parâmetro.

Começando pela localização temporal, os tempos passado, presente e futuro são realizados por orações finitas (“*the women back in the mangroves had started to hear the cries of the children*”), por grupos verbais (“*had started to hear*”) e por verbos (“*had*”). É importante notar que somente orações maiores podem realizar a experiência de tempo, já que, semelhante ao português brasileiro, orações menores em inglês (e.g., “*John!*”, “*good night!*”) não apresentam um grupo verbal operando como Predicador e Processo, isto é, um elemento em sua estrutura que realiza o processo.

A realização da localização por orações maiores ocorre de maneira mais livre para as orações indicativas (declarativas e interrogativas) e presas finitas, que selecionam opções no sistema interpessoal de DÊIXIS TEMPORAL, sendo esse sistema o responsável pode determinar o momento relativo ao aqui-e-agora da interação. Como em português brasileiro, as orações livres imperativas em inglês só podem referenciar o momento da interação entre falante e ouvinte, sendo associadas ao presente, ainda que não realizem uma localização propriamente dita. Já as orações presas não-finitas não realizam nenhuma opção de localização temporal. O QUADRO 13 ilustra as realizações da localização por orações maiores.

QUADRO 13 – Realização da localização por orações maiores em inglês

Localização	Oração maior	Exemplos
nenhuma	livre imperativa	<i>Give me that teapot!</i>
	presa não-finita	<i>This rogue painter, <u>while filling in Da Vinci's sketched study</u>, had made suspicious departures from the underdrawing.</i>
passado	livre declarativa	<i>I gave you this teapot.</i>
	livre interrogativa	<i>Did I give you this teapot?</i>
	presa finita	<i>This rogue painter, <u>while he was filling in Da Vinci's sketched study</u>, had made suspicious departures from the underdrawing.</i>
presente	livre declarativa	<i>He's giving her the teapot.</i>
	livre interrogativa	<i>Is he giving her the teapot?</i>
	presa finita	<i>This rogue painter, <u>while he is filling in Da Vinci's sketched study</u>, makes suspicious departures from the underdrawing.</i>
futuro	livre declarativa	<i>I will give you this teapot.</i>
	livre interrogativa	<i>Will I give you this teapot?</i>
	presa finita	<i>This rogue painter, <u>while he will be filling in Da Vinci's sketched study</u>, makes suspicious departures from the underdrawing.</i>

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Outro recurso interpessoal para a realização da localização são os Adjuntos modais de temporalidade. Segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 187), esses Adjuntos podem construir a localização em termos de passado ou futuro, próximo ou distante. O QUADRO 14 apresenta alguns exemplos de Adjuntos modais de temporalidade operando em orações.

QUADRO 14 – Realização da localização por Adjuntos modais de temporalidade

Localização	Distância	Exemplos
passado	próximo	<i>I <u>just</u> gave you this teapot.</i>
	distante	<i>I <u>once</u> gave you this teapot.</i>
futuro	próximo	<i>I will <u>soon</u> give you this teapot.</i>
	distante	<i>I will <u>eventually</u> give you this teapot.</i>

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

O sistema de TIPO DE CIRCUNSTÂNCIA também pode contribuir para a realização da localização. Em especial, as Circunstâncias de localização e extensão temporal, que podem realizar a localização em orações finitas e não-finitas, como é ilustrado do Exemplo (12) ao Exemplo (18).

Exemplo (12) *When were you at camp?*

Exemplo (13) *Were you at the camp that afternoon?*

Exemplo (14) *Who was at the camp with you that afternoon?*

Exemplo (15) *The foundation stone of the cathedral was laid by Governor Macquarie on August 31, 1819*

Exemplo (16) *Give me that teapot tomorrow morning.*

Exemplo (17) *He and seven others survived by clinging to a floating fish container for hours.*

Exemplo (18) *This rogue painter, while filling in Da Vinci's sketched study that afternoon, had made suspicious departures from the underdrawing.*

E os quadros a seguir apresentam as opções de Circunstância de localização e extensão temporal, como apresentadas por Halliday e Matthiessen (2014).

QUADRO 15 – Circunstâncias de extensão e localização definidas e indefinidas em inglês

Circunstância		Exemplos
extensão	definida	<i>five years</i>
	indefinida	<i>a long time</i>
localização	definida	<i>at noon</i>
	indefinida	<i>soon</i>

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 317).

Observa-se no QUADRO 15 que as Circunstâncias de localização e de extensão do inglês são organizadas de acordo com a definição de seus limites, podendo ser definidas (“*five years*” e “*at noon*”) ou indefinidas (“*a long time*” e “*soon*”).

QUADRO 16 – Circunstâncias de localização absoluta e relativa em inglês

Circunstância de localização		Exemplos
absoluta		<i>in 1985</i>
relativa	próxima	<i>now, recently</i>
	distante	<i>then, a long time ago</i>

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 317).

Já o QUADRO 16 apresenta exemplos de Circunstâncias de localização segundo a relação com o aqui-e-agora da interação entre falante e ouvinte, na qual podem ter um valor absoluto, como “*in 1985*”, relativo: próximo, como “*now*” e “*recently*”, ou relativo: distante, como “*then*” e “*a long time ago*”.

QUADRO 17 – Circunstâncias de localização de repouso e movimento em inglês

Circunstância de localização		Exemplos
repouso		<i>on Tuesday, at noon</i>
movimento	aproximação	<i>till Tuesday</i>
	afastamento	<i>since Tuesday</i>

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 317).

E o QUADRO 17 mostra exemplos de Circunstâncias de localização temporal conforme o movimento de aproximação (“*till Tuesday*”), o movimento de afastamento (“*since Tuesday*”) e o repouso (“*on Tuesday*” e “*at noon*”).

No caso das orações interrogativas, a Circunstância pode ser o elemento faltante, realizado por *wh-*, como ilustrado pelo Exemplo (12). Nesse caso, como a informação solicitada é justamente realizada pela Circunstância, o elemento *wh-* não pode realizar uma localização específica. Já do Exemplo (13) ao Exemplo (15), a realização da localização de passado pelas orações indicativas tem contribuição das Circunstâncias de localização “*that afternoon*” e “*on August 31, 1819*”. Em relação ao Exemplo (16), a realização da localização só é possível em orações imperativas por meio de Circunstâncias, que estabelecem o momento relativo ao aqui-e-agora da interação em que o comando será realizado, o que pode ser evidenciado com um argumento respondente, como “*I will*”. E com relação à oração não-finita no Exemplo (18), uma vez que não apresenta Finito em sua estrutura, não pode realizar a localização em relação ao aqui-e-agora da interação; porém, pode construir uma localização interna à própria figura por meio da Circunstância “*that afternoon*”.

No tocante à realização da localização temporal na oração segundo a metafunção textual, o Tema tópico pode estabelecer a localização temporal como ponto de partida da oração ao ser realizado por Processo ou Circunstância de localização. No Exemplo (19) e no Exemplo (20) é possível observar Circunstâncias de localização temporal e Processos (ambos sublinhados) desempenhando também a função de Tema tópico (em negrito), de maneira que a localização no passado, presente ou futuro serve como ponto de partida para a oração e contribui para a progressão do texto.

Exemplo (19) ***The Spanish explorer Juan Cabrillo*** sighted the port of San Diego for the first time in 1542, and ***baptized*** the region with the name of California, by the imaginary island of a novel written by Montalvo in 1510. ***Sir Francis Drake*** arrived near Point Kings, to the north of San Francisco, in 1579, where “***the white reefs and borders***” remembered Dover to him. ***In 1602***, Sebastián Vizcaino put most of the names of the place, still conserved; ***its exaggerated description of Monterrey as a perfect port*** took the later explorers to make the region a military and administrative centre.
The Spanish occupation began in 1769, and combined the convenience with a missionary enthusiasm. ***Fray Junípero Serra*** established for the first time a small mission and a

*military prison in San Diego, before arriving in June of 1770 at Monterey. In 1804, from San Diego to San Francisco was a chain of 21 missions, **united** by the Royal road. **The baptized native Americans** were used as workers. When **Mexico** obtained its independence in 1821, **in theory** it also acquired the control of California. Nevertheless, **the Americans** were beginning to arrive, in spite of **the immense difficulty** to accede to California: 3 months by sea passing through the Cape Horn, or 4 months by land in a covered cart.³⁴*

Exemplo (20) *Dead Jorge V by the end of January of 1936, **was proclaimed** king his son Edward, prince of Wales, **that raised** to the throne with the name of Edward VIII but **who reigned** little time, because **in December of the same year**, and for reasons of sentimental nature (to marry with a divorced American woman), abdicated in the person of his brother Albert, Duke of York, **that followed** him in the throne with the name of George VI. **On September 1 of 1939** Germany attacks Poland and **two days later** Great Britain and France, by virtue of the agreements subscribed with this country, declared the war to Germany, **beginning** therefore the World War II, **that lasted** until 1945.³⁵*

Nesses segmentos de propagandas turísticas sobre a Califórnia e Londres, o texto busca apresentar resumidamente as histórias desses locais, e estabelece como ponto de partida das orações os Participantes (“*the Spanish explorer Juan Cabrillo*”), os Processos (“*was proclaimed*”) e as Circunstâncias (“*in 1804*”). A realização do Tema tópico por Processos e Circunstâncias de localização temporal permite que a localização funcione como o ponto de partida da oração. Dessa maneira, percebe-se como esses Temas contribuem para o relato histórico do desenvolvimento desses locais ao longo da história, o qual adota em diversos pontos a localização temporal como ponto de partida da oração, dando maior proeminência a esses significados em seu desenvolvimento.

Além dos Temas tópicos, Temas textuais também podem contribuir para a realização da localização temporal, mais especificamente, Temas textuais realizados por Conjunções de intensificação temporal como “*and then*”, “*earlier*”, “*at this point*”, “*later*”, “*meanwhile*”, “*at this point*”. Os exemplos de Conjunção temporal apresentados em Halliday e

³⁴ Exemplo retirado do texto IO_TUR_K003 do Klapt! Este texto é catalogado como do tipo “propaganda turística” e foi produzido originalmente em inglês.

³⁵ Exemplo retirado do texto IO_TUR_K007 do Klapt! Este texto é catalogado como do tipo “propaganda turística” e foi produzido originalmente em inglês.

Hasan (1976, p. 266-267) e Halliday e Matthiessen (2014, p. 613 e 614) estão dispostos no QUADRO 18.

QUADRO 18 – Conjunções de intensificação temporal do inglês

Conjunção temporal		Externa
simples externa	subsequente	<i>(and) then, next, afterwards, after that, subsequently [including correlatives first... then]</i>
	simultâneo	<i>(just) then, at the same time, simultaneously</i>
	antecessor	<i>earlier, before then/that, previously</i>
	conclusivo	<i>finally, at last, in the end, eventually,</i>
simples interna	subsequente	<i>then, next, secondly ('my next point is'), in the first place to begin with... [including correlatives first... next, first... then, first... secondly...]</i>
	simultâneo	<i>at this point, here, now</i>
	antecessor	<i>hitherto, up to now</i>
	conclusivo	<i>lastly, last of all, finally, as a final point, in conclusion, ...to conclude with</i>
complexa	imediatos	<i>at once, thereupon, on which, just before, straightaway</i>
	interrompido	<i>soon, presently, later, after a time, some time earlier, formerly, after a while</i>
	repetitivo	<i>next time, on another occasion, this time, on this occasion, the last time, on a previous occasion</i>
	específico	<i>next day, five minutes later, five minutes earlier, an hour later, that morning</i>
	durativo	<i>meanwhile, all this time, all that time</i>
	terminal	<i>by this time, up till that time, until then, up to that point</i>
	pontual	<i>next moment, at this point, at this moment, the previous moment</i>

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Halliday e Hasan (1976, p. 264) ainda especificam um tipo de Conjunção que denominam aqui-e-agora, que são responsáveis por realizar a localização internamente no texto de maneira explícita em relação ao passado (*up to now, up to this point, hitherto, heretofore*), ao presente (*at this point, here*) ou ao futuro (*from now on, henceforward, hereunder*). Os autores então ilustram esse tipo de Conjunção com o Exemplo (21) e o Exemplo (22), que constroem o presente e o passado, respectivamente (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 264).

Exemplo (21) *The Middle Ages have become the Renaissance, and a new world has come into being: our world. In what way is it 'our world'? At this point we run into some difficulty.*

Exemplo (22) *And then we are back in a strange land, the later Middle Ages, where our modern preoccupations can only hinder understanding. So far we have tried to imagine the way an interested but uninstructed listener might react, in general terms, to early Renaissance music. It is now time to go into greater detail.*

Além disso, em orações presas o Tema textual pode ser realizado por um elemento *wh-* relativo, que tem função coesiva e estabelece uma referência com algum elemento da oração anterior ou com a oração como um todo. No Exemplo (19), é possível verificar na oração presa “*when Mexico obtained its independence in 1821*” o elemento relativo “*when*”, que estabelece uma referência temporal com a oração anterior através da localização no passado de toda a oração presa.

Com relação aos Temas interpessoais, eles contribuem para a realização da localização de duas maneiras: (i) em orações interrogativas elementais, ao confluírem com um elemento *wh-* relativo a uma Circunstância de localização, como no Exemplo (23); (ii) em orações interrogativas polares, ao confluírem com o verbo com função de Finito na estrutura que realiza esse tipo de oração (Finito ^ Sujeito), como ilustra o Exemplo (24).

Exemplo (23) *When were you at camp?*

Exemplo (24) *Were you at the camp that afternoon?*

Na unidade do grupo a localização temporal é realizada nos grupos verbais segundo o sistema de DÊIXIS TEMPORAL, que organiza os grupos verbais finitos em passado (“*took*”), presente (“*takes*”) e futuro (“*will take*”). Grupos verbais não-finitos (“*taking*”) não podem selecionar opções nesse sistema.

Além do sistema de dêixis temporal, os grupos verbais em inglês também são organizados de acordo com o tempo secundário, o qual é realizado por Auxiliares em uma estrutura serial. Halliday e Matthiessen (2014, p. 401-403) resumem as opções do sistema de TEMPO SECUNDÁRIO em um quadro, reproduzido aqui no QUADRO 19, que apresenta as

possibilidades de combinação de passado, presente e futuro secundários para grupos verbais finitos e não-finitos.

QUADRO 19 – Realização dos tempos verbais primário e secundário por grupos verbais em inglês

ε	δ	γ	Tempos verbais não-finitos e finitos modais (12): considerar até β		Tempos verbais finitos não-modais (36): considerar até α		Tempos verbais finitos não-modais	Tempos verbais não-finitos e finitos modais (perfectivo, imperfectivo; modal)		
			β	α						
			(ne-nhum)	I	passado	1	<i>take/did take</i>	I	<i>to take, taking, can take</i>	
					presente	2	<i>take(s)/do(es) take</i>			
					futuro	3	<i>will take</i>			
			passado	II	passado	4	<i>had taken</i>	II	<i>to have, having; can have + taken</i>	
					presente	5	<i>has taken</i>			
					futuro	6	<i>will have taken</i>			
			pre-sente	III	passado	7	<i>was taking</i>	III	<i>to have, having; can have + taking</i>	
					presente	8	<i>is taking</i>			
					futuro	9	<i>will be taking</i>			
			futuro	IV	passado	10	<i>was going to take</i>	IV	<i>to have, having; can have + going/about to take</i>	
					presente	11	<i>is going to take</i>			
					futuro	12	<i>will be going to take</i>			
			pas-sado	no futuro	V	passado	13	<i>was going to have taken</i>	V	<i>to have, having; can have + going to have taken</i>
						presente	14	<i>is going to have taken</i>		
						futuro	15	<i>will be going to have taken</i>		
			pre-sente	no passado	VI	passado	16	<i>had been taking</i>	VI	<i>to have, having; can have + been taking</i>
						presente	17	<i>has been taking</i>		
						futuro	18	<i>will have been taking</i>		
			pre-sente	no futuro	VII	passado	19	<i>was going to be taking</i>	VII	<i>to have, having; can have + going to be taking</i>
						presente	20	<i>is going to be taking</i>		
						futuro	21	<i>will be going to be taking</i>		

	futuro	no passado	VIII	passado	22	<i>had been going to take</i>	VIII	<i>to have, having; can have + been going to take</i>	
				presente	23	<i>has been going to take</i>			
				futuro	24	<i>will have been going to take</i>			
	pas- sado	no futuro	no passado	IX	passado	25	<i>had been going to have taken</i>	IX	<i>to have, having; can have + been going to have taken</i>
					presente	26	<i>has been going to have taken</i>		
					futuro	27	<i>will have been going to have taken</i>		
	pre- sente	no pas- sado	no futuro	X	passado	28	<i>was going to have been taking</i>	X	<i>to have, having; can have + going to have been taking</i>
					presente	29	<i>is going to have been taking</i>		
					futuro	30	<i>will be going to have been taking</i>		
	pre- sente	no futuro	no passado	XI	passado	31	<i>had been going to be taken</i>	XI	<i>to have, having; can have + been going to be taking</i>
					presente	32	<i>has been going to be taken</i>		
					futuro	33	<i>will have been going to be taken</i>		
pre- sente	no pas- sado	no futuro	XII	passado	34	<i>had been going to have been taking</i>	XII	<i>to have, having; can have + been going to have been taking</i>	
				presente	35	<i>has been going to have been taking</i>			
				futuro	36	<i>will have been going to have been taking</i>			

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 401-403).

É importante notar no QUADRO 19 que, ainda que não possam selecionar opções no sistema de dêixis temporal, os grupos verbais não-finitos podem selecionar opções no sistema de TEMPO SECUNDÁRIO. Semelhante ao que acontece no português brasileiro (ver seção 4.2.2), o tempo secundário em inglês realiza a localização interna ao próprio grupo, não estabelecendo uma referência ao aqui-e-agora da interação entre falante e ouvinte.

Por fim, a localização temporal também é realizada na unidade da palavra, com o verbo podendo ser localizado (i) no passado, com a presença do morfema *-ed* para os chamados “verbos regulares” (e.g., “*played*”), ou através de formas de passado para os “verbos irregulares” (“*was*”, “*wrote*”); (ii) no presente, através da forma-base do verbo, quando o Sujeito é interlocutor (“*play*”), ou com a presença do morfema *-s* ou *-es*, quando o Sujeito é não-interlocutor (“*plays*”, “*watches*”), ou através de formas de presente para os “verbos irregulares” (“*is*”, “*has*”). A localização de futuro só pode ser realizada no grupo verbal, pois depende da presença do Auxiliar *will*.

As unidades da lexicogramática em inglês também realizam a perspectiva temporal. Antes de prosseguir com a discussão, é importante destacar que, como foi explicado na seção 2.2.1, Halliday e Matthiessen (1999, p. 214) esclarecem que a perspectiva em inglês diz respeito somente à atualização do processo, podendo ser atualizado ou visualizado. Na lexicogramática as perspectivas atualizada e visualizada são tratadas na bibliografia consultada sob a concepção de aspecto verbal, na qual orações, grupos e verbos podem ser perfectivos ou imperfectivos.

Halliday e Matthiessen (1999, p. 215) também explicam que a perspectiva em inglês fica em um segundo plano, vindo para o primeiro plano e assumindo a responsabilidade de construir a experiência de tempo quando o processo não constrói localização, isto é, quando oração, grupo verbal e verbo são não-finitos. Nesse sentido, orações não-finitas não constroem um processo localizado em relação ao aqui-e-agora da interação, mas como atualizado (e.g., “*(on) reaching the gallery, turn left*”) ou visualizado (“*to reach the gallery, turn left*”) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 215). E com relação às orações imperativas (e.g., “*turn left*”), elas realizam somente a perspectiva visualizada, de maneira semelhante ao português brasileiro.

Nesse contexto, é possível esclarecer a diferença entre orações finitas temporais e modais em inglês. Nessa língua, na rede de sistemas de MODO a dêixis temporal e a dêixis modal estão em oposição, isto é, são opções agnatas no sistema interpessoal de DÊIXIS. Isso significa que o Finito não pode estabelecer ao mesmo tempo o momento e a avaliação do falante relativos ao aqui-e-agora da interação. Halliday (1970, p. 342-343) esclarece que

a função da finitude no verbo é relacionar o que está sendo dito com o “agora do falante”, ao permitir tanto a seleção de opções de modo quanto por estabelecer um ponto de referência no tempo ou no julgamento do falante. Assim, o elemento finito sempre se relaciona a uma das duas categorias que funcionam como ponto de referência, que são o tempo verbal primário e a modalidade. Porém, essas duas categorias não podem funcionar como ponto

de referência ao mesmo tempo, ainda que possam coocorrer se a modalidade for expressa por algum outro elemento além do verbo.³⁶

Portanto, diferente do sistema de DÊIXIS português brasileiro, que permite a seleção das dêixis temporal e modal na oração, o sistema em inglês só permite que o Finito uma destas funções. Assim, enquanto orações finitas temporais realizam a localização, orações finitas modais realizam a perspectiva. O QUADRO 20 resume as opções de realização do Finito de acordo com a experiência temporal, com a localização sendo realizada por Operadores temporais e a perspectiva por Operadores modais.

QUADRO 20 – Opções de realização do Finito como Operador temporal e modal

Operadores temporais:			
	passado	presente	futuro
positivo	<i>did, was, had, used to</i>	<i>does, is, have</i>	<i>will, shall, would, should</i>
negativo	<i>didn't, wasn't, hadn't, didn't + used to</i>	<i>doesn't, isn't, hasn't</i>	<i>won't, shan't, wouldn't, shouldn't</i>
Operadores modais:			
	baixa	média	alta
positivo	<i>can, may, could, might, (dare)</i>	<i>will, would, should, is/was to</i>	<i>must, ought to, need, has/had to</i>
negativo	<i>needn't, doesn't/didn't + need to, have to</i>	<i>won't, wouldn't, shouldn't, (isn't/wasn't to)</i>	<i>mustn't, oughtn't to, can't, couldn't, (mayn't, mightn't, hasn't/hadn't to)</i>

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 145).

Além disso, considerando a citação de Halliday (1970, p. 342-343), a localização e a perspectiva podem operar juntas na oração se a modalidade for realizada por algum outro elemento que não o Finito. Esse é o papel dos Adjuntos modais, em especial os que realizam a modalidade e a temporalidade, ilustrados no QUADRO 21 e no QUADRO 22, respectivamente.

O QUADRO 21 apresenta exemplos de Adjuntos modais de modalidade que realizam a perspectiva em inglês. Esses Adjuntos são organizados conforme a probabilidade

³⁶ Minha tradução de: “*The function of the finiteness in the verb is to relate what is being said to the ‘speaker-now,’ both by allowing options of mood and by giving a reference point either in time or in the speaker’s judgment. Hence the finite element always combines with one or other of the two categories that serve to provide the reference point, namely primary tense and modality; but they cannot both function in this way at the same time. The two can co-occur if modality is expressed otherwise than in the verb*”.

(“*probably*”) ou habitualidade (“*usually*”) e em uma gradação envolvendo intensidade baixa (“*probably*” e “*usually*”), média (“*possibly*” e “*sometimes*”) e alta (“*certainly*” e “*always*”).

QUADRO 21 – Exemplos de Adjuntos modais de modalidade que realizam a perspectiva em inglês

	Baixa	Alta	Média
probabilidade	<i>probably</i>	<i>certainly, definitely, no way (no how)</i>	<i>possibly, perhaps, maybe, hardly</i>
habitualidade	<i>usually</i>	<i>always, never</i>	<i>sometimes, occasionally, seldom, rarely</i>

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 189).

Já o QUADRO 22 apresenta exemplos de Adjuntos modais de temporalidade que realizam a perspectiva em inglês, os quais podem ser positivos (“*still*” e “*already*”) ou negativos (“*no longer*” e “*not yet*”), distantes (“*still*” e “*no longer*”) ou próximos (“*already*” e “*not yet*”).

QUADRO 22 – Exemplos de Adjuntos modais de temporalidade que realizam a perspectiva em inglês

	Distante	Próximo
positivo	<i>still</i>	<i>already</i>
negativo	<i>no longer</i>	<i>not yet</i>

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 188).

Com relação aos Adjuntos modais de modalidade, eles só podem realizar a modalização (probabilidade, habitualidade), mas não a modulação (inclinação, obrigação). E em relação aos Adjuntos modais de temporalidade, Adjuntos como “*still*” e “*not yet*” dizem respeito à expectativa do falante em relação à atualização do processo, e não à sua localização, como é o caso dos Adjuntos modais de temporalidade do QUADRO 14, abordados anteriormente. O Exemplo (25) ao Exemplo (28), apresentados por Halliday e Matthiessen (2014, p. 187), ilustram casos de Adjuntos modais realizando a perspectiva.

Exemplo (25) *I suspect that they still think that this is a very different way of learning, and not the way that they would prefer to do things.*

Exemplo (26) *They've been typed up and they were the responses to the various things which you had already raised in relation to the questions that we were asking in that short survey, so I thought you'd probably want to keep a record of that; and already when I look back over this, I was absolutely astounded.*

Exemplo (27) *Oh, I can't do it yet.*

Exemplo (28) *And we still don't know.*

É necessário ainda destacar que, semelhante ao português brasileiro, é possível afirmar que há uma interseção entre localização e perspectiva na construção do futuro, que necessariamente constrói a perspectiva visualizada, pois a localização de futuro refere-se a um momento relativo à interação que ainda não ocorreu. Isso pode ser evidenciado pelo fato de o Auxiliar “*will*” poder ocorrer em orações imperativas na estrutura da pergunta-finito, como em “*give me that teapot, will you?*”.

Essa interseção entre a localização de futuro e a perspectiva visualizada também pode ser observada na realização do tempo através de recursos ideacionais, mais especificamente por Circunstâncias. Nesse sentido, Circunstâncias de localização ou extensão temporal que realizam a localização de futuro também realizam a perspectiva visualizada. Isso pode ser ilustrado pelo Exemplo (29), cuja Circunstância “*during the course of the season*” contribui para a realização da localização de futuro e, portanto, a perspectiva visualizada.

Exemplo (29) *We live in Arizona, so they'll be going to be traveling back and forth during the course of the season.*

E com relação à realização da perspectiva na ordem da oração por meio de recursos textuais, o Tema tópico pode contribuir ao confluir com o Predicador em orações presas, como em “*(on) reaching the gallery, turn left*” e “*reached the gallery, turn left*” (atualizadas) e “*to reach the gallery, turn left*” (visualizada). Já o Tema textual pode realizar a perspectiva ao operar em orações não-finitas, estabelecendo uma relação com outras orações ou com o texto que a antecede. Por exemplo, em “*this rogue painter, while filling in Da Vinci's sketched study, had made suspicious departures from the underdrawing*”, a Conjunção “*while*” é o Tema

textual da oração não-finita e contribui para a realização da perspectiva atualizada. Por fim, o Tema interpessoal pode realizar a perspectiva ao confluir com Finitos modais, como os dispostos no QUADRO 20, e com Adjuntos modais de modalidade, como os do QUADRO 14, do QUADRO 21 e do QUADRO 22.

Na ordem do grupo, a perspectiva é realizada de acordo com as opções do sistema de ASPECTO VERBAL, quais sejam: imperfectivo e perfectivo. A perspectiva atualizada é realizada por grupos verbais com aspecto imperfectivo, realizado por verbos com morfologia de gerúndio e participio³⁷ (e.g., “writing”, “written”, “being filling”, “being filled”). E a perspectiva visualizada é realizada por grupos verbais com aspecto perfectivo, por sua vez realizado por verbos com morfologia de infinitivo, podendo ser acompanhados de “to” (“write”, “to write”, “be filling”, “to be filling”).

Como no caso das orações, grupos verbais não podem realizar a dêixis temporal e a dêixis modal ao mesmo tempo. No entanto, diferente da oração, a única maneira de realização da dêixis modal no grupo verbal é através do Finito. Assim a perspectiva pode ser realizada por grupos verbais finitos com um operador modal funcionando como Finito, cujas opções são resumidas no QUADRO 23.

QUADRO 23 – Realização do Finito por operadores modais

	baixa	média	alta
positivo	<i>can, may, could, might, (dare)</i>	<i>will, would, should, is/was to</i>	<i>must, ought to, need, has/had to</i>
negativo	<i>needn't, doesn't/didn't + need to, have to</i>	<i>won't, wouldn't, shouldn't, (isn't/wasn't to)</i>	<i>mustn't, oughtn't to, can't, couldn't, (mayn't, mightn't, hasn't/hadn't to)</i>

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 145).

Com relação à unidade da palavra, o verbo, assim como o grupo verbal, pode realizar a perspectiva em oposição à localização. Mais especificamente, verbos com morfologia

³⁷ Halliday e Matthiessen (2014, p. 410-411) descrevem as realizações do sistema de ASPECTO VERBAL imperfectivo utilizando as designações “participio presente” e “participio passado”, que nesta tese são consideradas equivalentes a “gerúndio” e “participio”, respectivamente. O objetivo desta equivalência de termos é a facilitação da comparação das categorias do inglês e do português brasileiro.

de gerúndio (“*writing*”) e de particípio (“*written*”) realizam a perspectiva atualizada, enquanto verbos com morfologia de infinitivo (“*write*”) realizam a perspectiva visualizada.

Por fim, voltando à unidade do grupo, é importante esclarecer que verbos com morfologia de gerúndio e particípio podem operar na estrutura do grupo nominal com função de Epíteto, como em “*a galloping horse*”, “*a bleeding nose*”, “*the resulting confusion*”, “*a knowing smile*”, “*a wrecked car*” e “*a fallen idol*”. De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 379), os verbos no gerúndio têm uma forma agnata mais próxima, qual seja, “*which is (was/will be) ... -ing*” – uma oração presa finita no presente; enquanto no particípio a forma agnata mais próxima é “*which has (had/will have) been ... -ed*” – uma oração presa finita no passado. Assim, por exemplo o grupo nominal “*a galloping horse*” tem a oração “*a horse which is galloping*” como agnata, e “*a wrecked car*” a oração “*a car which has been wrecked*”.

Verbos no gerúndio e no particípio também podem operar como Classificador no grupo nominal, como em “*a stopping train*”, “*a travelling salesman*”, “*a tied note*” e “*spoken language*”. Ainda de acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 379), as orações agnatas mais próximas desses grupos nominais são “*which... -s*” e “*which... -ed*”, respectivamente. Por exemplo, a oração agnata próxima do grupo nominal “*a travelling salesman*” é “*a salesman who travels*”, e do grupo nominal “*spoken language*” é “*language which is spoken*”.

No que diz respeito à realização do estágio, na ordem da oração o único recurso que pode realizá-lo são os Temas tópico e textual. Com relação ao Tema tópico, a realização do estágio depende da ocorrência de um complexo de grupos verbais em relação de elaboração em posição temática, podendo este complexo de grupos ser finito ou não-finito. O Exemplo (30) ilustra dois Temas tópicos contribuindo para a realização do estágio ao apresentar o complexo de grupos verbais “*goes on being proclaimed*” em posição temática.

Exemplo (30) *Dead Jorge V by the end of January of 1936, goes on being proclaimed king his son Edward, prince of Wales.*

Em relação aos Temas textuais, algumas opções no sistema podem contribuir para a realização do estágio, especialmente aquelas realizadas por Conjunções de intensificação temporal interna, como as subsequentes (*first... then, first... secondly...*) e as conclusivas

(*lastly, last of all, finally, as a final point, in conclusion*). O Exemplo (31) ilustra a ocorrência de Temas textuais contribuindo para a realização do estágio.

Exemplo (31) *When the population is vulnerable, special efforts are necessary to ensure that potential participants understand basic information about the research. If vulnerability is due to educational disadvantage, research sponsors must take a number of steps to help with understanding. First they must find out the level of education or understanding in the potential trial population to determine their informational needs. Next, they must devise special strategies and develop appropriate tools such as booklets, video clips and role plays, to ensure that the research population understands the risks and benefits of research participation (Kilmarx 2001).*

Uma das maneiras de se evidenciar a contribuição desses Temas textuais para a realização do estágio é a opção agnata formada por uma oração projetante no lugar das Conjunções. Por exemplo: “*in this text I start saying that they must find out the level of education or understanding in the potential trial population to determine their informational needs*” e “*in this text I go on saying that they must devise special strategies and develop appropriate tools such as booklets, video clips and role plays*”.

Por fim, o inglês apresenta um recurso particular que contribui para a realização do perfil temporal, a saber, os chamados verbos frasais. Os chamados verbos frasais na verdade são grupos verbais organizados em um sistema semelhante ao de FASE, com as opções temporal, espacial e resultativo, na qual o Evento opera em conjunto com um advérbio (“*look out*”), uma preposição (“*look for*”) ou um advérbio e uma preposição (“*look out for*”). O QUADRO 24 apresenta alguns tipos de verbos frasais em inglês.

QUADRO 24 – Tipos de verbos frasais em inglês

Tipo de verbo frasal		Advérbio	Não-frasal	Frasal	Glossa
temporal	durativo	<i>on</i>	<i>walk</i>	<i>walk on</i>	'continue to talk'
		<i>away</i>	<i>talk</i>	<i>talk away</i>	'talk continuously, persistently'
espacial (direcional)	vertical	<i>up</i>	<i>go</i>	<i>go up</i>	'ascend'
		<i>down</i>	<i>go</i>	<i>go down</i>	'descend'
	interior/ exterior	<i>in</i>	<i>go</i>	<i>go in</i>	'enter'
		<i>out</i>	<i>go</i>	<i>go out</i>	'exit'
	hori- zontal	<i>forward</i>	<i>go</i>	<i>go forward</i>	'proceed'
		<i>back</i>	<i>go</i>	<i>go back</i>	'return'
	caminho	<i>across</i>	<i>go</i>	<i>go across</i>	'cross'
		<i>along</i>	<i>go</i>	<i>go along</i>	'follow'
		<i>around</i>	<i>go</i>	<i>go around</i>	'circle'
		<i>past</i>	<i>go</i>	<i>go past</i>	'pass'
resultativo	sepa- rativo	<i>off</i>	<i>break</i>	<i>break off</i>	'break, separating'
			<i>cut</i>	<i>cut off</i>	'cut, separating'
			<i>fence</i>	<i>fence off</i>	'separate, with a fence'
	com- pletivo	<i>up</i>	<i>drink</i>	<i>drink up</i>	'drink to the last drop'
			<i>grow</i>	<i>grow up</i>	'grow, reaching maturity'
			<i>use</i>	<i>use up</i>	'use completely'
			<i>cover</i>	<i>cover up</i>	'cover completely, conceal'
		<i>out</i>	<i>burn</i>	<i>burn out</i>	'burn, being completely consumed'
			<i>fill</i>	<i>fill out</i>	'fill to completion'
			<i>try</i>	<i>try out</i>	'try to determine effect'
		<i>through</i>	<i>think</i>	<i>think through</i>	'think about, arriving at conclusion'

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 415).

Diante desse cenário, Halliday e Matthiessen (1999, p. 216) comparam o grupo ilimitado “*use*” e o delimitado “*use up*” no complexo de orações “*use some salt – but don't use it up!*”. Assim, verbos frasais temporais podem realizar processos ilimitados (e.g., “*walk on*”, “*talk away*”), e verbos frasais espaciais e resultativos podem realizar processos delimitados (“*use up*”, “*go down*”, “*break off*” e “*cover up*”). No Exemplo (32) o verbo frasal “*gazed out*” realiza um processo delimitado (juntamente com a localização de passado).

Exemplo (32) *Frodo and Sam gazed out in mingled loathing and wonder on this hateful land.*

Além disso, o perfil do processo é realizado em conjunto com os demais aspetos da experiência de tempo pelo grupo verbal. Na interação ilustrada pelo Exemplo (33), o primeiro verbo frasal “*could look out*” não realiza a localização, mas realiza a perspectiva visualizada. Por outro lado, “*will look out*” realiza a localização de futuro e a perspectiva visualizada. Em ambos os casos o processo é delimitado.

Exemplo (33) - Could you look out for a good recipe for me?

- Yes I'll look one out in a moment.

Até aqui foi explorado como cada unidade da lexicogramática do inglês realiza a experiência de tempo em estruturas simples. No entanto, os complexos na ordem da oração do grupo e da palavra também contribuem para a realização dessa experiência.

Começando pela unidade da oração, complexos oracionais podem ser paratáticos ou hipotáticos. Segundo Matthiessen (1995, p. 127), orações em um complexo paratático necessariamente selecionam a mesma opção no sistema de liberdade, de maneira que ambas, iniciante e continuante, são livres ou presas. Em comparação, no complexo hipotático a oração dependente é necessariamente presa, enquanto a oração dominante pode ser livre ou presa; ainda assim, há uma relação de dependência, na qual a oração dependente opera no ambiente da oração dominante. Além disso, Matthiessen (1995, p. 127) também explica que, do ponto de vista ideacional, orações livres e presas podem selecionar as mesmas opções na rede de sistemas de TRANSITIVIDADE, o que não se aplica à rede de sistemas interpessoal de MODO, que só pode ser realizado por orações livres, capazes de realizar os movimentos no desenvolvimento do discurso. Assim, o *status* da oração presa e dependente é determinado por sua função na oração dominante. Por fim, o autor também esclarece que as orações presas finitas são semelhantes às orações livres declarativas, com o Sujeito ocorrendo numa posição anterior ao Finito, como em “*if only you could see me now*”.

O Exemplo (34) ilustra um complexo oracional com relações hipotáticas (e.g., “*and then we knew || we were going up to Cairns at Christmas*”) e paratáticas (e.g., “*we were going up to Cairns at Christmas || and we'd be away*”).

Exemplo (34) ||| *And then we knew* || *we were going up to Cairns at Christmas* || *and we'd be away,* || *so we, we deadlocked everything* || *and we told people* || *we were going away;* || *we told the neighbours,* || *we got mum to go and check the place* || *while we were away* || *and on Christmas night they came back* || *and they took all our music equipment which [inaudible].* |||

Com relação aos tipos de relação lógico-semântica estabelecidos entre as orações, as relações de intensificação desempenham um papel importante, especialmente as relações de intensificação temporal, que podem contribuir para a realização da localização e da perspectiva. No QUADRO 25 encontram-se os diferentes tipos de relação de intensificação temporal, seu significado e as conjunções e projeções que realizam estruturalmente esse tipo de relação.

QUADRO 25 – Exemplos de realização da relação lógico-semântica de intensificação temporal

Categoria	Significado	Parataxe	Hipotaxe		
			finita	não-fin.: conjunção	não-finita: preposição
contemporânea	<i>A meanwhile B</i>	<i>(and) meanwhile;</i> <i>(when)</i>	[estendida] <i>as,</i> <i>while</i>	<i>while</i>	<i>in (the course/ process of)</i>
			[pontual] <i>when,</i> <i>as soon as, the moment</i>	<i>when</i>	<i>on</i>
			[difusa] <i>whenever,</i> <i>every time</i>		
posterior	<i>A subsequently B</i>	<i>(and) then; and + afterwards</i>	<i>after, since</i>	<i>since</i>	<i>after</i>
anterior	<i>A previously B</i>	<i>and/ but + before that/ first</i>	<i>before, until/ till</i>	<i>until</i>	<i>before</i>

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 447).

E o Exemplo (35) ilustra as relações de intensificação temporal, com a relação de hipotaxe entre as duas primeiras orações finitas, portanto contribuindo para a realização da localização de passado, e entre a segunda e a terceira oração, esta sendo uma oração não-finita,

de modo que a relação lógico-semântica contribui para a realização da perspectiva atualizada. Já no Exemplo (36) a relação de intensificação é paratática, de maneira que contribui para a realização da localização de passado das orações, estabelecendo uma sequência de eventos.

Exemplo (35) ||| *At least 20 people – including two Australian women and a pregnant Thai woman – died* || *when the boat capsized in early morning darkness on Wednesday* || *while travelling to Koh Tao, an island popular with young travellers.* |||

Exemplo (36) ||| *I served in World War II* || *and then I went to Yale.* |||

Além das relações de intensificação, as relações de elaboração também podem contribuir para a realização da localização, como ilustra o Exemplo (37), ao estabelecerem uma relação com alguma Circunstância temporal da oração dominante (“*the first few days*”) através de um elemento *wh-* (“*when*”). É importante notar que a oração dependente tem como opção agnata uma oração não-finita, como no Exemplo (38), de maneira que a relação com a Circunstância temporal “*the first few days*” não é mais explícita, ainda que continue existindo.

Exemplo (37) ||| *The first few days are a time for adjustment,* || *when the kitten needs all the love and attention [[you can give it]].* |||

Exemplo (38) ||| *The first few days are a time for adjustment,* || *the kitten needing all the love and attention [[you can give it]].* |||

Por fim, as relações de projeção também se apresentam como um recurso na realização da experiência temporal. O QUADRO 26 resume e ilustra os tipos de projeção em relação à função discursiva da oração projetada e ao tipo de taxa.

Em primeiro lugar, é possível observar no QUADRO 26 que a projeção de ideias é realizada por orações projetantes mentais, e a projeção de locuções por orações projetantes verbais. As orações projetadas podem realizar tanto proposições (“*she thought she could*”) quanto propostas (“*he told her “Do”*”). No caso das projeções paratáticas, as orações têm à sua disposição todas as opções de modo: “*he told her “Do”*”, “*he asked her “Did you do it?”*”, “*he said “You have done it.”*”. Assim, essas orações podem contribuir com a realização da

localização e da perspectiva (e até do estágio, e.g., “*he told her “You have started doing it”*”) como qualquer oração livre. Além disso, projeções paratáticas podem envolver orações menores, como “*She said, “Wow!”*”, e nesses casos a oração projetada não pode realizar qualquer experiência temporal.

QUADRO 26 – Tipos de projeção em relação à função discursiva da oração projetada e aos tipos de taxa

Tipo de processo	Função discursiva projetada	Citação (parataxe)	Relato (hipotaxe)
ideia (mental)	maior: proposição	<i>She thought, ‘I can’</i>	<i>She thought she could</i>
	maior: proposta	<i>He willed her ‘Do’</i>	<i>He wanted her to do</i>
locução (verbal)	maior: proposição	<i>She said, “I can”</i>	<i>She said she could</i>
	maior: proposta	<i>He told her “Do”</i>	<i>He told her to do</i>
	menor	<i>She said, “Wow!”</i>	

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 511).

Já no caso das projeções hipotáticas de propostas, Halliday e Matthiessen (2014, p. 525) explicam que são realizadas por orações com perspectiva visualizada (“irrealis” ou “não-atualizadas”), e as orações projetantes mentais e verbais são responsáveis por construir a “força de atualização”. Com isso, a oração projetada pode ser (i) finita, como ilustram o Exemplo (39) ao Exemplo (43), (ii) não-finitas subjuntivas, do Exemplo (44) a Exemplo (47), ou (iii) não-finitas, do Exemplo (48) a Exemplo (53). Assim, orações que realizam propostas projetadas hipotáticas necessariamente realizam a perspectiva visualizada em inglês, podendo ou não realizar também a localização.

Exemplo (39) ||| *The doctor ordered || that all the books and toys [[that the Boy had played with in bed]] must be burned.* |||

Exemplo (40) ||| *Yet somebody told me || that I mustn’t repudiate my non-fiction, || because it’s saying very much || what the fiction is saying.* |||

Exemplo (41) ||| *He told Philip || that he should demand higher wages, || for notwithstanding the difficult work [[he was now engaged in]], he received no more than the six shillings a week [[with which he started]].* |||

Exemplo (42) ||| *I wish || you d do something about that wall, Jane.* |||

- Exemplo (43) ||| *But until you 've got kids || and are bringing them up ||| ... I wish || mine would hurry up || and grow up || and leave home.* |||
- Exemplo (44) ||| *The negotiations were suspended in January || when Syria insisted || Israel commit to returning to prewar 1967 borders.* |||
- Exemplo (45) ||| *Did they suggest || the attorney general investigate?* |||
- Exemplo (46) ||| *When Evans returned to Sydney with glowing reports of this fertile land [[he'd found]], || the Governor ordered || that a road be built.* |||
- Exemplo (47) ||| *Perhaps it was history that ordained || that it be here, at the Cape of Good Hope [[that we should lay the foundation stone of our new nation]].* |||
- Exemplo (48) ||| *I tell people || to say thank you.* |||
- Exemplo (49) ||| *As a first step to correcting this disparity, I urge the Congress || to eliminate the 40 percent Redux retirement formula || and to restore the '50% of base pay' formula for 20 years of active-duty service, || as proposed in the President's FY2000 budget.* |||
- Exemplo (50) ||| *And then, finally, I was invited || to create the interior of the United States Pavilion at the New York World's Fair in 1964.* |||
- Exemplo (51) ||| *Of course I want || Labour to win || but I don't think || they will.* |||
- Exemplo (52) ||| *Do you want || me to explain that?* |||
- Exemplo (53) ||| *She wanted || a glass of sherry to be delivered to her room, || so she said over the phone to the bar or whatever: || 'Je voudrais un cheri, s'il vous plait.'* |||

No que tange aos complexos de grupos verbais, as relações hipotáticas de elaboração desempenham um papel fundamental na realização do estágio, sendo o principal recurso lexicogramatical responsável por sua realização. Complexos de grupos verbais em relação de elaboração organizam-se de acordo com o sistema de FASE, que pode ser resumido e ilustrado no QUADRO 27.

O sistema de FASE tem o complexo hipotático de grupos verbais em relação de elaboração como condição de entrada e apresenta duas opções: fase temporal e fase real. A fase temporal pode ser durativa (“*keeps doing*”), inceptiva (“*starts doing*”) ou inceptiva-durativa (“*takes to doing*”), e a fase real pode ser aparente (“*seems to do*”) ou realizada (“*proves to do*”).

QUADRO 27 – Realizações do sistema de FASE do inglês

Categoria: Significado	Sistema	Opções	Aspecto do verbo β	Exemplos
<i>keep</i>	temporal	durativo	imperfectivo	<i>keeps (on)/goes on doing</i>
<i>start</i>		inceptivo/ conclusivo	imperfectivo/ perfectivo	<i>starts/begins doing/to do; gets doing; stops doing, ceases doing/to do</i>
<i>start + keep</i>		inceptivo-durativo	imperfectivo	<i>takes to doing</i>
<i>seem</i>	real	aparente	perfectivo	<i>seems/appears to do</i>
<i>prove</i>		realizado	perfectivo	<i>proves/turns out to do</i>

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 568).

Além disso, as opções de fase real são necessariamente perfectivas, de maneira que realizam processos visualizados. Assim, segundo Halliday e Matthiessen (2014, p. 569) a diferença entre as fases reais aparente e realizada se deve ao fato de a primeira construir um processo irreal (visualizado), enquanto a segunda construir um processo irreal se tornando real (visualizado em atualizado). Do Exemplo (54) ao Exemplo (57) encontram-se complexos de grupos verbais realizando a fase real.

Exemplo (54) ||| *Witnesses said || the sand dredger seemed to go past the Marchioness || but suddenly smashed into the side || and went right over it. |||*

Exemplo (55) ||| *This offensive appears to be a sign of their strength, || but their position is highly contradictory. |||*

Exemplo (56) ||| *Both in terms of quantity and quality, FY 1998 proved to be a very challenging recruiting year. |||*

Exemplo (57) ||| *The 22 bibliophiles turned out to trail clouds of glory. |||*

Já em relação às opções de complexo de grupos verbais com fase temporal (durativo, inceptivo/conclusivo e inceptivo-durativo), a diferença entre elas não diz respeito à atualização ou visualização do processo propriamente dita; porém, apresentam certa correlação com a realização de aspecto pelo grupo verbal dependente (β). Assim, a fase temporal durativa se associa ao aspecto imperfectivo (“*goes on doing*”), a fase inceptiva/conclusiva com qualquer aspecto (“*begins doing*”, “*begins to do*”, “*ceases doing*”, “*ceases to do*”) e a fase inceptiva-

durativa ao aspecto imperfeito (“takes to doing”). O Exemplo (58) ao Exemplo (62) ilustram complexos de grupos verbais realizando a fase temporal.

Exemplo (58) ||| *In Comet in Moominland and Moomin-summer Madness they are all still having funny, exciting and at times somewhat childish adventures, || but in 1957, << about ten years after the first Moomin book was published, >> Tove Jansson began to experiment with slightly different themes.* |||

Exemplo (59) ||| *I keep telling them || I give them the money || so long as they’ll leave.* |||

Exemplo (60) ||| *The line needs to keep being shut down || to have mechanical work done on there.* |||

Exemplo (61) ||| *Meanwhile, the women back in the mangroves had started to hear the cries of the children || because they were all terrified, || and so was I, || and they came racing towards us out of the mangroves, || and then they saw the crocodile || and they got big rocks and branches || and started throwing things at it too || and it started to drift out to sea.* |||

Exemplo (62) ||| *If they stop performing their task, || they’re likely to be deprived of the opportunities [[to dedicate themselves to intellectual work]].* |||

Os complexos de grupos verbais em relação hipotática de extensão também podem contribuir com a realização da perspectiva temporal. Mais especificamente, esses complexos são organizados segundo o sistema de conação, com as opções atual e potencial. O QUADRO 28 resume e ilustra as opções do sistema de CONAÇÃO.

QUADRO 28 – Realizações do sistema de CONAÇÃO do inglês

Categoria: Significado	Sistema	Opções	Aspecto do verbo β	Exemplos
<i>try</i>	atual	conativo	perfectivo	<i>try to/and do, attempt to do, strive to do, contrive to do; avoid doing/(can’t) help doing</i>
<i>succeed</i>		sucessivo	imperf./perf.	<i>succeed in doing; manage/get to do; fail (in) doing/to do</i>
<i>can</i>	potencial	<i>be able to</i>	perfectivo	<i>be (un)able/(not) know how to do</i>
<i>learn</i>		<i>become able to</i>	perf./imperf.	<i>learn to do; practise doing</i>

Fonte: adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 572).

Os complexos realizando a conação potencial dizem respeito à habilidade de se obter ou não sucesso em algo (“*is able to do*”, “*is unable to do*”). Assim como nos grupos verbais com Operadores modais (“*can do*”), esses complexos realizam a perspectiva visualizada. Já os complexos realizando a conação atual tratam da tentativa (“*try to do*”, “*avoid doing*”) e do sucesso (“*succeed in doing*”, “*fail to do*”) do processo, e, como o próprio nome da opção sistêmica indica, realizam a perspectiva atualizada. No Exemplo (63) ao Exemplo (72) são ilustrados complexos de grupos verbais realizando a conação.

Exemplo (63) ||| *Aware of his child’s ignorance of Indian life, the Indian parent tries to cram into the child’s little head all possible information during an ‘Excursion Fare’ trip to the mother country.* |||

Exemplo (64) ||| *You try and do something responsible for your children || and you get forgotten.* |||

Exemplo (65) ||| *I’m just going to try and attach my first semantics chapter for you || ‘cause it’s not too big || and then you can start reading || when you have time.* |||

Exemplo (66) ||| *If I tried to swan around, || I wouldn’t know how to behave.* |||

Exemplo (67) ||| *I always tried to avoid tearing her web || and save her repair work, || but she was a quick and efficient spinner.* |||

Exemplo (68) ||| *And, while our military strength remains unmatched, || state or non-state actors may attempt to circumvent our strengths || and exploit our weaknesses || using methods [[that differ significantly from our own]].* |||

Exemplo (69) ||| *The wide range of potential contributions by the RC has proven to be a bright spot || as we strive to match available resources to a demanding mission load, || and demonstrates clearly the enduring value and relevance of the citizen-soldier.* |||

Exemplo (70) ||| *We succeeded to take our last steps to freedom in conditions of relative peace.* |||

Exemplo (71) ||| *He feels || that he rarely succeeded in reaching the fiber of the characters [[that he desperately wanted to attain]].* |||

Exemplo (72) ||| *He learned to walk in a certain way* |||

As relações hipotáticas de intensificação nos complexos de grupos verbais também podem contribuir para a realização da perspectiva. Em especial, as relações de intensificação

temporal podem contribuir para a realização da perspectiva atualizada e do estágio, como em “*begin by doing*” e “*end up (by) doing*”, e da perspectiva visualizada, como em “*tend to do*” e “*be wont to do*”.

Por último, as relações de *taxe* e lógico-semânticas também podem participar da realização da experiência de tempo na ordem da palavra através do sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA. Esse sistema tem a unidade da palavra como condição de entrada e permite a modificação da experiência de palavras verbais e nominais por meio de morfemas com função exclusivamente lógica. Assim, relações de intensificação podem realizar a localização e a perspectiva, como em “*preheat*”, que realiza o passado.

Com isso, Halliday (2008) explica que esses morfemas podem construir os significados “*before*” e “*after*” no próprio verbo, realizando a localização de passado (“*aforementioned*”) e futuro (“*postpone*”), respectivamente. E esses morfemas também podem construir os significados “*not yet*” e “*no longer*” nos nomes ao realizar a perspectiva visualizada (“*protofascist*”) e atualizada (“*ex-president*”).

Em conclusão a esta seção, as figuras a seguir ilustram as redes de sistemas do inglês que organizam a realização da experiência de tempo na lexicogramática nas unidades da oração, grupo e palavra e em complexos.

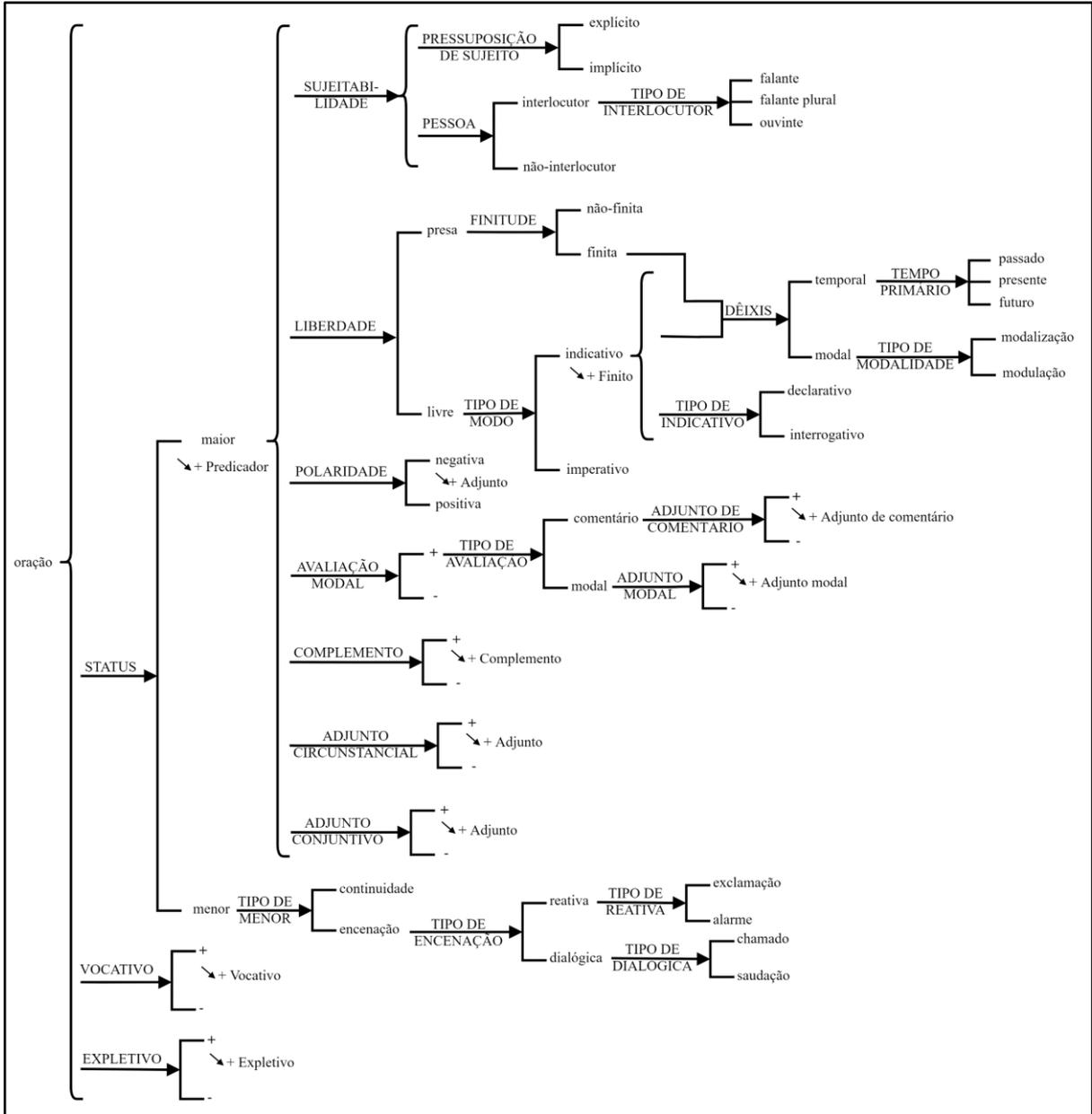


FIGURA 11 – Rede de sistemas de MODO do inglês

Fonte: adaptada de Halliday e Matthiessen (2014, p. 162).

A FIGURA 11 mostra a rede de sistemas de MODO do inglês. Esta rede tem a unidade da oração como condição de entrada e organiza a realização dos significados interpessoais nesta unidade. Como observado nesta seção, os sistemas de STATUS, LIBERDADE e AVALIAÇÃO MODAL cumprem um papel fundamental na realização da experiência de tempo em inglês.

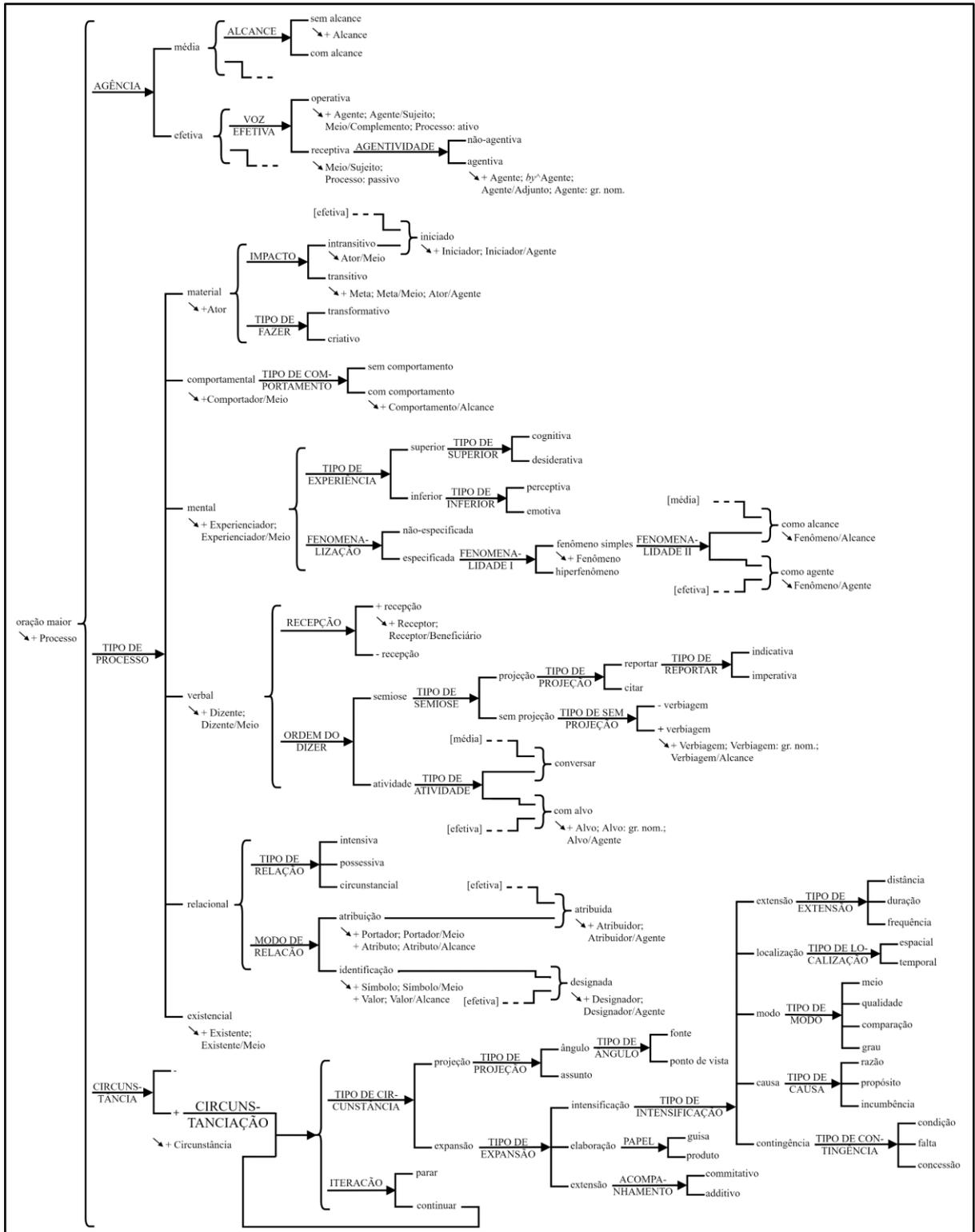


FIGURA 12 – Rede de sistemas de TRANSITIVIDADE do inglês

Fonte: adaptada de Halliday e Matthiessen (2014, p. 355).

Por sua vez, a FIGURA 12 ilustra a rede de sistemas de TRANSITIVIDADE do inglês. Essa rede tem como condição de entrada a oração maior e realiza na unidade da oração a metafunção ideacional, em particular o seu componente experiencial. Para a realização da experiência de tempo, são essenciais os sistemas de TIPO DE PROCESSO, AGÊNCIA e TIPO DE CIRCUNSTÂNCIA, como foi apontado nesta seção.

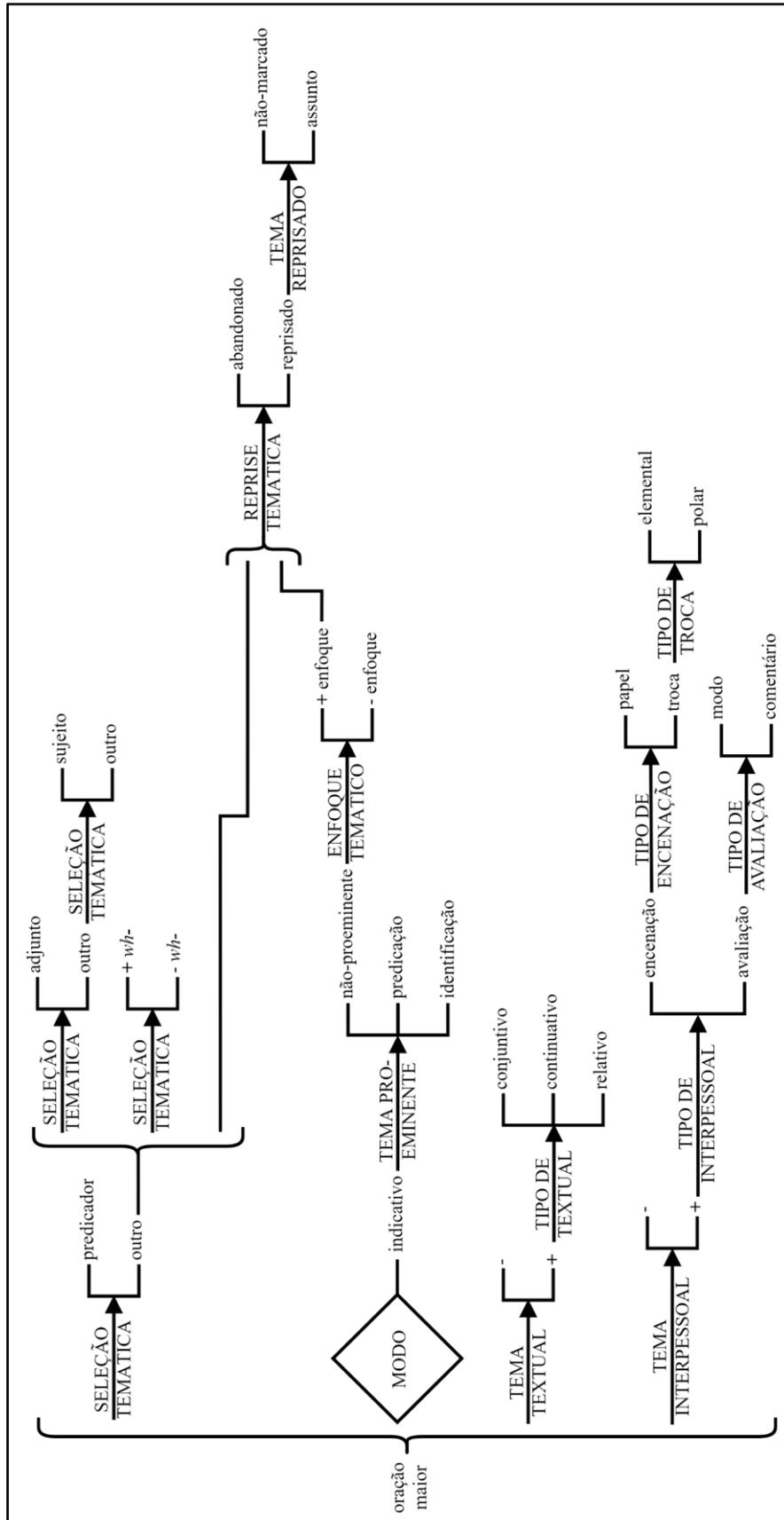


FIGURA 13 – Rede de sistemas de TEMA do inglês

Fonte: adaptada de Halliday e Matthiessen (2014, p. 106).

Já a FIGURA 13 apresenta a rede de sistemas de TEMA do inglês. Essa rede também tem a oração maior como condição de entrada, mas organiza na ordem da oração a realização da metafunção textual. Como foi discutido nesta seção, esta rede de sistemas também contribui para a realização do tempo na oração.

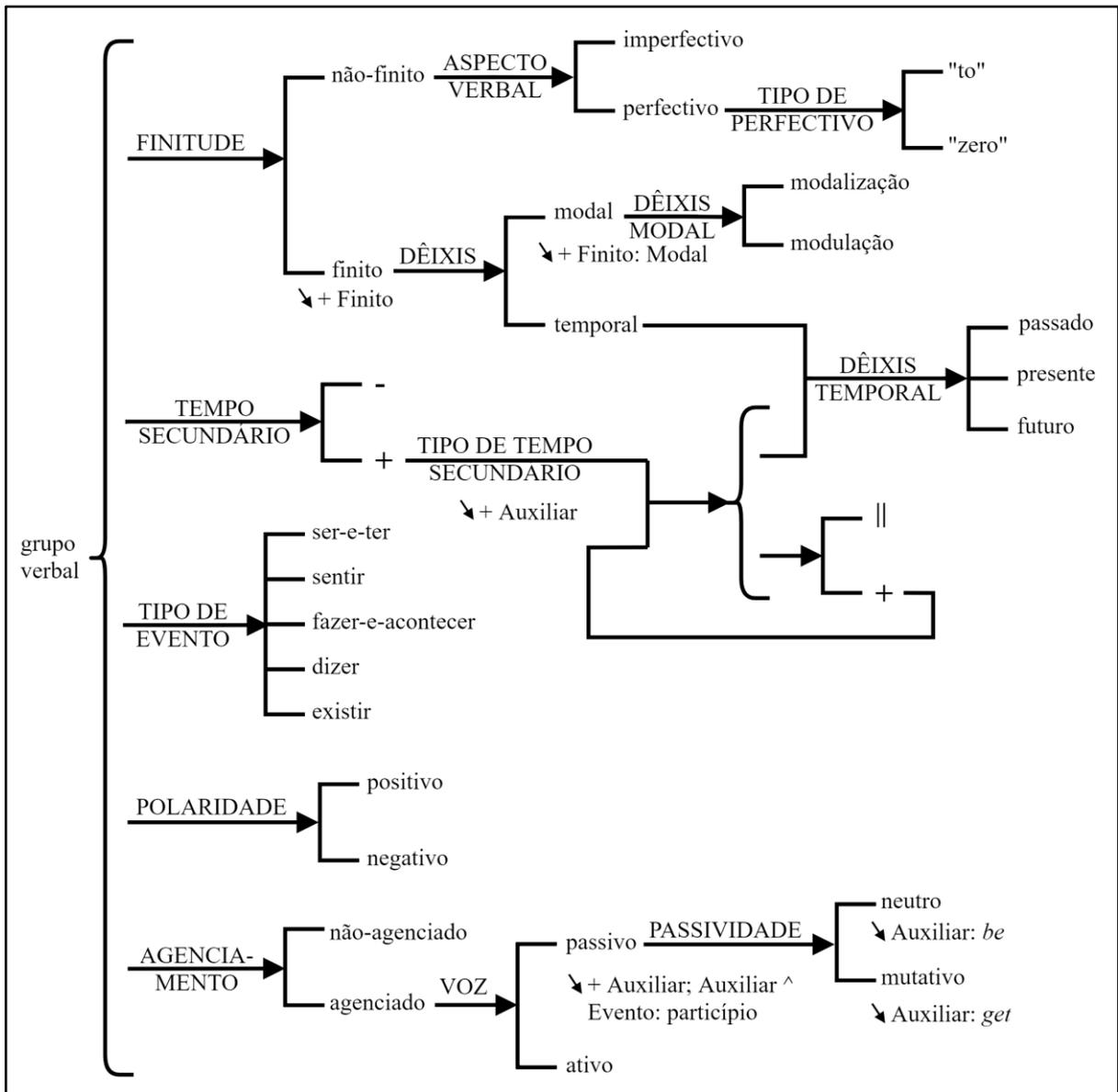


FIGURA 14 – Rede de sistemas do grupo verbal do inglês

Fonte: adaptada de Halliday e Matthiessen (2014, p. 410).

A FIGURA 14 apresenta a rede de sistemas do grupo verbal do inglês, a qual contribui de maneira central para a realização da localização, da perspectiva, do estágio e do perfil, haja vista que o grupo verbal é o responsável por realizar na lexicogramática o processo semântico.

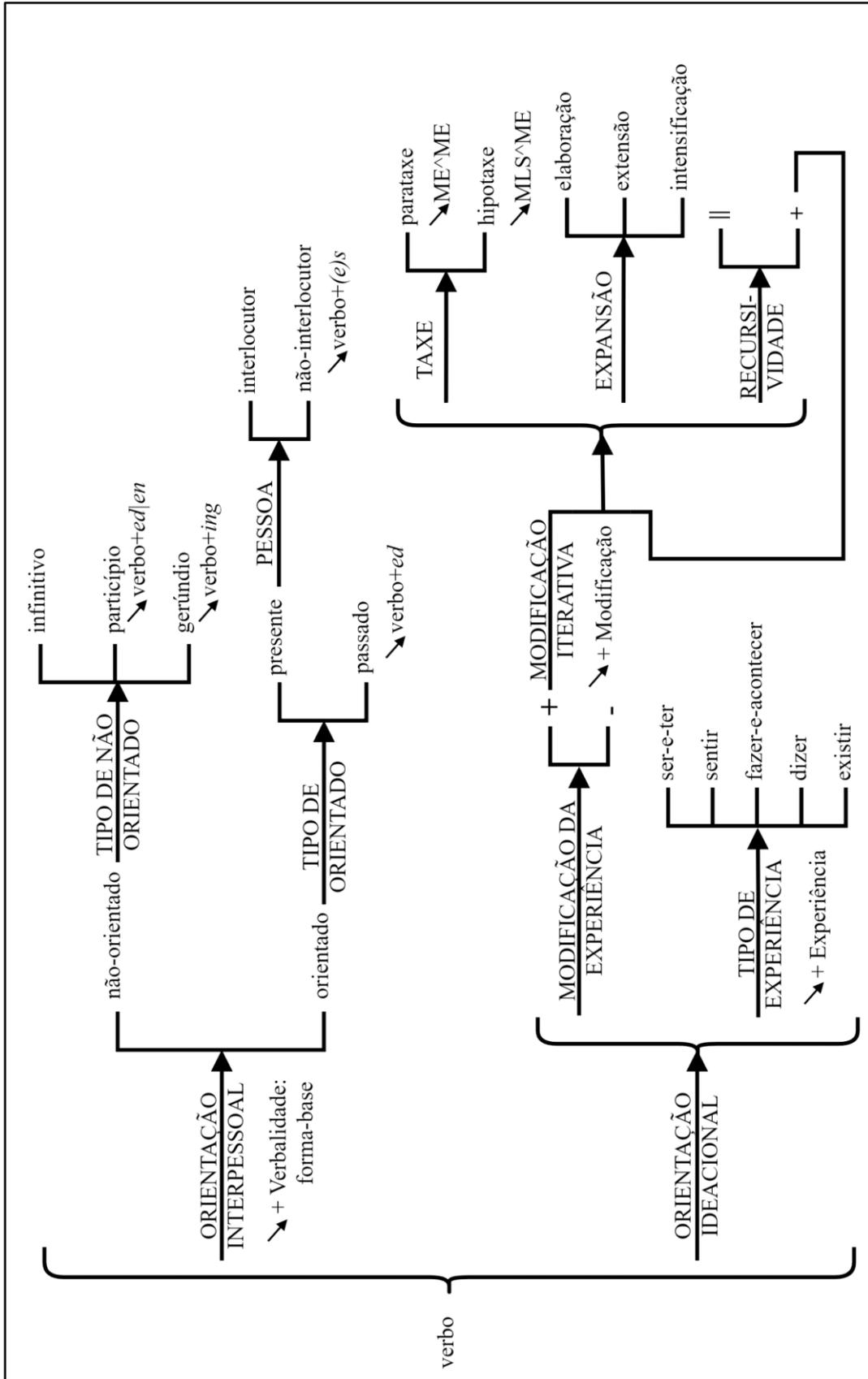


FIGURA 15 – Rede de sistemas do verbo do inglês

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

A FIGURA 15 mostra a rede de sistemas do verbo em inglês, que também contribui para a realização da experiência de tempo. Tendo em vista que grupos verbais são formados essencialmente por verbos, a contribuição destes para a construção da localização, da perspectiva, do estágio e do perfil é fundamental.

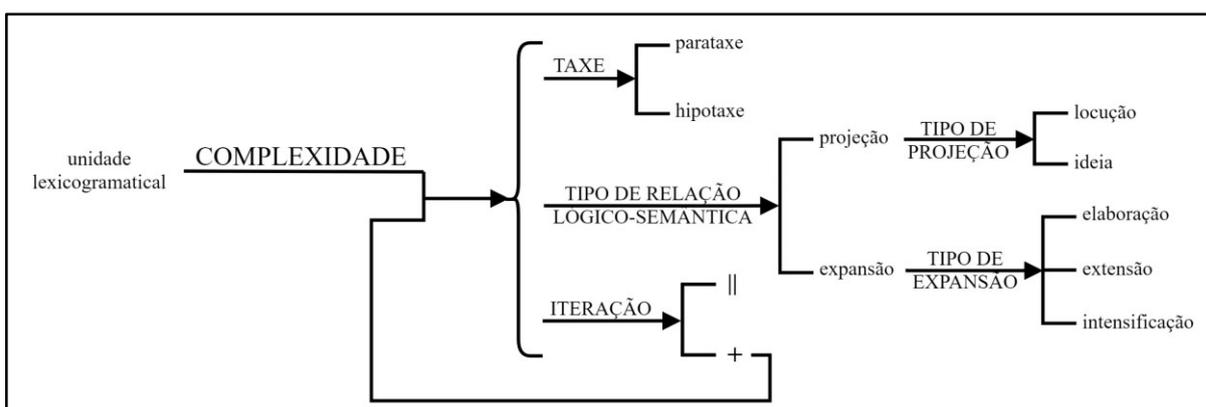


FIGURA 16 – Rede geral do sistema de COMPLEXIDADE do inglês

Fonte: adaptada de Halliday e Matthiessen (2014, p. 438).

Por fim, a FIGURA 16 apresenta a rede geral do sistema de COMPLEXIDADE do inglês. Esta rede organiza as relações lógico-semânticas em todas as unidades da lexicogramática para a formação de complexos de orações, grupos, palavras e morfemas. Como foi discutido nesta seção, os complexos também são um recurso importante na realização da experiência de tempo.

2.2.3 Princípios de descrição sistêmico-funcional

A linguística sistêmico-funcional define diversos princípios que fundamentam a metodologia de descrição desta tese.

Halliday e Matthiessen, (1999, p. 15-22) definem quatro princípios norteadores para a descrição de sistemas semânticos. O primeiro princípio norteador é a abordagem a partir da lexicogramática, com o objetivo de produzir uma descrição sistêmica que entende a construção

do sistema semântico como significado, e não como conhecimento. De acordo com esse princípio, a experiência de tempo pode ser descrita em termos formais (como a morfologia de presente ou futuro dos verbos) e funcionais (*e.g.*, que função um verbo no presente desempenha no fluxo de experiência), de maneira que é possível desenhar sistemas que expliquem as diferentes opções disponíveis no português brasileiro para a instanciação do significado em texto. É importante notar que, de acordo com Halliday e Matthiessen (1999, p. 16), o desenho de sistemas lexicogramaticais leva a explicações semânticas, por exemplo: um verbo com função de Núcleo no grupo verbal e morfologia de futuro localiza a experiência em algum momento posterior ao da fala. Assim, a lexicogramática funciona como uma porta de entrada para a descrição semântica, permitindo que ela seja descrita a partir de sua realização como fraseado.

O segundo princípio norteador é considerar que a semântica é construída na gramática. Halliday e Matthiessen (1999, p. 17) explicam que, para uma descrição sistêmica, não há um “mundo real” preexistente e “codificado” pela língua. Pelo contrário, é a própria lexicogramática que constrói a experiência humana, isto é, o mundo de eventos e objetos. Nesse sentido, Halliday e Matthiessen (1999, p. 17) afirmam que a realidade é inconcebível, pois o ser humano só consegue entender suas próprias construções da realidade, isto é, seus significados. Dessa maneira, a experiência de tempo não é um dado do “mundo real”, mas uma construção semiótica feita a partir do estrato lexicogramatical. Portanto, essa experiência não existe sem que os fraseados a realizem e é formada pelo impacto entre a consciência humana e o ambiente.

O terceiro princípio diz respeito à semogênese, que é o processo por meio do qual os significados são criados. Halliday e Matthiessen (1999, p. 17-18) definem três intervalos temporais no processo de semogênese: (i) a filogênese, que trata da evolução da linguagem humana e suas manifestações em grupamentos humanos específicos; (ii) a ontogênese, que se refere ao desenvolvimento de um falante individualmente; e (iii) a logogênese, que envolve o desdobramento do ato de produzir significados, isto é, a instanciação dos significados na forma de texto através de um processo estocástico, no qual as opções selecionadas em um ponto do texto influenciam as seguintes e são influenciadas pelas anteriores. A experiência de tempo pode ser descrita de acordo com esses três intervalos temporais de semogênese: em relação à evolução da linguagem humana, ao desenvolvimento de um indivíduo e à instanciação no texto.

Por fim, o quarto princípio norteador é o da semântica em relação à lexicogramática. Halliday e Matthiessen (1999, p. 18) explicam que os significados e os fraseados emergem

juntos nos processos de semogênese. Considerando que a relação entre significado e fraseado é de realização, na qual o fraseado realiza o significado, é possível descrever a expansão dessa relação, explorando como um significado pode ser realizado por diferentes fraseados e como um fraseado pode realizar diferentes significados. Por meio dessa relação entre significado e fraseado, é possível entender de maneira detalhada como a experiência de tempo pode ser realizada por diferentes sistemas nas diferentes unidades da lexicogramática, sendo necessário também entender que muitos sistemas (*e.g.*, TRANSITIVIDADE, MODO, TEMA, TIPO DE CIRCUNSTÂNCIA) não realizam somente essa experiência, podendo inclusive estar circunscritos em outras metafunções.

Sendo assim, os quatro princípios norteadores de Halliday e Matthiessen (1999) colaboram para a descrição da experiência de tempo do português brasileiro ao direcionarem a abordagem para as diferentes características e nuances da relação entre os estratos da semântica e da lexicogramática.

Figueredo (2011, p. 84-89) também apresenta princípios que ele aponta serem “inerentes à tarefa de descrição de base sistêmico-funcional”. O primeiro princípio é priorizar a orientação paradigmática do sistema linguístico. Segundo Figueredo (2011, p. 84), esse princípio estabelece o eixo paradigmático como base para a descrição. Desse modo, a descrição apresentada nesta tese prioriza o desenvolvimento dos sistemas que organizam e realizam a experiência de tempo, entendendo as estruturas como realizações e não como ponto de partida da descrição.

O segundo princípio é seguir o desenvolvimento da teoria de descrição sistêmica. Figueredo (2011, p. 84) define quatro propriedades desse princípio: (i) delimitar o ambiente mais amplo da descrição em relação às dimensões globais e locais da linguagem; (ii) entender a unidade da oração em termos metafuncionais; (iii) ampliar a descrição dos aspectos funcionais para além do estrato da lexicogramática, buscando compreendê-los em relação ao estrato da semântica, levando a uma explicação mais rica dos fenômenos descritos ao explicá-los em um contexto mais amplo; e (iv) estabelecer a relação entre descrição lexicogramatical e o discurso, de modo a mapear as funções semânticas realizadas por sistemas lexicogramaticais, levando a uma maior compreensão de como a lexicogramática contribui para a construção do texto como um todo. É possível observar que Figueredo (2011) dá maior ênfase ao estrato lexicogramatical, pois sua descrição se ocupa dos sistemas desse estrato, com enfoque na unidade da oração. No entanto, é importante observar que as propriedades desse segundo princípio também se aplicam à descrição semântica, pois é possível (i) delimitar esta descrição em relação às dimensões

globais e locais, (ii) entender as unidades semânticas em termos metafuncionais, (iii) ampliar a descrição para além da semântica, em direção ao contexto, e (iv) estabelecer uma relação entre os significados organizados pela semântica e as variáveis contextuais.

O terceiro princípio diz respeito a utilizar a agnação como forma de evidenciar padrões. O conceito de agnação foi definido na seção 2.1 como “a relação entre as opções paradigmáticas, representadas como os termos nos sistemas de uma rede” (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 49). Figueredo (2011, p. 85) propõe que “o emprego do conceito de agnação na descrição significa trabalhar tanto com as realizações quanto com outras possíveis realizações para um mesmo elemento”. Assim, uma descrição sistêmica pode operar com todas as alternativas possíveis do sistema linguístico, mesmo com aquelas que tenham probabilidade próxima de zero de ocorrer em um texto. De acordo com o autor,

constitui-se como um princípio analítico a utilização de acréscimos, substituições e subtração de itens e funções; a inversão da estrutura que as realiza; e a possibilidade de expansão ou retração dos termos do sistema para determinada função, observando sempre as mudanças no registro. Tais “exercícios” de possibilidade são adotados como critério para se entender quais os itens que compõem um determinado sistema e os que compõem sistemas diferentes. (FIGUEREDO, 2011, p. 85)

Para a descrição da experiência de tempo, a agnação pode ser empregada para evidenciar os padrões semânticos e lexicogramaticais por meio desses exercícios. Por exemplo, em um verbo como “surgiu”, uma mudança simples do morfema interpessoal para “surge” revela duas opções distintas no sistema de TEMPORALIDADE do verbo que realiza os significados de localização temporal no passado e no presente. Uma mudança desse mesmo morfema interpessoal para “surgia” evidencia nesse mesmo sistema a realização dos significados de perspectiva temporal de enfoque e desfoque.

Por fim, o quarto princípio se trata de uma série de perguntas propostas por Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a) para orientar as descrições que têm como base a teoria sistêmico-funcional. Figueredo (2011, p. 86) explica que, para que descrições de línguas diferentes possam ser comparadas, elas precisam de uma mesma base descritiva, isto é, uma teoria e uma orientação. No caso das descrições de Figueredo (2011) e aquelas apresentadas em Caffarel, Martin e Matthiessen (2004b), por exemplo, todas se baseiam na teoria sistêmico-funcional e são orientadas para a tipologia – o que também é o caso da descrição tratada nesta tese. Nesse sentido, Caffarel, Martin e Matthiessen (2004) apresentam várias perguntas que podem contribuir na orientação tipológica da descrição. Começando pela metafunção ideacional, Caffarel, Martin e Matthiessen (2004, p. 50-51) perguntam:

- Quantos tipos de processo é possível reconhecer, incluindo configurações distintas de participantes?
- Como é possível motivar gramaticalmente os tipos de processo, a partir de um conjunto de evidência morfológica, sintagmática e criptogramatical, bem como evidência do discurso no que diz respeito à concepção das fases de domínios da experiência diferentes?
- Como a ‘voz’ se relaciona aos tipos de processo; em que medida esta pode ser estendida para além das orações de ação?
- Em termos da generalização ao longo dos tipos de processo, é possível identificar padrões de organização transitivo/ergativo?
- Algum destes padrões se associa mais proximamente com um tipo de processo em particular, ou com um subtipo, pessoa, modo, ou com nomes, pronomes ou clíticos?
- Qual é a natureza da organização orbital da oração (núcleo, margem, periferia)?
- Qual é o papel da estrutura serial – em que locais da periferia (por exemplo, na concepção da localização) ou da margem (por exemplo, na concepção do recipiente) – da oração?³⁸ (CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004a, p. 50–51)

Já em relação à metafunção interpessoal:

Quais são as estratégias dialógicas disponíveis para os falantes na gramática oracional?

Como a oração se constitui como a função do interlocutor (oferecer ou demandar informação e bens-e-serviços)?

Existe alguma parte da oração que pode ser identificada com esta posição dialógica e, de forma mais ampla, com a argumentação como um todo?

Existem padrões prosódicos de realização que façam a oração tomar parte na interação como um item da argumentação (como por exemplo concordância, inversão, contração, cliticização, efeitos descontínuos)?

Existe um lugar específico de responsabilidade modal na oração que tem motivação funcional, comparável à função do Sujeito em inglês?

³⁸ Tradução de Figueredo (2011, p. 88) de: “- *how many process types need to be recognized, with distinctive configurations of participant roles?*

- *how can these process types be motivated, drawing on a range of morphological, syntagmatic and cryptogrammatic evidence, as well as evidence from discourse concerning the construal of phases of different domains of experience?*

- *how is ‘voice’ related to process type; how far can it be generalized beyond action clauses?*

- *generalizing across process types, can transitive and/or ergative (and/or other) patterns of organization be recognized?*

- *is one or another of these general patterns associated with particular process types or subtypes, persons, moods, nouns versus pronouns versus enclitic pronouns, etc.?*

- *what is the nature of the orbital organization of the clause, into nucleus, margin and periphery?*

- *how is serial structure involved – at which points in the periphery (e.g. construal of location) or margin (e.g. construal of recipient) of the clause?”.*

Existe um lugar específico de argumentação na oração que tem motivação funcional, o qual ancora a oração no tempo/aspecto e na modalidade, comparável à função do Finito em inglês?

Qual é a relação precisa entre polaridade e modalidade e o modo; qual é a natureza de sua realização (por exemplo, nominal, verbal, adverbial, partícula)?

Como que os significados interpessoais que se relacionam são expressos (por exemplo, afeto, honorificação, partículas/afixos quotativos)?

Qual o papel da entonação na realização das opções de modo?³⁹ (CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004a, p. 47–48)

Por fim, com relação à metafunção textual:

Como a oração contribui para o desenvolvimento de um “ângulo” sobre o que se está falando; existe uma função de Tema que manifesta esta perspectiva?

Como é realizado o Tema; por exemplo, sequência (em particular nas posições inicial ou final da oração), inflexão, aposição, intonação?

Existem seleções não-marcadas e marcadas para Tema que dependam, talvez, do modo; qual é o papel da voz na construção dos Temas não-marcados?

Existe a possibilidade de Temas marcados especiais (como o Absoluto), que funcionam para além da configuração transitiva da oração?

É possível distinguir os Temas entre textual, interpessoal e ideacional; estes sempre são realizados juntos?

Como a oração contribui para a elaboração do argumento do texto; existe uma função de Novo que estabelece o foco da atenção do ouvinte?

Como o Novo é realizado; por exemplo, sequência (em particular nas posições inicial ou final da oração), inflexão, aposição, intonação?

As orações relacionais identificativas possuem um papel de destaque para a demarcação gramatical do Dado e Novo?

³⁹ Tradução de Figueredo (2011, p. 87) de: “- *what are the dialogic strategies open to the speaker in the grammar of the clause?*

- *how is the clause positioned as an interact (as giving or demanding goods-&-services or information)?*

- *is there an identifiable part of the clause concerned with this dialogic positioning, and more generally with its arguability?*

- *are there prosodic patterns of realization involved in engaging the clause in interaction and making it arguable (e.g. concord, agreement, inversion, contraction, cliticization, discontinuous effects)?*

- *is there a functionally motivated locus of modal responsibility in the clause, comparable to the English Subject function?*

- *is there a functionally motivated locus of arguability, grounding the clause in tense/aspect or modality, comparable to the English Finite function?*

- *what is the precise relation of polarity and modality to mood; what is the nature of their realization (e.g. nominal, verbal, adverbial, particle)?*

- *how are related interpersonal meanings expressed (e.g. affect, honorification, quotative particles/affixes)*

- *what is the role of tone in realizing more and less general mood options??”.*

Existem recursos para combinar o Tema e o Novo (como por exemplo o Tema Predicado em inglês)?⁴⁰ (CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004a, p. 53–54)

É importante notar que as perguntas de Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a) são pensadas para a descrição de sistemas lexicogramaticais. Ainda assim, podem ser úteis para a descrição de sistemas semânticos. Por exemplo: as duas últimas perguntas sobre a organização orbital e serial do significado podem ajudar a identificar (i) se o processo se organiza conforme esses dois tipos de estrutura, como é o caso das localizações primária e secundária, e (ii) se outros elementos interagem com a construção da experiência de tempo pelo processo realizando alguma opção, como é o caso das circunstâncias que podem realizar a localização, operam na periferia da figura e podem ser serializadas.

Em suma, os princípios apresentados por Halliday e Matthiessen (1999) e Figueredo (2011) contribuem para a fundamentação e localização desta pesquisa nas dimensões da teoria sistêmico-funcional e para a metodologia de descrição da experiência temporal do português brasileiro.

2.2.4 A descrição sistêmico-funcional do português brasileiro

A partir da apresentação dos fundamentos teóricos e descritivos desta pesquisa, é possível apresentar o estado da arte da descrição sistêmico-funcional do português brasileiro no momento da redação desta tese. Nesse sentido, é possível citar Araújo (2007), Figueredo (2007, 2011, 2015b), Figueredo, Pagano e Ferregueti (2014), Pagano, Ferregueti e Figueredo (2011), Ferregueti (2014, 2018), Sá (2016), Braga (2016), Monteiro (2016), Rosa (2017), A. Paula

⁴⁰ Tradução de Figueredo (2011, p. 86-87) de: “- *how do clauses contribute to the development of an angle on what is being talked about; is there a Theme function manifesting this perspective?*”

- *how is Theme realized – e.g. sequence (especially initial or final position in the clause), inflection, adposition, intonation?*

- *are there marked and unmarked Theme selections, depending perhaps on mood; what is the role of voice in constructing unmarked Themes?*

- *are special marked Themes (i.e. absolute Themes) which function outside the transitivity structure of their clause possible?*

- *is it possible to recognize textual, interpersonal and topical Themes; are they always realized together?*

- *how do clauses contribute to the elaboration of the point of a text; is there a New function establishing news?*

- *how is New realized – e.g. sequence (especially initial or final position in the clause), inflection, adposition, intonation?*

- *do identifying relational clauses have a special role to play in grammatically demarcating Given and New?*

- *are there resources for combining Theme and New (for example theme Predication in English)?”.*

(2017), L. Alves (2017) e R. Alves (2018). O QUADRO 29 apresenta um panorama geral das contribuições de cada autor para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro.

QUADRO 29 – Panorama geral das contribuições de cada autor para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro

Autor	Metafunção	Estrato	Ordem	Sistema
Araújo (2007)	ideacional (componente lógico)	semântica e lexicogram.	oração e grupo	PROJEÇÃO
Figueredo (2007)	ideacional	lexicogramática	grupo	DETERMINAÇÃO, QUANTIFICAÇÃO, QUALIFICAÇÃO, CLASSIFICAÇÃO, TIPO DE NUMERATIVO
Figueredo (2011)	textual, interpes., ideacional (comp. experiencial)	lexicogramática	oração e grupo	TEMA, MODO e TRANSITIVIDADE (orações mentais)
Figueredo (2015b)	interpessoal	lexicogramática	oração	AVALIAÇÃO MODAL
Figueredo, Pagano e Ferregueti (2014)	textual	lexicogramática	oração	PREDICAÇÃO e IDENTIFICAÇÃO
Pagano, Ferregueti e Figueredo (2011)	ideacional (comp. experiencial)	lexicogramática	oração	TRANSITIVIDADE (orações relacionais)
Ferregueti (2014)	ideacional (comp. experiencial)	lexicogramática	oração	TRANSITIVIDADE (orações existenciais)
Ferregueti (2018)	ideacional (comp. experiencial)	lexicogramática	grupo	QUALIFICAÇÃO
Sá (2016)	ideacional e interpessoal	lexicogramática	palavra e grupo	ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL, ORIENTAÇÃO IDEACIONAL, TIPO DE EVENTO, AGÊNCIA, FINITUDE, TEMPO SECUNDÁRIO, ASPECTO VERBAL e DÊIXIS TEMPORAL
Braga (2016)	ideacional (comp. experiencial)	lexicogramática	oração	TIPO DE CIRCUNSTÂNCIA
Monteiro (2016)	interpessoal	lexicogram.	oração	TIPO DE ADJUNTO
Rosa (2017)	ideacional (componente lógico)	lexicogramática	palavra	MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA
A. Paula (2017)	ideacional (comp. experiencial)	lexicogramática	oração	TRANSITIVIDADE (orações verbais)
L. Alves (2017)	ideacional (comp. experiencial)	lexicogramática	oração	TRANSITIVIDADE (orações materiais)
R. Alves (2018)	ideacional (componente lógico)	semântica	sequência	CONJUNÇÃO

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Na primeira coluna do QUADRO 29 encontram-se os autores que contribuem com a descrição sistêmica do português brasileiro citados nesta pesquisa. A três colunas seguintes mostram os enfoques dessas descrições em relação à metafunção (ideacional, interpessoal ou textual), ao estrato (semântica ou lexicogramática) e à ordem (que varia de acordo com o estrato sob investigação). E a quinta coluna informa os sistemas descritos por esses autores (e.g. TEMA, MODO, TRANSITIVIDADE, QUALIFICAÇÃO, etc.).

Araújo (2007) e Figueredo (2007) dão os passos iniciais na descrição do potencial linguístico do português brasileiro. Araújo (2007) aborda o sistema semântico de PROJEÇÃO e sua realização lexicogramatical em português brasileiro, explorando como a projeção pode ser realizada nas ordens da oração e do grupo. A FIGURA 17 ilustra o sistema semântico de PROJEÇÃO do português brasileiro.

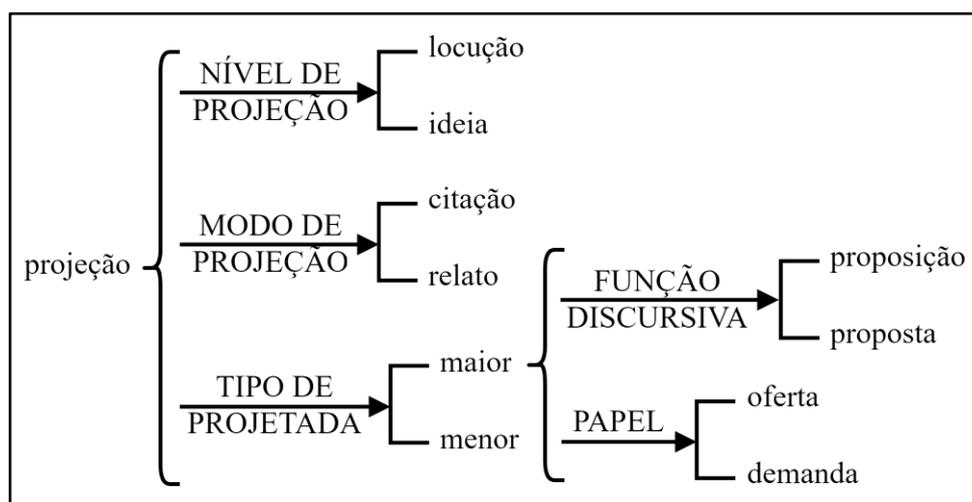


FIGURA 17 – O sistema semântico de PROJEÇÃO

Fonte: Araújo (2007, p. 70).

O sistema semântico de PROJEÇÃO tem como condição de entrada a própria projeção, que cosselecciona opções em três sistemas: NÍVEL DE PROJEÇÃO, MODO DE PROJEÇÃO e TIPO DE PROJETADA. As opções desses sistemas são realizadas por certas estruturas lexicogramaticais, que encontram-se exemplificadas no QUADRO 30.

QUADRO 30 – Exemplos de realização lexicogramatical do sistema semântico de PROJEÇÃO

Realização lexicogramatical	Exemplos
Processo verbal	Lula disse ainda que seu governo combinou avanços econômicos com desenvolvimento social.
Processo mental	Eu acho que o Brasil está no ponto para fortalecer a sua união com a União Européia.
Processo relacional	Esse estudo aponta as células-tronco embrionárias humanas como fonte de material para estudo dos mecanismos de reprogramação.
Circunstância de assunto	No evento, ele falou sobre educação , segurança e saúde pública.
Circunstância de ângulo (fonte)	De acordo com um porta-voz ministerial , o embaixador britânico em Teerã, Geoffrey Adams, reuniu-se com membros do Ministério iraniano de Relações Exteriores, que teria dado a garantia a respeito da segurança do grupo de marinheiros. Nas palavras de Sposati (1999, p. 10) , as políticas sociais revelam o empenho de uma sociedade [[em afirmar um patamar de civilidade]].
Circunstância de ângulo (ponto de vista)	Para ele , “um organismo é incapaz [[de retornar, mesmo que parcialmente, a um estágio anterior [[já vivido por seus antepassados]]]].”
Processo nominalizado projetante	É muito comum a crença [[de que a África é um todo homogêneo]], (...).
Participante projetado (fato)	É verdade [[que a guitarra vinha decentemente embrulhada em papel]], (...)
Adjunto modal	e provavelmente se alimentava de pequenos anfíbios, (...). Ele não confirmou, mas supostamente estava numa reunião da Cinep.

Fonte: Araújo (2007, p. 44).

Já Figueredo (2007) descreve a estrutura do grupo nominal do português brasileiro. Ainda que a descrição enfoque uma unidade lexicogramatical, é importante notar que descrições de fenômenos lexicogramaticais sob a perspectiva sistêmica buscam relacionar os estratos do conteúdo (cf. o segundo princípio de FIGUEREDO, 2011), de maneira que Figueredo (2007) também descreve as relações entre os significados realizados na forma de fraseado pelo grupo nominal. Com isso, o autor descreve a estrutura dessa unidade a partir de uma orientação paradigmática, apresentando as funções do grupo nominal na oração, as funções que operam no grupo nominal e as classes de palavra que realizam essas funções. A descrição de Figueredo (2007) pode ser resumida através do QUADRO 31 ao QUADRO 36, da FIGURA 18 e da FIGURA 19.

QUADRO 31 – Grupos em relação às dimensões do sistema

Classe		Função do grupo na oração		Estratificação	
Grupo	Palavra	MODO	TRANSITIVIDADE	Semântica	Lexicogram.
nominal	pronome substantivo artigo adjetivo verbo preposição advérbio numeral conjunção	Sujeito Comple- mento Adjunto	Participante: Ator Atributo Cliente Dizente Escopo Existente Experienciador Fenômeno Identificado Identificador Meta Portador Receptor Verbiagem Circunstância: Localização Modo: Meio Modo: Comparação Extensão	ente, qualidade circunst.	Participante Circunstância
verbal	verbo preposição conjunção	Finito Predic.	Processo: Mental Relacional Material Verbal Existencial	processo	Processo
adverbial	advérbio preposição pronome verbo substantivo	Adjunto: Circunst ancial Modal	Circunstância: Localização Extensão Modo: Grau Modo: Comparação	circunst.	Circunstância
conjuntivo	conjunção advérbio substantivo preposição			conector	Conjunção
preposicional	preposição advérbio				

frase preposicional	preposição substantivo adjetivo artigo verbo pronomes numeral advérbio conjunção	Adjunto Sujeito	Circunstância: Acompanhamento Localização Extensão Assunto Causa: Benefício Papel Modo: Comparação Modo: Meio Modo: Qualidade Ângulo Participante: Portador Ator Receptor	circunst.	Circunstância
---------------------	--	--------------------	--	-----------	---------------

Fonte: Figueredo (2007, p. 137-138).

O QUADRO 31 apresenta as classes de grupo do português brasileiro, sua composição, as funções que desempenham na oração e que realizam em relação à semântica.

QUADRO 32 – Funções do grupo nominal e classes de palavra

Função	Classe de palavra mais provável	Ocorrências com outras classes de palavra
Ente	substantivo, pronomes pessoais	verbo (fenômeno)
Dêitico	artigo, pronomes	
Numerativo	numeral	pronomes
Epíteto	adjetivo	verbo
Classificador	adjetivo, substantivo	pronomes, numeral

Fonte: Figueredo (2007, p. 226).

O QUADRO 32 já enfoca a descrição da estrutura do grupo nominal, mostrando as funções que diferentes classes de palavra desempenham. Observa-se nesse quadro que a função do Ente pode ser realizada por substantivos, pronomes pessoais e verbos. Já o Dêitico é realizado por artigos ou pronomes. A função do Numerativo cabe aos numerais e aos pronomes. Os Epítetos são realizados por adjetivos e verbos. Por último a função do Classificador é realizada por adjetivos, substantivos, pronomes e numerais.

QUADRO 33 – Subsistemas de QUALIDADE

QUALIDADE	Função	Maior delicadeza	Exemplos
DETERMINAÇÃO	Dêitico: determinar	Não-seletivo	o, um, meu, isto, cada, qualquer, outro
		Seletivo de proxim.	
		Seletivo de pessoa	
		Indefinido	
		Interrogativo	
QUANTIFICAÇÃO	Numerativo: quantificar	Quantidade definida	primeiro, próximo, um, poucos
		Quantidade indefinida	
	Ordenativo: ordenar	Lugar preciso	
		Lugar impreciso	
QUALIFICAÇÃO	Epíteto: imprimir qualidade	Qualidade objetiva	“dia chuvoso ”,
		Avaliação do falante	“dia lindo ”
CLASSIFICAÇÃO	Classificador: estabelecer subclasse	Várias subclasses de: função, escala, propósito, material, origem, etc.	“aparelho respiratório ”, “rádio FM ”, “placa metálica ”, “aula noturna ”

Fonte: Figueredo (2007, p. 91).

No QUADRO 33 observa-se o sistema de QUALIDADE e seus subsistemas, a saber, DETERMINAÇÃO, QUANTIFICAÇÃO, QUALIFICAÇÃO e CLASSIFICAÇÃO. Figueredo (2007) então apresenta nesse quadro um resumo das funções que realizam esses sistemas (Dêitico, Numerativo, Epíteto e Classificador), suas opções mais delicadas e exemplos.

QUADRO 34 – Termos e itens do sistema de DETERMINAÇÃO

Especificidade	Não-especificidade	Pessoa	Proximidade	Exemplo
+				o, a, os, as
	+			um, uma, uns, umas
+			+	este(a)/esse(a)/aquele(a)
		+		meu, minha, meus, minhas
+		+		o meu
	+	+		um meu
+		+	+	este meu

Fonte: Figueredo (2007, p. 194).

O QUADRO 34 apresenta os termos e itens do sistema de DETERMINAÇÃO, assim como exemplos que realizam esse sistema. É possível notar que, por exemplo, a seleção de

especificidade e pessoa é realizada por “o meu”, e que a seleção de não-especificidade é realizada por “um” ou “umas”.

QUADRO 35 – Dêiticos não-específicos em português

		singular		plural	
		apenas um	qualquer um	dois	mais de um
total	positivo	cada	todo	ambos	todos
	negativo	nenhum			
parcial	seletivo	certo	qualquer, outro, algum		quaisquer, outros, alguns, certos, demais
	não-seletivo	um			um

Fonte: Figueredo (2007, p. 198).

O QUADRO 35, por sua vez, apresenta as opções de Dêiticos não-específicos, segundo as opções total (positivo ou negativo) ou parcial (seletivo ou não-seletivo), singular (apenas um ou qualquer um) ou plural (dois ou mais de um).

QUADRO 36 – Divisão do trabalho gramatical para a submodificação

Ordem da modificação	Status mais provável	Hierarquia	
Ente	Núcleo	α	
Classificador	dependente 1	$\beta\alpha$	
Epíteto experiencial	dependente 2	$\beta\beta$ (Pós)	$\gamma\alpha$ (Pré)
Epíteto interpessoal	dependente 3	$\beta\gamma$ (Pós)	$\gamma\alpha$ ou $\gamma\beta$ (Pré)
Numerativo	dependente 4	$\gamma\beta$	
Dêitico	dependente 5	$\gamma\gamma$	

Fonte: Figueredo (2007, p. 240).

E o QUADRO 36 apresenta a divisão do trabalho entre as funções do Grupo Nominal em uma estrutura lógica para a realização da submodificação. Nesse quadro nota-se que cada função lexicogramatical apresenta um *status* mais provável na estrutura lógica da submodificação, como o Ente realizar também a função de Núcleo e o Classificador ocupar a posição de dependente 1. A partir disso, o autor apresenta as hierarquias formadas nessas relações lógicas entre as funções realizadas pelos componentes do grupo nominal.

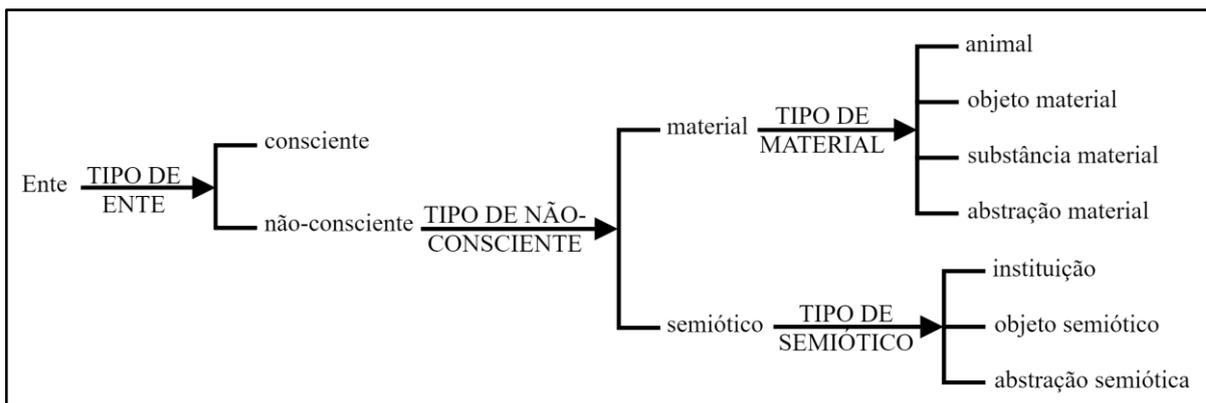


FIGURA 18 – Taxonomia do Ente em um primeiro nível de distinção

Fonte: Figueredo (2007, p. 157).

Observa-se ainda na FIGURA 18 a taxonomia proposta por Figueredo (2007) para a função do Ente em um primeiro nível de delicadeza. Partindo-se do Ente, essa taxonomia tenta caracterizá-lo em um primeiro momento como consciente ou não-consciente. O Ente não-consciente, por sua vez, é caracterizado como material ou simbólico. O Ente não-consciente material pode então ser um animal, um objeto material, uma substância material ou uma abstração material. E o Ente não-consciente pode ser uma instituição, um objeto semiótico ou uma abstração semiótica.

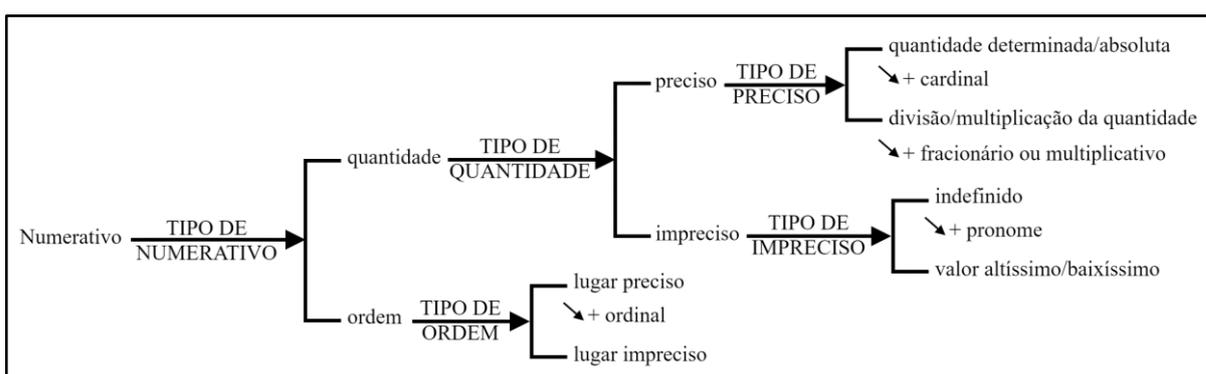


FIGURA 19 – Funções numerativas

Fonte: Figueredo (2007, p. 200).

E a FIGURA 19 apresenta uma rede de sistemas que organiza as funções numerativas em português brasileiro. Em um primeiro nível de delicadeza, o Numerativo pode tratar da quantidade ou da ordem. Os Numerativos de ordem são então divididos entre aqueles

que constroem um lugar impreciso ou um lugar preciso, este último realizado por um ordinal. Os Numerativos de quantidade podem ser precisos (construindo uma quantidade determinada/absoluta, realizada por numeral cardinal, ou a divisão/multiplicação da quantidade, realizada por numeral fracionário ou multiplicativo) ou imprecisos (indefinidos, realizados por pronomes, ou com valor altíssimo/baixíssimo).

Figueredo (2011) continua o trabalho de descrição do português brasileiro apresentando uma introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro. O autor descreve os sistemas lexicogramaticais de TEMA, MODO e inicia a descrição da TRANSITIVIDADE, concentrando-se nos Processos mentais, ilustrados aqui pela FIGURA 20, FIGURA 21 e FIGURA 22.

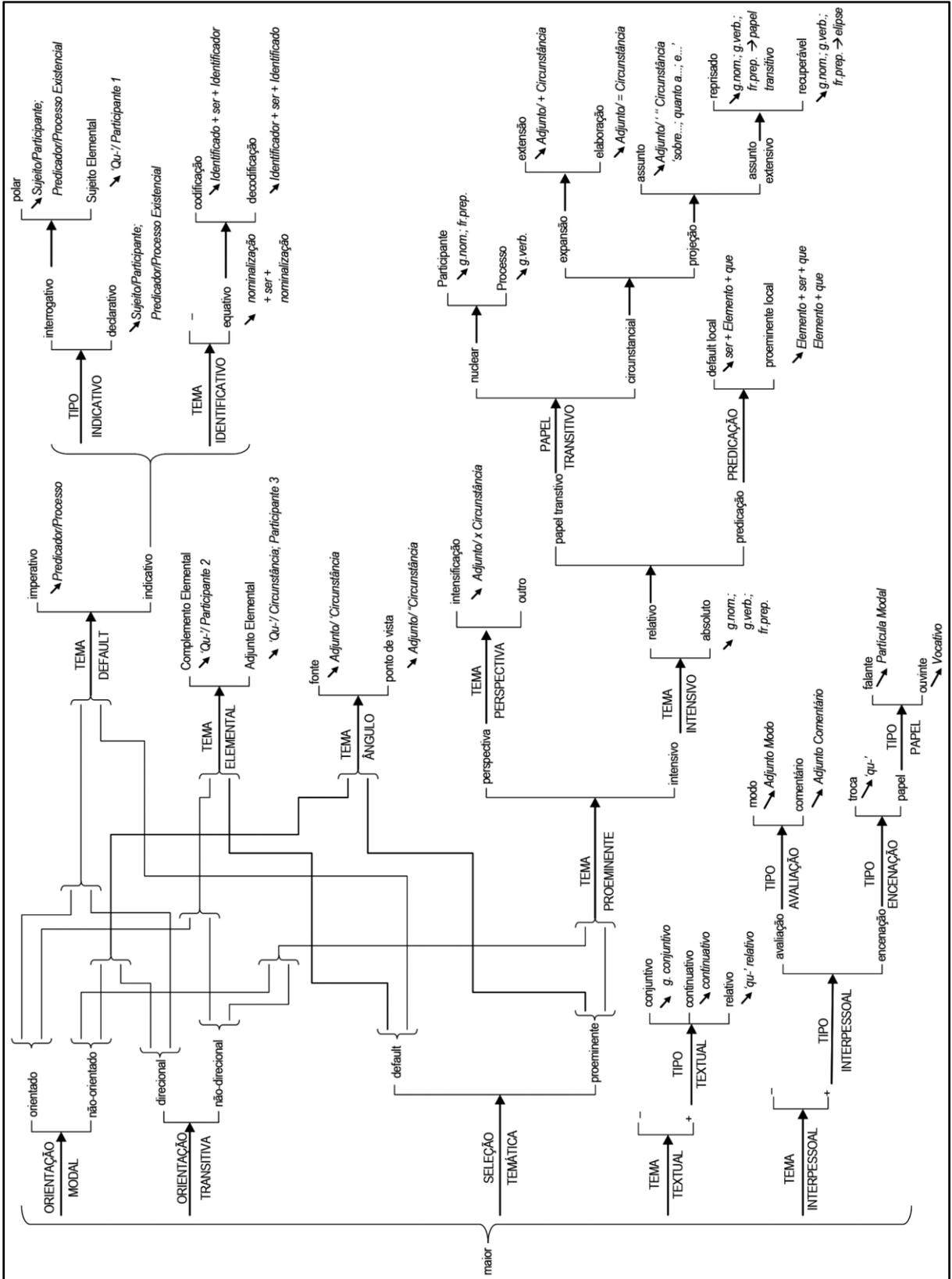


FIGURA 20 – A rede de sistemas de TEMA

Fonte: Figueredo (2011, p. 170).

A FIGURA 20 ilustra a rede de sistemas de TEMA do português brasileiro. Essa rede de sistemas organiza a realização dos significados textuais na lexicogramática na unidade da oração.

A FIGURA 21, por sua vez, apresente a rede de sistemas de MODO, que realiza no estrato lexicogramatical, mais especificamente na unidade da oração, os significados interpessoais.

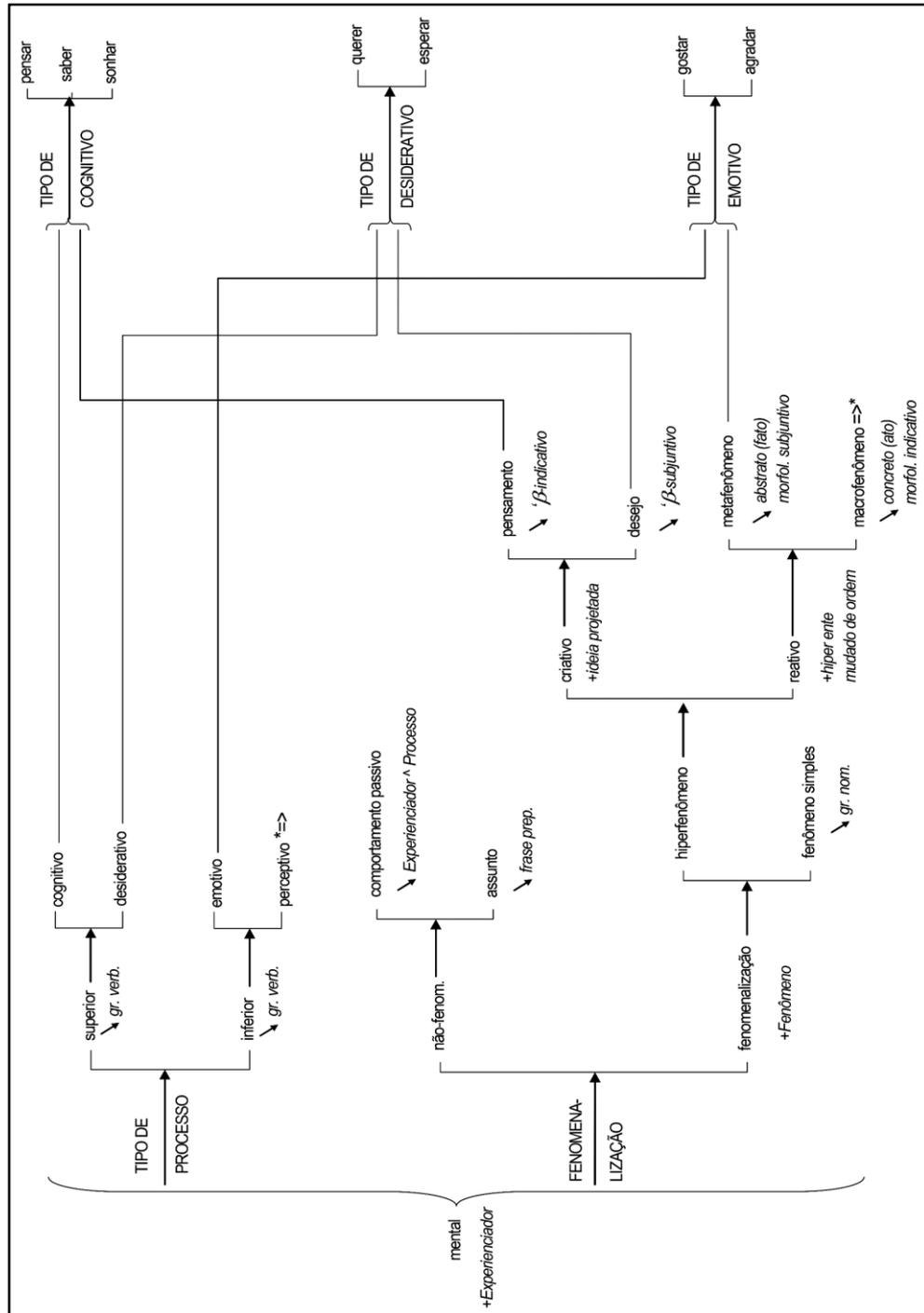


FIGURA 22 – Rede de sistemas da oração mental

Fonte: Figueredo (2011, p. 303).

E a FIGURA 22 apresenta a rede de sistemas das orações mentais, figurando como o primeiro passo na descrição da rede de sistemas da TRANSITIVIDADE do português brasileiro. A rede de sistemas dessa figura contribui para organizar a realização dos significados ideacionais na ordem da oração, com enfoque nos significados das figuras semânticas do sentir.

O autor continua o trabalho de descrição do português brasileiro em Figueredo (2015b), onde descreve mais detidamente a rede de sistemas de AVALIAÇÃO MODAL. A FIGURA 23 ilustra essa rede de sistemas.

A FIGURA 23 mostra a disposição sistêmica das partículas modais conforme o sistema de VALIDAÇÃO, e a relação desse sistema com outros subsistemas mais delicados da AVALIAÇÃO MODAL, a saber: AVALIAÇÃO DO MODO, COMENTÁRIO, POLARIDADE e TIPO DE MODALIDADE.

Figueredo, Pagano e Ferregueti (2014) descrevem dois sistemas da metafunção textual que se relacionam diretamente com o de TEMA, a saber, PREDICAÇÃO e IDENTIFICAÇÃO. A FIGURA 24 e a FIGURA 25 ilustram esses dois sistemas.

A FIGURA 24 ilustra a rede de sistemas de PREDICAÇÃO do português brasileiro. A condição de entrada dessa rede é a oração maior, e, ainda que se trate de uma rede referente a uma unidade lexicogramatical, mantém uma relação próxima com a unidade de informação, sendo fundamental para a realização do Novo.

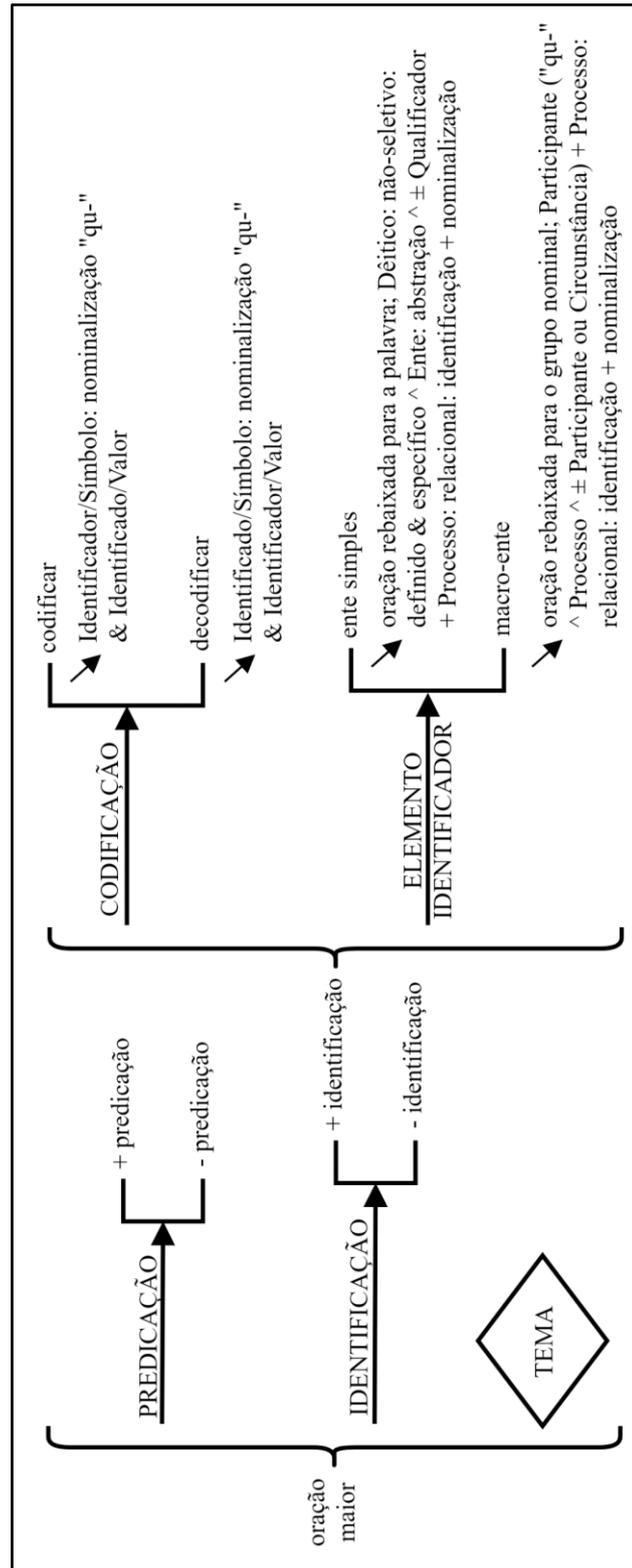


FIGURA 25 – Rede de sistemas de IDENTIFICAÇÃO

Fonte: Figueredo, Pagano e Ferregueti (2014, p. 348).

Já a FIGURA 25 ilustra a rede de sistemas de IDENTIFICAÇÃO. As escolhas feitas nessa rede dependem daquelas feitas nos sistemas de TEMA e de PREDICAÇÃO. As opções mais delicadas de identificação são resultado da cosseleção nos sistemas de CODIFICAÇÃO e de ELEMENTO CODIFICADOR.

Pagano, Ferregueti e Figueredo (2011) descrevem algumas características das orações relacionais. Mesmo que seu intuito não seja descrevê-las, os autores analisam o produto da tradução do inglês para o português brasileiro. Dessa maneira, Pagano, Ferregueti e Figueredo (2011) chegam às seguintes características sobre as orações relacionais: uma lista de segmentos formados por verbos e outras possíveis estruturas (*e.g.*, clíticos e preposições) que podem participar da construção de Processos relacionais na oração, e a distribuição dos Processos relacionais em quatro tipos de texto do corpus Klapt!, que foi utilizado na pesquisa.

Os verbos (e possíveis estruturas) que podem participar da construção de significados relacionais, descritos por Pagano, Ferregueti e Figueredo (2011), são: ser, estar, ter, tornar-se, incluir, parecer, constituir, significar, ficar, possuir, apresentar, assegurar, causar, distar, envolver, ir, querer dizer, tornar, tratar-se, alinhar-se, aproximar-se, caber, combinar, conter, continuar, deixar, demonstrar, depender, discutir, durar, encontrar-se, evidenciar, familiarizar-se, fazer parte, manter, manter-se, passar por, permanecer, pertencer, possibilitar, propiciar, representar e servir. E a TABELA 1 ilustra a distribuição das orações ideacionais na amostra do corpus Klapt! que foi analisada.

TABELA 1 – Tipos de textos e frequência de Processos relacionais encontrados nos textos alvo em português brasileiro no Klapt!

Tipos de textos	Processos relacionais
Artigo Acadêmico	77
Divulgação Científica	57
Ficção	68
Website Educacional	56
Total	258

Fonte: Pagano, Ferregueti e Figueredo (2011, p. 106).

Semelhante a Pagano, Ferregueti e Figueredo (2011), Ferregueti (2014) aborda algumas características das orações existenciais, mesmo que seu objetivo não seja descrever essas orações, também analisando-as no produto da tradução do inglês para o português

brasileiro. Ainda assim, a autora faz alguns apontamentos descritivos sobre as orações existenciais, quais sejam: uma lista de verbos que podem fazer parte de grupos verbais com função de Processo existencial e a distribuição dos Processos existenciais nos oito tipos de texto que estruturam o corpus Klapt!, que foi adotado em sua pesquisa.

Os verbos descritos por Ferregueti (2014, p. 30) que podem construir significados existenciais na oração são: acabar, acontecer, advir, aparecer, apontar, brotar, chegar, começar, comparecer, dar, decorrer, desaparecer, desabrochar, durar, eclodir, encontrar, esvanecer, evaporar, existir, expirar, extinguir, faltar, ficar, haver, iniciar, ir, fazer, manifestar, morrer, nascer, perdurar, permanecer, perseverar, persistir, pintar, prevalecer, raiar, rebentar, resistir, restar, rolar, romper, sair, seguir, ser, sobrar, sumir, surgir, ter e vir. E a distribuição das orações ideacionais no Klapt! é ilustrada pela TABELA 2.

TABELA 2 – Tipos de textos e frequência de Processos existenciais encontrados nos textos alvo em português brasileiro no Klapt!

Tipos de textos	Processos existenciais
Discurso Político	53
Artigo Acadêmico	80
Manual de Instruções	29
Website Educacional	17
Ficção	51
Resenha	23
Propaganda Turística	38
Divulgação Científica	23
Total	314

Fonte: adaptada de Ferregueti (2014, p. 81).

Ferregueti (2018) descreve a frase preposicional com função de Qualificador no grupo nominal. Como resultado, a autora apresenta um sistema multilíngue de QUALIFICAÇÃO para o inglês e o português brasileiro que explica a função do Qualificador nessas duas línguas e uma lista com possíveis preposições que podem ter função de miniProcesso na frase preposicional, a qual, por sua vez, tem função de Qualificador no grupo nominal. As preposições identificadas por Ferregueti (2018) são: *a, com, como, de, em, entre, para, por e sob*. A FIGURA 26 ilustra o sistema multilíngue de QUALIFICAÇÃO.

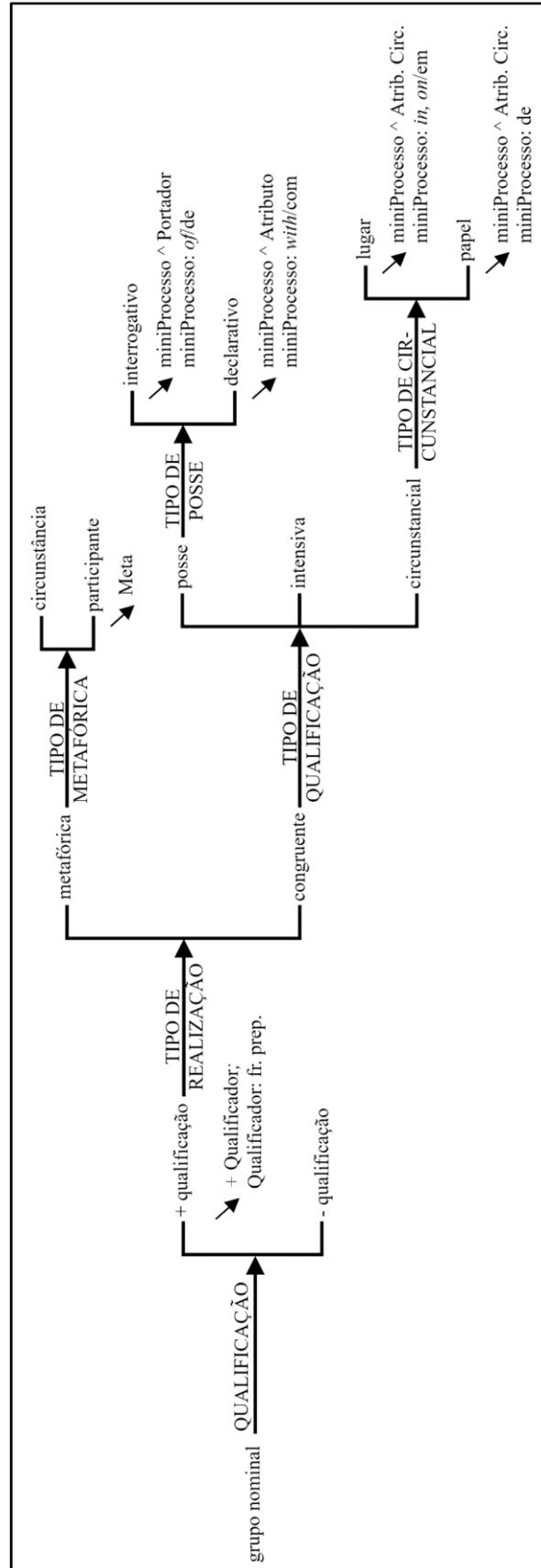


FIGURA 26 – Sistema de QUALIFICAÇÃO em inglês e português brasileiro

Fonte: Ferregueti (2018, p. 76).

Sá (2016), por sua vez, apresenta uma descrição do verbo e do grupo verbal. Em relação ao verbo, o QUADRO 37 e a FIGURA 27 ilustram o paradigma com as opções disponíveis para essa classe de palavra e suas realizações por morfemas. E a FIGURA 28 apresenta a rede de sistemas do grupo verbal.

QUADRO 37 – Realização do sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL do verbo do português brasileiro

ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL		morfologia do padrão -AR		morfologia do padrão -ER		morfologia do padrão -IR		morfologia do padrão -OR	
TIPO DE ORIENTAÇÃO	TIPO DE PESSOA	ME	MI	ME	MI	ME	MI	ME	MI
presente	1S 2S 3S, 2S, 1P, 2P, 3P 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>o as a amos ais am</i>	<i>beb</i>	<i>o es e emos eis em</i>	<i>grunh</i>	<i>o es e imos is em</i>	<i>exp</i>	<i>onho ões õe omos ondes õem</i>
pretérito perfectivo I	1S 2S 3S, 2S, 1P, 2P, 3P 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>ei aste ou amos astes aram</i>	<i>beb</i>	<i>i este eu emos estes eram</i>	<i>grunh</i>	<i>i iste iu imos istes iram</i>	<i>exp</i>	<i>us useste ôs usemos usestes useram</i>
pretérito imperfeito	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>ava avas ávamos áveis avam</i>	<i>beb</i>	<i>ia ias íamos íeis iam</i>	<i>grunh</i>	<i>ia ias íamos íeis iam</i>	<i>exp</i>	<i>unha unhas únhamos únheis unham</i>
pretérito perfectivo II	1S, 3S 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>ara aras áramos áreis aram</i>	<i>beb</i>	<i>era eras êramos êreis eram</i>	<i>grunh</i>	<i>ira iras íramos íreis iram</i>	<i>exp</i>	<i>usera useras uséramos uséreis useram</i>
passado volitivo	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>aria arias aríamos arieis ariam</i>	<i>beb</i>	<i>eria erías eríamos erieis eriam</i>	<i>grunh</i>	<i>iria irías iríamos irieis iriam</i>	<i>exp</i>	<i>oria orias oríamos orieis oriam</i>
futuro	1S 2S 3S, 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>arei arás ará aremos areis arão</i>	<i>beb</i>	<i>erei erás erá eremos ereis erão</i>	<i>grunh</i>	<i>irei irás irá iremos ireis irão</i>	<i>exp</i>	<i>orei orás orá oremos oreis orão</i>
subjuntivo conjuntivo	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>e es emos eis em</i>	<i>beb</i>	<i>a as amos ais am</i>	<i>grunh</i>	<i>a as amos ais am</i>	<i>exp</i>	<i>onha onhas onhamos onhais onham</i>

ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL		morfologia do padrão -AR		morfologia do padrão -ER		morfologia do padrão -IR		morfologia do padrão -OR	
TIPO DE ORIENTAÇÃO	TIPO DE PESSOA	ME	MI	ME	MI	ME	MI	ME	MI
subjuntivo condicional	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>asse</i> <i>asses</i> <i>ássemos</i> <i>ásseis</i> <i>assem</i>	<i>beb</i>	<i>esse</i> <i>esses</i> <i>êssemos</i> <i>êsseis</i> <i>essem</i>	<i>grunh</i>	<i>isse</i> <i>isses</i> <i>íssemos</i> <i>ísseis</i> <i>issem</i>	<i>exp</i>	<i>usesse</i> <i>usesses</i> <i>ússemos</i> <i>ússeis</i> <i>usessem</i>
subjuntivo optativo	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>ar</i> <i>ares</i> <i>armos</i> <i>ardes</i> <i>arem</i>	<i>beb</i>	<i>er</i> <i>eres</i> <i>ermos</i> <i>erdes</i> <i>erem</i>	<i>grunh</i>	<i>ir</i> <i>ires</i> <i>irmos</i> <i>irdes</i> <i>irem</i>	<i>exp</i>	<i>user</i> <i>useres</i> <i>usermos</i> <i>userdes</i> <i>userem</i>
imperativo I	2S, 2P, 3S 3S, 2S, 2P 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>a</i> <i>e</i> <i>emos</i> <i>ai</i> <i>em</i>	<i>beb</i>	<i>e</i> <i>a</i> <i>amos</i> <i>ei</i> <i>am</i>	<i>grunh</i>	<i>e</i> <i>a</i> <i>amos</i> <i>i</i> <i>am</i>	<i>exp</i>	<i>õe</i> <i>onha</i> <i>onhamos</i> <i>onde</i> <i>onham</i>
imperativo II	2S 3S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>es</i> <i>e</i> <i>emos</i> <i>eis</i> <i>em</i>	<i>beb</i>	<i>a</i> <i>as</i> <i>amos</i> <i>ais</i> <i>am</i>	<i>grunh</i>	<i>a</i> <i>as</i> <i>amos</i> <i>ais</i> <i>am</i>	<i>exp</i>	<i>onha</i> <i>onhas</i> <i>onhamos</i> <i>onhais</i> <i>onham</i>
não-finito concretizado	1S, 2S, 3S, 1P, 2P, 3P 2S 1P 2P 3P	<i>cant</i>	<i>ar</i> <i>ares</i> <i>armos</i> <i>ardes</i> <i>arem</i>	<i>beb</i>	<i>er</i> <i>eres</i> <i>ermos</i> <i>erdes</i> <i>erem</i>	<i>grunh</i>	<i>ir</i> <i>ires</i> <i>irmos</i> <i>irdes</i> <i>irem</i>	<i>exp</i>	<i>user</i> <i>useres</i> <i>usermos</i> <i>userdes</i> <i>userem</i>
infinitivo	-	<i>cant</i>	<i>ar</i>	<i>beb</i>	<i>er</i>	<i>grunh</i>	<i>ir</i>	<i>exp</i>	<i>or</i>
gerúndio	-	<i>cant</i>	<i>ando</i>	<i>beb</i>	<i>endo</i>	<i>grunh</i>	<i>indo</i>	<i>exp</i>	<i>ondo</i>
particípio	feminino-singular masculino-singular feminino-plural masculino-plural	<i>cant</i>	<i>ada</i> <i>ado</i> <i>adas</i> <i>ados</i>	<i>beb</i>	<i>ida</i> <i>ido</i> <i>idas</i> <i>idos</i>	<i>grunh</i>	<i>ida</i> <i>ido</i> <i>idas</i> <i>idos</i>	<i>exp</i>	<i>osta</i> <i>osto</i> <i>ostas</i> <i>ostos</i>

Fonte: Sá (2016, p. 66-67).

O QUADRO 37 mostra as estruturas que realizam o sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL – este, por sua vez, representado aqui na FIGURA 27. Esse sistema é realizado por morfemas interpessoais (ou “MI”, como apresentado no quadro), e o QUADRO 37 ilustra o funcionamento desses morfemas como Verbalidade nos verbos que têm como lemas “cantar”, “beber”, “grunhir” e “expor”. Como se observa no quadro, os morfemas interpessoais podem ser agrupados em quatro padrões morfológicos segundo os lemas desses morfemas (-AR, -ER, -IR e -OR) e de acordo com os sistemas de TIPO DE ORIENTAÇÃO e TIPO DE PESSOA.

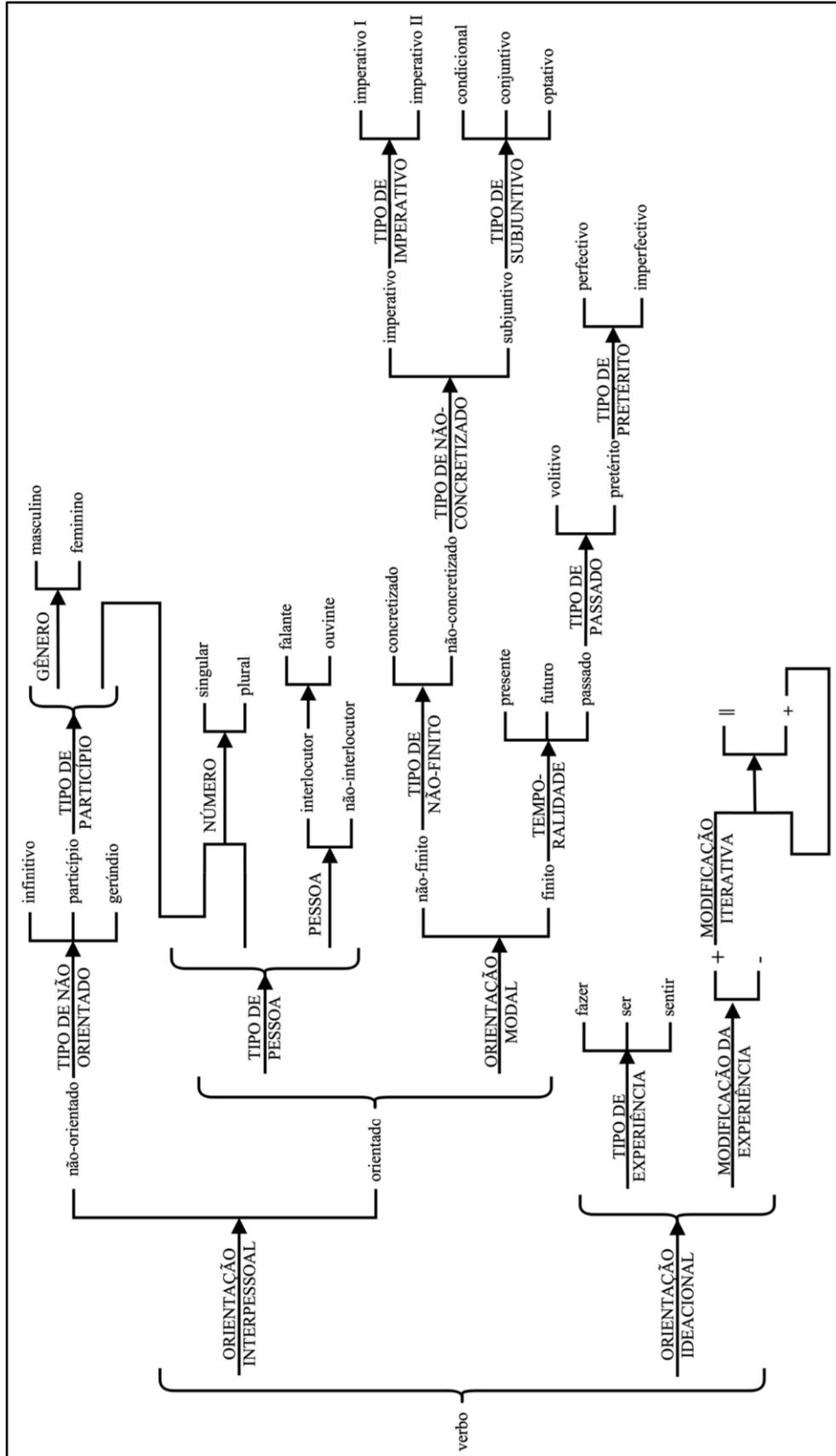


FIGURA 27 – Rede de sistemas do verbo

Fonte: Sá (2016, p. 112).

Na FIGURA 27 observa-se a rede de sistemas do verbo do português brasileiro. Essa rede tem o verbo como condição de entrada e apresenta-se como a cosseleção em dois sistemas: ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL, realizado por morfemas interpessoais, e ORIENTAÇÃO IDEACIONAL, realizado por morfemas experienciais e lógico-semânticos.

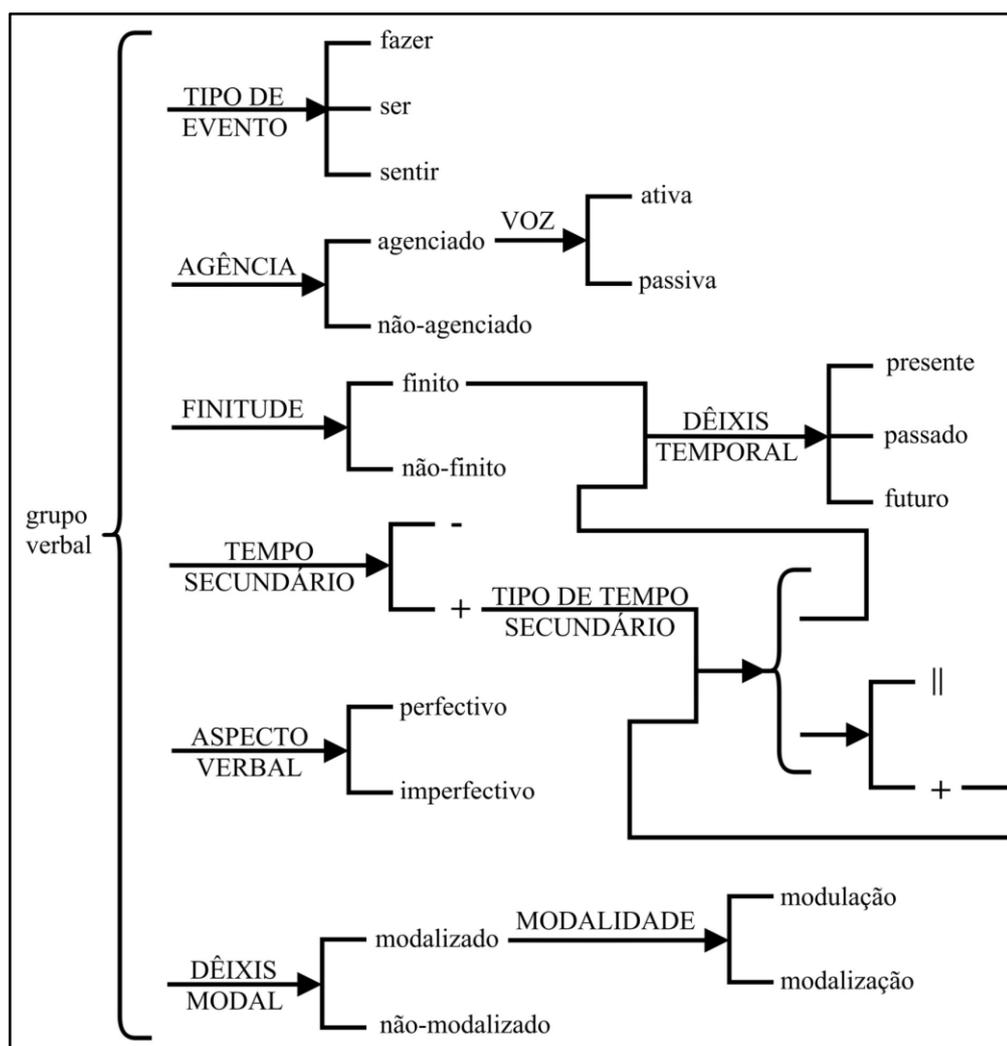


FIGURA 28 – Rede de sistemas do grupo verbal

Fonte: Sá (2016, p. 113).

E a FIGURA 28 ilustra a rede de sistemas do grupo verbal. O desenho dessa rede envolve o grupo verbal como condição de entrada e a cosseleção em diversos sistemas (e.g. FINITUDE e TEMPO SECUNDÁRIO), que são realizados por diferentes estruturas e classes de verbo.

Braga (2016) descreve a função da Circunstância do português brasileiro, apresentando suas categorias, os testes lexicogramaticais para sua identificação e a distribuição das Circunstâncias no corpus Klapt!. O QUADRO 38 ilustra as categorias e testes lexicogramaticais.

QUADRO 38 – Tipos de Circunstância e testes gramaticais

Tipo de Circunstância	Pergunta típica	Subcategoria da Circunstância	Teste de subcategoria
extensão	<i>como...?</i>	duração	<i>por quanto tempo?</i>
	<i>a que intervalo?</i>	frequência	<i>quantas vezes?</i>
localização	<i>a que ponto?</i>	temporal	<i>quando?</i>
		espacial	<i>onde?</i>
de modo	<i>como?</i>	meio	<i>por quais meios?</i>
		qualidade	<i>como?</i>
		comparação	<i>parecido com o quê?</i>
		grau	<i>com que intensidade?</i>
causa	<i>por quê?</i>	razão	<i>por quê?</i>
		propósito	<i>para quê?</i>
		benefício	<i>para quem?</i>
de contingência	<i>em quais circunstâncias?</i>	de condição	<i>sobre quais circunstâncias?</i>
		de concessão	<i>apesar do quê?</i>
		de falta	<i>faltando o quê?</i>
acompanhamento	<i>com quem?</i>	comitativo	<i>com o que? Com quem?</i>
		aditivo	<i>e o que mais/e quem mais?</i>
de papel		guisa	<i>como o quê?</i>
		produto	<i>se transformou em quê?</i>
de assunto	<i>sobre o quê?</i>		
ângulo		fonte	<i>segundo quem?</i>
		ponto de vista	<i>na perspectiva de quem?</i>

Fonte: Braga (2016, p. 49-50).

O GRÁFICO 1 ilustra a distribuição das Circunstâncias no corpus, considerando os textos tanto em inglês quanto em português brasileiro analisados na amostra.

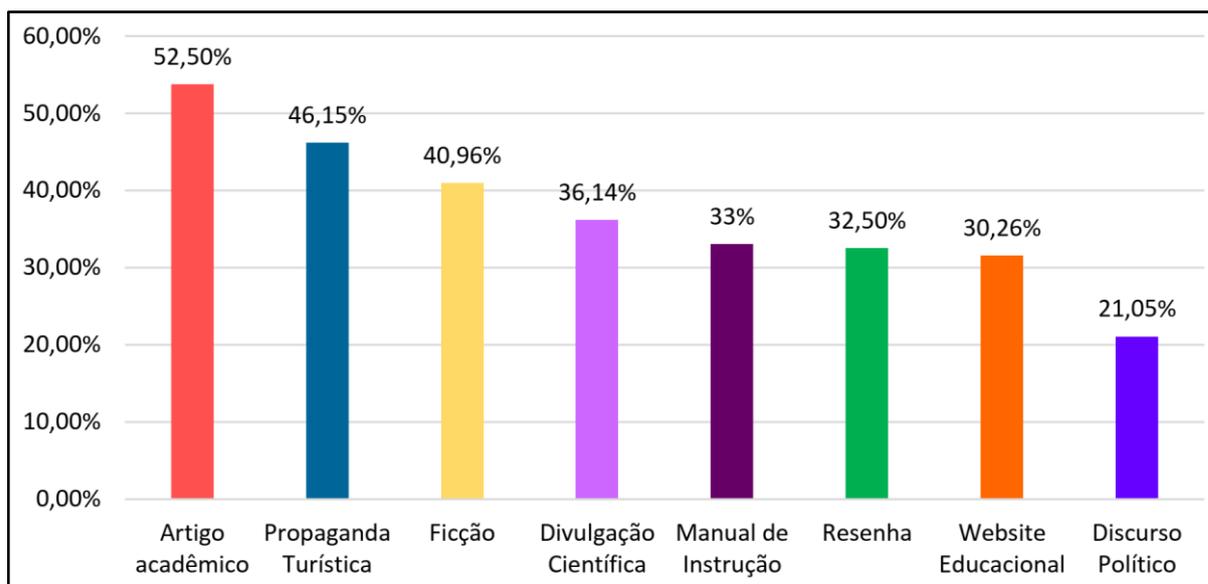


GRÁFICO 1 – Frequência relativa de orações com circunstâncias por tipo de texto

Fonte: Braga (2016, p. 178).

Monteiro (2016) propõe uma descrição da função interpessoal do Adjunto, desenhando um sistema que organiza esse fraseado na ordem do grupo de acordo com sua relação com cada metafunção. A FIGURA 29 ilustra o sistema dos Adjuntos.

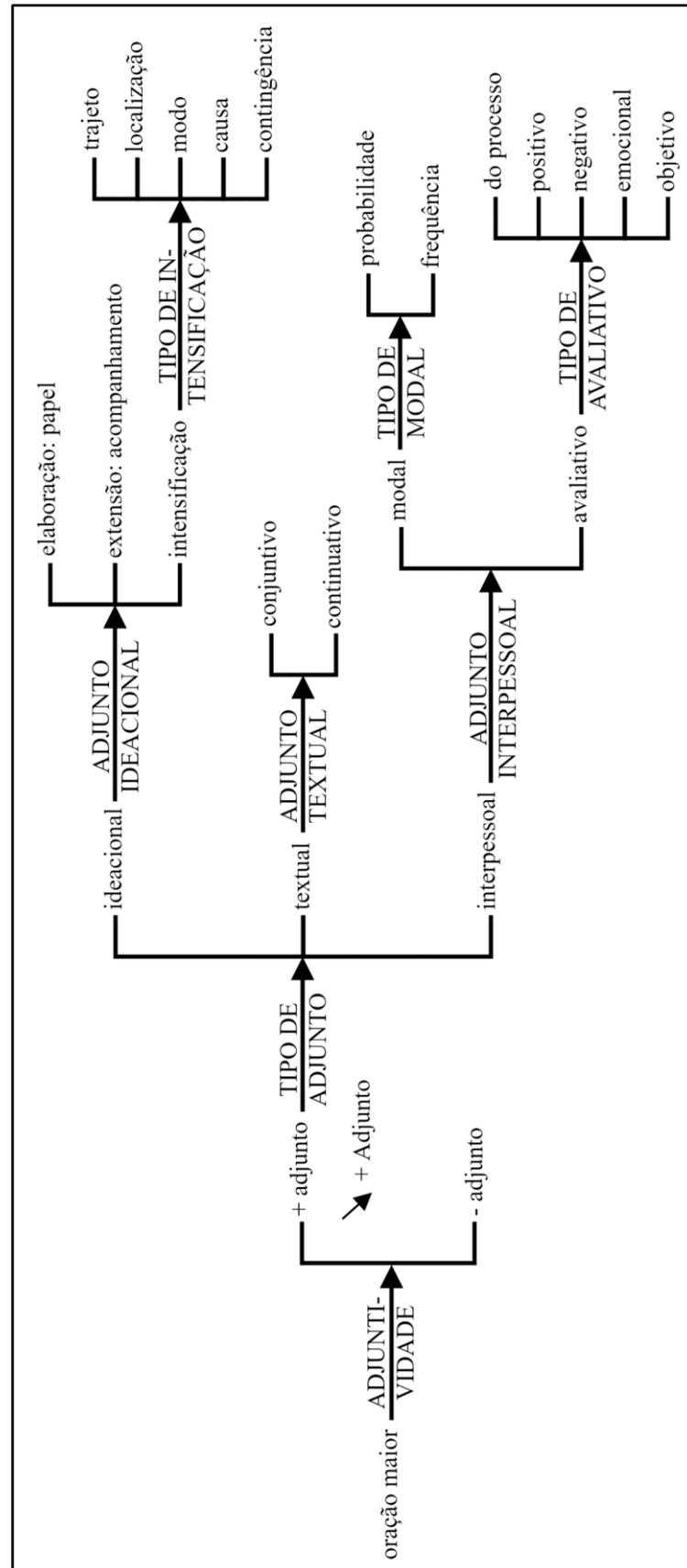


FIGURA 29 – Rede de sistemas dos Adjuntos

Fonte: adaptada de Monteiro (2016, p. 119).

Rosa (2017) descreve o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA do verbo, tradicionalmente tratado como “prefixação” ou “composição”, e apresenta a estrutura potencial realizada por morfemas lógico-semânticos. A descrição de Rosa (2017) pode ser ilustrada pela FIGURA 30 e pelo QUADRO 39.

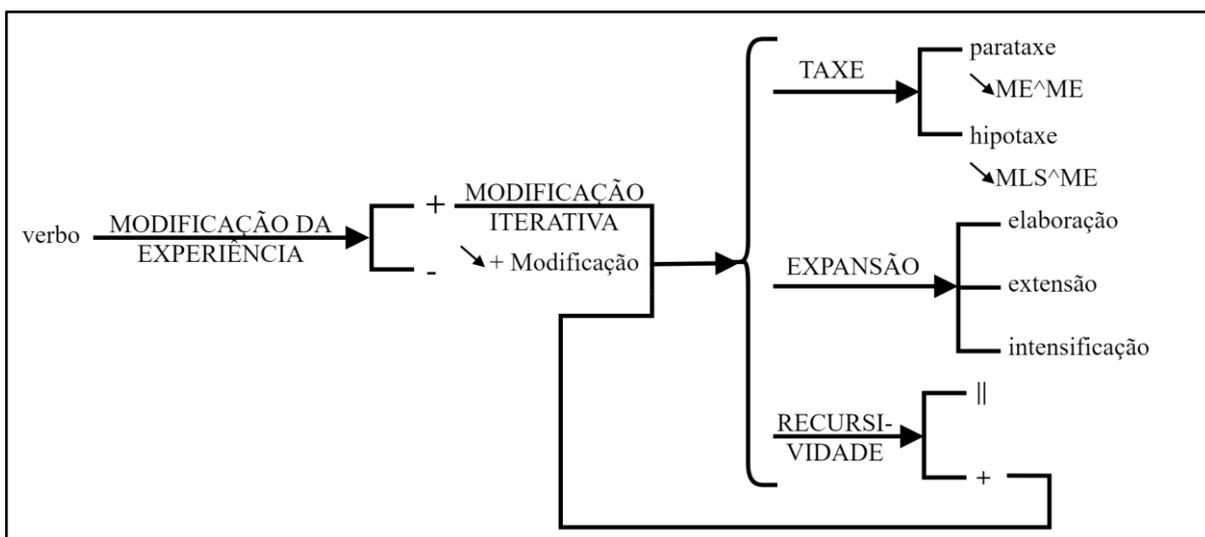


FIGURA 30 – Sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Fonte: Rosa (2017, p. 68).

Observa-se na FIGURA 30 o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA do português brasileiro, o qual tem o verbo como condição de entrada e é realizado por estruturas lógicas formadas por morfemas experienciais e morfemas lógico-semânticos.

E o QUADRO 39 apresenta os morfemas lógico-semânticos do português brasileiro e as possibilidades de ocorrência nas relações lógicas de expansão do verbo, quais sejam, elaboração (e.g. “des ^ a ^ pareceu” e “ad ^ mira”), extensão (e.g. “a ^ visou”) e intensificação (e.g. “pré ^ separar” e “ex ^ por”).

A. Paula (2017) também contribuiu com a descrição do português brasileiro ao abordar as orações verbais, descrevendo o sistema que organiza seu potencial, ilustrado pela FIGURA 31 e pelo QUADRO 40.

QUADRO 39 – Potencial de morfemas na realização de relações lógico-semânticas

Relação lógico-semântica		Realização em ML (segunda posição)	Realização em ML (primeira posição)	Exemplos (ML [^] ML) (segunda posição)	Exemplos (ML) (primeira posição)
Expansão	Elaboração	a; des; in; re	a; ad; al; d; de; des; di; dis; em; en; i; im; in; re	arrependeu; desapareceu; al(ad)moçar; informei; recomendamos	assegura; admira, adotam, adora; d'ourado; desistir; descobrir, desligue; dificultar; dispõe, distinguir; embalar; envolver; iluminado; impedir; informar; refletem, revela, reduzir, retorna
	Extensão		a; ab; auto; im; o; ob; se; tra		avisou; abusam; auto-motivar; impõe; ocorre
	Intensificação	pré	co; com; con; cum; de; e; en; ex; im; in; o; per; pre, pro; se; su; sub; trans; ultra	pré-separar	comprovada; conquistar; cumprir; definir; eliminar; encontrava; entender; expor; importa; investigar; oferecer; perguntar; preparar; protegendo; separar; surgir; substituir; transferir; ultrapassar

Fonte: Rosa (2017, p. 75).

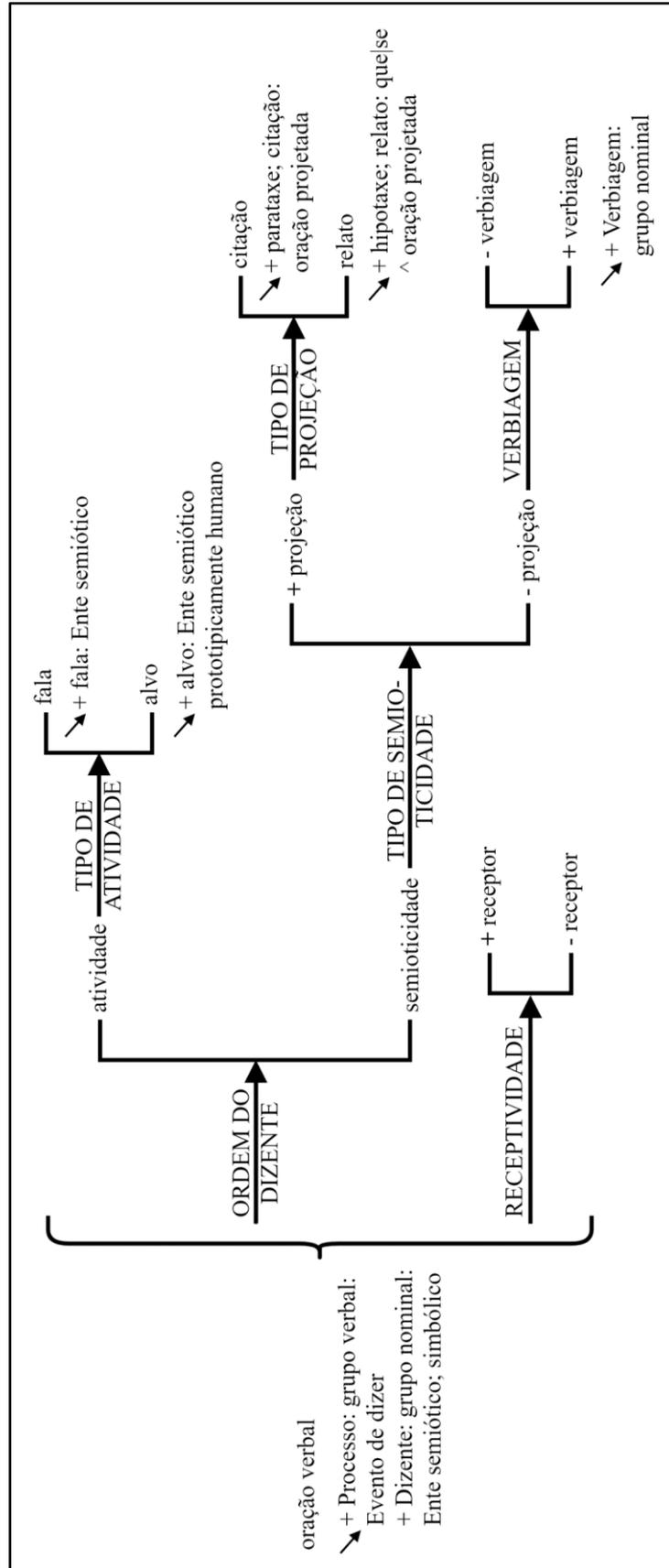


FIGURA 31 – Rede de sistemas das orações verbais

Fonte: adaptada de A. Paula (2017, p. 96).

A FIGURA 31 apresenta a rede de sistemas das orações verbais do português brasileiro. Essa rede tem a própria oração verbal como condição de entrada e explica, por meio da cosseleção nos sistemas de ORDEM DO DIZENTE e RECEPTEIVIDADE, a realização lexicogramatical das figuras semânticas de dizer. O QUADRO 40 resume as principais características dos Processos verbais.

QUADRO 40 – Principais características dos Processos verbais

		Semiose				Atividade	
		Locução	Relato		Verbiagem	Fala	Alvo
		Citação	Indicação	Comando			
Potencial para projetar	Projeção: parataxe; hipotaxe	√	√	√			
Processo Verbal	Significado de fala	√	√	√	√	√	√
Participantes	Dizente (semiótico: consciente, simbólico)	√	√	√	√	√	√ (apenas consciente)
	Verbiagem				√		
	Receptor (Ente humano)	√	√	√	√	√	
	<i>Alvo</i>						√
Marcação de tempo	Passado/ presente simples	√	√	√	√	√	√

Fonte: A. Paula (2017, p. 95).

A autora também apresenta um panorama geral dos processos em português brasileiro com critérios que evidenciam suas principais semelhanças e diferenças, como ilustrado pelo QUADRO 41.

QUADRO 41 – Critérios de diferenciação dos Processos

Critérios	Processos				
	verbal	mental	material	existencial	relacional
Capacidade de projetar	Sim citação e relato	Sim ideias	Não	Não	Não
Participantes nucleares	1 a 3 Dizente, Receptor, Verbiagem	2 (obrigatórios) Experienciador, Fenômeno	1 a 3 Ator, Meta, Escopo, Beneficiário (Recebedor, Cliente, Atributo)	Apenas 1 Existente	2 (obrigatórios) Portador, Atributo; Símbolo, Valor
Restrições quanto aos Participantes	Não	Sim Experienciador consciente ou dotado de consciência	Não	Não	Sim Atributo não pode ser um pronome ou nome próprio
Marcação de tempo	Presente/ passado/futuro simples	Presente simples	Passado simples, presente contínuo	Presente simples	Passado imperfeito

Fonte: A. Paula (2017, p. 43).

Além disso, A. Paula (2017) apresenta uma lista de exemplos de verbos que podem participar da construção do Processo verbal. Essa lista pode encontra-se ilustrada aqui pelo QUADRO 42.

QUADRO 42 – Exemplos de verbos que podem operar como Processos verbais

Tipo de Processo verbal	Exemplos dos verbos	
Semiose	Citação (Dizer)	dizer, perguntar, responder
	Indicação (Relatar)	aceitar, anunciar, apostar, comentar, contar, declarar, definir, informar, mencionar, pedir, propor, relatar
	Comando (Ordenar)	autorizar, convidar, ordenar, recomendar
	Verbiagem (Apontar)	agradecer, alertar, criticar, defender, desafiar, descrever, orientar, sugerir
Atividade	Fala (Conversar)	citar, conversar, convidar, discordar, reclamar, responder, xingar
	Alvo (Falar)	falar

Fonte: A. Paula (2017, p. 94).

L. Alves (2017) também contribui para a descrição do sistema de transitividade, mas com enfoque nas orações materiais. A rede de sistemas das orações materiais pode ser ilustrada pela FIGURA 32.

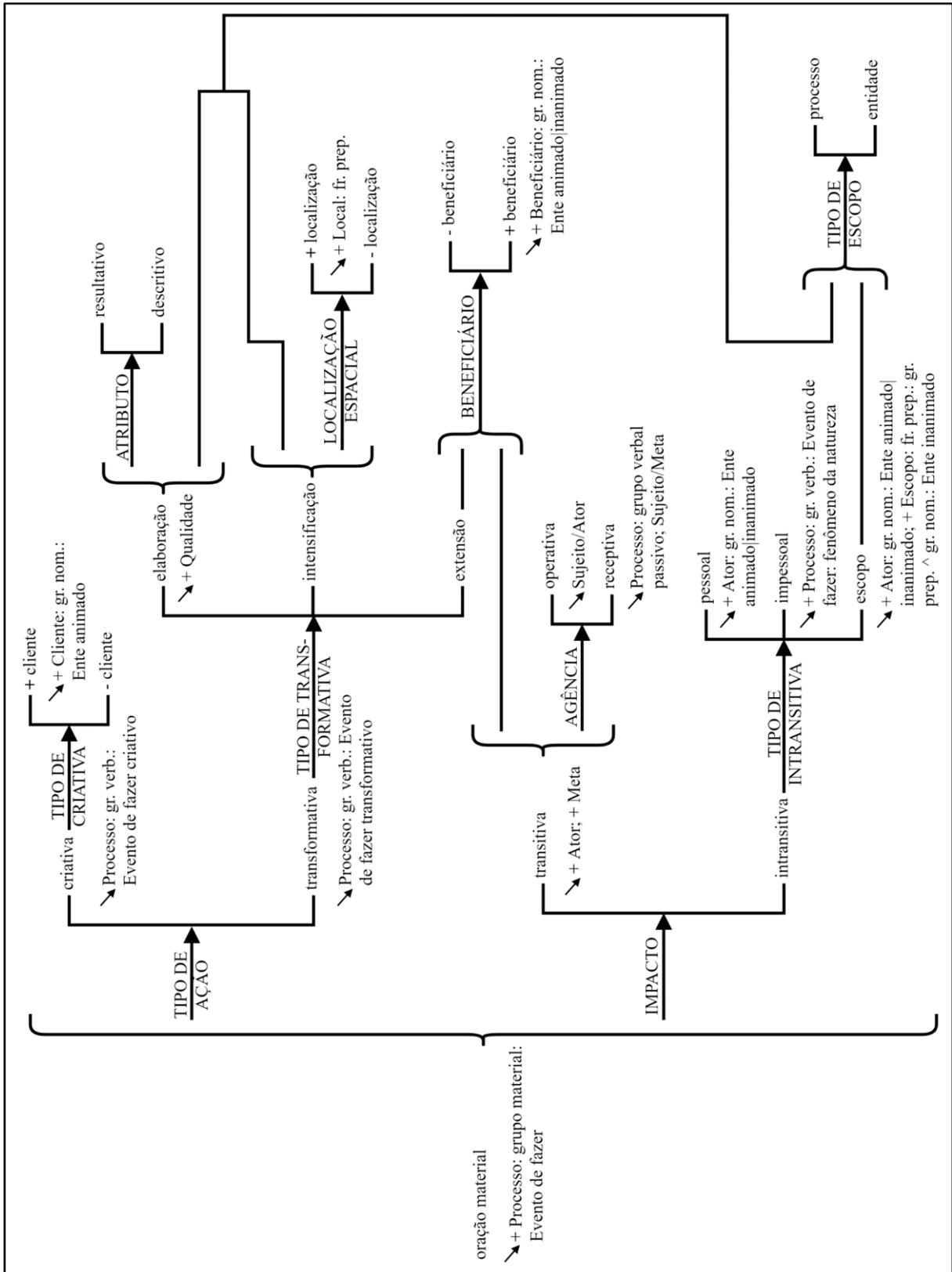


FIGURA 32 – Rede de sistemas das orações materiais

Fonte: adaptada de L. Alves (2017, p. 62).

Por fim, R. Alves (2018) contribui para a descrição do português brasileiro descrevendo o sistema semântico de CONJUNÇÃO, que explica a unidade da seqüência nesse estrato. O sistema pode ser ilustrado pela FIGURA 33.

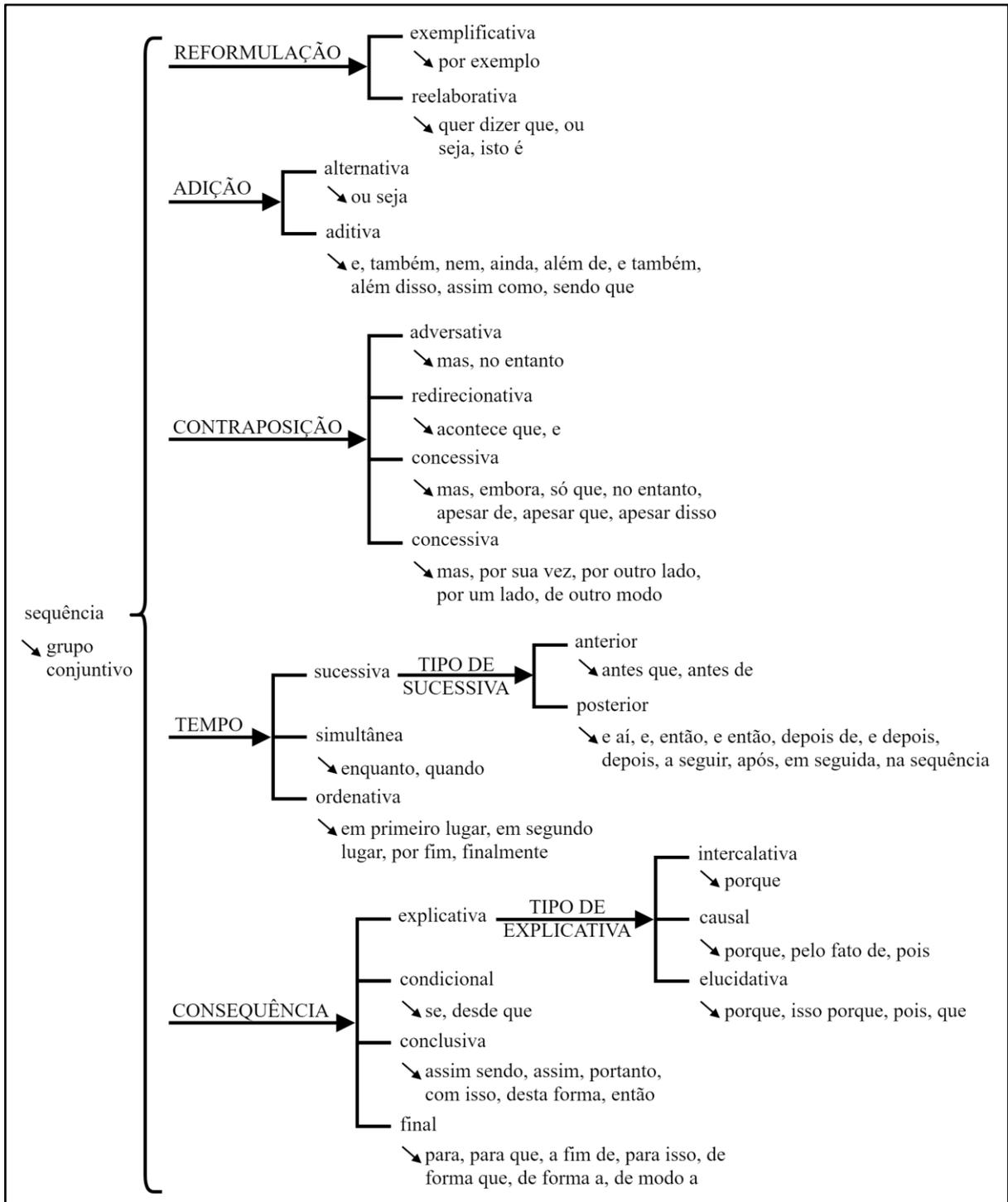


FIGURA 33 – Rede de sistemas de CONJUNÇÃO

Fonte: R. Alves (2018, p. 136).

Até o momento da redação desta tese, essas foram as contribuições para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro. Esta tese se propõe a dar mais um passo nessa direção, apresentando as realizações lexicogramaticais da experiência temporal através da relação entre os eixos do sistema e da estrutura nas ordens da oração, do grupo e da palavra.

Para concluir esta seção, é possível retornar à distinção entre teoria, descrição e análise. Como discutido anteriormente, a teoria sistêmico-funcional explica a linguagem humana, definindo suas dimensões globais e locais, e as descrições explicam a realização desse sistema semiótico em grupamentos humanos específicos (MATTHIESSEN, 2009). Assim, nesta seção é possível observar como diferentes fenômenos do potencial semiótico do português brasileiro podem ser abordados em cada estrato, a partir de qualquer uma das (ou todas as) metafunções, analisando uma ou mais unidades, com enfoque sintagmático ou paradigmático – ainda que o objetivo seja sempre descrever a língua como recurso e não simplesmente como uma taxonomia (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Nesse sentido, a descrição da construção da experiência de tempo pode se fundamentar na produção acadêmica de orientação sistêmico-funcional tanto teórica como também descritiva.

2.2.5 A descrição das estruturas lexicogramaticais que realizam a experiência de tempo em português brasileiro

Tendo em vista as dimensões globais e locais da linguagem definidas pela teoria sistêmico-funcional, os princípios de descrição sistêmica adotados nesta pesquisa e o estado da arte da descrição sistêmico-funcional do português brasileiro, é possível prosseguir com a discussão sobre a descrição da experiência de tempo apresentando as propostas de diferentes autores que não necessariamente se inserem nesse campo teórico.

Nesta seção são apresentadas de maneira concisa as contribuições de Câmara Jr. (1999), Cunha e Cintra (2017), Cegalla (2008), Perini (2005), Castilho (1967, 2010), Travaglia (1991, 2014), Neves (2000), Bechara (2009) e Bagno (2012). Essas contribuições são discutidas à luz dos parâmetros de tempo definidos em Halliday e Matthiessen (1999, p. 214), a saber, (i) localização, segundo a qual um processo ocorre em um fluxo linear de tempo; (ii) perspectiva, na qual um processo se relaciona com o fluxo de experiência como um todo, incluindo outros

processos; (iii) estágio, para o qual um processo ocupa uma medida de tempo; e (iv) perfil, segundo o qual um processo pode se estender no tempo.

Começando por Câmara Jr. (1999), o autor apresenta uma descrição que enfoca o parâmetro da localização temporal em termos de passado, presente e futuro, e a perspectiva, em termos de atualização e visualização e de perfectividade e imperfectividade. Tendo a unidade da palavra como objeto de descrição, o autor explora a “noção gramatical” do tempo (CÂMARA JR., 1999, p. 99), destacando como o verbo pode construir diferentes localizações e perspectivas por meio de dois “sistemas”⁴¹: (i) um mais comum na “língua oral”, construído por verbos no “presente” e no “pretérito”; (ii) outro construído por verbos no “presente” ou “pretérito” em oposição ao “futuro”. Câmara J. (1999, p. 100) afirma que verbos no “presente” podem construir a localização no presente (*e.g.*, “parto agora”), no futuro (“parto amanhã”) ou “indefinida” (“parto sempre de casa às 10 horas”). Em comparação, verbos no “pretérito” podem construir “um pretérito anterior a outro”, denominando-se essa localização “mais-que-perfeito” (“cantara”), ou podem construir duas perspectivas diferentes, denominadas “imperfecta” (“eu já partia quando ele entrou”) e “perfecta” (“parti ontem”) (CÂMARA JR., 1999, p. 100). De acordo com o autor, o “pretérito imperfecto” pode “indicar modalmente a irrealidade” (CÂMARA JR., 1999, p. 100), isto é, a visualização de um processo no tempo, de maneira que não seja construído na ordem material da realidade. Os verbos no “futuro” se opõem a um “presente indefinido” (“partirei amanhã”) ou dizem respeito a um “um pretérito posterior a um momento passado do ponto de vista do momento em que se fala” (“O menino nasceu no dia 13 na velha casa da fazenda. Daí por diante, cresceria em plena liberdade, como um animalzinho selvagem”) (CÂMARA JR., 1999, p. 100–101).

Câmara Jr. (1999) ainda destaca a relação entre a experiência de tempo e o sistema de MODO ao apontar (i) como “orações subordinadas” podem construir a localização no “pretérito” (“talvez fosse verdade”), “presente” (“talvez seja verdade”) ou “futuro” (“se fosse verdade”) e (ii) como o imperativo “não é mais que um subjuntivo sem o elo da subordinação sintática” podendo “ter uma forma coincidente com o subjuntivo presente” (CÂMARA JR., 1999, p. 102).

Por fim, o autor ainda faz “uma apreciação semântica” acerca de verbos com morfologia de infinitivo, gerúndio e particípio, destacando que a diferença entre eles é

⁴¹ Nesta tese, encontram-se entre aspas os termos adotados por outras teorias linguísticas diferentes da sistêmico-funcional, ou que são apresentados sob a ótica de outras teorias.

“aspectual e não temporal” (CÂMARA JR., 1999, p. 103). O autor afirma que o infinitivo é a “forma mais vaga” do verbo, não havendo “sem implicações das noções gramaticais de tempo, aspecto ou modo”, enquanto a oposição entre gerúndio e particípio se dá em termos de “aspecto”, na qual o gerúndio é “imperfeito” e o particípio é “concluso ou perfeito” (CÂMARA JR., 1999, p. 103).

Cunha e Cintra (2017) também enfocam sua abordagem na unidade da palavra, explorando prescritivamente a localização, a perspectiva, o estágio e o perfil. Cunha e Cintra (2017, p. 393) também reconhecem a centralidade do processo na construção da experiência de tempo; porém, sua proposta aborda esses significados no estrato lexicogramatical, na unidade da palavra – como os próprios autores afirmam, em relação ao “verbo”: “é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”.

Em relação ao perfil, os autores, por exemplo, apresentam o “predicado nominal” como formado por um “verbo de ligação” seguido de “predicativo”, sendo que o “verbo de ligação” pode construir significados como “estado permanente” (“eu sou a tua sombra”), “estado transitório” (“o velho esteve entre a vida e a morte durante uma semana”), “mudança de estado” (“Amaro ficou muito perturbado”), “continuidade de estado” (“o Barbaças continuava alheado e sorridente”) e “aparência de estado” (“ela parecia uma figura de retrato”) (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 146–147). Já em relação à localização, os autores a tratam sob o conceito de “tempo natural” do “verbo” e identificam três possibilidades: “presente” (“um fato ocorrido no momento em que se fala”), “passado (ou pretérito)” (“antes do momento em que se fala”) e “futuro” (“após o momento em que se fala”) (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 395). Os autores então apontam para a relação entre a localização e o sistema de modo, afirmando que “o pretérito e o futuro subdividem-se no modo indicativo e no subjuntivo” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 395). No que diz respeito à perspectiva e ao estágio, Cunha e Cintra (2017, p. 396) os abordam sob o conceito de “aspecto”, definindo-o como “uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo”, sendo possível expandir esse conceito para incluir “valores semânticos pertinentes ao verbo ou ao contexto”. Assim, os autores identificam os seguintes “aspectos”: “pontual” (“acabo de ler Os lusíadas”), “durativo” (“continuo a ler Os lusíadas”), “contínuo” (“vou lendo Os lusíadas”), “descontínuo” (“voltei a ler Os lusíadas”), “incoativo” (“comecei a ler Os lusíadas”), “conclusivo” (“acabei de ler Os lusíadas”), “forma simples” (“leio Os lusíadas”), “perífrase durativa” (“estou lendo Os lusíadas”), “passividade” realizada com *ser* (“ele foi ferido”) e “passividade” realizada com *estar* (“ele está ferido”) (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 396–397).

Os autores ainda identificam a contribuição do “advérbio” na construção do tempo, pois é definido como “modificador do verbo” e podem ser classificados como “advérbios de tempo”, por exemplo: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre e tarde* (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 555–557). E por fim, os autores também apontam para a construção de tempo por complexos oracionais ao tratarem sobre “conjunções”, identificando “conjunções subordinativas temporais” (“quando”, “antes que”, “depois que”, “até que”, “logo que”, “sempre que”, “assim que”, “desde que”, “todas as vezes que”, “cada vez que”, “apenas”, “mal”, “que”), que participam da estrutura de “orações subordinadas indicadoras de circunstância de tempo” (“sempre que posso, vou onde as recordações me chamam”) (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 600–601).

Cegalla (2008), de maneira semelhante às duas propostas anteriores, trata da experiência temporal com enfoque na unidade da palavra, explorando como constrói a localização, a perspectiva e o estágio. Com relação à localização, Cegalla (2008, p. 194-195) afirma que “tempos verbais” são os responsáveis por situar “o fato ou a ação verbal dentro de determinado momento (durante o ato da comunicação, antes ou depois dele)”, sendo eles o “presente” (“agora eu leio”), o “pretérito” (“ele trancou a porta”) e o “futuro” (“Beatriz ganhará o prêmio”). O autor ainda determina regras de transformação segundo as quais é possível dividir os “tempos verbais” em (i) “primitivos”, a saber, “presente do infinitivo impessoal” (*e.g.*, “amar”, “caber”), “presente do indicativo” (“digo”, “dizes”, “dizeis”) e “pretérito perfeito do indicativo” (“disseram”); e (ii) “derivados”, que são formados “com o radical dos primitivos” (CEGALLA, 2008, p. 198). Cegalla (2008, p. 200) também aborda a organização lógica da localização ao explorar o que denomina de “tempos compostos”, sendo realizados por “locuções verbais”, como em: “tenho de ir hoje”, “estava lendo o jornal”, “que vais fazer?”, “ela começou a rir”, “não queria comprometer-se”, “Clóvis anda viajando”, “Sandra veio correndo: o noivo acabara de chegar” e “o jornal voltou a circular”.

Como é possível notar, Cegalla (2008), ao tratar da construção de tempo por “tempos compostos”, considera os parâmetros de tempo de localização e estágio como um único fenômeno (*e.g.*, “o jornal voltou a circular”). De maneira semelhante, o autor também considera como parte dos “tempos compostos” a dêixis modal (“tenho de ir hoje”) e até questões que não constroem o tempo propriamente, como a projeção em complexos de grupos verbais (“não queria comprometer-se”).

Além disso, Cegalla (2008, p. 220), ao tratar da “formação da voz passiva”, afirma que “pode-se exprimir a passiva analítica com outros verbos auxiliares”, como em “a aldeia estava isolada pelas águas”, “o cachorro ficou esmagado pela roda do ônibus”, “a noiva vinha acompanhada pelo pai” e “o preso ia escoltado pelos guardas”. Isso mostra que o autor, de maneira semelhante aos “tempos compostos”, aborda a perspectiva e o estágio como parte da “voz passiva”, interseccionando diferentes parâmetros e modos de significado (*i.e.*, metafunções).

Por fim, o autor também explica a relação entre a experiência temporal e o sistema de modo, designando “verbos” nos modos “indicativo”, “subjuntivo” e “imperativo” respectivamente como “fato certo”, “incerto” e “ordenado ou pedido” (CEGALLA, 2008, p. 584). Além disso, Cegalla (2008, p. 260, 293, 401-402) entende que a experiência de tempo pode ser construída por “advérbios de tempo” (*e.g.*, “agora”, “hoje”, “amanhã”, “depois”, “ontem”, “anteontem”, “já”) e por “conjunções subordinativas temporais” nas “orações subordinadas adverbiais” (“venha quando você quiser” e “não fale enquanto come”).

Perini (2005) também aborda a experiência temporal a partir da lexicogramática, com enfoque na unidade da palavra; porém, é importante destacar que o autor também leva em consideração a unidade oração em sua descrição. Ainda, ao pautar sua descrição no eixo sintagmático, colocando o eixo paradigmático em um segundo plano, Perini (2005) trata localização, perspectiva e estágio como fenômenos associados ao “núcleo do predicado”, descrevendo-os de acordo com o que denomina “tempo” e “aspecto”. No tocante ao “tempo”, Perini (2005, p. 253-254) distingue o que denomina “tempo verbal”, entendido também como “morfológico”, isto é, uma propriedade dos morfemas operando no verbo (“presente do indicativo”, “pretérito imperfeito do indicativo”, etc.), e “tempo semântico”, entendido como um “significado literal”, que não é construído em algum “contexto”, dividido em “passado”, “presente” e “futuro”. Diante disso, o autor estabelece uma relação entre essas duas categorias de “tempo” da seguinte maneira: “o presente do indicativo pode exprimir presente, passado ou futuro; o pretérito perfeito do indicativo pode exprimir passado ou futuro; o pretérito imperfeito do indicativo pode exprimir passado; o futuro do indicativo pode exprimir futuro” (PERINI, 2005, p. 254–255). Além disso, o autor também considera uma “referência não-temporal”, que se trata de “uma afirmação geral que pretende valer para qualquer tempo” (PERINI, 2005, p. 255), por exemplo: “a água ferve a 100 graus”.

Com relação à perspectiva e ao estágio, Perini (2005, p. 256) os trata sob o conceito de “aspecto”, que é definido como “maneiras diferentes de encarar a constituição interna de

uma situação”. Diante disso, Perini (2005, p. 256) prefere não “discutir em detalhe a conceituação de cada um dos aspectos encontrados em português”, apresentando somente alguns exemplos; porém, é possível observar algumas categorias destacadas pelo autor, como (i) “perfectivo” (“meu tio escreveu um livro”), entendido como “a expressão de um fato globalmente considerado, sem análise de suas fases”; (ii) “imperfectivo” ou “progressivo” (“meu tio estava escrevendo um livro”), que “inclui consideração das diversas fases, e por isso compreende várias modalidades”; e (iii) “habitual” (“meu tio escrevia livros”), que consiste em um caso mais delicado de “imperfectivo”, “pois o fato de escrever livros é considerado em sua repetição”. Além disso, o autor também trata de maneira direta o estágio ao considerar que os “aspectos” podem construir diferentes “fases”, sendo elas “início”, “meio” e “fim” (PERINI, 2005, p. 256). Por fim, Perini (2005, p. 255) também considera a construção da experiência temporal por “advérbios de tempo”, que “deixa bem claro que o tempo semântico é passado em relação ao momento da enunciação” em “Manuel picou a couve ontem de noite”.

Castilho (1967, 2010) já apresenta uma abordagem funcionalista da experiência de tempo, ainda que enfoque o eixo sintagmático em detrimento do paradigmático. A abordagem dessa descrição é definida pelo autor como “multissistêmica”, na qual Castilho (2010, p. 81-82) se afasta da teoria sistêmico-funcional ao “rejeitar o arranjo da língua em estratos” e ao “integrar o léxico na gramática”, não reconhecendo o contínuo lexicogramatical. Semelhantemente às propostas anteriores, esse autor enfoca a unidade da palavra na investigação da experiência temporal. Com isso, Castilho (1967, p. 15; 2010, p. 431-435) descreve a localização em termos de “tempo verbal”, identificando “passado”, “presente” e “futuro” na “morfologia”.

O trabalho mais conhecido do autor, no entanto, encontra-se em Castilho (1967), dedicado a explorar a perspectiva e o estágio do português brasileiro sob o conceito de “aspecto”. Castilho (1967, p. 14) define “aspecto” como “visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento” ou “a representação espacial do processo”, sendo considerado “uma categoria de natureza léxico-sintática, pois em sua caracterização interagem o sentido que a raiz do verbo contém e elementos sintáticos tais como adjuntos adverbiais, complementos e tipo oracional”. O autor identifica três aspectos principais, formados por subcategorias, a saber, (i) “imperfectivo”, com construindo a noção de “duração”, formado por “inceptivo” (“e daqui começou a sua adversidade”), “cursivo” (“Mariana ficou pensativa”) e “terminativo” (“mal sabia ele que acabava de consolidar a sua melhor conquista”); (ii) “perfectivo”, construindo a noção de “ação

cumprida”, formado por “pontual” (“tomo o carro, parto para as férias”), “resultativo” (“quem morreu, morreu”) e “cessativo” (“o povo acreditou na Revolução pelos propósitos que alegadamente a animaram e que sem dúvida são aqueles a que nos referimos”); e (iii) “iterativo”, construindo a noção de “ação repetida”, formado por “iterativo imperfectivo” (“eu sei que falam de mim”) e “iterativo perfectivo” (“levanto-me cedo, vou aos templos”) (CASTILHO, 1967, p. 14, 51). Também identifica uma “ação verbal” que denomina “aspecto indeterminado”, no qual o “verbo” apresenta um “valor indeterminado”, ou “um tom virtual, indiferente à atualização por qualquer categoria” (“a terra gira em torno do sol”) (CASTILHO, 1967, p. 14, 49).

Além disso, o autor explora a construção do perfil ao abordar o “modo da ação” (CASTILHO, 1967, p. 39–44) ou “classes acionais do verbo” (CASTILHO, 2010, p. 416–417). Tendo como base reflexões sobre o “verbo eslavo”, Castilho (1967, p. 40–41) busca relacionar o perfil e a perspectiva entendendo o “modo da ação” como “compreensão *lato sensu* das noções aspectuais”, em comparação com o “aspecto”, que “reduz-se a uma compreensão *stricto sensu* do problema, pois se reporta apenas aos graus de realização da ação e não à sua natureza mesma”. Com isso, o autor define que “o semantema do verbo expressa o modo da ação”, classificando os “semantemas dos verbos” entre os que “exprimem ação tendente a um fim”, ou “téllicos” (“matar”, “morrer”, “cair”) e aqueles para os quais “não se exige completamento para admitir-lhe a existência”, ou “atéllicos” (“mastigar”, “viver”, “escrever”) (CASTILHO, 1967, p. 42, 55).

Por fim, de maneira semelhante aos outros autores, Castilho também reconhece que a experiência de tempo pode ser realizada por “adjuntos adverbiais” (CASTILHO, 1967, p. 59, 113–114, 2010, p. 306–311) ou “sintagmas adverbiais” (CASTILHO, 2010, p. 578–579) e por “orações subordinadas adverbiais” (CASTILHO, 2010, p. 371–372, 379–380). Castilho (1967, p. 16, 2010, p. 151–155, 432) também reconhece a relação entre a experiência de tempo e o sistema interpessoal de MODO.

Travaglia (1991, 2014) também propõe uma descrição da experiência temporal e, assim como nas propostas anteriores, traz uma abordagem a partir da unidade da palavra. Travaglia (2014)⁴² enfoca a perspectiva e o estágio, explorando o que denomina “aspecto verbal”, enquanto Travaglia (1991) explora o “verbo” e seu funcionamento no “texto”. Com

⁴² Publicado originalmente em 1981.

relação à localização, Travaglia (2014, p. 42) a identifica como a categoria de “tempo” e afirma que

a categoria de tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse mesmo momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação. Aqui temos uma datação.

Em relação à perspectiva, Travaglia (2014, p. 42) a identifica como a categoria de “aspecto”, afirmando que

a categoria de aspecto não é uma categoria dêitica, pois se refere à situação em si. Como diz Comrie (1976) o aspecto são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação, sua duração. Assim para efeito de distinção podemos dizer que o tempo é “um TEMPO externo à situação” e o aspecto é “um TEMPO interno à situação”.

Com isso, o autor define duas “noções semânticas aspectuais”: “duração” (“ele estava nadando desde as 6 horas da manhã”) e “pontualidade” (“só de ouvir dizer, porque, como acabo de contar, nunca os vira juntos”) (TRAVAGLIA, 2014, p. 46).

Ainda em relação à perspectiva, Travaglia (2014, p. 42-43) declara que “o aspecto também indica algo sobre o grau de desenvolvimento, de realização da situação”, e destaca a relação entre a perspectiva e o estágio em sua descrição do “aspecto”, na qual “as fases da situação podiam ser tomadas de diferentes pontos de vista e, daí, termos de organizar diferentes subconjuntos de fases de acordo com o ponto de vista considerado”. Os “pontos de vista” descritos por Travaglia (2014, p. 43) são: (i) “desenvolvimento da situação”, com as fases de início, meio e fim; (ii) “completamento da situação”, com as fases da “situação incompleta” e da “situação completa”; e (iii) “realização da situação”, com as fases “por começar”, “começada ou não acabada” e “acabada”.

Com relação ao perfil temporal, Travaglia (1991, 2014) aborda esse parâmetro através do conceito de “situação”, que, ainda que não seja explicitamente definido, é considerado pelo autor como “todos os tipos de processos indicados pelo verbo ou não: ações, fatos, fenômenos, estados, eventos, etc.” (TRAVAGLIA, 1991, p. 43) ou “como um termo geral para processos, estados, fenômenos, eventos, fatos, etc.” (TRAVAGLIA, 2014, p. 42). Mais especificamente, Travaglia (2014, p. 60-71) define seis tipos gerais de “situação”: “verbos télicos” (“decidir”, “fazer uma cadeira”, “morrer”, “nascer”), “verbos atélicos” (“cantar”, “chover”, “ler”, “caminhar”), “situação estática” (“saber”, “ter”), “situação dinâmica” (“correr”, “mastigar”, “chegar”, “vencer”), “situação narrada” (o “começar” em “o

conferencista começou a falar há meia hora”) e “situação referencial” (o “falar” em “o conferencista começou a falar há meia hora”). Travaglia (1991, p. 54-56) concentra-se na distinção entre (i) “situação estática”, que pode ser “estado” (sendo indicado por nomes, em vez de verbos: “João está triste”, “a casa está destruída”), “constante” (“ter”, “saber”, “existir”) ou “localizada” (“estar em”, “ficar a”); e (ii) “situação dinâmica”, que pode ser “ação” (“comprar”, “pensar”), “acontecer: transformativa” (“amarelar”, “congelar”), “acontecer: fenômeno” (“chover”, “ventar”) ou “acontecer: fato” (“nascer”, “esquecer”).

Travaglia (2014, p. 130-180) apresenta ainda correlações entre a localização e a perspectiva no capítulo intitulado “Expressão do aspecto pelas flexões verbais”. Por exemplo, o autor afirma que “presente do indicativo normalmente expressa aspecto imperfectivo”, como em “tenho muitos selos antigos” e “escrevo estas notícias às duas da manhã” (TRAVAGLIA, 2014, p. 130–131).

Por fim, o autor afirma que outras classes de palavra podem realizar a experiência de tempo, como “substantivos” (*e.g.*, evento: “explosão”, processo: “festa” e estado: “paz”), “adjetivos” (“corrente”, “nascente”, “constituente”, “residente”), “adjuntos adverbiais” (“já”, “ainda”, “aos poucos”, “sempre”) (TRAVAGLIA, 2014, p. 124–125, 263–265), assim como “preposições” (“antes de”, “depois de”, “após”) e “conjunções” (“enquanto”, “depois que”) (TRAVAGLIA, 1991, p. 106). O autor também reconhece a realização do tempo por morfemas (“re-”, “-ejar”, “-ecer”), por complexos oracionais (“seu primo só vem aqui, quando precisa de algo”), por complexos de grupos verbais em parataxe (“e foram que foram, andaram que andaram e chegaram na casa do pai de São Francisco”) e também reconhece a contribuição de toda a configuração da figura como uma unidade semântica na construção do tempo (“bati em cada porta da rua”) (TRAVAGLIA, 2014, p. 263–275). Ainda, Travaglia (2014, p. 276-289), no último capítulo do texto, intitulado “A relação do aspecto com a voz, o tempo e o modo verbal”, demonstra reconhecer a relação entre a experiência de tempo e os sistemas lexicogramaticais de AGÊNCIA e MODO.

Por sua vez, Neves (2000) aborda a localização, a perspectiva e o perfil temporal, dando maior ênfase a este último. Como nos casos anteriores, ainda que a autora busque uma abordagem funcionalista, Neves (2000, p. 13) concentra sua descrição na unidade da palavra e apresenta “regras que regem o seu funcionamento em todos os níveis, desde o sintagma até o texto”. Com isso, a localização temporal não é tão desenvolvida como nas demais propostas, restringindo-se à sua realização por “advérbios circunstanciais de lugar e tempo” (*e.g.*, “foi aí que ouviram um choro alto”, “esse filme de hoje é apavorante”, “terá de se preparar uma

concorrência antes inexistente”) (NEVES, 2000, p. 256–263). Com isso, a autora apresenta uma lista com “advérbios circunstanciais de tempo”, divididos entre “situação” (“hoje”, “anteontem”, “agora”, “antes”, “tarde”, “sempre”, “de novo”) e “duração” (“ultimamente”, “doravante”, “temporariamente”, “indefinidamente”, “diariamente”) (NEVES, 2000, p. 265–270).

No tocante à perspectiva e ao estágio, Neves (2000, p. 63-64) os aborda sob o conceito de “verbos aspectuais”, que podem formar “perífrases” ou “locuções” indicando: (i) “aspecto inceptivo” (“pus-me a caminhar enquanto a noite baixava”); (ii) “aspecto cursivo habitual” (“ela vive fazendo perguntas sobre a saúde do garoto”); (iii) “aspecto cursivo progressivo” (“o próprio cartão magnético está evoluindo para garantir maior segurança e inviolabilidade”); (iv) “aspecto terminativo ou cessativo” (“basta de proteger vândalos”); (v) “aspecto resultativo” (“na negociação com o Banco Central, ficou acertado que o Banespa não será privatizado”); (vi) “aspecto iterativo ou frequentativo” (“ele afirma que costuma fazer a revisão anualmente”); (vii) “consecução” (“tomavam a mãozinha rechonchuda, beijavam-na, chegavam a tirá-la do carro”); (viii) “intensificação” (“cansei-me de avisá-la, agora se aguenta”); (ix) “aquisição de estado” (“bem queria que Aparício nunca viesse a saber deste desespero de nossa mãe”) (NEVES, 2000, p. 63–64). Por fim, a autora ainda reconhece a relação dos sistemas de agência com a experiência de tempo (NEVES, 2000, p. 65), na qual a “locução verbal” pode indicar “estado” (“o Pacaembu está interdito”) ou não (“foi morto com um tiro na nuca”).

Neves (2000, p. 25) ainda se dedica a descrever o perfil temporal ao explorar a “subclassificação semântica” dos “verbos que constituem os predicados”. A autora define duas categorias gerais: “verbos dinâmicos” e “verbos não-dinâmicos”. Os “verbos dinâmicos” podem ser (i) “ações ou atividades”, sendo acompanhados de um “participante agente ou causativo” e podendo haver outro “participante” (*e.g.*, “o sambista batucava uma caixa de fósforo marcando o ritmo; um engraxate batucava na caixa”); ou (ii) “processos”, envolvendo uma relação entre um “nome” e um “estado” (“o Alferes não morreu, nem mesmo adoeceu”) (NEVES, 2000, p. 26). Já os “verbos não-dinâmicos” são acompanhados de um “sintagma nominal” entendido como “suporte do estado” (“Gumercindo permaneceu parado”, “não existe mais o edifício ‘Art Nouveau’”). Além disso, a autora também afirma que os “verbos dinâmicos” podem ser entendidos com relação ao “aspecto”, podendo ser “téllicos” (“Ramiro esfregou os braços”, “você perdeu o show”) ou “não-téllicos” (“Ramiro fitava a porta, trêmulo”, “nós vimos, na escuridão, uma noiva”) (NEVES, 2000, p. 27).

Bechara (2009) também descreve a experiência de tempo do português brasileiro. Semelhantemente às abordagens anteriores, o autor trata da localização, da perspectiva, do estágio e do perfil a partir do eixo sintagmático, colocando o paradigmático em segundo plano, e enfoca a unidade da palavra.

A localização é tratada pelo autor sob o conceito de “tempo ou nível temporal” e “assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento” (BECHARA, 2009, p. 253). Além disso, Bechara (2009, p. 253) define o conceito de “aspecto” como “a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como durativa, incoativa (ingressiva), terminativa, iterativa, etc., são apenas subdivisões desta categoria”.

Ao tratar da relação entre “tempo” e “aspecto”, o autor descreve diversas relações entre os parâmetros de localização, perspectiva, estágio e perfil. A categoria de “nível” diz respeito tanto à localização quanto à perspectiva e divide o “verbo” em “nível atual”, “um plano que coincide com a linha do tempo mediante o presente” (“fiz”, “faço”, “farei”), e “nível inatual”, “onde se situam as ações que não dizem respeito com essa linha do tempo e que representam outra ação” (“fizera”, “fazia”, “faria”) (BECHARA, 2009, p. 254). As categorias de “perspectiva primária” e “perspectiva secundária” também tratam da localização e da perspectiva, segundo as quais “o falante pode ter a ação verbal como ‘paralela’ a si mesmo, antes deste ponto ou depois dele” e que “cada espaço temporal delimitado pela perspectiva primária pode ser disposto outra vez segundo o mesmo princípio”. Com isso, são definidas as perspectivas “paralela” ou “presente” (primária: “faço”, “fazia”, secundária: “tenho feito”, “tinha feito”, “vou fazer”, “vou fazer”), “retrospectiva” ou “passado” (primária: “fiz”, “fizera”, secundária: “tive feito”, “tivera feito”, “fui fazer”, “fora fazer”) e “prospectiva” ou “futuro” (primária: “farei”, “faria”, secundária: “fora fazer”, “teria feito”, “irei fazer”, “iria fazer”) (BECHARA, 2009, p. 255–256). Já a categoria da “duração” relaciona a perspectiva e o perfil, afetando “o lapso em que se dá a ação verbal” e podendo ser “durativa” (“olhar”), “momentânea” ou “pontual” (“chegar”) e “intermitente” ou “iterativa” (“saltitar”) (BECHARA, 2009, p. 256). A categoria da “repetição” engloba a perspectiva, o estágio e o perfil, distinguindo a “ação” entre “única” ou “semelfáctica”, “repetida” ou “frequentativa”, e “repetição única” (curiosamente, a única opção dotada de exemplo: “volto a dizer” e “redizer”) (BECHARA, 2009, p. 256). A categoria da “conclusão” constrói somente o perfil e pode ser “terminativa” (“escrevi muito”) ou “completiva” (“escrevi o livro”) (BECHARA, 2009, p. 256–

257). A categoria do “resultado” constrói somente um parâmetro, o estágio, e estabelece uma interseção com as orações receptivas, compreendendo “ações” que podem ser “resultativas” (“está escrito”, “tenho escritos dois livros”) ou “não-resultativas” (“fiz”) (BECHARA, 2009, p. 254). Já a categoria da “visão” constrói o tempo conforme a perspectiva e o estágio, possibilitando ao falante “considerar a ação verbal em seu todo ou parcialmente, em fragmentos, entre dois pontos de seu curso”, diferenciando a “ação verbal” em “visão comitativa” (“ando fazendo”), “visão prospectiva” (“vou fazendo”), “visão retrospectiva” (“venho fazendo”), “visão continuativa” (“sigo fazendo”, “continuo fazendo”) e “visão global” (“estou lendo”, “leio”, “pego e escrevo”, “agarro e escrevo”, “tomo e escrevo”) (BECHARA, 2009, p. 257–259). Por fim, a categoria da “fase” também constrói o tempo conforme a perspectiva e o estágio, tratando-se “da relação entre o momento da observação e o grau de desenvolvimento da ação verbal observada” e divisando a “fase iminente ou ingressiva” (“estou por escrever”, “estou para escrever”), a “fase inceptiva” (“ponho-me a escrever”, “ponho-me a escrever”, “pego a escrever”, “pego de escrever”, “saio dizendo”), a “fase progressiva” (“vou dizendo”), a “fase continuativa” (“sigo escrevendo”, “continuo a escrever”, “estou dizendo”), a “fase regressiva e conclusiva” (“termino de escrever”) e a “fase egressiva” (“acabo de escrever”) (BECHARA, 2009, p. 259–260).

Além disso, Bechara (2009, p. 369) descreve as preposições conforme o perfil temporal, agrupando-as em função de sua “dinamicidade” em “dinâmicas” (“a”, “contra”, “até”, “para”, “por”, “de” e “desde”) e “estáticas ou dinâmicas” (“ante”, “trás”, “sob”, “sobre”, “com”, “sem”, “em” e “entre”).

Por fim, de maneira semelhante a todas as demais propostas até aqui, o autor reconhece a relação entre a experiência de tempo e sistemas de modo (BECHARA, 2009, p. 253–254, 264), e também sua realização por “advérbios” e “adjuntos adverbiais” (BECHARA, 2009, p. 356–361, 535–538) e “conjunções” (BECHARA, 2009, p. 401–406). Bechara (2009, p. 254, 571-572, 597-613) descreve ainda a realização da experiência de tempo por complexos de grupos verbais e oracionais, tratando esse fenômeno sob o conceito de “taxis”, o qual “assinala a posição de um acontecimento em relação com outro sem consideração do ato de fala” (“comer cantando”, “comer depois de ter cantado”). Bechara (2009, p. 254) também reconhece a relação entre a experiência temporal e a evidencialidade, que assinala “que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experiencia o acontecimento como não vivido por ele mesmo” (“Pedro deve ter falado com João”, “teria partido”, “serão duas horas”).

Bagno (2012) também orienta sua descrição da experiência de tempo pela estrutura, concentrando-se na investigação de uma unidade da lexicogramática, a palavra. De maneira semelhante às demais propostas de descrição, Bagno (2012, p. 512) aborda a localização como um traço morfológico do “verbo” e afirma que “o tempo verbal está sempre ancorado no momento da fala, no aqui e agora da enunciação, ou num momento diferente do momento da fala ao qual o contexto linguístico deu saliência”.

O autor também aborda a perspectiva e o estágio sob o conceito de “aspecto”, definindo-o como uma indicação da “maneira como o falante avalia o estado de coisas descrito”, permitindo diferentes pontos de vista sobre as “ações” (BAGNO, 2012, p. 512–513). Bagno (2012, p. 549-552) então propõe uma tipologia do “aspecto verbal”, formada pelas seguintes categorias: (i) “inceptivo”, que “traduz o início de um evento” (“só agora é que a informática está chegando às escolas, os boletins estão saindo pelo computador, e nós estamos bolando uma fichas de questões...”); (ii) “cursivo”, que “traduz o prosseguimento de um evento” (“eu estudava num colégio que entrou em obra”); (iii) “terminativo”, que “traduz a conclusão do evento” (“assim que eu entrei na Antártica, eu não queria parar de estudar”); (iv) “pontual”, (“na escola ele aprendeu rapidamente a ler”); (v) “resultativo”, (“vários se tornaram juízes classistas, vários foram agraciados com benefícios, títulos, até hoje alguns, ainda restam”); (vi) “semelfactivo”, “alguma ação praticada uma única vez” (“pisar”, “espirrar”, “reconhecer”); e (vii) “iterativo”, “ações que se repetem” (“ela vive dançando”).

Além disso, ao descrever os “verbos incoativos”, Bagno (2012, p. 553) relaciona os parâmetros de perspectiva, estágio e perfil, explorando como a morfologia dos “verbos” pode expressar “uma mudança de estado ou o início de uma mudança”. O autor afirma que “verbos” com “sufixos” no infinitivo “-escer” e “-ecer”, como “crescer”, “acontecer”, e com a possibilidade de apresentar os “prefixos” “a-”, “en-” e “es-”, como “abastecer”, “enlouquecer” e “esmorecer” (BAGNO, 2012, p. 553).

Por fim, Bagno (2012, p. 555-574, 833) também reconhece a relação da experiência temporal com o sistema de MODO e a realização desses significados por “advérbios dêiticos de tempo”.

O QUADRO 43 apresenta um panorama geral das contribuições de cada descrição para o entendimento geral sobre o tempo em português brasileiro.

QUADRO 43 – Panorama geral das contribuições de cada descrição para os estudos sobre o tempo em português brasileiro

Autor	Parâmetro	Unidade	Abordagem	Foco
Câmara Jr. (1999)	localização e perspectiva	palavra	estruturalista	eixo sintagmático
Cunha e Cintra (2017)	localização, perspectiva, estágio e perfil	palavra	estruturalista e prescritiva	eixo sintagmático
Cegalla (2008)	localização, perspectiva e estágio	palavra	estruturalista	eixo sintagmático
Perini (2005)	localização, perspectiva e estágio	palavra e oração	estruturalista	eixo sintagmático
Castilho (1967, 2010)	localização, perspectiva, estágio e perfil	palavra	funcionalista	eixo sintagmático
Travaglia (1991, 2014)	perspectiva e estágio	palavra	funcionalista	eixo sintagmático
Neves (2000)	localização, perspectiva e perfil	palavra	funcionalista	eixo sintagmático
Bechara (2009)	localização, perspectiva, estágio e perfil	palavra	funcionalista	eixo sintagmático
Bagno (2012)	localização, perspectiva, estágio e perfil	palavra	funcionalista	eixo sintagmático

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

A primeira coluna do QUADRO 43 apresenta os nomes dos autores que contribuem com a descrição da construção de significados relativos ao tempo no português brasileiro. A segunda coluna trata dos parâmetros (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999) que foram abordados por esses autores, quais sejam: localização, perspectiva, estágio ou perfil. A terceira coluna mostra a unidade lexicogramatical descrita por esses autores (em sua grande maioria, a unidade da palavra), enquanto a quarta coluna apresenta a abordagem adotada, seja ela estruturalista ou funcionalista. Por fim, a quinta coluna informa o foco das descrições na relação entre os eixos sintagmático e paradigmático.

Diante do exposto, é possível observar que, no geral, as propostas desses autores abordam a construção da experiência de tempo a partir do eixo sintagmático, isto é, da dimensão estrutural da língua, e enfocam a unidade lexicogramatical da palavra. Além disso, a maioria das propostas adota uma abordagem a partir do polo lexical do contínuo lexicogramatical, de maneira que algumas descrições chegam a se resumir a listas de regras. Além do mais, nenhuma das propostas anteriores reconhece a organização hierárquica da lexicogramática em uma escala de ordens (formada por oração, grupo, palavra e morfema) ou o espectro das metafunções (organizando os significados em ideacionais, interpessoais e textuais) – ainda que reconheçam

em certa medida a relação entre o sistema interpessoal de MODO e a experiência temporal. Com exceção de Perini (2005) e Travaglia (1991, 2014), e guardadas as devidas proporções e definições, as propostas anteriores não se baseiam na hierarquia de estratificação para localizar a experiência de tempo no estrato semântico e suas realizações no estrato lexicogramatical, como na descrição apresentada nesta tese.

No entanto, é importante notar que todas as propostas anteriores abordam a perspectiva e o perfil, ainda que não tratem da localização e do estágio. Nesse sentido, a partir dos autores abordados nesta seção, é possível concluir que a perspectiva e o perfil seriam parâmetros sempre presentes na construção do fluxo de experiência do português brasileiro, enquanto a localização e o estágio podem ou não contribuir para essa construção.

Tendo em vista a apresentação das contribuições de Câmara Jr. (1999), Cunha e Cintra (2017), Cegalla (2008), Perini (2005), Travaglia (1991, 2014), Castilho (1967, 2010), Bechara (2009), Neves (2000) e Bagno (2012) acima, é possível verificar em que medida se assemelham e se diferenciam da descrição da experiência de tempo apresentada nesta tese. A seguir cada dimensão teórica da linguagem (estratificação, metafunção, instanciação, estrutura e sistema) é tratada detidamente, de modo identificar de maneira mais precisa pontos de contato e divergências com as descrições anteriores.

Começando pela dimensão global da estratificação, esta pesquisa considera que os significados são organizados no estrato da semântica (cf. MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 136) e são realizados como fraseado no estrato da lexicogramática (cf. MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 240–242). Isso significa que experiência de tempo é organizada semanticamente em sistemas básicos, que por sua vez são realizados no estrato lexicogramatical por outros sistemas. Por exemplo, opções de sistemas semânticos associadas ao parâmetro da localização podem ser realizadas pelos sistemas lexicogramaticais de TEMPORALIDADE, na ordem da palavra, de FINITUDE e TEMPO SECUNDÁRIO, na ordem do grupo, e de MODO, na ordem da oração. Dentre as propostas anteriores, somente Travaglia (1991, 2014) menciona o conceito de estratificação e reconhece a semântica como um estrato da linguagem; porém, não se fundamenta na dimensão da estratificação para descrever o “aspecto” do português brasileiro. Esta tese se apresenta como uma nova proposta de descrição que tem como fundamento a dimensão da estratificação, reconhecendo o fato de a experiência de tempo ser organizada no estrato semântico e realizada no estrato lexicogramatical como fraseado.

Com relação à dimensão das metafunções, nenhuma das propostas anteriores leva em consideração a diversificação da linguagem de acordo com os diferentes modos de significado (cf. MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 138). A teoria sistêmico-funcional propõe a existência de três funções generalizadas da linguagem, que organizam os significados e os fraseados, sendo elas as metafunções ideacional, interpessoal e textual.

O objeto de estudos desta tese é organizado pela metafunção ideacional no estrato da semântica; porém, é importante salientar que a realização da temporalidade por sistemas no estrato da lexicogramática encontra-se dispersa ao longo de todas as metafunções (*i.e.*, ideacional, interpessoal e textual). Assim, sistemas lexicogramaticais como o de TEMA, MODO, MODALIDADE e TIPO DE CONJUNÇÃO são fundamentais para o estudo da temporalidade do português brasileiro, ainda que sejam organizados pelas metafunções interpessoal e textual.

Além disso, Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 138) esclarecem que

a gramática ideacional normalmente é tratada como semântica fora da linguística sistêmico-funcional, enquanto as gramáticas textual e interpessoal são tratadas parcialmente por estudos sobre pragmática. Na teoria sistêmica, todas as três metafunções encontram-se tanto no nível da semântica quanto no da gramática, não sendo possível exportar a transitividade da gramática para a semântica, pois essa área da semântica já é ocupada pela transitividade da própria semântica.⁴³

Diante disso, é necessário destacar que as propostas de descrição anteriores tratadas nesta tese exploram a dimensão da “semântica” somente considerando os aspectos ideacionais dos significados e fraseados, de modo que não contemplam a realização da experiência de tempo por sistemas lexicogramaticais como os de MODO e TEMA, por exemplo.

A dimensão da instanciação diz respeito à relação entre as instâncias de uma língua observáveis empiricamente, isto é, o texto, e todo o potencial semiótico dessa língua, isto é, o sistema linguístico (cf. MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 121–125). A teoria sistêmico-funcional propõe que o fenômeno da linguagem pode ser investigado em diferentes pontos de um contínuo que liga os polos da instância e do potencial. As descrições linguísticas normalmente pretendem explicar o potencial semiótico de uma língua como um todo ou de um fenômeno particular dela. Tanto as propostas de descrição da temporalidade anteriores quanto esta tese apresentam uma investigação do polo do potencial do contínuo de instanciação. No

⁴³ Minha tradução de: “*Ideational grammar is often treated as semantics outside of systemic linguistics, while textual and interpersonal grammar are dealt with partly under the heading of pragmatics. In systemic theory, all three metafunctions are found both at the level of semantics and the level of grammar: it is not possible to export transitivity from grammar into semantics, because this area of semantics is already occupied by the semantics of transitivity.*”.

entanto, esta tese se assemelha mais a propostas como Perini (2005), Travaglia (1991, 2014) e Castilho (1967, 2010), por partir de uma análise de instâncias particulares do português brasileiro para produzir generalizações. Isso se deve ao fato de propostas como a de Câmara Jr. (1999) e Cegalla (2008) não investigarem nenhum tipo de corpus, de modo que essas descrições se baseiam em exercícios e conjecturas somente, enquanto outros estudos, como é o caso desta tese, se fundamentam na observação empírica do fenômeno linguístico.

Com relação à dimensão da estrutura, o princípio da ordenação diz respeito à organização hierárquica das unidades de um estrato de acordo com a composição de cada unidade pela unidade imediatamente inferior na escala (cf. MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 170). As propostas anteriores apresentadas nesta tese descrevem a temporalidade do português brasileiro destacando a realização dos significados pelos verbos, sua morfologia e sua função na oração e no discurso. Em contrapartida, esta pesquisa considera que a experiência de tempo é organizada semanticamente na ordem dos elementos, mais especificamente no processo, e não gramaticalmente como nas demais propostas. Além disso, esta descrição demonstra como a temporalidade é realizada em todas as ordens lexicogramaticais (*i.e.*, oração, grupo/frase, palavra, morfema), não somente na ordem da palavra. Assim, ainda que as propostas anteriores e esta tese se proponham a descrever a experiência de tempo, esta tese apresenta uma abordagem diferente ao localizar o seu objeto de estudos em um outro local na “arquitetura” do português brasileiro.

A diferença de perspectiva em relação à estrutura para descrição dos significados do português brasileiro pode ser ilustrada por Travaglia (2014), que busca descrever o “aspecto verbal” a partir do verbo, isto é, da ordem da palavra no estrato lexicogramatical. Ainda que o autor mostre uma relação de seu objeto de estudos com o estrato semântico, ele esclarece a perspectiva adotada em sua descrição:

o aspecto é uma categoria que, embora “localizada” no verbo, sofre influência dos mais diversos elementos presentes na frase e é impossível estudá-lo sem tratar de sua relação com tais elementos, o que, seguidamente, exige um estudo, esquematização e posicionamento sobre os mesmos. (TRAVAGLIA, 2014, p. 17)

O autor deixa clara a relação da experiência de tempo com os diferentes sistemas lexicogramaticais que a realizam; porém, adota uma perspectiva que não considera o sistema semântico como um sistema próprio, limitando-se a explicar as “influências” de diferentes componentes da oração na construção do aspecto.

Além disso, as propostas anteriores aqui citadas não levam em consideração todas as ordens da lexicogramática do português brasileiro; antes descrevem a unidade da palavra como se operasse na ordem da oração. Cabe aqui uma citação à analogia de Halliday e Matthiessen (2014, p. 362) sobre a importância do princípio da ordenação para a descrição: “descrever uma sentença como sendo uma construção de palavras é semelhante a descrever uma casa como sendo uma construção de tijolos, desconsiderando as paredes e os cômodos como unidades estruturais intermediárias”⁴⁴. Consequentemente, faz-se necessário adotar a dimensão da estrutura para descrever a temporalidade do português brasileiro, tanto no estrato semântico, localizando a experiência de tempo no processo, quanto no estrato lexicogramatical, localizando as possibilidades de realização da temporalidade na oração, no grupo, na palavra e no morfema.

Considerando-se a relação entre os eixos do sistema e da estrutura, Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 61-62) explicam que se trata da distinção entre as organizações paradigmática e sintagmática, isto é, entre “escolha e sequência”. No caso de propostas com perspectiva estruturalista, como Cunha e Cintra (2017) e Cegalla (2008), a descrição aborda a temporalidade a partir da estrutura (*i.e.*, do sintagma) em detrimento do sistema (paradigma). Além disso, mesmo para descrições pós-estruturalistas, como Bechara (2009) e Bagno (2012), o paradigma não assume um caráter de destaque como a descrição apresentada nesta tese, que, como afirmado anteriormente, pretende explicar as possibilidades de seleção na construção da experiência de tempo, sendo a estrutura lexicogramatical sua realização e não o ponto de partida da descrição.

A abordagem da descrição da temporalidade a partir do eixo paradigmático possibilita que esta pesquisa estabeleça relações de realização entre a experiência de tempo e os sistemas lexicogramaticais. Halliday e Matthiessen (2014, p. 23) explicam que “a teoria sistêmico-funcional tem este nome devido ao fato de a gramática de uma língua ser representada na forma de redes sistêmicas, e não como um inventário de estruturas”⁴⁵. Por consequência, o caráter sistêmico da descrição da experiência de tempo apresentada nesta tese a diferencia das demais descrições citadas aqui.

⁴⁴ Minha tradução de: “Describing a sentence as a construction of words is rather like describing a house as a construction of bricks, without recognizing the walls and the rooms as intermediate structural units”.

⁴⁵ Minha tradução de: “Systemic theory gets its name from the fact that the grammar of a language is represented in the form of system networks, not as an inventory of structures.”.

Por fim, é possível tratar mais especificamente do princípio organizativo da última dimensão local, a delicadeza, que é definida por Matthiessen e Halliday (2009, p. 44) como “uma escala que vai desde o mais geral em direção ao mais específico. Em uma rede de sistemas, a delicadeza corresponde à ordenação dos sistemas da esquerda para a direita por meio de condições de entrada”⁴⁶. É possível ilustrar o princípio da delicadeza a partir do sistema lexicogramatical de TEMPORALIDADE que realiza a localização temporal na ordem da palavra em português brasileiro (ver FIGURA 34). Esse sistema foi descrito por Sá (2016), em sua descrição do verbo do português brasileiro, e ilustra o sistema que tem como condição de entrada os verbos finitos, que são diferenciados segundo sua temporalidade.

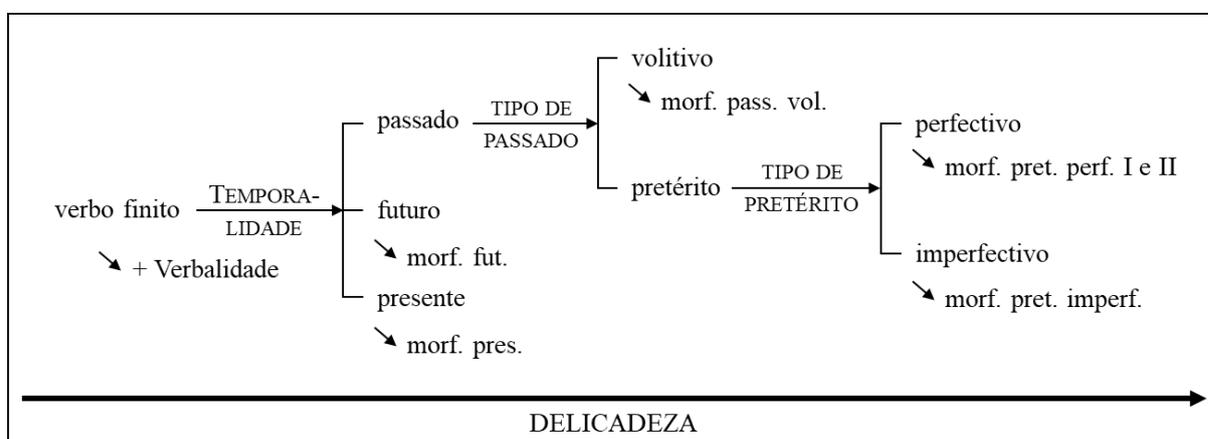


FIGURA 34 – O sistema de TEMPORALIDADE e a dimensão da delicadeza

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

A FIGURA 34 ilustra como o sistema de TEMPORALIDADE é ordenado através da delicadeza. A condição de entrada desse sistema é o verbo finito e apresenta três opções: passado, presente e futuro, sendo essa diferenciação realizada pela morfologia. No entanto, o verbo finito passado é a condição de entrada para outro sistema, o de TIPO DE PASSADO, que apresenta as opções volitivo e pretérito, que também são realizadas pelas diferentes morfologias dos verbos. O verbo finito passado pretérito, por sua vez, é a condição de entrada para o sistema de TIPO DE PRETÉRITO, com as opções perfectivo e imperfectivo, que são novamente realizadas pelas morfologias de cada classe de verbo. Verifica-se nessa ilustração como a temporalidade

⁴⁶ Minha tradução de: “The scale from general to specific. In a system network, delicacy corresponds to the ordering of systems from left to right by means of entry conditions.”.

é organizada a partir de opções mais gerais (passado) até opções mais específicas (perfectivo, imperfectivo), de maneira que todas as possibilidades do sistema estão relacionadas entre si.

Uma vez que esta tese adota a perspectiva sistêmica para a descrição da experiência temporal, a representação por meio de redes de sistemas, como ilustrado pela FIGURA 34, adquire um papel central, diferenciando esta descrição das propostas anteriores apresentadas aqui e trazendo uma abordagem inédita desses significados.

Além disso, excetuando-se Bagno (2012), nenhuma das propostas anteriores adota a dimensão da delicadeza no sentido de um contínuo entre gramática e léxico (por isso, adota-se a nomenclatura “lexicogramática”). Ademais, além de não conceberem o contínuo lexicogramatical, as descrições anteriores definem o polo lexical como o ponto de partida. Esta tese, no entanto, adota o polo gramatical como ponto de partida da descrição, buscando relacionar as categorias mais gerais (*e.g.*, o “verbo finito” da FIGURA 34) com as seleções no sistema (*e.g.*, as morfologias de verbo finito) que podem ser encontradas nos textos, estabelecendo assim possíveis “caminhos” a serem percorridos pelo falante nas redes de sistemas para a escolha de morfemas, palavras, grupos e orações específicos.

Em conclusão, ao fundamentar-se na teoria sistêmico-funcional, esta pesquisa aborda a experiência de tempo a partir das dimensões globais e locais da linguagem, sendo possível identificar pontos de contato e divergências com as descrições anteriores. Dessa maneira, é possível afirmar que as pesquisas de Câmara Jr. (1999), Cunha e Cintra (2017), Cegalla (2008), Perini (2005), Travaglia (1991, 2014), Castilho (1967, 2010), Bechara (2009), Neves (2000) e Bagno (2012) elucidam algumas características da experiência de tempo do português brasileiro; no entanto, não cobrem muitas das dimensões definidas pela teoria sistêmico-funcional. Assim, esta teoria possibilita um novo olhar sobre esse fenômeno.

2.3 A análise sistêmico-funcional

Na linguística sistêmico-funcional, também são produzidas análises textuais, isto é, pesquisas enfocando o polo da instância. Para continuar a discussão sobre a complementaridade entre teoria, descrição e análise, nesta seção são apresentados alguns exemplos de análises, começando com Halliday (1971) e continuando com pesquisas realizadas no âmbito do Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da UFMG e do grupo de pesquisa Produção

de Significado em Ambientes Multilíngues (Multilíngu@) da UFOP, a saber, Silva (2016), F. Paula (2018), Kogut (2017), Oliveira (2018).

Halliday (1971) apresenta uma análise do livro *“The Inheritors”*, de William Golding, explorando linguisticamente características da obra. O autor se fundamenta tanto na teoria quanto na descrição sistêmica do inglês para sua análise, propondo que não há oposição entre esses conceitos, como ele mesmo explica no início de seu texto:

não parecer haver antítese entre questões “textuais” e “teóricas” nos estudos linguísticos [...] A discussão de *“The Inheritors”* pode ser considerada tanto em relação a somente esse texto quanto em relação à teoria geral, e aparentemente não é possível separar essas duas perspectivas, seja uma da outra, seja de outros pontos de interesse, como um autor, um gênero ou uma tradição literária.⁴⁷ (HALLIDAY, 1971, p. 331)

Com base nessa concepção, Halliday (1971) desenvolve sua análise com enfoque nos sistemas da ordem da oração, do grupo e da palavra, como TRANSITIVIDADE, MODO, TEMA, TEMPORALIDADE, PESSOA, VOZ e CONJUNÇÃO. O corpus de análise é formado por passagens do texto, que o autor chama de A, B e C (HALLIDAY, 1971, p. 349). A passagem A representa a parte inicial da obra, que constitui a maior parte, narrando a história de um clã de neandertais a partir da perspectiva do protagonista, Lok. A passagem C representa a seção final da obra, que é mais curta que a primeira, e com narração pela perspectiva da tribo adversária, composta por *Homo sapiens*. A passagem B trata-se justamente do ponto da narrativa onde ocorre a mudança de perspectiva. Os resultados da análise podem ser resumidos pela TABELA 3.

Halliday (1971) propõe dois modelos para explicar os padrões lexicogramaticais da obra, que ele chama de línguas A e C. A língua A caracteriza a passagem A e pode ser definida de maneira simplificada pela sua transitividade sem relações de causa e efeito. Segundo Halliday (1971, p. 353), os processos raramente são resultado de uma causa externa, e quando há agente, ele raramente é um humano e, se for humano, dificilmente será parte do clã dos neandertais. Nesse sentido, uma característica fundamental da língua A é a presença de somente um participante, sendo que outros entes participam indiretamente como circunstâncias. Assim, não há uma relação efetiva entre pessoas e objetos, pois elas não causam os eventos com implicações para além de si ou partes de si mesmas (HALLIDAY, 1971, p. 354).

⁴⁷ Minha tradução de: *“I do not think there is any antithesis between the “textual” and the “theoretical” in the study of language [...] The discussion of The Inheritors may be seen either in relation to just that one work or in relation to a general theory; I am not sure that it is possible to separate these two perspectives, either from each other or from various intermediate fields of attention such as an author, a genre, or a literary tradition”*.

TABELA 3 – Frequência das orações no corpus conforme a análise em Halliday (1971)

Processo	ação				locali- zação/ posse	men- tal	atri- buição	outro (equação, evento)	total
	intransitivo		transitivo						
	movimento	outro	movimento	outro					
A									
humano	clã	9		1	1	1	12		24
	tribo	2		1			1		4
parte do corpo		2				1	3	2	8
inanimado		4		1		12		3	20
		17		3	1	14	16	5	56
B (i)									
humano	clã	4		1	3	2	1		11
	tribo	5		1	1	2			9
parte do corpo									
inanimado		13	1	2		5		2	23
		22	1	4	4	9	1	2	43
B (ii)									
humano	clã	13	2	1		2	4		22
	tribo								
parte do corpo		3				1	2		6
inanimado		3	1	1	2	4		6	19
		19	3	2	2	7	4	8	47
C									
humano	clã	1		1	2		4		8
	tribo	3	2	5	11	3	11	3	40
parte do corpo		2	1				5		8
inanimado		2	1			3		4	11
		8	4	6	13	6	15	12	37

Fonte: Halliday (1971, p. 342).

Já a língua C caracteriza a passagem C, onde Halliday (1971, p. 356) identifica o mundo segundo a tribo de *Homo sapiens*. Esse mundo não seria mais tão impenetrável quanto o representado através da língua A, havendo uma ampliação dos horizontes físicos e semióticos. Halliday (1971, p. 358) explica que o clã era limitado por árvores, rios e pedras, enquanto a tribo é limitada pelo céu, mar e montanhas. A tribo não tem mais suas ações (processos materiais) e contemplações (processos mentais) limitados pelas circunstâncias que a cerca. Nesse mundo mais complexo, a própria lexicogramática é mais complexa, o que pode ser exemplificado pelo aumento no número de complexos oracionais (HALLIDAY, 1971, p. 356).

Por fim, a passagem B não apresenta uma “língua” própria; antes representa em dois parágrafos a mudança drástica na perspectiva narrativa, cuja estória não é mais contada de acordo com a língua de Lok, mas por meio da língua da tribo. Assim, a passagem B apresenta características comuns às línguas A e B.

Portanto, Halliday (1971) faz uma análise de “*The Inheritors*” com base na teoria sistêmico-funcional e na descrição sistêmica do inglês, mostrando como padrões lexicogramaticais podem contribuir para a compreensão de certas características da obra. Mais especificamente, a análise do autor permite caracterizar semioticamente as duas perspectivas de mundo da narrativa, explicando como são realizadas em termos lexicogramaticais.

Por sua vez, Silva (2016) explora contato linguístico entre inglês e português brasileiro, analisando cinco textos, como ela própria explica:

(i) um texto original em português brasileiro, que consiste no resumo de 281 palavras da tese de doutorado intitulada Avaliação da contaminação provocada por pára-raios radioativos de Amerício-241 descartados em lixões [...]; (ii) duas traduções do resumo para a língua inglesa, realizadas em condições experimentais e selecionadas, num grupo de 8 traduções, como as mais bem avaliadas por um comitê de peritos, sendo que uma dessas traduções foi produzida por um pesquisador da área de Engenharia Nuclear, cuja profissão não é de tradutor, e a outra por um sujeito tradutor profissional [...]; (iii) uma tradução do resumo original realizada pelo autor da tese e publicada na mesma como abstract [...]; e (iv) um abstract de um artigo do autor da tese e coautores publicado em língua inglesa em periódico científico internacional [...]. (SILVA, 2016, p. 23)

A autora investiga as relações de equivalência com base em Matthiessen (2001), que reformula à luz de desenvolvimentos mais recentes da teoria sistêmico-funcional a proposta de Catford (1965) para compreender as relações de equivalência tradutória e correspondência formal. Com isso, a análise de Silva (2016) resulta em uma perfilação metafuncional dos textos originais e traduzidos, sendo possível estabelecer relações de proximidade e distanciamento entre eles de acordo com a instanciação de variáveis de contexto, dos significados e dos fraseados. Os resultados da análise podem ser resumidos pelo GRÁFICO 2, um dendrograma apresentando as distâncias entre os textos e também os grupos formados de acordo com as semelhanças entre eles.

Silva (2016) aponta que as relações de equivalência tradutória apresentam um caráter mais dinâmico, pois, dependendo dos sistemas considerados na análise, os textos têm uma relação mais próxima ou mais distante. Assim, a autora aponta para diferentes graus de correspondência formal entre as línguas a depender do sistema analisado (por exemplo, os

sistemas de TEMA do português brasileiro e do inglês são bastante diferentes, enquanto os de modo são muito semelhantes), tendo como base as descrições de Figueredo (2011) e Halliday e Matthiessen (2014). Nesse sentido, a autora pôde atestar a validade do pressuposto de Matthiessen (2001, p. 78), segundo o qual a equivalência tradutória e a mudança seriam dois polos em um contínuo de diferença entre duas línguas. Portanto, Silva (2016, p. 259-260) conclui que o produto tradutório analisado em sua pesquisa opera de maneira dinâmica entre esses dois polos, pois alguns sistemas são mais semelhantes que outros, o que gera um aumento ou diminuição na ocorrência de mudanças na tradução.

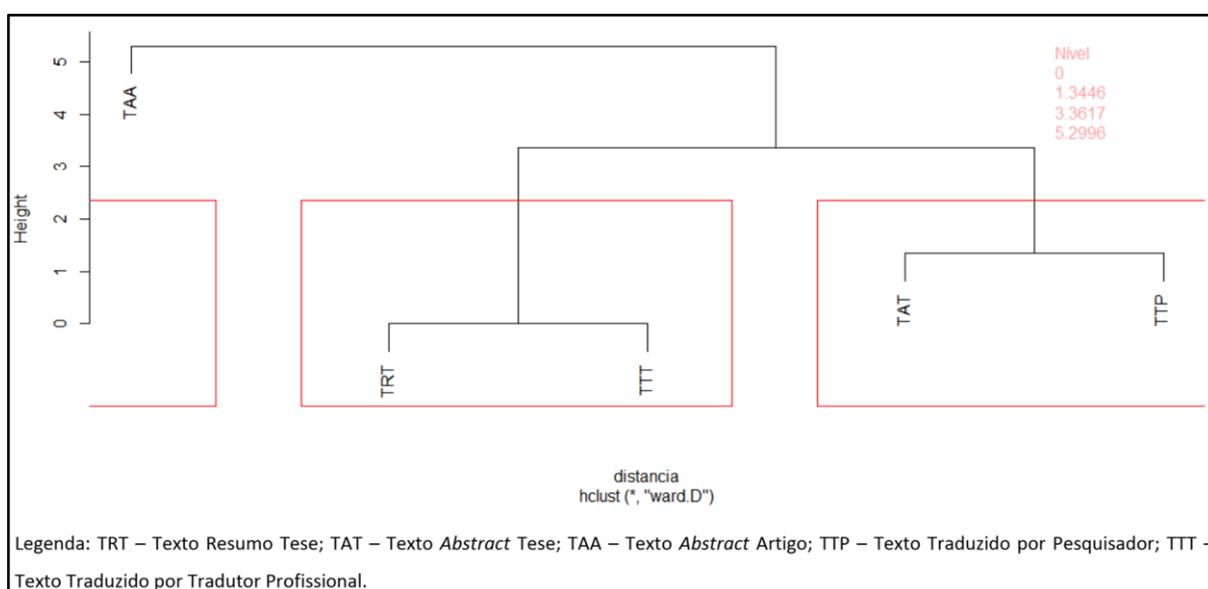


GRÁFICO 2 – Agrupamento dos textos com base em todos os sistemas analisados

Fonte: Silva (2016, p. 255).

F. Paula (2018) apresenta uma análise de narrativas infantis ilustradas em inglês e traduzidas para o português brasileiro, observando as relações semânticas entre os modos visual e verbal das obras estudadas. A autora analisa os significados ideacionais realizados pelas relações semânticas verbo-visuais estabelecidas entre Figuras verbais e Figuras visuais em seis textos originais em inglês e traduzidos para o português brasileiro, a saber, “*Where the wild things are*”, “*Clifford: the big red dog*”, “*The Jolly Postman*”, “*Prince Cinders*”, “*Guess how much I love you*” e “*The Gruffalo*” traduzidos respectivamente como “Onde vivem os monstros”, “Clifford: o cachorrão vermelho”, “O carteiro chegou”, “Príncipe Cinderelo”, “Adivinha quanto eu te amo” e “O Grúfalo”.

A análise das Figuras verbais e visuais se deu pela investigação de Processos, Participantes e Circunstâncias realizadas em cada modo e pelas relações semânticas estabelecidas entre as Figuras (Elaboração, Extensão e Intensificação). A FIGURA 35 ilustra os significados ideacionais realizados pelas Figuras verbais e visuais.

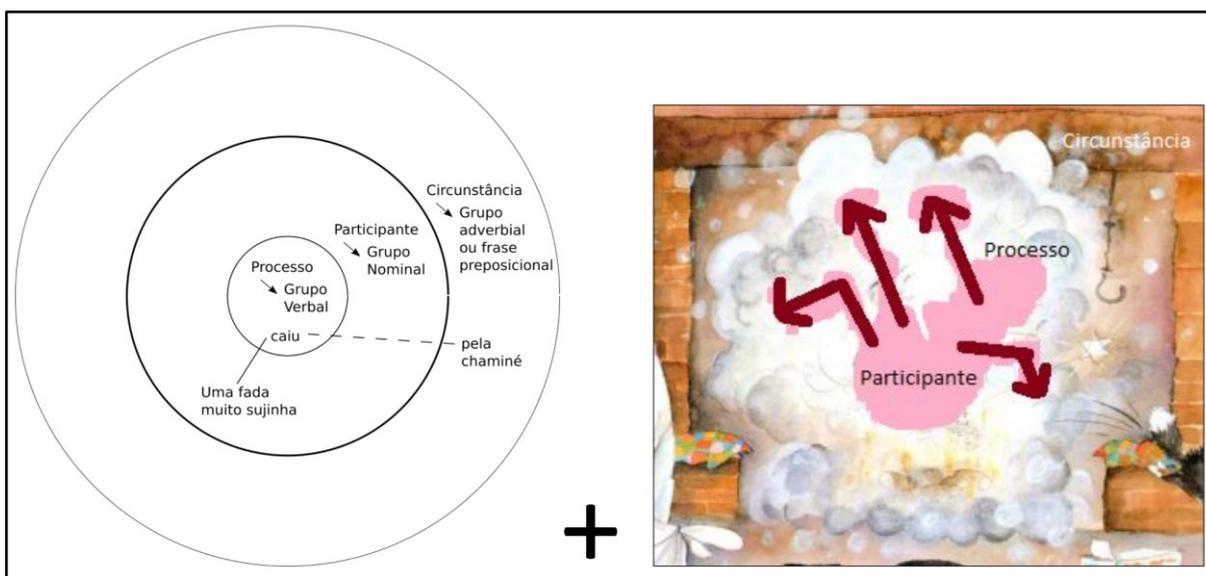


FIGURA 35 – Complexo bimodal de figura verbal e visual, com relação semântica verbo-visual de Elaboração

Fonte: F. Paula (2018, p. 84).

A análise de F. Paula (2018) permite verificar que, nos textos fonte e alvo: (i) os Processos mais frequentes são o Material, para Figuras verbais, e a Ação, para visuais; (ii) o número de Participantes se mantém constante entre Figuras verbais e visuais; (iii) as Circunstâncias mais frequentes são as de localização temporal para ambas as Figuras; e (iv) há pouca ocorrência de simplexos nas relações semânticas verbo-visuais. A partir disso, F. Paula (2018, p. 96) modela um perfil ideacional de textos ilustrados infantis em inglês e português brasileiro:

nas narrativas infantis ilustradas analisadas, o texto verbal tende a trabalhar mais na construção do significado no que se refere a Processos, ao passo que os Participantes são mais frequentemente construídos simultaneamente em ambos textos verbais e visuais, enquanto que as Circunstâncias vão sendo construídas por meio das imagens em sua maioria.

Por sua vez, Kogut (2017) objetiva modelar um tipo de texto em português brasileiro por ele denominado como “argumentativo”, presente no contexto de situação do RPG de mesa. Para isso, o autor analisou a transcrição de uma partida de RPG de mesa, observando as variáveis contextuais da situação (campo, sintonia e modo) e como são realizadas pelos sistemas lexicogramaticais de TRANSITIVIDADE, MODO e TEMA.

Em relação às variáveis contextuais, Kogut (2017, p. 55) explica que o tipo de texto argumentativo do RPG de mesa se trata de um diálogo falado e, de acordo com a topologia dos processos sociossemióticos, encontra-se “na sobreposição das atividades de explorar e expor, tendo como processo principal o de argumentar e como processo secundário o de explicar”. Com relação aos sistemas lexicogramaticais, o autor observa que eles caracterizam três fases distintas, denominadas de início, meio e fim. O início é definido pelo autor como “aquilo que provoca ou a partir do que o embate argumentativo se dá” (KOGUT, 2017, p. 81), e é caracterizado pela chamada de atenção dos participantes à narrativa e pela apresentação do fato/oferta, que é o ponto de partida para o embate argumentativo. O meio se trata da fase mais longa, sendo o processo de embate argumentativo em si, caracterizado por (i) questionamento ou refutação ao fato/oferta da fase anterior, (ii) argumentos, podendo ser promotor, refutante ou contra-argumento, (iii) desvio argumentativo e (iv) resolução não argumentativa. Já o fim é definido por Kogut (2017, p. 97) como “a interrupção do embate argumentativo relativo ao todo ou parte de um fato/oferta”, e é caracterizado pela concordância ou aceitação do resultado do embate argumentativo.

Através da perfilação e da identificação das características do texto argumentativo no RPG de mesa, Kogut (2017) apresenta um modelo lexicogramatical desse tipo de texto. Esse modelo é criado a partir da perfilação do texto (cf. FIGUEREDO, 2014), que envolve a codificação dos termos nos sistemas de acordo com sua organização topológica. Como exemplo dessa codificação, o autor apresenta o sistema de tema, como ilustrado pela FIGURA 36, no qual é atribuído um valor para cada termo mais delicado do sistema representando sua distância em relação aos demais termos.

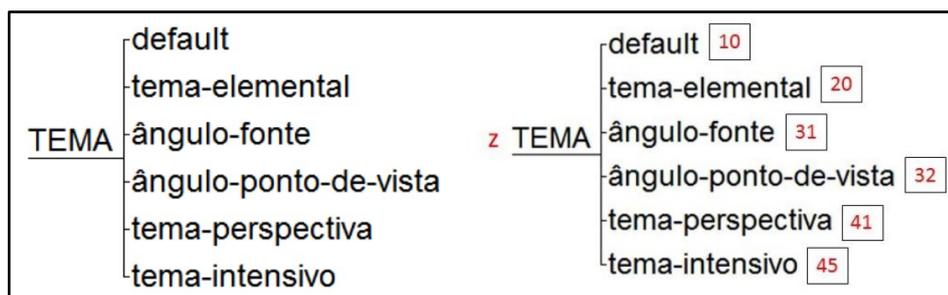


FIGURA 36 – Codificação do sistema de TEMA do português brasileiro simplificado

Fonte: Kogut (2017, p. 65).

O QUADRO 44 representa o modelo de texto argumentativo proposto do RPG de mesa por Kogut (2017). Nesse quadro é possível observar a perfilação do texto indicando suas diferentes fases, caracterizadas pelas opções instanciadas segundo os lexicogramaticais de TRANSITIVIDADE, MODO e TEMA.

QUADRO 44 – Modelo sistêmico do texto argumentativo do RPG de mesa

Orações	TRANSITIVIDADE	MODO	TEMA	Fases
Texto narrativo anterior				
01	10	20	10	
02	30	20	10	
03	20	21	10	
04	20	21	10	
05	40	21	10	
06	30	20	10	
07	50	20	10	
08	20	20	10	
09	20	20	10	
10	40	21	10	
11	40	21	10	
12	40	20	10	
13	40	20	10	
14	30	20	10	
15	40	20	10	
16	40	20	10	
17	10	20	10	
18	40	21	10	
19	10	20	10	

20	10	20	10	
21	40	20	10	
22	20	20	10	
Elemento Interpessoal	0	0	0	
23	10	20	10	
24	20	20	10	
25	40	20	10	

Fonte: adaptado de Kogut (2017, p. 101).

Por fim, Oliveira (2018) também desenvolve uma análise com o objetivo de modelar um tipo de texto. Porém, nessa pesquisa, a autora analisa introduções de artigos acadêmicos da área das ciências da saúde em inglês e português brasileiro, propondo assim uma modelagem em ambiente multilíngue. Para isso, Oliveira (2018, p. 14) analisa cinco introduções de artigos acadêmicos em inglês e cinco em português brasileiro (sem relação tradutória) de acordo com (i) critérios de tipologia e topologia da língua no contexto de cultura, caracterizando a introdução de artigos acadêmicos como um processo sociosemiótico do tipo explorar, escrito e monólogo, (ii) as variáveis contextuais da situação, caracterizando a introdução segundo as seleções de campo, sintonia e modo, e (iii) sistemas semânticos e lexicogramaticais, organizados de acordo com as metafunções.

Oliveira (2018) então faz o tratamento estatístico dos dados da análise, de modo a observar como as orações se agrupam conforme as funções lexicogramaticais e semânticas que realizam. A partir dessas observações, a autora estabelece a estrutura genérica da introdução de artigos acadêmicos em ambas as línguas, formada por Introdução, Problema de pesquisa e Objetivo de pesquisa, dentre os quais somente o Objetivo de pesquisa apresenta um padrão metafuncional semelhante para o português brasileiro e o inglês.

O agrupamento das estruturas genéricas da introdução pode ser ilustrado pelo GRÁFICO 3, no qual é possível observar que o grupo com maior nível de semelhança entre o português brasileiro e o inglês ocorre no Objetivo de pesquisa (em inglês, *Aim of the paper*).

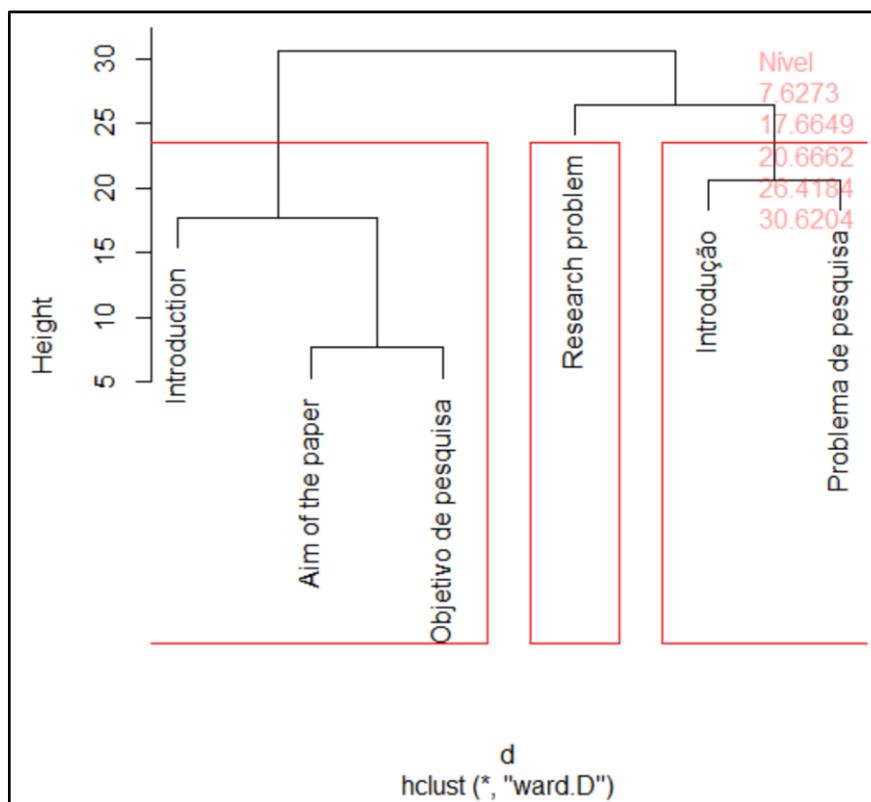


GRÁFICO 3 – Agrupamento das estruturas genéricas da introdução de artigo acadêmico em inglês e português brasileiro

Fonte: Oliveira (2018, p. 111).

Em conclusão a esta seção, é possível observar que uma característica comum a todas essas análises é sua fundamentação tanto na teoria sistêmico-funcional quanto nas descrições sistêmicas do inglês e do português brasileiro. Como já discutido à luz de Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a) e Halliday e Matthiessen (2014), as análises têm uma relação de realização com a teoria e de instanciação com as descrições. Nesse sentido, uma descrição (no caso desta tese, enfocando a experiência de tempo) pode ser instanciada pelas análises monolíngues e multilíngues de orientação sistêmico-funcional, como exemplificado pelas análises desenvolvidas em Halliday (1971), Silva (2016), F. Paula (2018), Kogut (2017), Oliveira (2018).

2.4 As abordagens sistêmicas da tradução

Diante da apresentação e discussão dos conceitos de teoria, descrição e análise, é possível também discutir esses conceitos nos estudos da tradução e estabelecer uma abordagem dos estudos da tradução pela linguística sistêmico-funcional.

Ao demarcar o campo disciplinar dos estudos da tradução, Holmes (2000) o divide de maneira geral entre estudos puros e aplicados. De acordo com o autor, os estudos puros teriam a pesquisa como um fim em si mesmo, isto é, sem uma aplicação direta do conhecimento construído, sendo subdividido entre estudos descritivos e teóricos, os quais descrevem os fenômenos da tradução e estabelecem princípios gerais que expliquem esses fenômenos (HOLMES, 2000, p. 176). Já os estudos aplicados, segundo Holmes (2000, p. 181), dizem respeito à utilização do conhecimento construído nos estudos puros para alguma finalidade, como ensino e aprendizagem de tradução, crítica e avaliação de traduções ou desenvolvimento de ferramentas de auxílio.

Holmes (2000, p. 182-183) ainda salienta o caráter dialético dos estudos da tradução, no qual cada área de pesquisa fornece subsídios para as outras duas. Assim, estudos teóricos se baseiam nos conhecimentos construídos nos estudos descritivos e aplicados, estudos descritivos e aplicados precisam de ao menos alguma concepção teórica prévia, e estudos aplicados precisam se basear em observações empíricas dos fenômenos tradutórios para a aplicação desse conhecimento.

É importante destacar que, segundo Holmes (2000, p. 176), dentre os estudos puros, os estudos descritivos são os que estabelecem um contato mais empírico com os fenômenos tradutórios, pois observam diretamente o produto textual, o processo cognitivo e a função social da tradução. Nesse sentido, Toury (1995), já no início de seu texto, esclarece qual é o papel dos estudos descritivos da tradução:

Em comparação a ciências que não são empíricas, um campo disciplinar empírico é concebido para explicar de maneira sistemática e controlada segmentos específicos do “mundo real”. Com isso, nenhuma ciência empírica pode se dizer completa e (relativamente) autônoma sem um ramo descritivo próprio. Descrever, explicar e prever fenômenos relativos a seu objeto de estudos é seu principal objetivo. Estudos conduzidos de maneira cuidadosa sobre conjuntos de problemas bem definidos constituem-se como a melhor forma de testar, refutar e, principalmente, modificar e aprimorar a própria teoria que orienta a pesquisa. Além disso, o fato de estudos teóricos e descritivos estabelecerem uma relação de reciprocidade permite que sejam desenvolvidos estudos mais refinados e, por consequência, mais

significativos, o que facilita o entendimento do segmento da realidade tratado por essa ciência.⁴⁸ (TOURY, 1995, p. 1)

É nesse contexto que são desenvolvidas as abordagens sistêmicas da tradução, com o objetivo de descrever, explicar e prever os fenômenos tradutórios a partir da linguística sistêmico-funcional. Segundo Pagano e Vasconcellos (2005, p. 157-158), a teoria sistêmico-funcional permite considerar “a natureza da tradução enquanto uma operação textual entre línguas, contextos e culturas e localizá-la em ambientes multilíngues de construção de realidade(s)”, constituindo-se em um “arcabouço teórico adequado para a investigação de operações textuais através de línguas, contextos e culturas, no âmbito dos estudos da tradução”.

Tendo em vista as dimensões globais e locais da linguagem, as autoras propõem uma “uma leitura retrospectiva de alguns desenvolvimentos-chaves na teoria hallidayana e sua articulação com os estudos da tradução” (PAGANO; VASCONCELLOS, 2005, p. 158), destacando autores como: (i) Catford (1965), que, ainda que se fundamente em uma versão da teoria anterior à formulação da dimensão da metafunção, propõe uma teoria de tradução de orientação linguística, distinguindo possíveis tipos de tradução em termos de extensão, nível e ordem, e formula os conceitos de equivalência tradutória, correspondência formal e mudança – conceitos-chave para as abordagens sistêmicas da tradução; (ii) Halliday (2001), que oferece uma reflexão definindo parâmetros para uma boa tradução, com as autoras destacando a orientação descritiva desta reflexão, que questiona a noção de equivalência muitas vezes tratada como parâmetro vago e abstrato, “deslocando esta noção para três vetores da teoria sistêmico-funcional, por ele considerados relevantes, a saber, estratificação, metafunção e ordem” (PAGANO; VASCONCELLOS, 2005, p. 163); (iii) Leuven-Zwart (1989, 1990), que investiga as mudanças na tradução entre espanhol e holandês em textos narrativos ficcionais, descrevendo-as em um nível microestrutural (*i.e.*, sentença, oração e grupo) e macroestrutural (que ela denomina semânticos, estilísticos e pragmáticos); e (iv) House (2001), que atualiza sua proposta de critérios de avaliação de traduções desenvolvidos em textos anteriores e a localiza “dentro de propostas de análise linguística, as quais, considera, devem se manter afastadas de

⁴⁸ Minha tradução de: “*In contradistinction to non-empirical sciences, empirical disciplines are devised to account, in a systematic and controlled way, for particular segments of the 'real world'. Consequently, no empirical science can make a claim for completeness and (relative) autonomy unless it has a proper descriptive branch. Describing, explaining and predicting phenomena pertaining to its object level is thus the main goal of such a discipline. In addition, carefully performed studies into well-defined corpuses, or sets of problems, constitute the best means of testing, refuting, and especially modifying and amending the very theory, in whose terms research is carried out. Being reciprocal in nature, the relations between the theoretical and descriptive branches of a discipline also make it possible to produce more refined and hence more significant studies, thus facilitating an ever better understanding of that section of reality to which that science refers*”.

propostas de crítica da tradução que não possam oferecer fundamentos explícitos para o julgamento dos textos” (PAGANO; VASCONCELLOS, 2005, p. 174).

Além dos autores apresentados por Pagano e Vasconcellos (2005) citados acima, é possível também citar como exemplos de abordagens sistêmicas da tradução Silva (2016) e F. Paula (2018), ambas já abordadas na seção 2.3, e Matthiessen (2001) e Kim (2009).

Matthiessen (2001) discute os fenômenos da tradução localizando-os em relação à tipologia de sistemas como um sistema semiótico superior e em referência às dimensões globais e locais da linguagem. A partir disso, o autor retoma os conceitos de equivalência tradutória, correspondência formal e mudança de Catford (1965) para propor sua atualização ante os desenvolvimentos da linguística sistêmico-funcional. Assim, Matthiessen (2001) apresenta uma nova caracterização da mudança em tradução de acordo com a manutenção ou não dos significados em relação às metafunções, à escala de ordens, ao sistema e à estrutura. Ademais, o autor ainda apresenta uma caracterização metacontextual da tradução em relação às variáveis de campo, sintonia e modo.

Por fim, Kim (2009) desenvolve critérios de avaliação de traduções orientados para a formação de tradutores. Os critérios desenvolvidos pela autora são orientados pelo significado, organizados de acordo com as metafunções e distribuídos entre os polos lexical e gramatical do contínuo lexicogramatical, levando em consideração também o texto como uma unidade de produção de significado no ambiente multilíngue. Kim (2009) também reporta o uso dos critérios de avaliação na formação de tradutores no par linguístico inglês-coreano na Universidade de Macquarie, demonstrando uma melhora na percepção dos estudantes em relação aos erros cometidos nas tarefas e uma melhora nas notas obtidas pelos estudantes nos exames realizados pela entidade australiana responsável por regulamentar a profissão no país.

Em conclusão, é possível considerar que, dentre os estudos abordados por Pagano e Vasconcellos (2005) e neste capítulo da tese, Catford (1965), Halliday (2001) e Matthiessen (2001) fazem parte dos estudos teóricos da tradução, Leuven-Zwart (1989, 1990), Silva (2016) e F. Paula (2018) dos estudos descritivos e House (2001) e Kim (2009) dos estudos aplicados. Todos esses estudos fazem parte das abordagens sistêmicas da tradução e buscam, em certa medida, responder ao anseio de Toury (1995) por um campo disciplinar de orientação empírica ao fundamentar o estudo da tradução na teoria, descrição e análise sistêmico-funcional, que permitem que os fenômenos tradutórios estudados sejam localizados no ambiente multilíngue em relação às diferentes dimensões da linguagem.

2.5 A análise da construção da experiência de tempo em tradução

Tendo em vista a revisão da literatura até este ponto sobre teoria, descrição e análise na linguística sistêmico-funcional e sobre as abordagens sistêmicas da tradução, é possível discutir mais especificamente o estudo da experiência de tempo no campo disciplinar dos estudos da tradução. Para isso, são apresentados a seguir de maneira concisa as pesquisas de Appelo (1986, 1994), Olsen *et al.* (2000), Bond, Ogura e Uchino (2000), Safar e Marshall (2001), Wang, Collins e Koehn (2007), Meyer (2011), Meyer e Popescu-Belis (2012), Rodrigues (2000), Ramalho (2004) e Braga (2016). De maneira semelhante à seção 2.2.5, as contribuições desses autores são tratadas à luz dos parâmetros temporais de Halliday e Matthiessen (1999), quais sejam, localização, perspectiva, estágio e perfil.

Começando por Appelo (1986, 1994), a autora participou do desenvolvimento do sistema de tradução automática Rosetta, contribuindo para a tradução de “expressões temporais”. A autora aborda questões relativas à estrutura de verbos e orações e também as possibilidades de equivalência entre advérbios em inglês, espanhol e neerlandês. Em comparação com os parâmetros temporais básicos propostos por Halliday e Matthiessen (1999), Appelo (1986, 1994) aborda a localização temporal e uma interseção entre a perspectiva e o perfil temporal, tratando-os por “tempo verbal” e “aspecto”, respectivamente. Para desenvolver o algoritmo responsável pela tradução da temporalidade, a autora desenvolve árvores sintáticas para explicar a realização estrutural dos significados na ordem da palavra.

Olsen *et al.* (2000) abordam a “telicidade” do chinês e do inglês no desenvolvimento de um sistema de tradução automática. Os autores investigam as estruturas que realizam a experiência de tempo nas ordens da palavra e do grupo, verificando ainda as relações entre orações e as conjunções. Os parâmetros observados são semelhantes aos de Appelo (1986, 1994), a saber, a localização temporal e uma interseção entre a perspectiva e o perfil temporal, e Olsen *et al.* (2000) os tratam por “tempo verbal”, “aspecto gramatical” e “aspecto lexical”, respectivamente. Olsen *et al.* (2000) abordam seu objeto de estudos através do polo lexical do contínuo lexicogramatical.

Bond, Ogura e Uchino (2000), por sua vez, apresentam uma proposta de um módulo de sistema de tradução automática dedicado à tradução de “frases nominais” e “advérbios” realizando a experiência de tempo entre o japonês e o inglês. Os parâmetros abordados pelos autores se restringem à localização e ao perfil temporal, tratados como “tempo verbal” e

“*aktionsart*”, respectivamente. Semelhante a Appelo (1986, 1994) e Olsen *et al.* (2000), Bond, Ogura e Uchino (2000) também estudam a realização da temporalidade em termos unicamente estruturais e, semelhante a Olsen *et al.* (2000), adotam uma abordagem a partir do polo lexical para categorizar as estruturas.

Safar e Marshall (2001) tratam da arquitetura geral de um sistema de processamento de linguagem natural que faz parte de um sistema de tradução automática entre textos escritos em inglês e diferentes línguas de sinais. Dentre as questões estudadas pelos autores, encontram-se as “linhas temporais”, que são estudadas em termos de estrutura tanto na língua escrita/falada quanto nas línguas de sinais, observando como verbos e orações são estruturados. Além disso, é possível observar que os autores investigam os parâmetros da localização e da perspectiva temporal, tratando-os por “tempo” e “aspecto”. De modo semelhante a Olsen *et al.* (2000), Safar e Marshall (2001) também adotam uma perspectiva estruturalista e a partir do polo lexical.

Wang, Collins e Koehn (2007) também estudam a tradução automática no par linguístico chinês-inglês; porém, trabalham com sistemas estatísticos e propõem o desenvolvimento de um algoritmo para “reordenar” as palavras do texto fonte, de modo a aprimorar o texto alvo traduzido automaticamente. Alguns dos elementos considerados na “reordenação” são a “frase nominal” e o “nome temporal”, que são organizados hierarquicamente de maneira análoga à escala de ordens. Wang, Collins e Koehn (2007) também abordam a construção da experiência de tempo a partir de sua estrutura e consideram somente o parâmetro semântico da localização temporal, tratando sob o conceito geral de “tempo”.

Meyer (2011) e Meyer e Popescu-Belis (2012) pesquisam os “conectivos discursivos de contraste temporal” em inglês, francês e alemão, normalmente realizados por conjunções, para o desenvolvimento de sistemas de tradução automática. Os autores se fundamentam na teoria da estrutura retórica (cf. MANN; THOMPSON, 1988) para estudar a função de conjunções na ordem da oração e na organização do texto a partir do polo lexical. Abordam somente a localização temporal, tratando pelo conceito geral de “significado temporal” e desenvolvem sua pesquisa levando em consideração as dimensões do eixo e das metafunções, com enfoque nas relações lógico-semânticas entre orações.

Até este ponto somente foram tratados estudos aplicados da tradução, com enfoque no desenvolvimento de sistemas de tradução automática. Rodrigues (2000) trata de questões relativas à equivalência em tradução, trazendo uma discussão mais próxima aos estudos

teóricos. Ainda assim, a autora aborda a experiência de tempo para ilustrar problemas e desafios nas relações de equivalência, principalmente entre o português brasileiro e o inglês, discutindo questões referentes à localização e à perspectiva temporal, sob a designação de “tempo” e “aspecto”, respectivamente. Ainda que Rodrigues (2000) discuta a proposta de Catford (1965) para o estudo descritivo da tradução com base nos conceitos de equivalência tradutória e correspondência formal, a autora não se baseia em conceitos fundamentais da linguística sistêmico-funcional, como as dimensões globais e locais já apresentadas, e trata a experiência de tempo somente por uma perspectiva estruturalista e com foco no polo lexical.

Ramalho (2004) também apresenta uma outra abordagem sobre a experiência temporal, dessa vez, nos estudos literários. O autor apresenta uma tradução comentada de um segmento do poema *Beowulf*, analisando a “figuração do tempo pela linguagem” (RAMALHO, 2004, p. 128). De forma semelhante a Appelo (1986, 1994), Ramalho (2004) analisa o que chama de “nuances” referentes à localização e a uma interseção entre perspectiva e perfil temporal, tratando-os por “tempo verbal” e “aspecto”, respectivamente. Ainda, o autor dá maior enfoque à ordem da palavra, abordando principalmente os verbos originais e traduzidos de maneira isolada do restante do texto e adotando uma perspectiva voltada quase totalmente ao polo lexical.

Por fim, Braga (2016) apresenta uma abordagem linguística do produto tradutório tendo como base a linguística sistêmico-funcional. A autora analisa o corpus Klapt!, também adotado nesta pesquisa, a fim de descrever os equivalentes tradutórios dos significados realizados por Circunstâncias. Dentre as Circunstâncias analisadas, destacam-se as de extensão e localização, que podem realizar a experiência de tempo. Uma vez que Braga (2016) também se fundamenta na linguística sistêmico-funcional, sua pesquisa também tem como base as dimensões locais e globais da linguagem, o que permite que sua pesquisa “dialogue” com esta tese. No entanto, como seu objeto de estudos é diferente, a autora não aborda sistemas semânticos ou outras ordens da escala em sua análise.

Após tratar cada pesquisa sobre a construção da experiência de tempo em tradução, é possível observar de maneira geral como elas abordam essa questão de acordo com os diferentes parâmetros definidos por Halliday e Matthiessen (1999). O parâmetro mais abordado nessas pesquisas foi o da localização temporal, explorando a temporalidade em relação ao momento da fala como passado, presente ou futuro, seguido da perspectiva temporal, que diz respeito à relação entre o processo e a experiência como um todo e sendo analisado em termos de perfectividade e imperfectividade. O perfil temporal, normalmente tratado na literatura por

“*aktionsart*” ou “aspecto lexical”, foi abordado em alguns casos (APPELO, 1986, 1994; BOND; OGURA; UCHINO, 2000; OLSEN *et al.*, 2000; RAMALHO, 2004; BRAGA, 2016); porém, cada autor tratou esse parâmetro de uma maneira diferente, chegando a casos, como Appelo (1986, 1994), que combinam dois parâmetros diferentes em um só, a saber, perspectiva e perfil temporal. Por fim, o estágio temporal só foi abordado marginalmente por Braga (2016), que, ainda que se fundamente na linguística sistêmico-funcional para o estudo descritivo da tradução, não tem como foco a estudar a experiência de tempo em português brasileiro e em inglês, pois seu objeto de estudos se encontra no estrato lexicogramatical (as Circunstâncias), de modo que somente as realizações desse parâmetro são analisadas.

Diante disso, nota-se que a pesquisa desenvolvida nesta tese encontra pontos de contato com as pesquisas anteriores, assim como divergências teóricas e metodológicas. A primeira questão se deve ao objeto de análise, que nesta pesquisa é o produto tradutório. Isso aproxima esta tese de Ramalho (2004) e Braga (2016), que também consistem, nos termos de Holmes (2000), em estudos descritivos da tradução orientados ao produto. Pesquisas em tradução automática, como Appelo (1986, 1994), Meyer (2011) e Meyer e Popescu-Belis (2012), já se encontram no ramo dos estudos aplicados, enquanto Rodrigues (2000) propõe um estudo teórico da tradução.

Além disso, esta tese parte de uma abordagem da tradução orientada pela linguística sistêmico-funcional. Somente Braga (2016) e, guardadas as devidas proporções, Meyer (2011) e Meyer e Popescu-Belis (2012) investigam a experiência de tempo fundamentando-se na linguística sistêmico-funcional. Ao adotar o sistema como ponto de partida da análise, é possível explorar quais aspectos da experiência de tempo são instanciados nos textos fonte e alvo em detrimento de quais outros, averiguando-se ainda como e porque são feitas essas seleções. Assim, as pesquisas em tradução automática adotam a estrutura como ponto de partida da análise, muitas vezes tendo como resultados listas de estruturas equivalentes possíveis no contato entre duas ou mais línguas. No entanto, é importante considerar que o objetivo dessas pesquisas em tradução automática é justamente produzir listas de equivalentes, não tratando de questões relativas aos sistemas que organizam as possibilidades de seleção de um equivalente específico dentre as demais possibilidades. Ademais, Rodrigues (2000) e Ramalho (2004), mesmo ocupando o ramo dos estudos de base da tradução, não se fundamentam na linguística sistêmico-funcional para o estudo da experiência de tempo.

Por fim, esta tese propõe uma abordagem do polo do potencial no contínuo da instanciação, não analisando o produto tradutório como instância deste potencial. Assim, esta

pesquisa parte do entendimento (HALLIDAY, 2003b) de que instância e potencial se tratam do mesmo fenômeno, de maneira que a investigação do polo do potencial também caracteriza um estudo sobre o produto tradutório.

Tendo em vista que muitos dos trabalhos anteriores, como Appelo (1986, 1994), Meyer (2011) e Meyer e Popescu-Belis (2012), objetivam o desenvolvimento de ferramentas de tradução automática, não é possível traçar um paralelo entre as metodologias dessas pesquisas e a desta tese. O mesmo se observa em relação aos trabalhos de Rodrigues (2000), Ramalho (2004) e Braga (2016), que ainda que ocupem o ramo dos estudos descritivos orientados ao produto, não buscam estudar o potencial da experiência temporal.

Em conclusão, nesta seção é possível constatar através das pesquisas apresentadas que boa parte dos estudos sobre a construção da experiência de tempo em tradução tem se dedicado ao desenvolvimento de ferramentas de tradução automáticas, havendo poucos casos de estudos de base orientados à análise do produto tradutório. Além disso, a análise da experiência de tempo por meio de uma abordagem sistêmica da tradução só é observada marginalmente em Braga (2016), que não tem como objetivo analisar esses significados, mas acaba por fazê-lo pelo motivo de serem realizados em parte pelas Circunstâncias de localização e extensão. Portanto, esta pesquisa encontra poucos pontos de contato com as pesquisas anteriores sobre a experiência temporal em tradução citadas nesta tese e se propõe a trazer novas contribuições sobre o tema.

2.6 Os estudos multilíngues

Tendo como ponto de partida os estudos da tradução, é possível pensar esse campo disciplinar em relação a outros que também tratam de fenômenos da linguagem humana. Matthiessen, Teruya e Wu (2008) denominam esse espaço de interconexão entre as diferentes áreas dos estudos linguísticos como estudos multilíngues.

De acordo com os autores, os estudos multilíngues são

um novo campo de investigação e aplicação onde é possível estabelecer uma relação de relevância mútua entre áreas como tipologia, descrição, tradução (incluindo interpretação), treinamento de tradutores, estudos da tradução, ensino de segunda língua e língua estrangeira, lexicografia multilíngue (incluindo bancos de termos multilíngues para tradução) e multilinguismo (o

bilinguismo sendo um caso especial).⁴⁹ (MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008, p. 146)

Os autores então propõem a organização das áreas dos estudos multilíngues de acordo com o número de línguas abordadas e com o contínuo de instanciação. Como exemplo, é possível considerar (i) a descrição linguística, que envolve o estudo de somente uma língua e estuda o polo do sistema dessa língua, isto é, seu potencial de significados no contexto de cultura; (ii) os estudos da tradução, que envolvem duas ou mais línguas e enfocam a análise do polo da instância, isto é, dos significados construídos por textos no contexto de situação; (iii) a tipologia, que propõe a comparação do potencial de significados no contexto de cultura de quantas línguas forem possíveis. A FIGURA 37 ilustra a organização as diferentes áreas dos estudos multilíngues de acordo com o número de línguas estudadas e sua posição no contínuo de instanciação. Na figura também é possível observar outras áreas, como estudos do multilinguismo, aprendizado de segunda língua (e língua estrangeira), análise contrastiva, estudos pragmáticos interculturais e estudos comparativos, que, segundo Matthiessen, Teruya e Wu (2008, p. 148-153), ocupam posições intermediárias em relação ao número de línguas explorados e dispersos ao longo do contínuo de instanciação.

⁴⁹ Minha tradução de: “*new field of investigation and application where areas such as language typology, language description, translation (including interpreting), translator education, translation studies, foreign/second language teaching, multilingual lexicography (including multilingual term banks for translation) and multilingualism (with bilingualism as a special case) can be brought into mutual relevance*”.

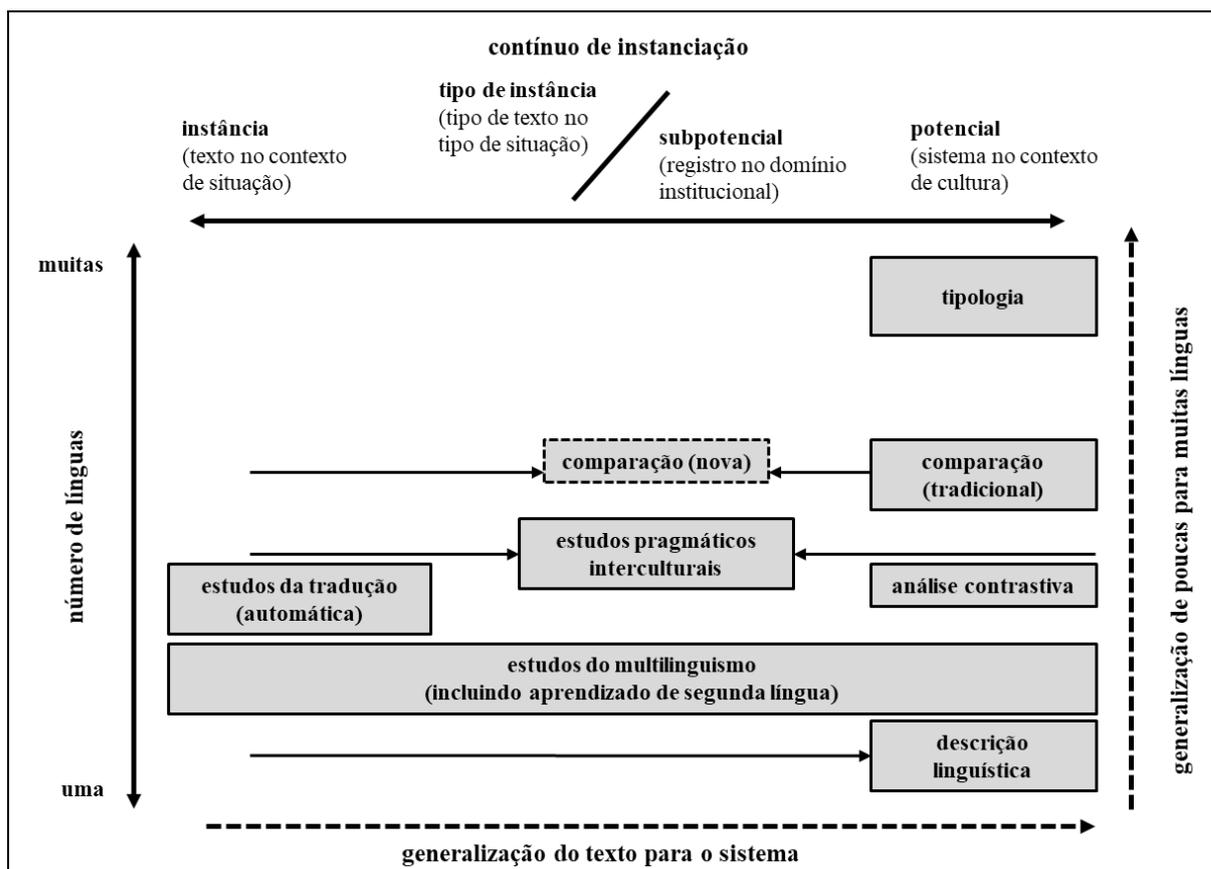


FIGURA 37 – Os estudos multilíngues e sua caracterização em relação ao número de línguas e ao contínuo de instanciação

Fonte: traduzida de Matthiessen, Teruya e Wu (2008, p. 149).

Esta tese encontra-se na interface entre a descrição linguística e os estudos da tradução, pois propõe a descrição de uma parte do potencial de significados do português brasileiro, enfocando a experiência de tempo.

Teich (2001, p. 219) explica que,

durante a atividade tradutória, é indispensável conhecer as diferenças e semelhanças entre sistemas linguísticos e como eles são realizados em diferentes tipos de textos e instanciados nos expoentes desses tipos de texto. Portanto, os estudos multilíngues (como tipologia e linguística contrastiva) devem considerar traduções como uma fonte rica de dados, utilizar a tradução como uma área de testes e consultar os estudos da tradução em busca de novas ideias sobre o contraste entre sistemas linguísticos. Para a linguística sistêmico-funcional em especial, a investigação de traduções oferece a chance

de aprimorar algumas de suas noções – em particular, o conceito de instanciação.⁵⁰

Figueredo (2015a, p. 141) também trata das contribuições dos estudos da tradução para os estudos multilíngues:

A relação entre os Estudos da Tradução e os Estudos Multilíngues ganha motivação em pesquisas anteriores (TEICH, 1999; MATTHIESSEN *et al.*, 2008), as quais mostram que a investigação dos fenômenos tradutórios revela uma maior amplitude do potencial das línguas envolvidas quando estabelece relações com outros fenômenos da produção multilíngue. Os Estudos da Tradução e os Estudos Multilíngues se complementam, portanto, no sentido de que o fenômeno tradutório é visto pelos últimos como *um tipo especializado de produção de significado linguístico*.

Diante disso, é necessário entender como a tradução é concebida como esse tipo especializado de produção de significado nas abordagens sistêmicas da tradução. Destacam-se aqui as contribuições de Catford (1965, 1980) e Matthiessen (2001) e sua compreensão dos fenômenos tradutórios em termos de equivalência tradutória, correspondência formal e mudança.

Catford (1980, p. 29) define equivalência tradutória como “qualquer texto ou porção de texto da [língua alvo] que [...] se observe ser numa ocasião específica o equivalente de determinado texto ou porção de texto da [língua fonte]”. Essa definição destaca o caráter empírico da equivalência tradutória, sendo um fenômeno circunscrito ao tempo e ao espaço e passível de observação, teorização, descrição e análise. Nesse sentido, Catford (1965, 1980) não discute *se* há equivalência entre um texto fonte e um texto alvo, mas propõe uma discussão sobre *como* ocorre essa relação entre instâncias de duas línguas diferentes. Portanto, é possível afirmar que, para o autor, a equivalência tradutória é um fenômeno que ocorre no polo da instância no contínuo de instanciação, o que vai de encontro à proposta de Holmes (2000) e Toury (1995) de estudos descritivos da tradução calcados em observações empíricas, e também justifica a localização dos estudos da tradução no polo da instância por Matthiessen, Teruya e Wu (2008) – como se pode observar na FIGURA 37.

Além disso, Catford (1980, p. 29) define correspondência formal como “qualquer categoria da [língua alvo] (unidade, classe, estrutura, elemento de estrutura, etc.) que se possa

⁵⁰ Minha tradução de: “*It is indispensable when translating to know about differences and commonalities in language systems and how these are realized in different text types and instantiated in the exponents of those types. Multilingual studies in linguistics (language typology, contrastive linguistics) should therefore consider translations as interesting data, use translation as a test bed and consult translation studies for valuable contrastive-linguistic insights. For Systemic Functional Linguistics in particular, investigating translations offers the chance of making some of its notions more precise—in particular that of instantiation*”.

dizer que ocupa, tanto quanto possível, na ‘economia’ da [língua alvo] o ‘mesmo’ lugar que determinada categoria da [língua fonte] ocupa na [língua fonte]”. Nesse caso, o autor não trata da relação entre instâncias observáveis das línguas em contato, mas dos próprios sistemas linguísticos, isto é, o potencial de significados das línguas fonte e alvo.

Diante disso, o autor esclarece a relação entre equivalentes tradutórios e correspondentes formais:

é possível que a correspondência formal só se possa estabelecer, em última análise, com base na equivalência textual em algum ponto. Assim, podemos afirmar que um item ou uma classe de uma língua é o equivalente formal de um item ou uma classe de outra, porque a categoria em questão opera de maneira aproximadamente igual na estrutura de unidades de ordem mais alta em ambas as línguas; mas isso, por sua vez, significa que estabelecemos uma correspondência entre essas unidades de ordem mais alta, e isso pode ter de ser feito com base na equivalência textual de probabilidade mais alta. (CATFORD, 1980, p. 35–36)

Nos termos da linguística sistêmico-funcional em seu estado atual, é possível afirmar que o autor relaciona os equivalentes tradutórios, observáveis na instância, e os correspondentes formais, no potencial linguístico, no contato entre duas línguas através do contínuo de instanciação. Isso pode ser evidenciado por meio do seguinte trecho de Halliday e Matthiessen (2014, p. 29) sobre a dimensão da instanciação: “os padrões de instanciação se mostram quantitativamente na forma de ajustes nas probabilidades sistêmicas da língua”⁵¹. Nesse sentido, os padrões de equivalência tradutória se mostram quantitativamente na forma de ajustes nas probabilidades sistêmicas dos correspondentes formais entre as línguas em contato.

Catford (1980, p. 36) também faz uma observação importante para os estudos multilíngues sobre correspondentes formais: “a correspondência formal é interessante também sob outro aspecto; isto é, o grau de divergência entre a equivalência textual e a correspondência formal pode ser usado talvez como medida de diferença tipológica entre línguas”.

A implicação dessas definições de equivalência tradutória e correspondência formal como fenômenos localizados no contínuo de instanciação para os estudos multilíngues é que são fenômenos comuns a diferentes áreas, como pode ser ilustrado pela FIGURA 38.

⁵¹ Minha tradução de: “*These patterns of instantiation show up quantitatively as adjustments in the systemic probabilities of language*”

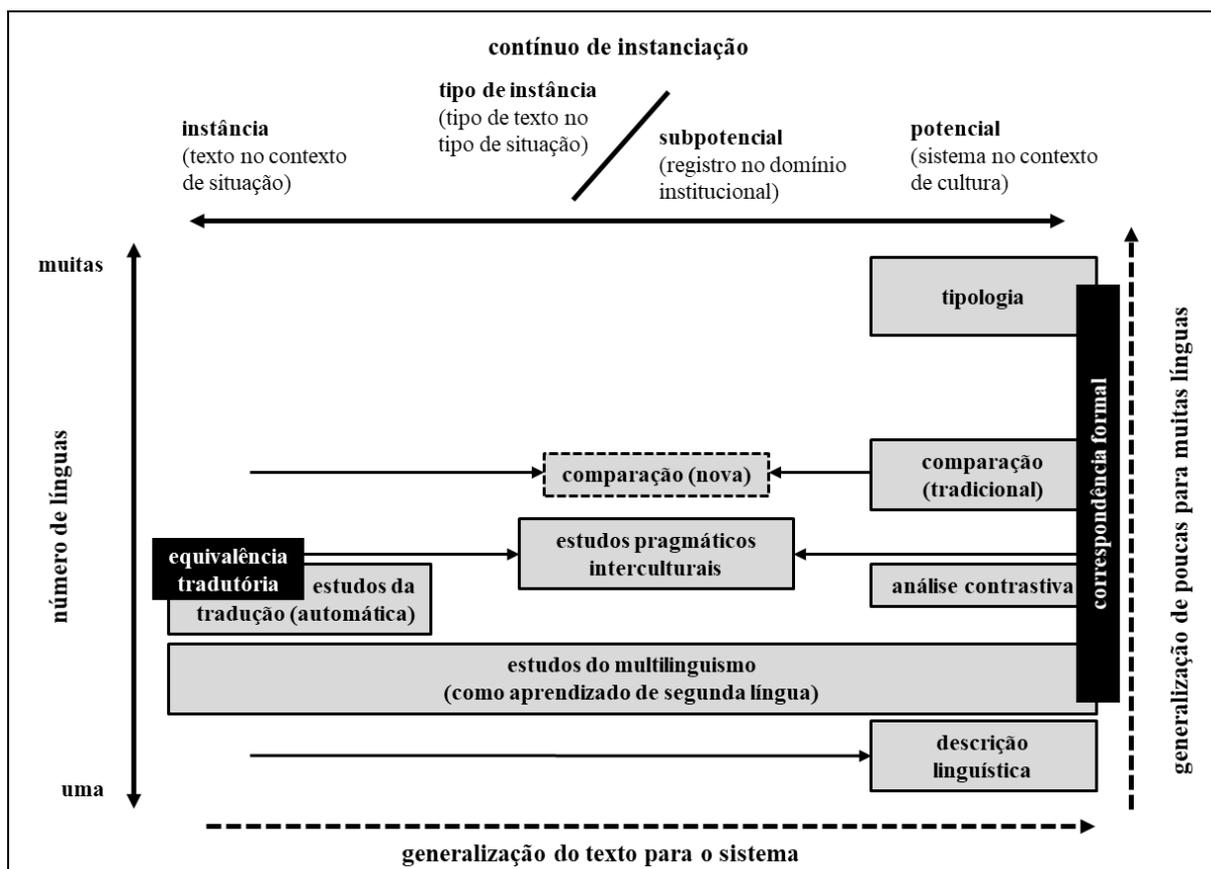


FIGURA 38 – Equivalência tradutória e correspondência formal nos estudos multilíngues

Fonte: adaptada de Matthesen, Teruya e Wu (2008, p. 149).

Áreas como a tipologia e a análise contrastiva também lidam com correspondências entre categorias das línguas estudadas, buscando semelhanças e diferenças entre elas, e áreas como estudos do multilinguismo também exploram equivalências entre instâncias das línguas em contextos de situação, como seria o caso de *code-switching* e *code-mixing* (MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008, p. 148–149). Não por coincidência, a citação de Teich (2001, p. 219) acima destaca a possibilidade de outras áreas dos estudos multilíngues terem os estudos da tradução como uma fonte de dados, pois é a área que verifica empiricamente as semelhanças e diferenças do potencial multilíngue.

Além disso, Catford (1980, p. 82) define mudança como “perdas de correspondência formal no processo de passagem da [língua fonte] para a [língua alvo]”. O autor então apresenta as diferentes categorias de mudança: (i) de nível, envolvendo mudança ao longo do contínuo lexicogramatical; e (ii) de categoria, envolvendo mudanças internas às categorias teóricas, sendo divididas em mudança (a) de estrutura (em relação à sequência de

componentes— por exemplo, a posição do Sujeito na oração), (b) de classe (com correspondência da unidade e alteração com relação a sua classe – por exemplo, um grupo verbal para grupo nominal), (c) de unidade (ao longo da hierarquia da escala de ordens – por exemplo, uma oração traduzida como grupo) e (d) intrassistema (em relação aos termos agnatos de um sistema – por exemplo, um verbo finito passado perfectivo traduzido como verbo finito passado imperfectivo). Nesse contexto, Catford (1965, 1980) concebe a mudança como um desvio da correspondência formal, adotando como ponto de partida o polo do potencial de significados no estudo da tradução.

Pagano e Vasconcellos (2005, p. 164-165) explicam que os principais problemas da proposta de Catford (1965, 1980) e o principal motivo de ela não ter se mostrado frutífera para a construção dos estudos teóricos da tradução foram “não incorporar a dimensão semiótica e social da versão posterior da lingüística sistêmico-funcional e por considerar, na análise, apenas porções descontextualizadas de textos, não ultrapassando o nível da sentença”. Após quase 40 anos da publicação de Catford (1965), Matthiessen (2001) aborda essas duas questões, discutindo os conceitos de equivalência tradutória, correspondência formal e mudança à luz dos desenvolvimentos posteriores da lingüística sistêmico-funcional.

Matthiessen (2001) propõe a reinterpretação desses conceitos conforme as dimensões da estratificação e da metafunção e de conceituações mais recentes sobre a escala de ordens e a delicadeza. Com relação à estratificação, o autor explica que a equivalência tradutória diz respeito ao funcionamento de textos em línguas diferentes operando em contextos de situação semelhantes. Assim, Matthiessen (2001, p. 78) explica que a equivalência tradutória deve ser entendida como uma gradação e que o maior grau de equivalência ocorre no estrato do contexto. Assim, o grau de equivalência entre duas instâncias depende de quantas características compartilham (MATTHIESSEN, 2001, p. 79). Além disso, enquanto Catford (1965, 1980) sugere que a unidade básica onde ocorre a equivalência tradutória seria a sentença, Matthiessen (2001) esclarece que a unidade fundamental para o estudo da equivalência tradutória deve ser o texto, pois é o texto como unidade semântica que funciona no contexto.

Matthiessen (2001, p. 79) também elucida que a mudança não pode ocorrer ao longo das dimensões da estratificação e da instanciação. Por exemplo, uma tradução não ocorre entre uma oração e um fonema, e não ocorre entre o texto intitulado “*Nodulation of acacia species by fast- and slow-growing tropical strains of rhizobium*” e o tipo de texto denominado artigo acadêmico. Matthiessen (2001, p. 79) afirma que essas dimensões permanecem constantes na tradução. Nesse sentido, a mudança ocorre principalmente nas dimensões locais da linguagem,

isto é, em relação à escala de ordens e à delicadeza, e em certa medida na dimensão da metafunção, com a possibilidade de sistemas de uma metafunção serem traduzidos como os de outra.

Diante disso, o autor reformula os tipos de mudança de Catford (1965, 1980), que passam a ser categorizados da seguinte maneira: (i) mudança de metafunção; (ii) equivalência de metafunção, com mudança interna na metafunção; (iii) equivalência de metafunção, com mudança na escala de ordens; (iv) equivalência de metafunção e de ordem, com mudança no sistema; e (v) equivalência de metafunção, ordem e sistema, com mudança na estrutura.

De maneira semelhante a Catford (1965, 1980), Matthiessen (2001) também dispõe a equivalência tradutória e a correspondência formal nos dois polos do contínuo de instanciação. No entanto, Matthiessen (2001) localiza esses conceitos em relação às dimensões globais e locais da teoria, de maneira a atualizar as concepções iniciais de Catford (1965, 1980). Com isso, Matthiessen (2001) consegue desenvolver uma tipologia da mudança em tradução, de forma a explorar suas características de maneira mais detalhada e responder aos problemas levantados por Pagano e Vasconcellos (2005).

Retornando à discussão sobre a relação entre os estudos da tradução e os estudos multilíngues, é possível fundamentar essa relação por meio dos conceitos de equivalência tradutória e correspondência formal elaborados por Catford (1965, 1980) e Matthiessen (2001), que possibilitam a investigação de fenômenos multilíngues tanto no polo da instância quanto no polo do potencial.

Além disso, Matthiessen, Teruya e Wu (2008, p. 203) também esclarecem que o espaço dos estudos multilíngues pode ser concebido em relação à própria atividade de pesquisa, sendo possível traçar uma distinção entre o estudo como ação e reflexão, como ilustra a FIGURA 39.

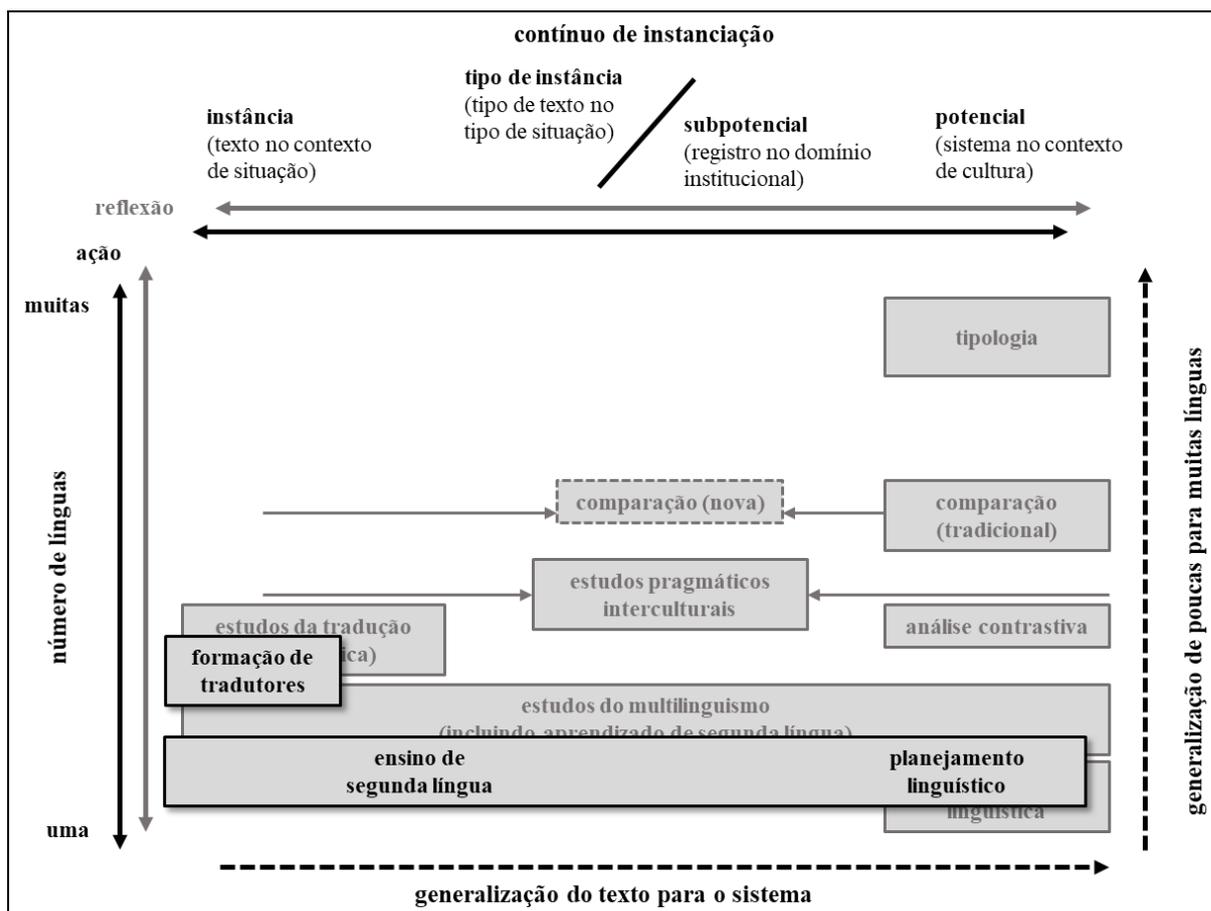


FIGURA 39 – Estudos multilíngues como ação e reflexão

Fonte: Mattheissen, Teruya e Wu (2008, p. 203).

Os autores explicam que,

até aqui, os estudos multilíngues foram abordados em relação ao seu modo reflexivo, isto é, investigações de padrões de semelhanças e diferenças que podem ser identificadas ao se compararem e contrastarem diferentes línguas. Entretanto, os estudos multilíngues também têm um modo ativo. Esse modo ativo se baseia nos conhecimentos construídos no modo reflexivo, desenvolvendo e implementando programas de ação, como para a tradução automática, para o ensino de segunda língua e língua estrangeira e para a formação de tradutores e intérpretes, e também programas administrativos de política e planejamento linguístico. Ainda, as experiências obtidas com as implementações no modo ativo contribuem também para o desenvolvimento do modo reflexivo.⁵² (MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008, p. 203)

⁵² Minha tradução de: “So far, we have been concerned with multilingual studies in reflective mode - that is, with investigations of patterns of similarity and difference we can identify when we compare and contrast different languages. However, multilingual studies also have an active mode. In the active mode, we draw on the findings from the reflective mode and develop and implement programmes for action such as machine translation programmes, educational programmes in second/foreign language teaching and in translator and interpreter

Portanto, de modo semelhante aos estudos da tradução, os estudos multilíngues também são concebidos em relação a pesquisas de base e pesquisas aplicadas. Assim, estudos como House (2001) e Kim (2009), já abordados anteriormente, podem ser considerados no modo ativo dos estudos multilíngues, pois, as autoras, embasadas em reflexões prévias sobre os fenômenos tradutórios, desenvolvem critérios de avaliação de traduções com foco na formação de tradutores.

Em suma, Matthiessen, Teruya e Wu (2008) propõem os estudos multilíngues como um espaço em que diferentes áreas dos estudos linguísticos e outras disciplinas contribuam para a construção do conhecimento sobre o multilinguismo. Esta tese busca contribuir para a construção desse espaço ao focar a interface entre descrição linguística, tipologia e estudos da tradução ao descrever a realização lexicogramatical da experiência de tempo do português brasileiro.

3 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia desta pesquisa, discutindo o papel do corpus, apresentando o corpus Klapt! e como foi utilizado. Na sequência são apresentadas as etapas de descrição das estruturas lexicogramaticais que realizam a experiência de tempo do português brasileiro.

3.1 O papel do corpus na pesquisa

Halliday e Matthiessen (2014, p. 29-30), ao explicarem a dimensão da instanciação, tratam sobre o papel do corpus nos estudos linguísticos.

Um corpus é uma grande coleção de instâncias [...] Porém, o corpus não escreve a gramática para um linguista, da mesma maneira que os dados dos experimentos sobre o comportamento da luz não escreveram o tratado “*Opticks*” para Newton. O corpus precisa ser teorizado. Escrever uma descrição de uma gramática envolve a manobra constante entre as perspectivas do sistema e da instância.⁵³

De maneira semelhante, Matthiessen e Halliday (2009, p. 34) abordam o papel do corpus na pesquisa linguística, afirmando que “o corpus não substitui a teoria. Ele não ‘contém todos os fatos’, como se palavras estivessem escondidas em um amontoado de letras. Os fatos e os princípios que os norteiam precisam ser construídos”⁵⁴.

Halliday (2013, p. vi) também apresenta uma reflexão sobre o papel do corpus ao comparar os modelos de descrição com foco nos eixos sintagmático e paradigmático.

Em um modelo sintagmático, cada item é descrito em termos de sua própria estrutura. Depois, como uma etapa posterior, é mostrado como um item se relaciona com os demais. Isso pode ser feito, por exemplo, por meio de “regras de transformação”. Por outro lado, um modelo paradigmático envolve ao mesmo tempo a descrição e a interrelação. A descrição de um item consiste justamente em mostrar sua relação com todos os outros itens possíveis, revelando o grau de inter-relação, isto é, a distância que separa uma opção da outra. É óbvio que, em última análise, cada escolha se relaciona com todas as outras, ao menos todas aquelas que estão no mesmo estrato. A rede de sistemas

⁵³ Minha tradução de: “*A corpus is a large collection of instances [...]. But the corpus does not write the grammar for you, any more than the data from experiments in the behaviour of light wrote Newton’s Opticks for him; it has to be theorized. Writing a description of a grammar entails constant shunting between the perspective of the system and the perspective of the instance*”.

⁵⁴ Minha tradução de: “*The corpus is not a substitute for a theory; it does not “contain all the facts”, like hidden words buried in a jumble of letters. Facts, and the principles behind them, have to be construed*”.

permite reconhecer quais características são compartilhadas em qualquer grau de delicadeza.

Quando se pretende desenvolver uma descrição abrangente de uma língua, é necessário ser capaz de apontar as relações no eixo paradigmático – como algumas escolhas são afetadas ou condicionadas por outras escolhas – independentemente de como elas são realizadas na estrutura. As relações entre estrutura e sistema podem variar muito entre línguas diferentes, é claro, mas também em uma mesma língua. Por exemplo, observe a variedade de estruturas que realizam a modalidade em inglês. Normalmente, não são os padrões estruturais que determinam quais escolhas afetam as outras, mas sua posição relativa na rede de sistemas.⁵⁵

Diante desses apontamentos, é possível concluir que os estudos sistêmicos, sejam teóricos, descritivos ou aplicados, almejam compreender as relações estabelecidas entre os itens da linguagem. O corpus se torna a principal ferramenta para o estudo dessas relações, sendo o ponto de partida da reflexão linguística para a construção de conhecimento em níveis mais abstratos.

Nesse ponto, cabe esclarecer o porquê de esta tese não se filiar à linguística de corpus, ainda que parta de um corpus eletrônico e utilize uma ferramenta desenvolvida no âmbito dessa área da linguística para selecionar as instâncias a serem estudadas na descrição e na análise da experiência de tempo (como explicado na seção 3.3, sobre as etapas para criação do corpus de análise).

Wu (2009, p. 129) define linguística de corpus como

um estudo de instâncias textuais em contexto de uso. É uma metodologia para investigação da língua e seu uso e para obtenção de evidências quantitativas por meio de uma grande quantidade de textos que ocorrem naturalmente.⁵⁶

À luz dessa citação, a linguística de corpus pode ser entendida como uma metodologia para o estudo de instâncias de uma língua, por meio das quais são feitas

⁵⁵ Minha tradução de: “*In a syntagmatic model, each item is described in terms of its own structure; it is then shown, as a separate step, how it is related to certain other items. This may be done, for example, by “transformation rules”. In a paradigmatic model, by contrast, the same operation is at once both describing and interrelating. The description of an item consists precisely in showing its relationship to all other possible items. This then reveals the degree of interrelatedness – the distance by which one option is separated from another. Ultimately, of course, every choice is related to every other choice, at least all those at the same stratum as itself. The system network makes it possible to recognise what features are shared at any degree of delicacy. When you want to give a comprehensive account of a language, you need to be able to point up relations on the paradigmatic axis – how some choices are affected or conditioned by other choices – irrespective of how they happen to be realised in structure. The relations between structure and system can vary widely – among different languages, of course, but also within one language: witness the wide variety of different structures that realise modality in English. It is usually not the structural patterns that determine which choices affect one another; it is the relative location in the overall system network”.*

⁵⁶ Minha tradução de: “*a study of textual instances in the context of use. It is a methodology for investigating language and language use and obtaining quantitative evidence through large quantities of naturally occurring texts”.*

generalizações acerca das instâncias estudadas, de modo a acessar o potencial de significados da língua, isto é, o sistema linguístico como um todo. Halliday (2005, p. 82) afirma que sistema e instância não são fenômenos diferentes, mas diferentes escalas de tempo para se abordar um fenômeno linguístico: a análise das instâncias envolve uma escala menor, enquanto o estudo do potencial envolve uma escala maior.

Assim sendo, o primeiro motivo de esta tese não se filiar à linguística de corpus é sua abordagem ao corpus, pois explora o polo do potencial de significados para descrever a experiência de tempo do português brasileiro e no contato com o inglês.

Em segundo lugar, como aponta Ferregueti (2018, p. 30), os objetos de estudo de pesquisas filiadas à linguística de corpus são determinados *tokens* que podem ser agrupados e extraídos automaticamente. Em contrapartida, o objeto de estudos desta tese encontra-se em um elemento semântico e suas realizações lexicogramaticais, de maneira que não podem ser extraídos ou analisados automaticamente por meio de concordanceadores, listas de palavras, palavras-chave ou etiquetadores automáticos, por exemplo. Essa diferença se deve ao fato de os objetos de estudo na linguística de corpus serem normalmente definidos a partir de estratos em níveis menores de abstração, como grafologia ou fonologia, enquanto nesta tese o processo encontra-se em um nível maior de abstração, no estrato da semântica.

Em terceiro lugar, esta tese não se filia à linguística de corpus por realizar uma investigação manual do corpus. Como aponta Ferregueti (2018, p. 30-31), estudos filiados à linguística de corpus normalmente utilizam ferramentas como *parsers*, *POS taggers*, concordanceadores e mesmo expressões regulares para localizar ocorrências no corpus que sejam relevantes à pesquisa e, em alguns casos, extraírem dados estatísticos básicos, como números de ocorrência absolutos e relativos. Em contrapartida, uma vez que o objeto de estudos desta tese se encontra na figura semântica, somente foi utilizada a ferramenta *Aligner* do *Wordsmith Tools* (SCOTT, 2016) para obter as sentenças (uma unidade grafológica delimitada em português brasileiro e inglês por um conjunto de caracteres começando com letra maiúscula e terminando com pontuação, como ponto, interrogação ou exclamação) que seriam estudadas. Isso se deve ao fato de a figura semântica ser prototipicamente realizada na grafologia pela sentença⁵⁷, somente sendo possível a sua identificação no estrato menos abstrato de maneira semiautomática, enquanto a descrição é realizada manualmente.

⁵⁷ Há casos em que uma única sentença também realiza uma sequência de figuras semânticas. Nestes casos, todas as figuras semânticas realizadas por uma mesma sentença foram analisadas.

Como foi abordado na seção 2.2, análises mais automatizadas propostas no âmbito da linguística de corpus partem de estratos menos abstratos e de ordens inferiores da escala. A descrição apresentada nesta tese, no entanto, parte de categorias mais abstratas: a experiência de tempo a ser observada no estrato da semântica pela lente dos parâmetros temporais propostos por Halliday e Matthiessen (1999), com as realizações estruturais dessa experiência na lexicogramática constituindo-se como o foco. Nesse sentido, esta pesquisa tem como ponto de partida os parâmetros de localização, perspectiva, estágio e perfil temporais, e seu objetivo é mapear que funções e estruturas constroem a experiência de tempo na lexicogramática.

Matthiessen (2009, p. 53-54) explica que a principal limitação de uma análise automatizada diz respeito ao “nível” da análise, que ocorre em algum ponto do estrato lexicogramatical. O autor aponta que o uso de *parsers* para a anotação de categorias lexicogramaticais se restringe ao eixo sintagmático, sendo possível explorar as estruturas das unidades lexicogramaticais, mas não as funções que operam nessas estruturas. É neste ponto que Matthiessen (2009, p. 52-53) argumenta sobre o potencial de uma análise manual: ela pode abordar todos os “níveis” da linguagem, isto é, todos os estratos e ordens das escalas. A limitação de uma análise de corpus manual se dá em termos do tamanho da amostra, uma vez que este tipo de análise demanda maior esforço do pesquisador.

Portanto, esta pesquisa não se baseia nas concepções teóricas e metodológicas da linguística de corpus, mas se filia à linguística sistêmico-funcional e se baseia em seu entendimento de corpus como um instrumento de reflexão linguística das instâncias e do potencial de significados e nas diretrizes metodológicas de descrição e análise discutidas no capítulo 2 (e cujas etapas adotadas nesta pesquisa são detalhadas na seção 3.4 abaixo).

Ao discutir o papel do corpus na descrição e análise sistêmico-funcional, é possível afirmar que o corpus é uma coleção de instâncias de uma língua que permite acessar seu potencial de significados. Retornando à citação de Halliday (2013, p. vi) no início desta seção, “a descrição de um item consiste justamente em mostrar sua relação com todos os outros itens possíveis, revelando o grau de interrelação, isto é, a distância que separa uma opção da outra”. Portanto, para descrever a experiência de tempo do português brasileiro a partir de um corpus, é necessário compreender todo o potencial de significados relativos ao tempo, não somente os instanciados no corpus que está sendo investigado.

Diante disso, nota-se que o corpus não contém ou mesmo representa todas as possibilidades de uma língua ou, em outras palavras, o corpus não é o potencial de significados

de uma língua. No entanto, um corpus permite acessar esse potencial de significados. Nesse sentido, para descrever a experiência de tempo, é necessário considerar não somente a amostra contida no corpus, mas todo o potencial. Para isso, o exercício de agnação tem um papel central na teorização do corpus (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 29–30), permitindo a interpretação dos dados encontrados no corpus em relação a outros dados da língua que não fazem parte do corpus estudado. É nesse ponto que a linguística sistêmico-funcional se diferencia de todas as demais áreas dos estudos linguísticos, pois o exercício da agnação permite extrapolar as instâncias de um corpus e estudar o potencial de significados de maneira sistemática.

Como explicado na seção 2.1, a agnação é o princípio que ordena as redes de sistemas (juntamente com a delicadeza), relacionando as opções de acordo com a generalização das características de uma unidade. Por isso, a agnação é, de acordo com Figueredo (2011) e Sá (2016), tanto um princípio de organização da linguagem quanto um exercício metodológico para a descrição do potencial de significados de uma língua, como também foi apontado na seção 2.2.

Figueredo (2011, p. 85) explica que “o emprego do conceito de agnação na descrição significa trabalhar tanto com as realizações, quanto com outras possíveis realizações para um mesmo elemento”. O autor também explica que o exercício descritivo de agnação pode indicar “quais as probabilidades de ocorrência para um elemento, tanto as probabilidades maiores de ocorrência, quanto aquelas, por assim dizer, ‘probabilidades nulas’ ou de ocorrência próxima a zero” (FIGUEREDO, 2011, p. 85). O exercício de agnação como adotado nesta descrição pode ser ilustrado pelo Exemplo (73) e pelo QUADRO 45.

Exemplo (73) Este é Mukumbe

O grupo verbal “é” no Exemplo (73) realiza uma experiência de tempo presente, sendo formado por um único verbo, que tem função tanto de Finito quanto de Predicador. O exercício de agnação possibilita que se verifique outras opções dos sistemas do grupo disponíveis, mas que não foram selecionadas nessa instância. Por exemplo: é possível substituir esse grupo verbal por: “foi”, com localização de passado e perspectiva terminada e formado por verbo com morfologia de passado perfectivo; “era”, com localização de passado e perspectiva

contínua, formado por verbo com morfologia de passado imperfectivo; “será”, com localização de futuro; e assim por diante.

O exercício de agnação do Exemplo (73) também permite que se trabalhe com estruturas que realizam o sistema do grupo verbal de TEMPO SECUNDÁRIO, com o objetivo de verificar como ele realiza na lexicogramática a experiência de tempo. Assim, é possível pensar opções alternativas de grupos verbais como: “vai ser”, formado pela estrutura futuro no presente; “ia estar sendo”, formado pela estrutura presente no futuro no passado imperfectivo; “foi haver vindo sendo”, passado no passado no futuro no passado perfectivo. Neste último exemplo de agnação, o grupo “foi haver vindo sendo” tem probabilidade nula de ocorrer (cf. FIGUEREDO, 2011, p. 85) em um corpus, ainda que o exercício permita um grupo como esse devido ao caráter iterativo do sistema do grupo verbal de TEMPO SECUNDÁRIO, que permite selecionar opções de passado, presente e futuro para formar uma estrutura serial para a realização de tempo no grupo verbal.

Por fim, também é possível pensar outras opções de Evento para o Exemplo (73), com verbos como “fazer” e “sentir” exercendo essa função. No caso deste exemplo, orações agnatas como “este faz Mukumbe” ou “este sente Mukumbe” se restringem a ambientes muito específicos – por exemplo, a interpretação de um papel no teatro e uma narrativa de ficção científica, respectivamente. Assim, ainda que sejam pouco prováveis de ocorrer em um corpus, essas possibilidades de instanciação podem ser observadas através do exercício de agnação.

O QUADRO 45 mostra como a descrição do sistema lexicogramatical de TEMPO SECUNDÁRIO do português brasileiro pode ter como ponto de partida grupos verbais encontrados no corpus. E mesmo que muitos grupos verbais não estejam presentes no corpus, o exercício de agnação é capaz de evidenciar todas as possibilidades e impossibilidades desse sistema.

QUADRO 45 – Exercício de agnação para a realização da experiência de tempo secundário futuro

Realização da experiência de tempo	Estrutura auxiliar	Evento		
somente dêixis temporal primária				
passado perfectivo		fez	sentiu	foi
passado imperfectivo		fazia	sentia	era
passado volitivo		faria	sentiria	seria
presente		faz	sente	é
futuro		fará	sentirá	será

secundário futuro visualizado-perfectivo						
futuro no passado perfectivo		foi	fazer	sentir	ser	
futuro no passado imperfeito		ia	fazer	sentir	ser	
futuro no passado volitivo		iria	fazer	sentir	Ser	
futuro no presente		vai	fazer	sentir	Ser	
futuro no futuro		irá	fazer	sentir	Ser	
secundário passado atualizado-perfectivo > secundário futuro visualizado-perfectivo						
passado no futuro no passado perfectivo		foi	ter/haver	feito	sentido	sido
passado no futuro no passado imperfeito		ia	ter/haver	feito	sentido	sido
passado no futuro no passado volitivo		Iria	ter/haver	feito	sentido	sido
passado no futuro no presente		vai	ter/haver	feito	sentido	sido
passado no futuro no futuro		irá	ter/haver	feito	sentido	sido
secundário passado atualizado-imperfeito > secundário futuro visualizado-perfectivo						
passado no futuro no passado perfectivo		foi	vir	fazendo	sentindo	sendo
passado no futuro no passado imperfeito		ia	vir	fazendo	sentindo	sendo
passado no futuro no passado volitivo		iria	vir	fazendo	sentindo	sendo
passado no futuro no presente		vai	vir	fazendo	sentindo	sendo
passado no futuro no futuro		irá	vir	fazendo	sentindo	sendo
secundário presente > secundário futuro visualizado-perfectivo						
presente no futuro no passado perfectivo		foi	estar	fazendo	sentindo	sendo
presente no futuro no passado imperfeito		ia	estar	fazendo	sentindo	sendo
presente no futuro no passado volitivo		iria	estar	fazendo	sentindo	sendo
presente no futuro no presente		vai	estar	fazendo	sentindo	sendo
presente no futuro no futuro		irá	estar	fazendo	sentindo	sendo
*secundário futuro visualizado-perfectivo > secundário futuro visualizado-perfectivo						
*futuro no futuro no passado perfectivo		foi	ir	fazer	sentir	ser
*futuro no futuro no passado imperfeito		ia	ir	fazer	sentir	ser
*futuro no futuro no passado volitivo		iria	ir	fazer	sentir	ser
*futuro no futuro no presente		vai	ir	fazer	sentir	ser
*futuro no futuro no futuro		irá	ir	fazer	sentir	ser
secundário futuro visualizado-perfectivo > secundário futuro visualizado-perfectivo						
*futuro no futuro no passado perfectivo		foi	ir	fazendo	sentindo	sendo
*futuro no futuro no passado imperfeito		ia	ir	fazendo	sentindo	sendo
*futuro no futuro no passado volitivo		iria	ir	fazendo	sentindo	sendo
futuro no futuro no presente		vai	ir	fazendo	sentindo	sendo
*futuro no futuro no futuro		irá	ir	fazendo	sentindo	sendo
*sec. pass. atual.-perf. > sec. pass. atual.-perf. > sec. fut. visual.-perf.						
*pass. no pass. no fut. no pass. perfectivo	foi	ter/haver	tido/havido	feito	sentido	sido
*pass. no pass. no fut. no pass. imperfeito	ia	ter/haver	tido/havido	feito	sentido	sido
*pass. no pass. no fut. no pass. volitivo	iria	ter/haver	tido/havido	feito	sentido	sido
*pass. no pass. no fut. no pres.	vai	ter/haver	tido/havido	feito	sentido	sido
*pass. no pass. no fut. no fut.	irá	ter/haver	tido/havido	feito	sentido	sido

* sec. pass. atual.-cont. > sec. pass. atual.-term. > sec. fut. visual.-term.						
*pass. no pass. no fut. no pass. perfectivo	foi	ter/haver	vindo	fazendo	sentindo	sendo
*pass. no pass. no fut. no pass. imperfectivo	ia	ter/haver	vindo	fazendo	sentindo	sendo
*pass. no pass. no fut. no pass. volitivo	iria	ter/haver	vindo	fazendo	sentindo	sendo
*pass. no pass. no fut. no pres.	vai	ter/haver	vindo	fazendo	sentindo	sendo
*pass. no pass. no fut. no fut.	irá	ter/haver	vindo	fazendo	sentindo	sendo

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

No QUADRO 45, é possível visualizar o exercício de agnação envolvendo todos os tempos primários realizados pelo Núcleo (o primeiro verbo) e tendo o futuro visualizado-perfectivo como primeira seleção de tempo secundário. O tempo secundário futuro visualizado-perfectivo é realizado pela estrutura *ir* ^ verbo: infinitivo, na qual o verbo *ir* tem função de Auxiliar e pode realizar qualquer tempo primário (passado, presente ou futuro) para qualquer pessoa da interação (primeira, segunda ou terceira, no singular ou no plural), e o segundo verbo tem morfologia de infinitivo e pode ter também função de Auxiliar (em uma estrutura serial de tempos verbais secundários – *e.g.*, os Auxiliares “ir” e “estar” em “ir estar fazendo”) ou função de Evento (sem uma estrutura serial longa – *e.g.*, “ir fazer”). Além disso, o tempo secundário é um sistema recursivo, de maneira que, a princípio, ele é realizado por uma estrutura serial infinita, podendo haver quaisquer combinações de tempos secundários. É importante notar ainda que a leitura do tempo secundário ocorre a partir do Evento em direção ao Núcleo, pois esse é o item que ancora o grupo verbal em relação ao aqui-e-agora da interação. Assim, o grupo verbal “vai estar fazendo” instancia o tempo “presente no futuro no presente”, que é realizado pela estrutura de tempo secundário futuro visualizado-perfectivo, seguida da estrutura de tempo secundário presente, seguida do verbo com função de Evento, da seguinte maneira: Auxiliar: ir: presente ^ Auxiliar: estar: infinitivo ^ Evento: gerúndio.

O QUADRO 45 começa com grupos realizando somente o tempo primário, isto é, passado, presente ou futuro. O exercício segue, selecionando a opção de tempo secundário futuro visualizado-perfectivo, sem outras iterações (“foi fazer/sentir/ser”, “ia fazer/sentir/ser”, “vai fazer/sentir/ser”, “irá fazer/sentir/ser”). Depois, o exercício continua, dessa vez explorando cada iteração a partir do tempo secundário futuro visualizado-perfectivo (*e.g.*, “vai ter/haver feito/sentido/sido”, “vai vir fazendo/sentindo/sendo”, “vai estar fazendo/sentindo/sendo”, etc.).

É possível observar que o exercício de agnação permite explorar a iteração aparentemente infinita do sistema de TEMPO SECUNDÁRIO, independentemente de o corpus

mostrar instâncias somente de algumas opções, como é o caso do Exemplo (74), em que há uma instância realizando tempo secundário passado perfectivo (sublinhado), com tempo primário passado perfectivo (em negrito).

Exemplo (74) Até então, as pesquisas voltadas para rastrear a concentração desse metal pesado nos rios da Amazônia se voltavam para as áreas próximas a garimpos, como as bacias dos rios Tapajós e Madeira, onde o mercúrio havia sido considerado um importante fator de contaminação da natureza.

O exercício de agnação também permite verificar quais opções do sistema têm probabilidade tendendo a zero de ocorrer em alguma instância (*e.g.*, “foi ter tido feito”, “vai haver vindo fazendo”, “vai estar tendo feito”). E também permite verificar instâncias que na verdade caracterizam outros sistemas, que é o caso de grupos como “foi ir fazer”, que se trata de um complexo de grupos verbais, no qual o primeiro grupo realiza o estágio de começo do processo. No QUADRO 45, todos os casos que têm probabilidade tendendo a zero de realizarem o sistema de TEMPO SECUNDÁRIO são marcados com um asterisco.

Por fim, cabe destacar que o exercício pode ser repetido infinitamente para esse sistema com todas as opções ocupando quaisquer posições na estrutura serial de tempo secundário, pois se trata de um sistema iterativo. Além disso, a agnação pode envolver outras pessoas realizadas pelo Núcleo (“fui”, “foram”, “fomos”, etc.), opções mais delicadas de passado (perfectivo I, “foi”; e perfectivo II, “fora”), Núcleos não-finitos (“indo fazer”, “fosse indo fazer”) e ainda operadores modais (“pode ir fazer”, “tem que ir estar fazendo”, “vai ter que fazer”).

Retomando a citação de Matthiessen e Halliday (2009, p. 34) acima, é a agnação que permite que o potencial de significados de qualquer unidade de uma língua seja construído a partir do corpus.

Além disso, tendo como base o conceito de falseabilidade do filósofo Karl Popper, Sá (2016, p. 54) argumenta que “a agnação falseia a descrição”, de modo a colocar à prova tanto a teoria quanto a descrição sistêmica de uma língua. De acordo com o autor,

se a descrição enuncia que determinada construção não é possível em um sistema, a agnação atua de forma a falsear esse enunciado (i) verificando sua

validade ou (ii) provando ser falso. De maneira semelhante, se a descrição enuncia que determinada construção é possível, a agnação vai atuar conforme (i) ou (ii). Em qualquer dos casos e em qualquer cenário, seja validando ou falseando a descrição, é a agnação que submete a descrição à prova. (SÁ, 2016, p. 54)

Portanto, mais que uma “amostra sistemática de textos de acordo com critérios bem definidos”⁵⁸ (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 79), para a linguística sistêmico-funcional, o corpus se caracteriza como o principal instrumento de reflexão, e a agnação é o principal exercício de descrição do potencial de significados a partir desse instrumento, validando as redes de sistemas construídas a partir dos dados do corpus.

3.2 O corpus Klapt!

Klapt! (Corpus de Língua Portuguesa em Tradução) é um corpus desenvolvido no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA), da Faculdade de Letras da UFMG (cf. NUNES, 2010, 2014; FERREGUETTI, 2014). Trata-se de um corpus combinado (cf. VELA; HANSEN-SCHIRRA, 2006; TEICH, 2003), formado por quatro subcorpora: textos originais em inglês (IO, ou “inglês original”) e seus respectivos textos traduzidos para o português brasileiro (PT, ou “português traduzido”), e textos originais em português brasileiro (PO, ou “português original”) e seus respectivos textos traduzidos para o inglês (IT, ou “inglês traduzido”). Cada subcorpus do Klapt! é composto por textos representativos de oito tipos de texto, a saber, Artigo Acadêmico (AA), Divulgação Científica (DC), Discurso Político (DP), Ficção (FIC), Manual de Instrução (MI), Propaganda Turística (PTUR), Resenha (RE) e Website Educacional (WEDU). A TABELA 4 ilustra a organização do Klapt!.

Como mostra a TABELA 4, cada tipo de texto (*e.g.*, manual de instrução) é composto por aproximadamente 30 mil palavras por subcorpus (IO, PT, PO, IT), totalizando aproximadamente 120 mil palavras por registro. A tabela também mostra que cada subcorpus é composto por aproximadamente 240 mil palavras. O total de palavras do Klapt! é 980 mil aproximadamente.

⁵⁸ Minha tradução de: “*Systematic sample of text according to consistent criteria*”.

TABELA 4 – Organização do Klapt! e número de palavras por subcorpus e tipo de texto

Tipo de texto	IO	IT	PO	PT	Total por tipo de texto
Artigo Acadêmico	30.299	30.163	30.049	31.629	122.140
Discurso Político	30.178	30.587	29.813	31.080	121.658
Divulgação Científica	30.664	32.749	30.790	31.010	125.213
Ficção	30.138	32.955	30.072	30.881	124.046
Manual de Instrução	29.453	28.527	29.244	35.628	122.852
Propaganda Turística	27.871	30.474	30.191	28.487	117.023
Resenha	30.126	31.959	32.052	30.960	125.097
Website Educacional	29.828	28.131	29.100	32.322	119.381
Total por subcorpus	238.557	245.545	241.311	251.997	977.410

Fonte: Ferregueti (2014, p. 33).

Nunes (2014, p. 77), ao apresentar de maneira detalhada o desenho do Klapt!, explica os quatro tipos de pesquisa que podem ser desenvolvidas utilizando o corpus:

- 1) Contraste entre textos originais e suas respectivas traduções, considerando-se os corpora paralelos (IO e PT; PO e IT);
- 2) Contraste entre textos originais e entre textos traduzidos, considerando-se os corpora comparáveis monolíngues (IO e IT; PO e PT);
- 3) Contraste entre os textos originais e traduzidos, considerando-se os corpora comparáveis bilíngues (IO e PO; IT e PT);
- 4) Contraste entre os oito tipos textuais em cada um dos 4 subcorpora, considerando-se a variabilidade funcional de registro (IO, PT, PO e IT).

No caso desta pesquisa, o Klapt! foi utilizado para a descrição monolíngue da experiência de tempo do português brasileiro e também para o “contraste entre textos originais e suas respectivas traduções, considerando-se os corpora paralelos (IO e PT; PO e IT)” (NUNES, 2014, p. 77). Com isso, é possível afirmar que há um quinto tipo de pesquisa possível com o Klapt!, complementando os quatro tipos apontados por Nunes (2014): a descrição do potencial de significados de uma língua, considerando-se somente o corpus de textos originalmente produzidos nessa língua (IO ou PO).

Mais detalhadamente, a descrição monolíngue da experiência de tempo do português brasileiro foi feita a partir do subcorpus PO, isto é, textos originalmente escritos em português, e o contraste entre originais e traduções a partir dos corpora paralelos IO-PT e PO-IT, mais especificamente um texto original em inglês e sua tradução para o português brasileiro, e um texto original em português brasileiro e sua tradução para o inglês.

Assim, a partir do Klapt! foram criados os corpora de descrição e análise para esta pesquisa com o auxílio do ambiente de programação R (R CORE TEAM, 2019) e do *Wordsmith Tools* (SCOTT, 2016). A seguir são detalhadas as etapas de criação dos corpora de descrição e de análise.

3.3 O corpus de análise

O corpus de análise é formado por 480 sentenças⁵⁹, o equivalente a aproximadamente 11083 palavras, retiradas de dezesseis textos de cada tipo de texto do subcorpus PO, isto é, composto por textos originais em português brasileiro. A TABELA 5 apresenta a organização e a contabilização do corpus de análise.

TABELA 5 – Organização e contabilização do corpus de análise

Tipo de texto	segmentos de texto	sentenças	palavras
Artigo Acadêmico	2	60	1926
Discurso Político	2	60	1428
Divulgação Científica	2	60	1019
Ficção	2	60	758
Manual de Instrução	2	60	901
Propaganda Turística	2	60	1286
Resenha	2	60	2084
Website Educacional	2	60	1681
Total	16	480	11083

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Como se observa na TABELA 5, o corpus de análise é dividido conforme os tipos de texto que compõem o Klapt!. Foram obtidos dois segmentos de cada tipo de texto, correspondendo a 30 sentenças cada. O número de palavras para os segmentos varia conforme o tipo de texto pois a organização dos próprios textos varia. Assim, há tipos de texto com um

⁵⁹ A unidade da sentença é grafológica e definida em português brasileiro e em inglês como começando com uma letra maiúscula e terminando com alguma forma maior de pontuação, como ponto final, interrogação ou exclamação (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 6).

número menor de palavras (e.g., ficção, com 778) e outros com maior número (e.g., resenha, com 2084). Em média, os tipos de texto contam com 1385,375 palavras.

A primeira etapa da construção do corpus de análise envolveu a seleção dos dezesseis textos. Essa seleção ocorreu de maneira semialeatória: no ambiente R, foi escrita a linha “*sample(c(1:10))[c(1,2)]*”, que retorna dois números aleatórios de 1 a 10 (que é o número aproximado de textos em cada registro). O resultado foram os número 6 e 7; então, os textos selecionados foram aqueles representados por esse número, identificados na organização do Klap! da seguinte maneira: PO_AA_K006, PO_AA_K007, PO_DC_K006, PO_DC_K007, PO_DP_K006, PO_DP_K007, PO_FIC_K006, PO_FIC_K007, PO_MI_K006, PO_MI_K007, PO_PTUR_K006, PO_PTUR_K007, PO_RE_K006, PO_RE_K007, PO_WEDU_K006 e PO_WEDU_K007.

A segunda etapa da construção do corpus diz respeito à seleção das 30 sentenças em cada texto. Para a seleção das sentenças, foi escrita a linha “*sample(c(1:100))[c(1,2)]*”, que retorna dois números aleatórios de 1 a 100; no caso, foram retornados os número 42 e 9. Assim, foi possível selecionar (i) nos textos identificados com o algarismo 6, 30 sentenças começando pela de número 42, e (ii) nos textos identificados com o algarismo 7, 30 sentenças começando pela de número 9. Para isso foi utilizada a ferramenta *Aligner* do *Wordsmith Tools*. A FIGURA 40 ilustra esse processo de seleção das sentenças para composição do corpus de descrição com o auxílio do *Wordsmith Tools*. Neste caso, a figura mostra a seleção das sentenças 42 a 71 do texto PO_FIC_K006.

Em seguida, as sentenças selecionadas foram armazenadas em planilhas eletrônicas, como ilustra a FIGURA 41. Observa-se, nessa figura, três colunas: “ID”, “Sentença” e “Corpus”. A coluna “ID” visa identificar o número de sentenças em cada texto, de maneira a garantir que 30 foram selecionadas em cada um. A coluna “Sentença” identifica as sentenças de acordo com o índice da ferramenta *Aligner* do *Wordsmith Tools*. E a coluna “Corpus” consiste nas sentenças que compõem o corpus de análise.

É importante destacar que nem todos os textos continham as 30 sentenças a partir do número definido na segunda etapa (42 ou 9). Por exemplo: o texto PO_PTUR_K006 possuía um total de 62 sentenças, o que impediria a seleção de 30 sentenças a partir daquela identificada pelo número 42. Para se evitar que fossem selecionadas somente 21 sentenças, adotou-se a seguinte regra: seriam selecionadas 30 sentenças a partir da última e indo em direção ao início do texto. A FIGURA 42 ilustra a seleção das sentenças para este texto.

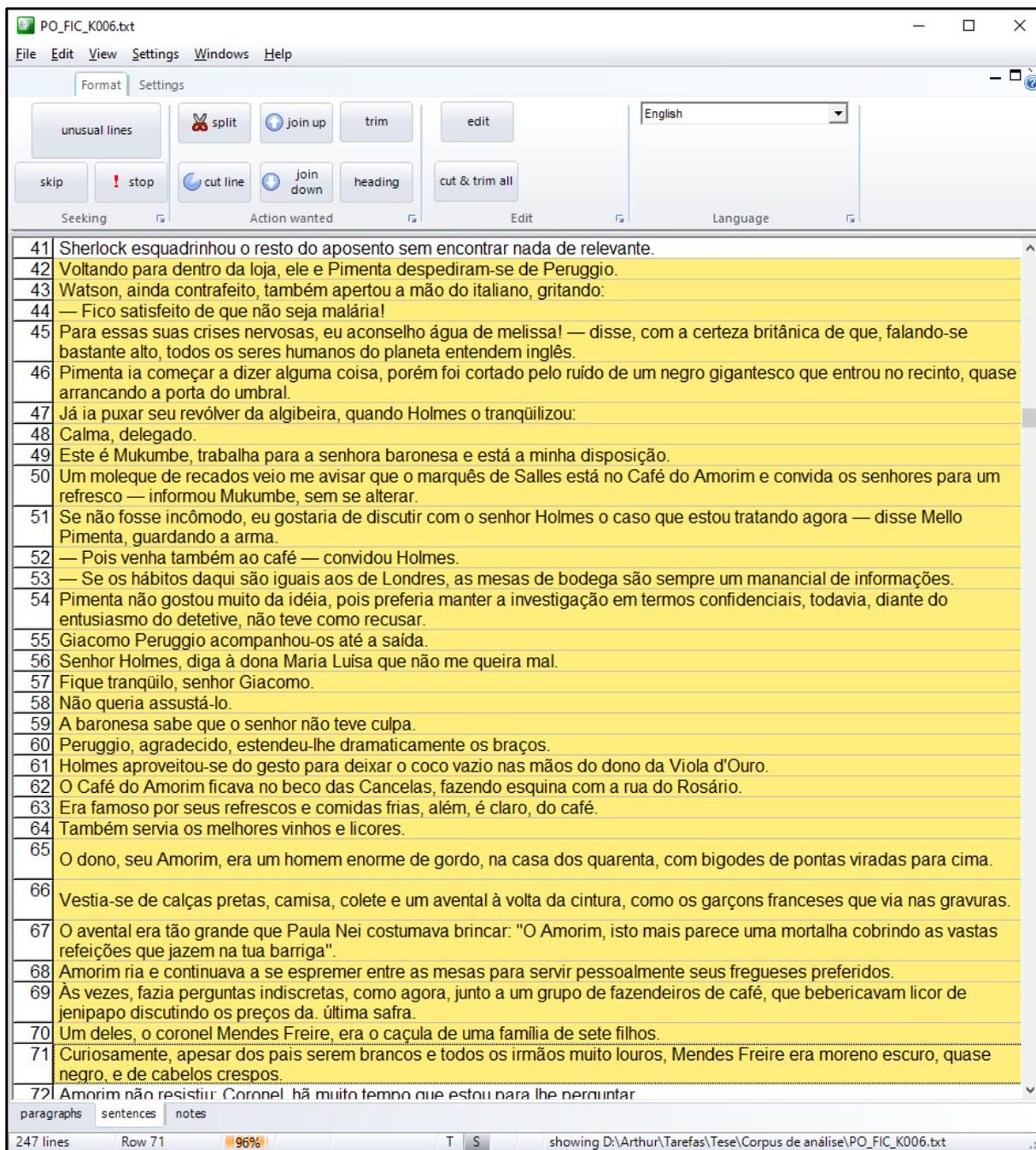


FIGURA 40 – Captura de tela da ferramenta *Aligner* do *WordSmith Tools* para seleção das sentenças do corpus de análise

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	Sentença Corpus								
2	1	42 Voltando para dentro da loja, ele e Pimenta despediram-se de Peruggio.							
3	2	43 Watson, ainda contrafeito, também apertou a mão do italiano, gritando:							
4	3	44 — Fico satisfeito de que não seja malária!							
5	4	45 Para essas suas crises nervosas, eu aconselho água de melissa! — disse, com a certeza britânica de que, falando-se bastante alto, todos os seres humanos do planeta entendem inglês.							
6	5	46 Pimenta ia começar a dizer alguma coisa, porém foi cortado pelo ruído de um negro gigantesco que entrou no recinto, quase arrancando a porta do umbral.							
7	6	47 Já lá puxar seu revólver da algibeira, quando Holmes o tranqüilizou:							
8	7	48 Calma, delegado.							
9	8	49 Este é Mukumbe, trabalha para a senhora baronesa e está a minha disposição.							
10	9	50 Um moleque de recados veio me avisar que o marquês de Sallés está no Café do Amorim e convida os senhores para um refresco — informou Mukumbe, sem se alterar.							
11	10	51 Se não fosse incómodo, eu gostaria de discutir com o senhor Holmes o caso que estou tratando agora — disse Mello Pimenta, guardando a arma.							
12	11	52 — Pois venha também ao café — convidou Holmes.							
13	12	53 — Se os hábitos daqui são iguais aos de Londres, as mesas de bodega são sempre um manancial de informações.							
14	13	54 Pimenta não gostou muito da idéia, pois preferia manter a investigação em termos confidenciais, todavia, diante do entusiasmo do detetive, não teve como recusar.							
15	14	55 Giacomo Peruggio acompanhou-os até a saída.							
16	15	56 Senhor Holmes, diga à dona Maria Luísa que não me queira mal.							
17	16	57 Fique tranqüilo, senhor Giacomo.							
18	17	58 Não queria assustá-lo.							
19	18	59 A baronesa sabe que o senhor não teve culpa.							
20	19	60 Peruggio, agradecido, estendeu-lhe dramaticamente os braços.							
21	20	61 Holmes aproveitou-se do gesto para deixar o coço vazio nas mãos do dono da Viola d'Ouro.							
22	21	62 O café do Amorim ficava no beco das Cancelas, fazendo esquina com a rua do Rosário.							
23	22	63 Era famoso por seus refrescos e comidas frias, além, é claro, do café.							
24	23	64 Também servia os melhores vinhos e licores.							
25	24	65 O dono, seu Amorim, era um homem enorme de gordo, na casa dos quarenta, com bigodes de pontas viradas para cima.							
26	25	66 Vestia-se de calças pretas, camisa, colete e um avental à volta da cintura, como os garçons franceses que via nas gravuras.							
27	26	67 O avental era tão grande que Paula Nei costumava brincar: "O Amorim, isto mais parece uma mortalha cobrindo as vastas relações que jazem na tua barriga".							
28	27	68 Amorim ria e continuava a se espremer entre as mesas para servir pessoalmente seus fregueses preferidos.							
29	28	69 Às vezes, fazia perguntas indiscretas, como agora, junto a um grupo de fazendeiros de café, que bebericavam licor de jenipapo discutindo os preços da última safra.							
30	29	70 Um deles, o coronel Mendes Freire, era o capula de uma família de sete filhos.							
31	30	71 Curiosamente, apesar dos pais serem brancos e todos os irmãos muito louros, Mendes Freire era moreno escuro, quase negro, e de cabelos crespos.							
32									
33									
34									
35									
36									
37									
38									

FIGURA 41 – Captura de tela da planilha eletrônica que armazena as sentenças selecionadas do texto PO_FIC_K006

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

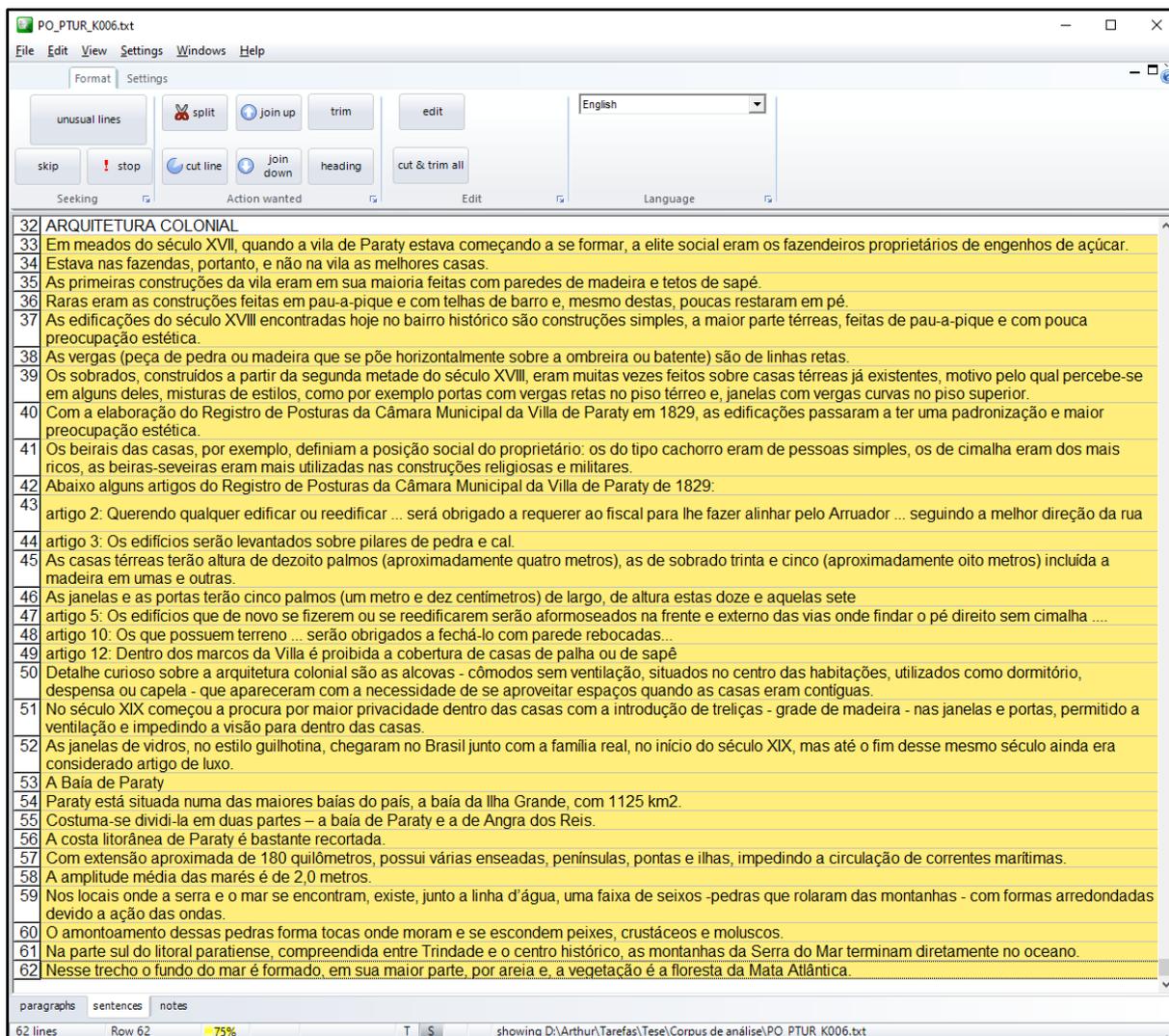


FIGURA 42 – Captura de tela da ferramenta *Aligner* do *Wordsmith Tools* para seleção das sentenças do texto PO_PTUR_K006

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

3.4 Metodologia de descrição das realizações da experiência de tempo

Após apresentar o Klapt! e o corpus de análise e discutir o papel dos corpora e da agnação nesta pesquisa, é possível elucidar as etapas metodológicas de descrição das estruturas que realizam a experiência de tempo do português brasileiro.

A descrição teve como base o corpus de análise, extraído do Klapt!, com 480 sentenças (ou 10776 palavras). Uma vez que o processo é o objeto de estudos desta tese e é um elemento da figura semântica, as sentenças foram segmentadas em figuras, para que seus

componentes pudessem ser estudados individualmente, na sua relação na configuração e em relação uns com os outros. Os segmentos correspondentes a cada figura semântica foram dispostos em uma planilha eletrônica e anotados manualmente de acordo com etiquetas relativas aos parâmetros básicos de tempo de Halliday e Matthiessen (1999) – detalhados no capítulo 2, seção 2.2.1. As categorias relativas aos parâmetros básicos de tempo e as etiquetas de anotação do corpus de descrição estão dispostas no QUADRO 46.

QUADRO 46 – Parâmetros básicos de tempo e etiquetas de anotação do corpus de descrição

Parâmetro	Categorias básicas		Etiquetas
localização	passado		<i>past</i>
	presente		<i>present</i>
	futuro		<i>future</i>
perspectiva	enfoque	contínuo	<i>ongoing</i>
		significativo em si mesmo	<i>in itself</i>
		atualizado	<i>actualized</i>
	desfoque	terminado	<i>terminated</i>
		significativo para o que se segue	<i>for what follows</i>
		visualizado	<i>visualized</i>
estágio	começo		<i>beginning</i>
	intermédio		<i>taking place</i>
	final		<i>ending</i>
perfil	delimitado		<i>bounded</i>
	ilimitado		<i>unbounded</i>

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Primeiramente, observa-se no QUADRO 46 que as etiquetas se encontram em inglês. Isso se deve ao fato de certas linguagens e ambientes de programação (como o R) apresentarem certos problemas no processamento de caracteres especiais, como cedilha e acentos. Ao anotar o corpus com etiquetas em inglês é possível contornar esse problema caso os dados sejam tratados em algum ambiente de programação.

Em segundo lugar, não são encontradas instâncias anotadas com as etiquetas *in itself* e *for what follows*, pois essas categorias não apresentaram poder de explicação no português brasileiro em relação à perspectiva temporal, ainda que fossem previstas pela teorização de Halliday e Matthiessen (1999).

A partir dessas etiquetas, foi feita a anotação das figuras semânticas do corpus de análise. A FIGURA 43 ilustra a anotação das figuras semânticas do PO_FIC_K006 por meio da planilha eletrônica.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
ID	figure	process	participant1	participant2	participant3	circumstance1	circumstance2	circumstance3	relator	domain_of_exp	location	perspective (actualization)	perspective (unfolding)	staging	profile
1															
2	1 Voltando para dentro da loja,	voltando	[ele e Pimenta]			para dentro da loja				doing_happening	none	actualized	ongoing	none	bounded
3	2 ele e Pimenta despediram-se de Peruggio.	despediram	ele e Pimenta se	Peruggio						doing_happening	past	actualized	terminated	none	bounded
4	3 italiano,	apertou	Watson	a mão do italiano						doing_happening	past	actualized	terminated	none	bounded
5	4 ainda contrafeito,	contrafeito	[Watson]							doing_happening	none	actualized	terminated	none	unbounded
6	5 gritando:	gritando	[Watson]							saying	none	actualized	ongoing	none	bounded
7	6 — Fico satisfeito de que não seja malária!	fico satisfeito	[1s]	de que não seja malária						sensing	present	actualized	ongoing	taking place	unbounded
8	7 que não seja malária!	seja	[3s]	malária					que	being_having	none	visualized	none	none	unbounded
9	8 Para essas suas crises nervosas, eu aconselho água de melissa!	aconselho	eu	água de melissa		para essas suas crises nervosas				saying	present	actualized	ongoing	none	unbounded
10	9 — disse, com a certeza britânica de que, falando-se entende em inglês.	disse	[Watson]			com a certeza britânica de que, falando-se				saying	past	actualized	terminated	none	bounded
11	10 falando-se bastante alto,	falando	[3s]	se		bastante alto				saying	none	visualized	ongoing	none	bounded
12	11 todos os seres humanos do planeta entendem inglês.	entendem	todos os ser[3s]	inglês						sensing	present	actualized	ongoing	none	unbounded
13	12 Pimenta ia começar a dizer alguma coisa,	ia começar a dizer	Pimenta	alguma coisa						saying	past	visualized	none	beginning	bounded
14	13 porém foi cortado pelo ruído de um negro gigantesco	foi cortado	[Pimenta]	pelo ruído de um negro gigantesco		que entrou no recinto			porém	doing_happening	past	actualized	terminated	none	bounded
15	14 que entrou no recinto,	entrou	que			no recinto			que	doing_happening	past	actualized	terminated	none	bounded
16	15 quase arrancando a porta do umbral.	arrancando	[um negro] gi a porta	do umbral						doing_happening	none	actualized	ongoing	none	bounded
17	16 já ia puxar seu revólver da algibeira,	ia puxar	[Pimenta] seu revólver da algibeira							doing_happening	past	visualized	none	none	bounded
18	17 quando Holmes o tranqüilizou:	tranqüilizou	Holmes	o					quando	saying	past	actualized	terminated	none	bounded
19	18 Calma, delegado.	é	este	Mukumbe						none	none	none	none	none	none
20	19 Este é Mukumbe,	trabalha	[Mukumbe] para a senhora baronesa							being_having	present	actualized	ongoing	none	unbounded
21	20 trabalha para a senhora baronesa	está	[Mukumbe] a minha disposição						e	doing_happening	present	actualized	ongoing	none	unbounded
22	21 e está a minha disposição,	veio avisar	um moleque me							being_having	past	actualized	terminated	none	unbounded
23	22 Um moleque de recados veio me avisar	está	o marquês de Sallés	no Café do Amorim					que	being_having	present	actualized	ongoing	none	bounded
24	23 que o marquês de Sallés está no Café do Amorim	convida	o marquês dos senhores	para um refresco					e	saying	present	actualized	ongoing	none	bounded
25	24 e convida os senhores para um refresco	informou	Mukumbe							saying	past	actualized	terminated	none	bounded
26	25 — informou Mukumbe,	fosse	[Mukumbe] se	incômodo					se	doing_happening	none	actualized	none	none	bounded
27	26 sem se alterar.	gostaria de discutir	eu	com o senhor		que estou tratando agora				being_having	none	visualized	none	none	unbounded
28	27 Se não fosse incômodo,	estou tratando agora	eu	com o senhor		que estou tratando agora			que	saying	past	visualized	none	none	bounded
29	28 eu gostaria de discutir com o senhor Holmes o caso que	estou tratando	[1s]	que		agora				sensing	present	actualized	ongoing	none	bounded
30	29 que estou tratando agora	disse	Mello Pimenta						que	saying	past	actualized	terminated	none	bounded
31	30 — disse Mello Pimenta,	guardando a arma.	[Mello Pimenta]	arma						doing_happening	none	actualized	ongoing	none	bounded
32	31 guardando a arma.	venha	[2s]	ao café					polis	doing_happening	none	visualized	none	none	bounded
33	32 — Pois venha também ao café									doing_happening	none	visualized	none	none	bounded

FIGURA 43 – Captura de tela da planilha eletrônica de anotação das figuras semânticas

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

Como pode ser visto na FIGURA 43, a planilha foi dividida em 16 colunas. A coluna ID informa a identificação numérica das figuras semânticas. A coluna *figure* dispõe as figuras analisadas, cada uma em uma linha. Já as colunas *process*, *participant1*, *participant2*, *participant3*, *circumstance1*, *circumstance2*, *circumstance3* e *relator* especificam os elementos que compõem as figuras, cada um em uma coluna correspondente. Caso a oração não tivesse algum dos elementos, a célula era deixada em branco. Na coluna *domain_of_exp* é possível anotar o domínio experiencial da figura, de acordo com a tipologia de Halliday e Matthiessen (1999): existir (*existing*), ser-e-ter (*being_having*), fazer-e-acontecer (*doing_happening*), sentir (*sensing*) e dizer (*saying*). Por fim, nas colunas *location*, *perspective (actualization)*, *perspective (unfolding)*, *staging* e *profile*, foi possível anotar a construção da experiência de tempo dos processos de acordo com a localização (passado, presente, futuro ou nenhum), a perspectiva (atualizado, visualizado ou nenhum; contínuo, terminado ou nenhum), o estágio (início, intermédio, final ou nenhum) e o perfil (delimitado, ilimitado ou nenhum), respectivamente.

Observa-se na planilha, por exemplo, a figura identificada como 8, “Para essas suas crises nervosas, eu aconselho água de melissa!”: é uma configuração de processo (“aconselho”), participantes (“eu” e “água de melissa”) e circunstância (“para essas suas crises nervosas”). A figura então é caracterizada como do tipo dizer; e o processo, de acordo com os parâmetros de localização (presente), perspectiva (atualizado e contínuo), estágio (nenhum), e perfil (ilimitado).

Em comparação, a figura 18, “Calma, delegado.”, é uma “figura menor”, não sendo uma configuração envolvendo processo, participantes, circunstâncias ou relator, portanto não construindo nenhuma experiência de tempo. Como consequência, as colunas de anotação do domínio experiencial e dos parâmetros de tempo indicam “*none*”, pois “Calma, delegado.” não constrói nenhum domínio experiencial e nenhuma experiência de tempo.

Além da análise do processo segundo os parâmetros de tempo, o corpus de análise também foi submetido à análise em cada unidade lexicogramatical, também utilizando planilhas eletrônicas. As orações foram analisadas segundo as opções que instanciavam nos sistemas de TRANSITIVIDADE, MODO e TEMA. Os grupos verbais foram analisados de acordo com os sistemas de TIPO DE EVENTO, AGENCIAMENTO, FINITUDE, TEMPO SECUNDÁRIO, ASPECTO VERBAL, DÊIXIS MODAL, TIPO DE TAXE e TIPO RELAÇÃO LÓGICO-SEMÂNTICA (estes dois últimos, nos casos de complexos de grupos verbais). E os verbos foram analisados segundo os sistemas de

ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL e ORIENTAÇÃO IDEACIONAL. A FIGURA 44 ilustra a análise na ordem da oração, a FIGURA 45, na ordem do grupo, e a FIGURA 46, na ordem da palavra.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
id	clause	status	deixis	polarity	vocative	subject_person	subject_politeness	subject_responsibility	subject_number	subject_presumption	complement
1	Voltando para dentro da loja,	bound_finite	non_finite	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	plural	recoverable_implicit	0
2	e ele e Pimenta despediram-se de Peruggio.	major_declarative	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	plural	recoverable_explicit	1
3	Watson, ainda contrafeito,	major_declarative	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_explicit	1
4	também apertou a mão do italiano,	major_declarative	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_explicit	1
5	gritando:	bound_non_finite	non_finite	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	0
6	— Fico satisfeito de que não seja	bound_non_finite	non_finite	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	0
7	malária!	major_declarative	temporal_deixis_present	positive	no	interactant_speaker	non_polite	responsible	singular	recoverable_implicit	1
8	de que não seja malária!	bound_non_finite	non_finite	negative	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	non_recoverable	1
9	Para essas suas crises nervosas,	major_declarative	temporal_deixis_present	positive	no	interactant_speaker	non_polite	responsible	singular	recoverable_explicit	1
10	eu aconselho água de melissa!	major_declarative	temporal_deixis_present	positive	no	interactant_speaker	non_polite	responsible	singular	recoverable_explicit	1
11	— disse, com a certeza britânica	major_declarative	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	0
12	de que,	bound_non_finite	non_finite	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	0
13	todos os seres humanos do planeta entendem inglês.	bound_finite	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	impersonal	singular	recoverable_explicit	0
14	Pimenta ia começar a dizer	major_declarative	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	plural	recoverable_explicit	1
15	alguma coisa,	major_declarative	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_explicit	1
16	porém foi cortado pelo ruído de	bound_finite	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1
17	um negro gigantesco que entrou	bound_finite	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1
18	no recinto,	bound_finite	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_explicit	1
19	um negro gigantesco que entrou	bound_finite	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_explicit	1
20	no recinto,	bound_finite	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1
21	quase arrancando a porta do	bound_non_finite	non_finite	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1
22	umbral.	major_declarative	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1
23	Já ia puxar seu revólver da	bound_finite	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1
24	algebra.	bound_finite	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_explicit	1
25	quando Holmes o tranquilizou:	minor	non_selectable	non_selectable	yes	non_interactant	non_selectable	non_selectable	non_selectable	non_selectable	non_selectable
26	— Calma, delegado.	major_declarative	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_explicit	1
27	Este é Wukumbé.	major_declarative	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1
28	Trabalha para a senhora baronesa	major_declarative	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1
29	e está a minha disposição.	major_declarative	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1
30	Um moleque de recados veio me	major_declarative	temporal_deixis_past	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_explicit	0
31	avisar	bound_finite	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_explicit	1
32	que o marquês de Salles está no	bound_finite	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_explicit	1
33	Café do Amorim	bound_finite	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_explicit	1
34	e convida os senhores para um	bound_finite	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1
35	refresco	bound_finite	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1
36	e convida os senhores para um	bound_finite	temporal_deixis_present	positive	no	non_interactant	non_selectable	responsible	singular	recoverable_implicit	1

FIGURA 44 – Captura de tela da planilha eletrônica de anotação na ordem da oração

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
id	contexto	nucleo	auxiliar_1-1	evento1	auxiliar_2-1	evento2	evento3	tempo	aspecto	modalidade	classe_do_nucleo	tipo_de_auxiliar_1-1	tipo_de_auxiliar_1-2	tipo_de_evento1
2	1 Voltando para dentro da loja,			voltando				nao-finito	visualizado-imperfeito	nao-modalizado	nao_finito			fazer
3	2 ele e Pimenta despediram-se de Peruggio,	despediram		despediram				passado	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			fazer
4	3 Watson, ainda contrafeito, tambem apertou a	apertou		apertou				passado	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			fazer
5	4 gritando:			gritando				nao-finito	visualizado-imperfeito	nao-modalizado	nao_finito			sentir
6	5 — Fico satisfeito de que não seja malária!	fico		fico		satisfeito		presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			ser
7	6 de que não seja malária!			seja				nao-finito	visualizado-perfeito	nao-modalizado	nao_finito			ser
8	7 Para essas suas crises nervosas, eu aconselho	aconselho		aconselho				presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			sentir
9	8 — disse, com a certeza britânica de que,	disse		disse				passado	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			sentir
10	9 falando-se bastante alto,	falando		falando				nao-finito	visualizado-imperfeito	nao-modalizado	nao_finito			sentir
11	10 todos os seres humanos do planeta entendem	entendem		entendem				presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			sentir
12	11 inglês.							passado	visualizado-perfeito	nao-modalizado	auxiliar	futuro		fazer
13	12 Pimenta ia começar a dizer alguma coisa,	ia		começar	a	dizer		passado	atualizado-perfeito	nao-modalizado	auxiliar	passivo		fazer
14	13 porém foi cortado pelo ruído de um negro	foi		cortado				passado	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			fazer
15	14 gigantesco que entrou no recinto,	entrou		entrou				passado	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			fazer
16	15 um negro gigantesco que entrou no recinto,			arrancando				nao-finito	visualizado-imperfeito	nao-modalizado	nao_finito			fazer
17	16 já ia puxar seu revólver da algibeira,	ia		puxar				passado	visualizado-perfeito	nao-modalizado	auxiliar	futuro		fazer
18	17 quando Holmes o tranquilizou:	tranquilizou		tranquilizou				passado	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			sentir
19	18 — Calma, delegado.							presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			ser
20	19 Este é Mukumbe,	é		é				presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			ser
21	20 trabalha para a senhora baronesa	trabalha		trabalha				presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			fazer
22	21 e está a minha disposição.	está		está				presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			ser
23	22 Um moleque de recados veio me avisar	veio		veio		avisar		passado	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			fazer
24	23 que o marquês de Sallés está no Café do Amorim	está		está				presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			ser
25	24 e convida os senhores para um refresco	convida		convida				presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			sentir
26	25 e convida os senhores para um refresco	informou		informou				passado	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			sentir
27	26 — informou Mukumbe,	alterar		alterar				nao-finito	atualizado-imperfeito	nao-modalizado	nao_finito			fazer
28	27 sem se alterar.			fosse				nao-finito	visualizado-perfeito	nao-modalizado	nao_finito			ser
29	28 Se não fosse incómodo,	gostaria		gostaria	de	discutir		passado	visualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			sentir
30	29 eu gostaria de discutir com o senhor Holmes o	estou		tratando				presente	atualizado-imperfeito	nao-modalizado	auxiliar	presente		fazer
31	30 caso que estou tratando agora	disse		disse				passado	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			fazer
32	31 — disse Mello Pimenta,	guardando		guardando				nao-finito	visualizado-imperfeito	nao-modalizado	nao_finito			fazer
33	32 guardando a arma.	venha		venha				nao-finito	visualizado-perfeito	nao-modalizado	nao_finito			fazer
34	33 — Pois venha também ao café	convidou		convidou				passado	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			sentir
35	34 — convidou Holmes.	são		são				presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			ser
36	35 — Se os hábitos daqui são iguais aos de Londres,	são		são				presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			ser
37	36 as mesas de bodega são sempre um manancial de							presente	atualizado-perfeito	nao-modalizado	evento			ser
38	37 informações.													

FIGURA 45 – Captura de tela da planilha eletrônica de anotação na ordem do grupo

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	
id	contexto	morfemas	morfemas	morfema	morfema	figura do n.	orientação Interposual	pessoa	numero	modificacao1	modificacao2	
1				volt	ando	fazer	não-orientado_gerúndio	non_selectable	non_selectable	nao		
2	1 Voltando para dentro da loja,		des	ped	iram	fazer	orientado_finito_passado_perfectivo_j	3	plural	hipotaxe_elaboracao	nao	
3	2 ele e Pimenta despediram-se de Peruggio.		ad	per	ou	fazer	orientado_finito_passado_perfectivo_j	3	singular	hipotaxe_elaboracao	nao	
4	3 Watson, ainda contrateito, também apertou a mão do italiano,			contraf	eito	fazer	não-orientado_participio_masculino	non_selectable	singular	parataxe_intensificacao	nao	
5	4 ainda contrateito			grit	ando	experenci	não-orientado_gerúndio	non_selectable	non_selectable	nao		
6	5 gritando:			fic	o	ser	orientado_finito_presente	1	singular	nao		
7	6 — Fico			satisf	eito	experenci	não-orientado_participio_masculino	non_selectable	singular	parataxe_intensificacao	nao	
8	7 satisfeito		com	selh	a	ser	orientado_finito_presente	3	singular	nao		
9	8 de que não seja malária!			selh	o	experenci	orientado_finito_presente	1	singular	hipotaxe_intensificacao	hipotaxe_elaboracao	
10	9 Para essas suas crises nervosas, eu aconselho água de melissa!		ad	diss	e	experenci	orientado_finito_passado_perfectivo_j	3	singular	nao		
11	10 — disse, com a certeza britânica de que,			fal	ando	experenci	não-orientado_gerúndio	non_selectable	non_selectable	nao		
12	11 falando-se bastante alto,		in	tend	em	experenci	orientado_finito_presente	3	plural	hipotaxe_intensificacao	nao	
13	12 todos os seres humanos do planeta entendem inglês.			ia		fazer	orientado_finito_passado_imperfectivo	3	singular	nao		
14	16 Pimenta ia		com	meç	ar	ser	não-orientado_infinitivo	non_selectable	non_selectable	hipotaxe_intensificacao	nao	
15	17 começar			diz	er	experenci	não-orientado_infinitivo	non_selectable	non_selectable	nao		
16	18 a dizer alguma coisa,			foi		ser	orientado_finito_passado_perfectivo_j	3	singular	nao		
17	19 porém foi			cort	ado	fazer	não-orientado_participio_masculino	non_selectable	singular	nao		
18	20 cortado pelo ruído de			entr	ou	fazer	orientado_finito_passado_perfectivo_j	3	singular	nao		
19	21 um negro gigantesco que entrou no recinto,			arranc	ar	fazer	não-orientado_gerúndio	non_selectable	non_selectable	nao		
20	22 quase arrancando a porta do umbrai.			ia		fazer	orientado_finito_passado_imperfectivo	3	singular	nao		
21	23 já ia			puç	ar	fazer	não-orientado_infinitivo	non_selectable	non_selectable	nao		
22	24 puxar seu revólver da algebeira,		trans	quiliz	ou	fazer	orientado_finito_passado_perfectivo_j	3	singular	hipotaxe_intensificacao	nao	
23	25 quando Holmes o tranqüilizou:			é		ser	orientado_finito_presente	3	singular	nao		
24	26 Calma, delegado.			balh	a	fazer	orientado_finito_presente	3	singular	hipotaxe_intensificacao	nao	
25	27 Este é Mukumbe,		tra	est	a	ser	orientado_finito_presente	3	singular	nao		
26	28 trabalha para a senhora baronesa			veio		fazer	orientado_finito_passado_perfectivo_j	3	singular	nao		
27	29 e está à minha disposição.			vis	ar	experenci	não-orientado_infinitivo	non_selectable	non_selectable	hipotaxe_elaboracao	nao	
28	30 Um moleque de recados veio		ad	est	á	ser	orientado_finito_presente	3	singular	nao		
29	31 me avisar			vid	a	fazer	orientado_finito_presente	3	singular	hipotaxe_intensificacao	nao	
30	32 que o marquês de Salles está no Café do Amorim		com	form	ou	experenci	orientado_finito_passado_perfectivo_j	3	singular	hipotaxe_intensificacao	nao	
31	33 e convidá os senhores para um refresco		in	alter	ar	fazer	não-orientado_infinitivo	non_selectable	non_selectable	nao		
32	35 — Informou Mukumbe,			fosse		ser	orientado_não-finito_subjuntivo_condicional	3	singular	nao		
33	36 sem se alterar.			gost	aria	experenci	orientado_finito_passado_voltivo	1	singular	nao		
34	37 Se não fosse incômodo,		des	cut	ir	fazer	não-orientado_infinitivo	non_selectable	non_selectable	hipotaxe_elaboracao	nao	
35	39 eu gostaria			est	ou	ser	orientado_finito_presente	1	singular	nao		
36	40 de discutir com o senhor Holmes			trat	ando	fazer	não-orientado_gerúndio	non_selectable	non_selectable	nao		
37	41 o caso que estou			diss	e	experenci	orientado_finito_passado_perfectivo_j	3	singular	nao		
38	42 tratando agora			guard	ando	fazer	não-orientado_gerúndio	non_selectable	non_selectable	nao		
39	43 — disse Mello Pimenta,			v	enha	fazer	orientado_não-finito_imperativo_j	2	singular	nao		
40	44 guardando a arma.			vid	ou	experenci	orientado_finito_passado_perfectivo_j	3	singular	hipotaxe_intensificacao	nao	
41	45 — Pois venha também ao café		com	são		ser	orientado_finito_presente	3	plural	nao		
42	46 — convidou Holmes.											
43	47 — Se os hábitos daqui são iguais aos de Londres,											
		PO_AA_K006	PO_DP_K006	PO_DC_K007	PO_DC_K006	PO_FIC_K007	PO_MI_K006	PO_MI_K007	PO_RE_K006	PO_RE_K007	PO_WEDU_K006	PO_WEDU_K007
		PO_FIC_K006	PO_DP_K007	PO_FIC_K007	PO_FIC_K007	PO_FIC_K007	PO_MI_K006	PO_MI_K007	PO_RE_K006	PO_RE_K007	PO_WEDU_K006	PO_WEDU_K007

FIGURA 46 – Captura de tela da planilha eletrônica de anotação na ordem da palavra

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

A partir dos princípios de descrição apresentados anteriormente e das etapas metodológicas apresentadas nesta seção, foi possível observar como a experiência de tempo é realizada no estrato lexicogramatical por diferentes estruturas. Os resultados da descrição são apresentados no próximo capítulo.

4 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados desta pesquisa. Primeiro é apresentado um panorama geral da construção da experiência de tempo do português brasileiro tendo como orientação os parâmetros temporais. Em seguida, este capítulo detalha como essa experiência temporal é realizada em cada unidade do estrato lexicogramatical conforme cada parâmetro. Na sequência, a partir de dois segmentos de um texto, observa-se como a instanciação da experiência de tempo se desdobra no texto. Por fim, este capítulo apresenta os dois segmentos de texto equivalentes a esses em inglês, a fim de observar a instanciação da experiência de tempo no contato entre português brasileiro e inglês através do produto tradutório.

4.1 O mapeamento dos recursos lexicogramaticais que realizam a experiência de tempo em português brasileiro

A experiência de tempo é construída na ordem dos elementos da figura, mais especificamente nos elementos da classe do processo. Esta descrição adota os parâmetros temporais de Halliday e Matthiessen (1999) como ponto de partida para a organização da experiência humana de tempo em significado.

O parâmetro da localização temporal permite localizar o processo em relação ao aqui-e- agora na interação entre falante e ouvinte. Nesse sentido, o processo pode estar localizado no passado, no presente ou no futuro. Isso pode ser ilustrado com o Exemplo (75), o Exemplo (76) e o Exemplo (77), respectivamente, nos quais os processos encontram-se sublinhados.

Exemplo (75) As características geológicas dali geraram um solo naturalmente rico em mercúrio.

Exemplo (76) Nesses rios, a extração artesanal do ouro frequentemente consome mercúrio.

Exemplo (77) Serão definidos os requisitos de embalagem para:

Uma vez que esse parâmetro localiza o processo em relação ao momento da interação, é possível afirmar que o processo é o principal responsável por localizar a figura como um todo em relação ao aqui-e-agora.

Além disso, a localização pode ser tanto em relação ao aqui-e-agora da interação quanto em relação a algum momento relativo a esse agora. Enquanto, no Exemplo (75), o processo “geraram” se refere a um momento anterior ao da fala, no Exemplo (78), o processo “temos demonstrado” está localizado em um passado relativo ao momento presente da fala. Assim, o processo “temos demonstrado” apresenta uma localização primária no presente, referente ao aqui-e-agora, e outra secundária, no passado, em referência ao presente relativo ao aqui-e-agora da interação.

Exemplo (78) Temos demonstrado vontade política para combater os desequilíbrios sociais e a pobreza.

A localização temporal desse exemplo se lê como “passado no presente”. O QUADRO 47 estrutura este exemplo, mostrando que a localização e sua leitura são feitas a partir do Evento e em direção ao Finito, isto é, da direita para a esquerda.

QUADRO 47 – Estruturação da localização temporal do Exemplo (78)

figura semântica	<u>Temos demonstrado</u> vontade política para combater os desequilíbrios sociais e a pobreza.		
verbos	temos		demonstrado
função gramatical	Finito	Auxiliar	Evento
localização	presente	passado	
direção de leitura	←		

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

A localização em português brasileiro é realizada por meio de estruturas lógicas específicas no estrato lexicogramatical. Por exemplo, a localização secundária de passado é realizada por *ter* ou *haver* seguido de outro verbo com morfologia de particípio (e.g. “temos

demonstrado”)⁶⁰. Semelhantemente ao inglês, a localização em português brasileiro é construída em uma relação lógica, e não como uma taxonomia, sendo capaz de construir o tempo de maneira seriada.

Além disso, é possível que a referência dêitica de tempo, isto é, a localização em relação ao aqui-e-agora da interação, não ocorra. Assim, a figura é realizada por uma oração não-finita. É o caso do Exemplo (79), no qual a figura “Se todos assumirmos nossas responsabilidades” não constrói uma localização de passado, presente ou futuro por meio do processo “assumirmos”.

Exemplo (79) Se todos assumirmos nossas responsabilidades, criaremos um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos.

Ainda assim, um processo sem localização primária (i.e., sem referência dêitica em relação ao aqui-e-agora) pode construir a localização secundária (e.g. “se todos estivermos assumindo nossas responsabilidades”).

Cumpramos destacar que a localização primária do processo do português brasileiro tem uma relação muito próxima com a metafunção interpessoal. Mais especificamente, a localização primária é realizada na ordem do grupo por um verbo com função de Finito, que realiza a dêixis referente ao aqui-e-agora na relação entre os interlocutores. Dessa forma, há confluência entre a experiência de passado, presente e futuro construída pelo processo e a troca entre falante e ouvinte, cuja realização lexicogramatical tem o Finito como seu recurso principal, uma vez que é capaz de apontar a relação entre a proposição ou proposta e o momento da fala.

Nesse sentido, no Exemplo (78), a construção da experiência de tempo como “passado no presente” pelo processo “temos demonstrado” conflui com o ancoramento da proposição no presente relativo ao aqui-e-agora da interação realizado pelo finito “temos”.

Portanto, segundo o parâmetro da localização, o processo pode construir a transitoriedade do *quantum* de mudança ao localizar a figura em relação ao momento da

⁶⁰ Uma apresentação mais detalhada das estruturas que realizam a localização secundária encontra-se na seção 4.2.2, sobre as estruturas que realizam os parâmetros no grupo verbal. Em especial, o QUADRO 64 resume estas estruturas do português brasileiro.

interação entre falante e ouvinte (localização primária) e em relação à própria figura (localização secundária).

O parâmetro da perspectiva temporal permite relacionar o processo ao fluxo da experiência no tempo como um todo. Em português brasileiro, a perspectiva temporal do processo pode caracterizá-lo de maneira a enfocar ou desfocar sua atualização e sua distribuição no fluxo de experiência.

De maneira geral, todo processo em português brasileiro é caracterizado segundo sua atualização, podendo ser visualizado ou atualizado. Processos que constroem as localizações de presente e de passado, como ilustram o Exemplo (80) e o Exemplo (81), respectivamente, constroem perspectivas atualizadas. Em contrapartida, processos que constroem a localização de futuro, como ilustra o Exemplo (82), constroem perspectivas visualizadas.

Exemplo (80) Este é Mukumbe, trabalha para a senhora baronesa e está à minha disposição.

Exemplo (81) durante um ano e meio se engajaram em um treinamento intensivo de saúde

Exemplo (82) Serão definidos os requisitos de embalagem para:

A atualização diz respeito à construção do processo em diferentes ordens de realidade. Um processo atualizado ocorre na ordem material da realidade, enquanto um processo visualizado só pode ser trazido à existência na ordem semiótica, através da língua. Nesse sentido, os processos “é”, “trabalha”, “está” e “engajaram” atualizam as figuras no tempo, tratando de experiências que ocorrem ou ocorreram, isto é, de situações que instanciam o potencial cultural e são realizadas por esses significados no texto. Por outro lado, “serão definidos” visualiza a figura no tempo, tratando de experiências que (ainda) não ocorrem ou ocorreram, ou, em outras palavras, realizam situações (ainda) não instanciadas.

Há um caso específico de processo com localização no passado que pode construir uma perspectiva visualizada: os processos realizados por verbos no passado volitivo, como “justificaria” no Exemplo (83).

Exemplo (83) A alegação de falta de tempo para participar não se justificaria, pois esses fóruns tiveram uma duração média de três semanas.

Nesse caso, ainda que o processo construa uma localização que a princípio é anterior ao momento da interação, a experiência construída pela figura semântica “A alegação de falta de tempo para participar não se justificaria” não ocorreu, tratando-se de uma situação não instanciada em um passado referente ao aqui-e-agora da interação. Assim, a visualização do processo assume a proeminência na construção da transitoriedade em detrimento da localização.

Processos sem localização também constroem a perspectiva temporal. O Exemplo (84) e o Exemplo (85) apresentam processos atualizados, enquanto o Exemplo (86) e o Exemplo (87), processos visualizados.⁶¹

Exemplo (84) Voltando para dentro da loja, ele e Pimenta despediram-se de Peruggio.

Exemplo (85) Watson, ainda contrafeito, também apertou a mão do italiano, ainda contrafeito, gritando: — Fico satisfeito de que não seja malária!

Exemplo (86) Fizemos um enorme esforço e sacrifício para conquistar competitividade.

Exemplo (87) — Pois venha também ao café — convidou Holmes.

De maneira geral, processos realizados por verbos com morfologia de gerúndio (“voltando”) e de particípio (“contrafeito”) constroem a perspectiva atualizada, e aqueles realizados por verbos com morfologia de infinitivo (“conquistar”) e de imperativo (“venha”), a perspectiva visualizada.

Semelhantemente à localização, o parâmetro da perspectiva também apresenta uma relação com a metafunção interpessoal. Como ilustra o Exemplo (87), os comandos são necessariamente visualizados. Isso se deve ao fato de um comando ter como referência a sua consequência (esperada), isto é, o seu cumprimento em algum momento futuro em relação ao aqui-e-agora da interação.

⁶¹ Os casos em que a realização do tempo se dá por meio de relações lógico-semânticas entre orações é explorado em maiores detalhes na seção 4.2.4.

Além disso, a atualização também estabelece uma relação com os significados modais, na qual o processo pode ser visualizado ao não fazer referência a situações instanciadas, isto é, que ocorreram no passado ou estão ocorrendo no presente. Nesse caso o processo faz referência à obrigação ou inclinação, no caso da modulação, ou à habitualidade ou probabilidade, no caso da modalização, de uma situação ser instanciada. Assim, uma figura como “esta grave questão se resolve por meio da negociação pragmática e mutuamente respeitosa” se torna visualizada ao realizar a modalidade por meio de Operadores Modais (“esta grave questão se *pode* resolver por meio da negociação pragmática e mutuamente respeitosa”), Adjuntos modais (“esta grave questão *possivelmente/provavelmente/ necessariamente* se resolve por meio da negociação pragmática e mutuamente respeitosa”) e/ou atributos modais (“É *provável* que esta grave questão se resolva por meio da negociação pragmática e mutuamente respeitosa” e “Temos *certeza* que esta grave questão se resolve por meio da negociação pragmática e mutuamente respeitosa”).

Cumprido salientar que a morfologia de subjuntivo somente realiza processos visualizados, não sendo capaz de atualizar a figura no tempo. Os subjuntivos estão restritos às orações presas não-finitas, de modo que sua função na realização da perspectiva temporal também se restringe a figuras que não são localizadas no aqui-e-agora da interação. Nesse sentido, o subjuntivo em português brasileiro constrói uma “localização presa” da figura, podendo ser categorizado como (i) *condicional*, localizando o processo no passado visualizado (e.g. “tivesse”); (ii) *conjuntivo*, localizando no presente visualizado (e.g. “tenha”); e (iii) *optativo*, localizando no futuro visualizado (e.g. “tiver”). Portanto, o português brasileiro dispõe de recursos específicos para localizar o processo de maneira visualizada na sequência, sendo realizados na ordem do grupo pelo Núcleo com morfologia subjuntiva.

Até este ponto, somente foi abordada a visualização do processo segundo a perspectiva temporal. Nesse contexto, o processo do português brasileiro pode ser comparado ao do inglês, que, como explicam Halliday e Matthiessen (1999, p. 214), distingue a perspectiva dos processos entre atualizados e visualizados (cf. seções 2.2.1 e 2.2.2). No entanto, a perspectiva temporal do português brasileiro também pode ser comparada à do chinês, que, segundo Halliday e McDonald (2004, p. 353) e Halliday e Matthiessen (1999, p. 307), constrói a perspectiva do processo conforme seu desdobramento no tempo.

Em português brasileiro, o desdobramento da perspectiva diz respeito à construção do processo como contínuo ou como terminado. Este parâmetro se restringe ao ambiente dos

processos (i) com localização de passado e perspectiva atualizada – Exemplo (88), e (ii) sem localização, com perspectiva atualizada – Exemplo (89) e Exemplo (90).

Exemplo (88) Pimenta não gostou muito da ideia, pois preferia manter a investigação em termos confidenciais [...]

Exemplo (89) Se não fosse incômodo, eu gostaria de discutir com o senhor Holmes o caso que estou tratando agora — disse Mello Pimenta, guardando a arma.

Exemplo (90) Yaqub interrompeu o pai, exaltado.

No Exemplo (88), observa-se os processos com localização de passado “gostou” e “preferia manter”. A diferença entre estes dois processos, em termos de tempo, diz respeito ao desdobramento: enquanto “gostou” é um processo terminado, “preferia manter” é um processo contínuo. Em uma analogia com outro domínio experiencial, é possível afirmar que “gostou” se desdobra como uma partícula, um ponto específico em uma linha temporal, enquanto “preferia manter” se desdobra como uma onda ao longo de uma linha temporal. Assim, processos com localização de passado, atualizados e com desdobramento terminado são realizados por verbos com morfologia de passado perfectivo, enquanto processos com localização de passado, atualizados e com desdobramento contínuo são realizados por verbos com morfologia de passado imperfectivo.

Em relação aos processos “guardando”, no Exemplo (89), e “exaltado”, no Exemplo (90), ambos constroem processos atualizados, sem localização. A diferença entre eles se dá em relação ao desdobramento, com processos realizados por verbos com morfologia de gerúndio sendo contínuos e aqueles realizados por verbos com morfologia de particípio, terminados.

Um outro caso de processos que constroem o desdobramento são aqueles realizados por verbos no infinitivo. Ainda que sejam processos terminados, podem construir tanto a perspectiva atualizada, como no Exemplo (91), quanto a visualizada, como no Exemplo (92).

Exemplo (91) Um moleque de recados veio me avisar que o marquês de Salles está no Café do Amorim e convida os senhores para um refresco — informou Mukumbe, sem se alterar.

Exemplo (92) O problema é que esse amálgama era posteriormente aquecido para se obter o ouro puro, causando a evaporação do mercúrio para a atmosfera.

Tendo em vista a relação entre verbos com morfologia de gerúndio, participio e infinitivo, a localização temporal secundária também se diferencia entre atualizada ou visualizada, contínua ou terminada, de acordo com a morfologia do segundo verbo da estrutura, como ilustra o QUADRO 48.

QUADRO 48 – Localização temporal secundária e perspectiva

Localização secundária	Perspectiva	Realização lexicogramatical	Figura
presente ⁶²	atual. & cont.	<i>estar</i> ^ verbo: gerúndio	<u>Estamos fazendo</u> a nossa parte
passado	atual. & term.	<i>ter/haver</i> ^ verbo: part.	<u>Temos feito</u> a nossa parte
	atual. & cont.	<i>vir</i> ^ verbo: gerúndio	<u>Vimos fazendo</u> a nossa parte
futuro	visual. & term.	<i>ir</i> ^ verbo: infinitivo	<u>Vamos fazer</u> a nossa parte
	visual. & cont.	<i>ir</i> ^ verbo: gerúndio	<u>Vamos fazendo</u> a nossa parte

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Em relação ao parâmetro do estágio, ele permite que o processo ocupe alguma medida de tempo no fluxo de experiência, se início, intermédio ou final. Ao abordar o processo sob este parâmetro, observa-se a construção da experiência de tempo com base unicamente no componente lógico da metafunção ideacional, de forma que o estágio de um processo é construído a partir de outro processo em uma mesma figura.

Além disso, diferentemente dos sistemas anteriores, o estágio não tem tantas opções de realização, restringindo-se a três categorias (começo, intermédio e final) realizadas por algumas opções de Evento no complexo de grupos verbais capazes de modificar outros Eventos em uma relação hipotática. O QUADRO 49 resume as realizações da experiência de tempo segundo o estágio em português brasileiro.

⁶² A localização secundária no presente somente constrói a perspectiva atualizada e contínua. Quando há somente localização primária no presente, o desdobramento não é construído.

QUADRO 49 – As realizações da experiência de tempo segundo o estágio em português brasileiro

Medida	Realizações	Exemplos
começo	<i>começar</i> ^ verbo: gerúndio, <i>começar a</i> ^ verbo: infinitivo, <i>passar a</i> ^ verbo: infinitivo, <i>pôr</i> ^ clítico ^ <i>a</i> ^ verbo: infinitivo	começa fazendo, começaria a pensar, passará a ter, põem-se a pesquisar
intermédio	<i>continuar</i> ^ verbo: gerúndio, <i>continuar a</i> ^ verbo: infinitivo, <i>ficar</i> ^ verbo: gerúndio, <i>seguir</i> ^ verbo: gerúndio	continua jogando, continua a nadar, ficava sabendo, seguiu escrevendo
final	<i>acabar de</i> ^ verbo: infinitivo, <i>terminar de</i> ^ verbo: infinitivo	acaba de gripar, terminava de digitar

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

A construção do estágio ocorre da esquerda para a direita: o primeiro processo somente estabelece a medida do fluxo de experiência ocupada pelo segundo processo, que contribui para determinar o tipo de relação entre os participantes na figura. Nesse sentido, o primeiro processo não participa da configuração da figura em termos experienciais, somente modificando o processo seguinte em uma estrutura serial.

Não há restrições na relação entre os parâmetros de estágio e de localização, de modo que qualquer combinação das medidas e das localizações é possível (e.g., “começo a fazer”, “comecei a fazer”, “começaríamos a fazer”, “começarão a fazer”, “começando fazer”). No entanto, com relação à perspectiva, como se pode observar no QUADRO 49, muitas das opções de estágio são construídas por processos contínuos, realizados por verbos com morfologia de gerúndio, enquanto outras opções são construídas por processos terminados, realizados por morfologia de infinitivo.

O parâmetro do estágio permite entender que, uma vez que o processo organiza o tempo em uma estrutura lógica, ele pode selecionar opções no sistema de maneira iterativa. Entretanto, há certas restrições quanto à própria iteração nesse sistema. Uma das restrições diz respeito à repetição da mesma cosseleção de opções de medida com as mesmas realizações, por exemplo: começo ^ começo, realizada por *começar a* ^ processo: infinitivo: *começar a* ^ processo: infinitivo, como em “começa a começar a fazer”. A probabilidade de esse tipo de construção ser instanciado tende a zero, ainda que seja possível pela própria natureza iterativa do sistema. Construções mais prováveis envolvem (i) as mesmas opções sendo realizadas por

diferentes estruturas lexicogramaticais, como no Exemplo (93), com o estágio de começo realizado pela estrutura *passar a* ^ processo: infinitivo e instanciado como “passa a começar”, seguido do estágio de começo realizado por *começar a* ^ processo e instanciado como “começar a ser”, e (ii) uma sequência de cosseleções diferentes, como no Exemplo (94), com o estágio de final realizado por *acabar de* ^ processo: infinitivo e instanciado por “acaba de começar”, seguido do estágio de começo realizado por *começar a* ^ processo: infinitivo e instanciado por “começar a fazer”.

Exemplo (93) o seu consumo passa a começar a ser maior

Exemplo (94) Pense como agência de rating: o país acaba de começar a fazer a dieta e pede para comer um chocolate — diz Zeina.

Quanto maior o número de iterações, menor a probabilidade de instanciação na língua. Nesse sentido, a instanciação de uma iteração, como ilustrada no QUADRO 49, é mais provável que a instanciação de duas iterações (como no Exemplo (93) e no Exemplo (94) acima), o que é mais provável que a instanciação de três iterações (e.g., “começa seguindo ficando sendo”). A natureza iterativa do estágio permite a seleção a princípio infinita para a construção lógica dessa experiência de tempo; porém, a probabilidade de um texto instanciar uma cadeia longa de processos é baixa.

O quarto e último parâmetro básico da construção do tempo no processo é o perfil temporal, que diz respeito ao potencial de um processo se estender no tempo. Um processo pode ter um perfil delimitado ou não em relação ao *quantum* de mudança da figura como um todo, determinando se há ou não um ponto no fluxo de experiência em que a transitoriedade construída na figura pelo processo se encerra.

O parâmetro do perfil não é realizado em português brasileiro por uma estrutura ou um conjunto de estruturas lexicogramaticais específico. Logo, não é possível afirmar que o parâmetro do perfil temporal gera um sistema semântico para a caracterização do processo em português brasileiro. Seguindo a argumentação de Halliday e Matthiessen (1999, p. 475-476) em relação a um sistema gerado a partir desse parâmetro,

o perfil temporal de um processo é uma interpretação a partir de vários fatores que *são* sistêmicos, como o perfil configuracional da figura na qual opera o processo, a natureza e a quantidade de participantes envolvidos, e a fase do

próprio processo. No entanto, isso não é suficiente para definir uma área específica do potencial semântico.⁶³

Portanto, ainda que seja possível categorizar um processo com perfil ilimitado, como no Exemplo (95), ou com perfil delimitado, como no Exemplo (96), estas diferenças não apresentam estruturas específicas que as realizem.

Exemplo (95) Vestia-se de calças pretas, camisa, colete e um avental à volta da cintura, como os garçons franceses que via nas gravuras.

Exemplo (96) Se vestia muito rápido.

4.2 Os recursos lexicogramaticais que realizam a experiência temporal

Após apresentar um panorama geral da experiência temporal do português brasileiro a partir dos parâmetros de tempo, é possível tratar das suas realizações lexicogramaticais em maiores detalhes. Nesta seção, são apresentadas as contribuições das unidades da oração, do grupo e da palavra e as relações que estabelecem com cada parâmetro.

Em português brasileiro, os recursos lexicogramaticais que participam da realização do tempo estão distribuídos ao longo de toda a escala de ordens. Do Exemplo (97) ao Exemplo (100) são ilustrados casos em que o tempo é realizado por oração, grupo, palavra e morfema.

Exemplo (97) Fotos tiradas com reflexografia infravermelha e raios X levavam a crer que o falsificador, enquanto pintava o estudo de Da Vinci, modificara o desenho de forma um tanto suspeita... como se quisesse subverter a verdadeira intenção de Da Vinci.

Exemplo (98) Visitantes da Sala Leonardo agora encontravam uma placa enganosa, pouco delicada, onde o Adoração antes estivera.

Exemplo (99) Pimenta ia começar a dizer alguma coisa; porém, foi cortado pelo ruído de um negro gigantesco que entrou no recinto, quase arrancando a porta do umbral.

⁶³ Minha tradução de: “*The temporal profile of a process is an interpretation that results from various factors that are systemic, such as the configurational profile of the figure in which the process serves, the nature and quantity of participants involved in it, and the phase of the process itself; but it does not define an area of semantic potential*”.

Exemplo (100) Além do mais, o Graal deve estar escondido em alguma parte do Reino Unido, não da França.

Observa-se no Exemplo (97) que a oração sublinhada “enquanto pintava o estudo de Da Vinci” tem uma relação lógico-semântica com o restante da sentença. Nesse caso, a função dessa oração é intensificar a oração “que o falsificador... modificara o desenho de forma um tanto suspeita” ao especificar em que tempo houve a modificação do desenho. Já no Exemplo (98), verifica-se a presença de dois grupos realizando a experiência de tempo: “agora”, uma Circunstância de localização temporal; e “encontravam”, o Finito, Predicador e Processo com dêixis temporal no passado. O Exemplo (99), por sua vez, apresenta o complexo de grupos verbais “ia começar a dizer”, que realiza o tempo de três maneiras diferentes: através do Núcleo (“ia”), com tempo primário passado; através da estrutura de tempo secundário futuro atualizado-perfectivo *ir* ^ verbo: infinitivo (“ia começar”); e através da relação lógico-semântica de elaboração entre os dois grupos que formam esse complexo (“ia começar” e “a dizer”), realizando o estágio. Por fim, no Exemplo (100) é possível observar o verbo com função de Finito “deve”, composto pelo morfema experiencial “dev” e pelo morfema interpessoal “e”, com função de Verbalidade finita presente; o verbo com função de Auxiliar “estar”, composto pelo morfema experiencial “est” e o interpessoal “ar”, com função de Verbalidade infinitiva; e o verbo com função de Evento “escondido”, com o morfema interpessoal “ido”, com função de Verbalidade de particípio masculino singular.

A partir dos exemplos acima, é possível observar como a realização do tempo pela lexicogramática ocorre em todas as unidades da escala de ordens do português brasileiro. A seguir são apresentados detidamente os recursos do português brasileiro nas ordens da oração, do grupo e da palavra⁶⁴.

⁶⁴ Morfemas não têm organização interna, somente função na ordem da palavra. Ainda que seja possível distinguir os morfemas em classes, não é possível desenhar sistemas conforme a teoria sistêmico-funcional que permitam explicar funções operando nesta ordem.

4.2.1 A realização da experiência de tempo na ordem da oração

A experiência de tempo realizada na ordem da oração é organizada pelas redes dos sistemas de MODO, TRANSITIVIDADE e TEMA. São apresentados nessa sequência a seguir.

A rede de sistemas de MODO pode ser ilustrada pela FIGURA 47, com destaque para os sistemas de LIBERDADE e ADJUNTO MODAL, que contribuem com a realização da experiência temporal. Essa rede de sistemas tem como condição de entrada a oração maior, de forma que a oração menor não realiza essa experiência.

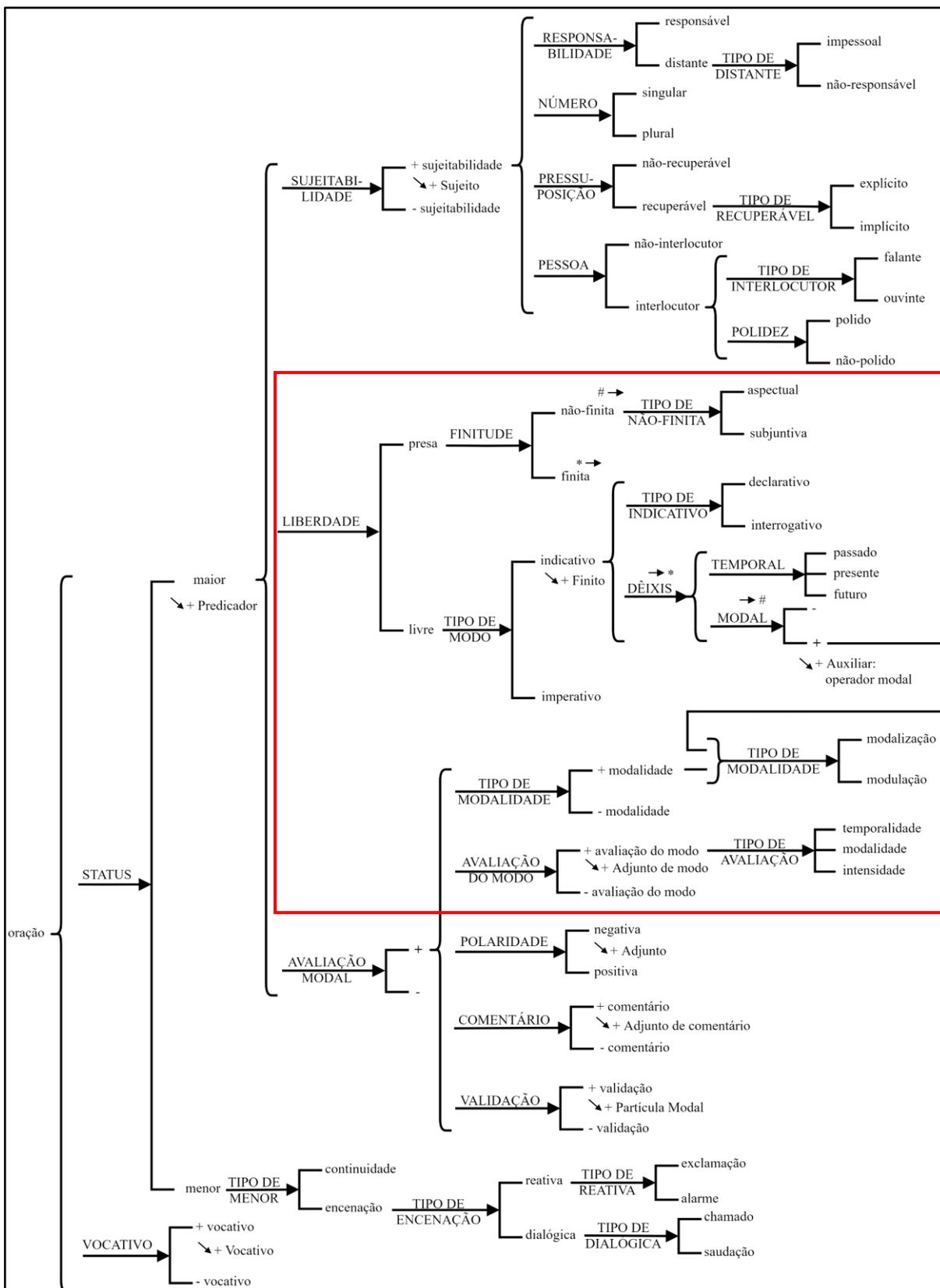


FIGURA 47 – Rede de sistemas de MODO do português brasileiro

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

Orações menores, como “Credo!”, “Vish!”, “Mãe!”, “Bom dia.” ou “Cuidado!”, não podem realizar a experiência temporal pois não têm elementos com função de Finito ou de Predicador, que são os responsáveis por realizar essa experiência em uma perspectiva interpessoal.

A oração maior, por sua vez, apresenta um elemento com função de Predicador e, portanto, seleciona opções no sistema de LIBERDADE. O sistema de LIBERDADE possui duas opções de oração: presa e livre. A oração presa é a condição de entrada para o sistema de FINITUDE, com as opções não-finita e finita, enquanto a oração livre é a condição de entrada do sistema de TIPO DE MODO, com as opções indicativo e imperativo.

É importante observar que a FIGURA 47 apresenta somente as opções menos delicadas de indicativo e imperativo, pois não há diferença na realização da experiência de tempo para opções mais delicadas nesses tipos de oração.

Além disso, cumpre destacar, como foi explicado na seção 4.1, que orações imperativas sempre realizam a perspectiva visualizada. Porém, mesmo realizando processos visualizados, as orações imperativas podem realizar o desdobramento perfectivo ou imperfectivo, este último por meio de Auxiliares realizando o sistema de TEMPO SECUNDÁRIO, na ordem do grupo (cf. seção 4.2.2). Além disso, essas orações, ainda que não realizem uma localização propriamente dita, podem ser associadas ao presente, sendo possível afirmar que “não se circunscrevem em outro tempo que não o ‘agora’” (FIGUEREDO, 2011, p. 180). Isso pode ser evidenciado através da negociação de um comando, como ilustrado pelo Exemplo (101), cujo argumento respondente encontra-se no presente, não sendo provável a ocorrência de realização de passado (“não fui”) e o futuro (“não irei”) sendo uma opção marcada.

Exemplo (101) Interlocutor A: Pois venha também ao café.

Interlocutor B: Não vou.

Nesse sentido, até aqui é possível caracterizar a oração imperativa como realizando necessariamente a localização no presente e a perspectiva visualizada. Além disso, as orações imperativas podem realizar quaisquer opções de estágio (começo, intermédio ou final). O QUADRO 50 ilustra a realização da perspectiva (mais especificamente, do desdobramento) e do estágio por orações imperativas. Embora a instanciação de uma oração imperativa realizando

esses dois sistemas seja improvável, essas orações têm o potencial de realizar quaisquer desdobramentos e estágios.

QUADRO 50 – Realização do desdobramento e do estágio por orações imperativas

Perspectiva	Estágio	Exemplos
perfectiva	nenhum	Conte-nos tudo, senhor Holmes.
	começo	Comece a contar-nos tudo, senhor Holmes.
	intermédio	Continue contando-nos tudo, senhor Holmes.
	final	Termine de contar-nos tudo, senhor Holmes.
imperfectiva	nenhum	Venha contando-nos tudo, senhor Holmes.
	começo	Venha começando a contar-nos tudo, senhor Holmes.
	intermédio	Venha continuando a contar-nos tudo, senhor Holmes.
	final	Venha acabando de contar-nos tudo, senhor Holmes.

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Com relação ao sistema de DÊIXIS, ele tem como condição de entrada tanto as orações presas finitas quanto as orações livres indicativas, apresentando, portanto, uma restrição em sua condição de entrada (marcada com um asterisco, cf. FIGURA 47). Nesse sentido, todas as orações finitas selecionam opções nesse sistema, mesmo no caso das orações presas. Além disso, esse sistema é a condição de entrada para a cosseleção em outros dois sistemas: TEMPORAL e MODAL. A dêixis temporal realiza a localização temporal na ordem da oração e ocorre para toda oração finita, apresentando as opções passado, presente e futuro, enquanto a dêixis modal pode ou não ocorrer, por isso apresenta as opções – e +, indicando presença e ausência de dêixis modal, respectivamente. Portanto, toda oração finita em português brasileiro realiza alguma opção de localização. Por fim, se houver dêixis modal, ela pode ser de dois tipos: modalização e modulação.

A realização da localização em termos de dêixis temporal na ordem da oração diz respeito a todo o processo, levando em conta o “somatório” da localização primária e secundária. Nesse sentido, o sistema de DÊIXIS TEMPORAL não apresenta opções mais delicadas, de maneira que a oração é localizada em relação à troca entre falante e ouvinte como um todo em uma linha temporal simples, formada somente por passado, presente e futuro. O QUADRO 51 ilustra a realização da localização segundo as diferentes opções de dêixis temporal.

QUADRO 51 – Realização da localização de acordo com o sistema de DÊIXIS TEMPORAL

Localização	Exemplos
passado	Eu não me aproximei dele
	Eu não me aproximara dele
	Eu não me aproximava dele
	Eu não me aproximaria dele
	Eu não tinha me aproximado dele
	Eu não ia me aproximar dele
	Eu não fui me aproximando dele
	Eu não fui me aproximar dele
	Eu não me aproximei dele agora
	Eu não me aproximei dele ontem
presente	Eu não me aproximo dele
	Eu não estou me aproximando dele
	Eu não venho me aproximando dele
	Eu não estou indo me aproximar dele
	Eu não me aproximo dele hoje
	Eu não estou me aproximando dele agora
futuro	Eu não irei me aproximar dele
	Eu não irei me aproximando dele
	Eu não vou me aproximar dele
	Eu não me aproximarei dele amanhã
	Eu não me aproximo dele amanhã
	Eu não me aproximarei dele hoje
	Eu não me aproximarei dele agora

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Com relação às orações presas, o Exemplo (102) e o Exemplo (103) ilustram uma oração presa finita e uma não-finita, respectivamente. A diferença fundamental entre essas orações é a presença do Negociador (Sujeito + Finito) no Exemplo (102) (“Holmes + tranquilizou”), cuja ausência é observada no Exemplo (103), que apresenta somente o Resíduo na estrutura da oração (não há itens com função de Sujeito ou Finito).

Exemplo (102) Já ia puxar seu revólver da algibeira, quando Holmes o tranquilizou.

Exemplo (103) Mesmo assim, funcionários da Galeria Uffizi de Florença, constrangidos, imediatamente retiraram a pintura de exposição, guardando-a em um depósito do outro lado da rua.

No Exemplo (102), é possível observar a oração livre “já ia puxar seu revólver da algibeira” e a oração presa “quando Holmes o tranquilizou”. Ambas são orações declarativas, com dêixis temporal no passado e sem dêixis modal. No caso da oração presa, no entanto, ainda que ela seja finita e realize a experiência de tempo, ela não está aberta para negociação com o interlocutor. Nesse sentido, é mais provável que a oração “Já ia puxar seu revólver da algibeira” seja acompanhada por uma Pergunta-finito (*e.g.*, “Já ia puxar seu revólver da algibeira, quando Holmes o tranquilizou, não ia?”) do que a oração “quando Holmes o tranquilizou” (*e.g.*, “Já ia puxar seu revólver da algibeira, quando Holmes o tranquilizou, não tranquilizou?”).

Já no Exemplo (103) observam-se a oração livre “mesmo assim, funcionários da Galeria Uffizi de Florença, constrangidos, imediatamente retiraram a pintura de exposição” e a oração presa “guardando-a em um depósito do outro lado da rua”. Enquanto a oração livre é declarativa, com dêixis temporal no passado e sem dêixis modal, a oração presa é não-finita, realizando somente a perspectiva temporal. De forma semelhante ao Exemplo (102), a oração presa também não é colocada à negociação com o interlocutor, sendo apresentada como um pressuposto, isto é, um conhecimento compartilhado entre os interlocutores nessa situação. E diferente do Exemplo (102), a oração presa do Exemplo (103) não pode ser acompanhada de uma Pergunta-finito (“guardando-a em um depósito do outro lado da rua, não guardando?”) e não realiza a localização temporal, não havendo referência a passado, presente ou futuro. Isso ocorre porque a localização temporal de uma oração presa não-finita se dá em referência à oração livre dominante do complexo oracional. Nesse sentido, a localização temporal de uma oração presa não-finita ocorre por uma relação lógico-semântica com a oração dominante, que no caso do Exemplo (103) é o passado.

É importante ressaltar que, ainda que a oração presa não-finita não realize a localização temporal, ela é capaz de realizar a perspectiva, como no Exemplo (103), e o estágio temporal, como em “acabando por guardá-la em um depósito do outro lado da rua”.

Ainda em relação à oração presa não-finita, ela é a condição de entrada para o sistema de TIPO DE NÃO-FINITA, com as opções aspectual e conjuntiva. As orações presas aspectuais apresentam Predicadores com morfologia de gerúndio, particípio ou concretizado. E as orações presas não-finitas subjuntivas dividem-se entre as opções conjuntiva, condicional e optativa, sendo realizadas por Predicadores com morfologia de subjuntivo conjuntivo, condicional e optativo, respectivamente.

As orações aspectuais realizam a perspectiva de acordo com a morfologia do verbo funcionando como Núcleo, de maneira que (i) o gerúndio realiza a perspectiva visualizada & imperfectiva, (ii) o particípio realiza a perspectiva atualizada & perfectiva e (iii) o concretizado realiza a perspectiva atualizada & imperfectiva. O QUADRO 52 ilustra essas opções.

QUADRO 52 – Realização da perspectiva por orações aspectuais

Orações	Perspectiva	Complexo oracional
gerúndio	visualizada & imperfectiva	<u>Tendo</u> a saúde popular como mote, o projeto agregou mais de cem pessoas
particípio	atualizada & perfectiva	A saúde popular <u>tida</u> como mote, o projeto agregou mais de cem pessoas
concretizado	atualizada & imperfectiva	Ao <u>ter</u> a saúde popular como mote, o projeto agregou mais de cem pessoas

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

As orações subjuntivas somente realizam a perspectiva visualizada do processo, e, como explicado na seção 4.1, essas orações apresentam uma localização temporal do processo em relação à própria figura, e não em relação ao aqui-e-agora da interação. O QUADRO 53 ilustra a realização da perspectiva visualizada com localização temporal interna por orações presas não-finitas.

QUADRO 53 – Realizações da perspectiva visualizada com localização temporal interna por orações subjuntivas

Realização	Localização	Complexo oracional
subjuntivo condicional	passado	Ainda que <u>tivesse</u> a saúde popular como mote, o projeto agregou mais de cem pessoas
subjuntivo conjuntivo	presente	Ainda que <u>tenha</u> a saúde popular como mote, o projeto agregou mais de cem pessoas
subjuntivo optativo	futuro	Quando <u>tiver</u> a saúde popular como mote, o projeto agrega mais de cem pessoas

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Com relação à dêixis modal, ela é realizada pela presença de um Auxiliar na estrutura do Negociador realizado por um operador modal. Os operadores modais do português

brasileiro são: *poder, dever, ter que, ter de e ter como*. Eles podem realizar qualquer opção de localização. O Exemplo (104) ilustra uma oração com dêixis modal realizando a localização presente.

Exemplo (104) A fome não pode esperar.

Esse exemplo poderia também realizar outras opções de localização, como passado (“podia”) ou futuro (“poderá”) ou mesmo não realizar a localização do processo (“podendo”, caso se tratasse de uma oração presa não-finita). Além disso, como explicado na seção 4.1, que apresenta um panorama geral da perspectiva, a dêixis modal realiza a perspectiva visualizada do processo, na qual ele pode ser perfectivo (“a fome não pôde esperar”) ou imperfectivo (“a fome não podia esperar”).

Por fim, o Exemplo (104) poderia também realizar o estágio, como ilustrado no QUADRO 54. É possível notar que a dêixis modal pode ser realizada para qualquer dos processos envolvidos na relação lógica de estágio.

QUADRO 54 – A dêixis modal e a realização do estágio

Estágio	Dêixis modal no primeiro processo	Dêixis modal no segundo processo
começo	tem como começar a pensar, deve passar a ter	começa a dever pensar, passa a poder ter
intermédio	tem que continuar a nadar, pode continuar jogando, tem de ficar sabendo, tem como seguir escrevendo	continua a poder nadar, continua tendo como jogar, fica tendo que saber, segue devendo escrever
final	deve acabar de gripar, pode terminar capotando	acaba de ter que gripar, termina devendo capotar

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Portanto, a realização do processo pode envolver a dêixis modal, havendo restrições somente em relação à perspectiva, na qual a modalidade só realiza processos visualizados, e em um caso específico de estágio de processo real & intermédio.

O mesmo pode ser observado em relação ao Adjunto modal, que é outro elemento que pode fazer parte do Negociador e participar da realização da experiência de tempo. Como foi explicado na seção 4.1, Adjuntos modais de modalidade atuam de maneira semelhante à dêixis modal, realizando somente a perspectiva visualizada do processo. Assim, os Adjuntos modais de modalidade podem operar em conjunto com operadores modais (“a fome provavelmente não pode esperar”) ou sozinhos (“a fome provavelmente não espera”). Nesse último caso, o Adjunto realiza a modalidade da oração.

Nota-se que uma oração com Adjunto de modalidade pode realizar qualquer localização (“a fome provavelmente não espera/esperou/esperará”), com qualquer desdobramento (“a fome provavelmente não esperava/esperou”). E com relação à realização do estágio, o Adjunto de modalidade opera de maneira semelhante à dêixis modal, podendo participar da realização de processos no começo, intermédio ou final. Assim, o Adjunto também pode realizar a modalidade de maneira independente para cada processo quando há estágio. O QUADRO 55 ilustra a relação entre Adjuntos modais de modalidade e o estágio.

QUADRO 55 – O Adjunto modal de modalidade e a realização do estágio

Estágio	Modalidade no primeiro processo	Modalidade no primeiro processo
começo	o objeto da pesquisa <i>provavelmente</i> <u>passou a ganhar</u> , pouco a pouco, uma configuração.	o objeto da pesquisa <u>passou a</u> <i>provavelmente</i> <u>ganhar</u> , pouco a pouco, uma configuração.
intermédio	o objeto da pesquisa <i>provavelmente</i> <u>continuou a ganhar</u> , pouco a pouco, uma configuração.	o objeto da pesquisa <u>continuou a</u> <i>provavelmente</i> <u>ganhar</u> , pouco a pouco, uma configuração.
final	o objeto da pesquisa <i>provavelmente</i> <u>acabou de ganhar</u> , pouco a pouco, uma configuração.	o objeto da pesquisa <u>acabou de</u> <i>provavelmente</i> <u>ganhar</u> , pouco a pouco, uma configuração.

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Diferente dos Adjuntos modais que realizam a modalidade da oração, algumas opções de Adjunto modal também podem realizar a temporalidade por uma perspectiva interpessoal. É o caso do Exemplo (105), em que o Adjunto modal “sempre” realiza a perspectiva atualizada e imperfectiva.

Exemplo (105) As obras dos Irmãos Maristas *sempre* foram pautadas pela obediência e respeito às diretivas do Santo Padre, o Papa.

Os Adjuntos modais de temporalidade podem realizar tanto a perspectiva atualizada (e.g., “sempre”) quanto a visualizada (“nunca”), em contraste com os Adjuntos modais de modalidade, que só podem realizar a perspectiva visualizada. Os Adjuntos de temporalidade se aproximam das Circunstâncias de extensão por construírem a perspectiva temporal; no entanto, seu significado tem natureza interpessoal, como pode ser evidenciado pelo exercício de agnação com outras opções de Adjunto modal, como ilustra o QUADRO 56.

QUADRO 56 – Tipos de Adjunto modal

Adjunto modal	Exemplos
temporalidade	As obras dos Irmãos Maristas <i>sempre</i> foram pautadas pela obediência e respeito às diretivas do Santo Padre, o Papa.
modalidade	As obras dos Irmãos Maristas <i>certamente</i> foram pautadas pela obediência e respeito às diretivas do Santo Padre, o Papa.
intensidade	As obras dos Irmãos Maristas <i>somente</i> foram pautadas pela obediência e respeito às diretivas do Santo Padre, o Papa.

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Os Adjuntos modais de temporalidade podem ser entendidos com relação à perspectiva temporal propriamente dita, podendo ser visualizados (“quase”) ou atualizados (“sempre”). Esses Adjuntos também podem ser entendidos em relação à expectativa, podendo ser próximos (“já”), realizando a perspectiva perfectiva, ou distantes (“ainda”), realizando a perspectiva imperfectiva. Além disso, esses Adjuntos podem também ter polaridade positiva ou negativa. O QUADRO 57 resume e exemplifica as opções de Adjuntos modais de temporalidade do português brasileiro.

QUADRO 57 – Adjuntos modais de temporalidade

Adjuntos modais de temporalidade			Exemplos
perspectiva	visualizado	positivo	quase, virtualmente, praticamente, realmente
		negativo	quase não, praticamente não, realmente não
	atualizado	positivo	sempre, geralmente, poucas vezes, de vez em quando, às vezes, vez por outra, muitas vezes, quase sempre, antes, depois, ocasionalmente, raramente
		negativo	nunca, quase nunca, nenhuma vez
expectativa	próximo	positivo	já, logo, até, até mesmo
		negativo	ainda não, até (que) não
	distante	positivo	ainda
		negativo	não mais

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Por fim, semelhante aos Adjuntos modais de modalidade, os de temporalidade também podem realizar qualquer opção de localização (“a fome quase/quase não/sempre/nunca/já/ ainda não/ainda/não mais espera/esperou/esperará”), com qualquer desdobramento (“a fome quase/quase não/sempre/nunca/já/ainda não/ainda/não mais não esperava/esperou”). Em relação ao estágio, os Adjuntos modais de temporalidade apresentam as mesmas possibilidades e restrições que os Adjuntos modais de modalidade, inclusive em relação ao estágio real & intermédio realizado por *permanecer* ^ verbo: participio.

Além do sistema de MODO, o sistema de TRANSITIVIDADE também contribui para a realização da experiência de tempo em português brasileiro. A FIGURA 48 ilustra a rede de sistemas de TRANSITIVIDADE, com destaque para as orações receptivas e para as Circunstâncias de extensão e localização.

oração maior é o Processo, uma função do grupo verbal na unidade da oração que conflui com o Predicador, na rede de sistemas de MODO.

A experiência de tempo pode ser realizada por quaisquer opções da rede de sistemas de TRANSITIVIDADE, como ilustra o QUADRO 58, no qual os componentes com função de Processo encontram-se sublinhados.

QUADRO 58 – Diferentes tipos de oração segundo o sistema de TRANSITIVIDADE

Tipo de oração	Exemplos
material	Se todos assumirmos nossas responsabilidades, <u>criaremos</u> um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos.
mental	E não obstante o fato de que o trabalho de arquivista não <u>previsse</u> a leitura dos folhetos, mas tão somente a sua adequação ao espaço do Arquivo, por vezes, escapava às tarefas de praxe.
verbal	Não <u>respondeu</u> , <u>perguntou</u> : “Que Líbano?”
relacional	Foi assim que o objeto da pesquisa <u>passou a ganhar</u> , pouco a pouco, uma configuração.
existencial	Daqueles tempos, <u>restam</u> apenas as fundações da construção feita pelos padres e índios no Pateo do Collegio.

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

No QUADRO 58 é possível observar a oração material “criaremos um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos”, que realiza a localização de futuro, perspectiva visualizada & perfectiva, sem construção de estágio. Também é possível observar a oração mental “e não obstante o fato de que o trabalho de arquivista não previsse a leitura dos folhetos”, que realiza a localização de passado (em relação a outra figura: “por vezes, escapava às tarefas de praxe”), perspectiva visualizada e imperfectiva, e nenhum estágio. Além disso, observa-se a oração verbal “não respondeu, perguntou: ‘Que Líbano?’”, com localização de passado, perspectiva atualizada e perfectiva, e nenhum estágio. Nota-se ainda a oração relacional “o objeto da pesquisa passou a ganhar, pouco a pouco, uma configuração”, com localização no passado, perspectiva atualizada e perfectiva, e estágio temporal de começo. Por fim, a oração existencial “daqueles tempos, restam apenas as fundações da construção feita pelos padres e índios no Pateo do Collegio” realiza a localização de presente, perspectiva atualizada e imperfectivo, e nenhum estágio.

Assim, a experiência de tempo pode ser realizada por quaisquer opções da rede de sistemas de TRANSITIVIDADE. Em outras palavras, orações materiais, mentais, verbais, relacionais e existenciais podem realizar as localizações de passado, presente, futuro ou nenhuma, as perspectivas atualizada ou visualizada, perfectiva ou imperfectiva, e o estágio real ou temporal, de começo, intermédio ou final, ou nenhum estágio. Portanto, não há restrições à realização da experiência de tempo pela oração organizada segundo as opções da transitividade.

No entanto, orações receptivas (organizadas no sistema de AGÊNCIA) realizam essa experiência de uma maneira particular. Tanto a oração operativa do Exemplo (106) quanto a opção agnata receptiva do Exemplo (107) realizam a localização de futuro e a perspectiva visualizada & perfectiva.

Exemplo (106) criaremos um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos
 Exemplo (107) um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos será criado por nós

A oração receptiva constrói; porém, uma segunda camada de atualização, na qual o processo é atualizado e perfectivo relativo à experiência da própria figura. Isso se deve ao fato de orações receptivas pré-selecionarem grupos verbais passivos para realizarem a função de Processo na oração (Processo: passivo, cf. FIGURA 48), com a estrutura do grupo verbal passivo sendo *ser* ou *estar* ^ Evento: participio.

De maneira semelhante ao que apontam Halliday e Matthiessen (2014, p. 570) para o inglês, o grupo verbal passivo e a oração receptiva do português brasileiro realizam a perspectiva temporal atualizada, no sentido de um evento “ser (em um estado de) realizado”. Assim, ainda que localize a figura no futuro, e que a localização de futuro tenha necessariamente a perspectiva visualizada, o Processo “será criado” tem uma segunda camada de perspectiva interna, relativa à própria figura, na qual “nós” executa a “criação” em algum momento relativo ao aqui-e-agora da interação. Nesse sentido, uma oração receptiva pode realizar experiência temporal, enquanto realiza essa segunda camada de perspectiva interna.

O QUADRO 59 apresenta exemplos de orações receptivas construindo diferentes opções de localização, perspectiva e estágio. Em todos os casos, ainda que a oração realize um processo visualizado, a receptividade da oração determina a atualização do processo em algum

momento relativo ao aqui-e-agora da interação, mesmo que o processo esteja no futuro e/ou seja visualizado.

QUADRO 59 – A realização da experiência de tempo por orações receptivas

Localização	Perspectiva	Exemplos
passado	atualizado & perfectivo	um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos <u>foi criado</u> por nós
passado no passado	atualizado & perfectivo	um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos <u>havia sido criado</u> por nós
presente	atualizado & perfectivo	um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos <u>é criado</u> por nós
presente no presente	atualizado & imperfectivo	um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos <u>está sendo criado</u> por nós
futuro	visualizado & perfectivo	um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos <u>será criado</u> por nós
futuro no futuro	visualizado & perfectivo	um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos <u>irá ser criado</u> por nós
nenhuma	atualizado & imperfectivo	um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos <u>sendo criado</u> por nós
nenhuma	atualizado & imperfectivo	um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos <u>sido criado</u> por nós
passado	atualizado & imperfectivo	um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos <u>acabou de ser criado</u> por nós
presente	atualizado & perfectivo	um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos <u>continua a ser criado</u> por nós
futuro	visualizado & imperfectivo	um ambiente de maior igualdade e de oportunidades para todos <u>começará sendo criado</u> por nós

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Além das orações receptivas, as Circunstâncias de extensão e localização também representam um componente importante da rede de sistemas de TRANSITIVIDADE para a realização da experiência de tempo. Mais especificamente, as Circunstâncias de localização contribuem para a realização da localização temporal e/ou da perspectiva, podendo indicar o momento relativo ao aqui-e-agora da interação em que a experiência acontece, e as Circunstâncias de extensão contribuem para a realização da perspectiva temporal, podendo enfatizar a transitoriedade da figura no fluxo de experiência como um todo. O QUADRO 60 apresenta um panorama geral das opções de Circunstâncias de localização e extensão.

QUADRO 60 – Circunstâncias de extensão e localização temporal do português brasileiro

Tipo de Circunstância				Exemplos				
extensão temporal		duração	definida	por doze anos				
			indefinida	por muito tempo				
		frequência	definida	três vezes				
			indefinida	poucas vezes				
localização temporal	absoluta		repouso		definida	em 2005		
					indefinida	de tarde		
			movi- mento	aproxi- mação	definida	antes de quinta-feira		
				indefinida	antes do prazo			
	afasta- mento	definida	após três horas					
		indefinida	após algumas horas					
	relativa		próxima		repouso		definida	em 5 minutos
							indefinida	em alguns minutos
			movi- mento	aproxi- mação	definida	até 10 minutos		
					indefinida	até agora		
				afasta- mento	definida	daqui 5 minutos		
					indefinida	daqui alguns minutos		
			remota		repouso		definida	em um ano
							indefinida	em alguns anos
movi- mento	aproxi- mação	definida			até meio século			
		indefinida			até algum dia			
	afasta- mento	definida			daqui uma década			
		indefinida			daqui algumas décadas			

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Com relação à localização temporal, as Circunstâncias podem operar de duas maneiras diferentes: complementando ou contradizendo a realização de localização pelo Processo. Do Exemplo (108) ao Exemplo (111) é ilustrada a complementaridade na realização da localização temporal por Processo e Circunstância.

Exemplo (108) constituindo *hoje* um perigoso arsenal que põe em risco vidas humanas

Exemplo (109) *nos últimos 30 anos* as atividades de mineração de toda a Amazônia tenham lançado no ambiente algo em torno de 3 mil toneladas do metal.

Exemplo (110) A transferência do Colégio Nossa Senhora do Rosário para a Praça Dom Sebastião, esquina Avenida Independência, ocorreu em 1927.

Exemplo (111) Foi assim nos Estados Unidos *a partir dos anos 30*.

A complementaridade pode ocorrer tanto para Processos que não realizam localização (“constituindo” e “tenham lançado”), quando as Circunstâncias são os únicos componentes responsáveis por realizar alguma opção de localização, quanto para Processos que realizam alguma localização (“foi” e “ocorreu”), quando ambos os componentes realizam a mesma opção de localização. Nesses casos, há complementaridade entre Processo e Circunstância para a realização de uma única localização.

Do Exemplo (112) ao Exemplo (115) é ilustrada a contradição na realização da experiência de tempo por Processo e Circunstância.

- Exemplo (112) constituirá *hoje* um perigoso arsenal que põe em risco vidas humanas
- Exemplo (113) *nos últimos 30 anos* as atividades de mineração de toda a Amazônia terão
lançado no ambiente algo em torno de 3 mil toneladas do metal.
- Exemplo (114) A transferência do Colégio Nossa Senhora do Rosário para a Praça Dom
Sebastião, esquina Avenida Independência, ocorre em 1927.
- Exemplo (115) É assim nos Estados Unidos *a partir dos anos 30*.

Nesses casos, há uma tensão entre a realização da localização pelo Processo e pela Circunstância, ocorrendo uma subordinação da localização da Circunstância à localização do Processo. Assim, o Exemplo (112) e o Exemplo (113) realizam a localização de futuro, ainda que as Circunstâncias realizem o presente e o passado, respectivamente; e o Exemplo (114) e o Exemplo (115), a localização de presente, ainda que as Circunstâncias realizem o passado. Nesse sentido, a realização da localização pela Circunstância diz respeito localização temporal secundária, cabendo somente ao Processo realizar a localização primária (cf. 4.1). Portanto, a Circunstância de localização temporal contribui para a realização de um maior detalhamento da experiência de tempo construída pelo processo na figura.

É importante destacar que há um limite para essa contradição em relação aos Processos: quando realizam a localização de passado, não podem divergir de Circunstâncias. Porém, Processos e Circunstâncias podem divergir quando realizam a localização de presente ou futuro. Com isso, uma oração como “constituíram amanhã um perigoso arsenal que põe em risco vidas humanas” é improvável em português brasileiro, enquanto “constituirá hoje um perigoso arsenal que põe em risco vidas humanas” e “constituem amanhã um perigoso arsenal

que põe em risco vidas humanas” têm probabilidades maiores de serem instanciadas em um texto.

Com relação à perspectiva temporal, as Circunstâncias de extensão podem realizar o enfoque da transitoriedade da figura no fluxo de experiência como um todo, contribuindo para a realização do desdobramento imperfectivo. Semelhantemente às Circunstâncias de localização, as Circunstâncias de extensão também podem complementar ou contradizer o desdobramento realizado pelo Processo. O Exemplo (116) e o Exemplo (117) ilustram a complementaridade na realização do desdobramento temporal por Processo e Circunstância, ambos realizando do desdobramento imperfectivo.

Exemplo (116) E não obstante o fato de que o trabalho de arquivista não previsse a leitura dos folhetos, mas tão somente a sua adequação ao espaço do Arquivo, *por vezes, escapava* às tarefas de praxe

Exemplo (117) Davi orava três vezes ao dia

Em comparação, do Exemplo (118) ao Exemplo (121) observa-se a contradição na realização do desdobramento temporal por Processo e Circunstância, nos quais os Processos realizam o desdobramento perfectivo, e as Circunstâncias o imperfectivo.

Exemplo (118) Esta pesquisa nasceu das atividades de catalogação e organização do acervo de folhetos, manuscritos e gravuras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), realizadas durante o ano de 2007.

Exemplo (119) que durante um ano e meio se engajaram em um treinamento intensivo de saúde

Exemplo (120) Nessa região costeira, a indústria química Chisso jogou no mar entre as décadas de 1930 e 1960 grandes quantidades de metil-mercúrio, a forma mais tóxica desse metal, que é facilmente absorvida por peixes e outros animais aquáticos.

Exemplo (121) Nesses rios, a extração artesanal do ouro *frequentemente consome* mercúrio.

Semelhantemente à realização da localização, em casos de contradição o Processo realiza o desdobramento principal, enquanto a Circunstância adiciona mais detalhes ao fluxo de experiência construído na figura. Assim, do Exemplo (118) ao Exemplo (121), o desdobramento construído pelos processos nessas figuras continua sendo perfectivo.

Circunstâncias de localização e extensão podem coocorrer em uma oração, de maneira que contribuem juntas para a realização da localização e da perspectiva. O Exemplo (122) ilustra esse caso, com a Circunstância de localização sendo “no ano de 1900” e a de expansão sendo “durante os meses de fevereiro e março”.

Exemplo (122) No ano de 1900, durante os meses de fevereiro e março, os primeiros Maristas chegaram à cidade de Bom Princípio (RS)

Por fim, cumpre destacar que outros tipos de Circunstância também podem contribuir para a realização da experiência de tempo em casos específicos. Por exemplo, a Circunstância de modo: grau no Exemplo (123), “praticamente”, contribui para a realização do perfil ilimitado do processo (realizado pelo grupo verbal “é descartada”) e da perspectiva visualizada. Em comparação, a Circunstância de modo: grau “completamente” contribuiria para a realização de um perfil delimitado e de uma perspectiva atualizada.

Exemplo (123) A outra possível fonte do mercúrio que se acumula na bacia do rio Negro – o uso no garimpo ou em atividades industriais – é praticamente descartada pelos pesquisadores,

Com relação à metafunção textual, a experiência de tempo pode ser realizada por algumas opções da rede de sistemas de tema, como ilustra a FIGURA 49, com destaque para algumas opções de Temas tópicos e interpessoais, e para os Temas textuais.

Semelhantemente às redes de sistemas de MODO e TRANSITIVIDADE, a rede de sistemas de TEMA também tem como condição de entrada a oração maior. Entretanto, diferentemente das redes de sistemas de MODO e TRANSITIVIDADE, qualquer componente da oração pode desempenhar a função de Tema. Halliday e Matthiessen (2014, p. 89) explicam que “o Tema é o elemento que serve como ponto de partida para a mensagem, localizando e orientando a oração dentro de seu contexto”⁶⁵. Figueredo (2011, p. 103) esclarece que

a noção de “ponto de partida” implica em uma organização tal que um elemento funcional da oração, o Tema, é responsável por estabelecer a base de interpretação para o restante da oração, o Rema, culminando em seu “ponto de chegada”. Assim, visto dentro dos limites da oração, o TEMA se constitui como “o recurso empregado para se manipular a contextualização da oração. É empregado no estabelecimento do contexto local para cada oração de um texto”⁶⁶ (MATTHIESSEN, 1995, p. 531).

Em relação ao Tema tópico (resultado das cosseleções nos sistemas de ORIENTAÇÃO MODAL, ORIENTAÇÃO TRANSITIVA e SELEÇÃO TEMÁTICA), a experiência de tempo pode servir como ponto de partida da oração ao ser realizada por algum componente com função de Tema. No Exemplo (124), a frase preposicional com função de Adjunto circunstancial e Circunstância de extensão (em itálico) também realiza a função de Tema, mais especificamente: Tema perspectiva: intensificação. Nesse caso, a localização temporal de passado é o ponto de partida da oração e, nos termos de Figueredo (2011, p. 103), estabelece “a base de interpretação para o restante da oração”, de maneira que o Rema também realiza a localização de passado e ainda pode construir em maiores detalhes a experiência de tempo, como a perspectiva atualizada e perfectiva realizada pelo grupo verbal “recolheram”, com função de Finito, Predicador e Processo.

Exemplo (124) *De setembro de 1995 a novembro de 1998*, ele e o químico Pedro Sérgio Fadini, hoje na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, recolheram amostras do solo, da atmosfera, dos rios e dos lagos em aproximadamente dois terços da bacia do rio Negro – desde Santa Isabel do Rio Negro, cidade próxima à fronteira com a Venezuela, até a vizinhança de Manaus, onde o Negro se une ao Solimões e forma o Amazonas.

⁶⁵ Minha tradução de: “*Theme is the element that serves as the point of departure of the message; it is that which locates and orients the clause within its context*”.

⁶⁶ Tradução de Figueredo (2011, p. 103) de: “*The resource for manipulating the contextualization of the clause; it is the resource for setting up a local context for each clause in a text*”.

Em comparação, no Exemplo (125), o grupo verbal com função de Finito, Predicador e Processo (sublinhado) realiza também a função de Tema de papel transitivo nuclear. Aqui, em relação à experiência de tempo, o ponto de partida da oração é a localização no passado e a perspectiva atualizada e perfectiva.

Exemplo (125) Aumentaram o desemprego, a fome e a miséria.

Diante disso, é possível notar que a metafunção textual, que organiza um texto como um fluxo de informação, realizado na lexicogramática por diferentes opções de Tema, permite que a experiência de tempo seja organizada no texto em uma estrutura periódica, de maneira que essa experiência pode ter proeminência conforme diferentes parâmetros. Isso pode ser observado no Exemplo (126), que é um segmento de um texto de propaganda turística sobre a cidade de São Paulo. Nesse exemplo, os itens com função de Tema, tanto para orações independentes quanto em relação de parataxe e hipotaxe, encontram-se sublinhados, e aqueles que realizam a experiência de tempo em itálico.

Exemplo (126) *Em 1815*, a cidade se *transformou* em capital da Província de São Paulo. Mas somente doze anos depois ganharia sua primeira faculdade, de Direito, no Largo São Francisco. *A partir de então*, São Paulo se tornou um núcleo intelectual e político do país. Mas apenas se tornaria um importante centro econômico com a expansão da cafeicultura *no final do século XIX*. Imigrantes chegaram dos quatro cantos do mundo para trabalhar nas lavouras e, *mais tarde*, no crescente parque industrial da cidade. Mais da metade dos habitantes da cidade, *em meados da década de 1890*, era formada por imigrantes. *No início dos anos 1930*, a elite do Estado de São Paulo *entrou* em choque com o governo federal. O resultado foi a Revolução Constitucionalista de 1932, que estourou no dia 9 de julho (hoje feriado estadual). Os combates duraram três semanas e São Paulo saiu derrotado. O Estado ficou isolado no cenário político, mas não evitou o florescimento de instituições educacionais. *Em 1935* foi criada a Universidade de São Paulo, que mais tarde receberia professores como o antropólogo francês Lévi-Strauss. *Na década de 1940*, São Paulo também *ganou* importantes intervenções urbanísticas, principalmente no setor viário. A indústria se tornou o principal motor econômico da

cidade. A necessidade de mais mão-de-obra nessas duas frentes trouxe brasileiros de vários Estados, principalmente do nordeste do país.

Na década de 1970, o setor de serviços ganhou maior destaque na economia paulistana. As indústrias migraram para municípios da Grande São Paulo, como o chamado ABCD (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema). Hoje, a capital paulista é o centro financeiro da América Latina e por isso ainda recebe de braços abertos brasileiros e estrangeiros que trabalham e vivem na cidade de São Paulo, em um ambiente de tolerância e respeito à diversidade de credos, etnias, orientações sexuais e tribos.

Esse segmento do texto busca contar de forma resumida a história da cidade de São Paulo. Para isso, toma como ponto de partida das orações os Participantes (e.g., “imigrantes”), os Processos (“evitou”) ou as Circunstâncias (“em 1815”), dentre os quais os Processos e as Circunstâncias de localização e extensão realizam a localização, a perspectiva e o estágio. Observa-se que o início dos parágrafos conta com Circunstâncias de localização e extensão em posição temática, de maneira que estabelecem diferentes fases do desenvolvimento da cidade. Nessas fases, encontram-se diferentes Participantes em posição temática, todas em configurações *default* do Tema para orações declarativas (Sujeito/Participante 1 ^ Finito/Processo) e uma ocorrência de Tema equativo (“O resultado foi a Revolução Constitucionalista de 1932”); e também encontram-se outras Circunstâncias de localização e extensão em posição temática detalhando a localização e a perspectiva de cada fase. Portanto, nesse segmento é possível notar como as escolhas dos Temas contribuem para o relato histórico do desenvolvimento de São Paulo, muitas vezes adotando a localização ou a perspectiva temporal como ponto de partida da oração.

Para além da contribuição dos Temas tópicos para a construção da experiência de tempo no fluxo de informação do texto como um todo, algumas opções da rede de sistemas de TEMA apresentam algumas particularidades.

Começando pelo Tema predicado, ele possibilita que qualquer componente com função experiencial na oração ganhe proeminência. O Tema predicado pode ser realizado por estruturas diferentes: *default* local, cuja estrutura é *ser* ^ Elemento ^ *que*; e proeminente local, cuja estrutura é Elemento ^ *ser* ^ *que* ou Elemento ^ *que*. Do Exemplo (127) ao Exemplo (129) são ilustradas as opções de Tema predicado (em itálico).

- Exemplo (127) *Foi assim que* o objeto da pesquisa passou a ganhar, pouco a pouco, uma configuração.
- Exemplo (128) *Assim foi que* o objeto da pesquisa passou a ganhar, pouco a pouco, uma configuração.
- Exemplo (129) *Assim que* o objeto da pesquisa passou a ganhar, pouco a pouco, uma configuração.

Ainda que este Tema pareça empregar o verbo *ser* em sua estrutura, Figueredo, Pagano e Ferregueti (2014, p. 325) esclarecem que se trata de uma partícula textual operando no Tema predicado, apresentando três possibilidades: *é*, *era* e *foi*. Diante disso, seria possível afirmar que (i) a partícula textual *é* realiza a localização de presente e a perspectiva imperfectiva, (ii) *era* realiza a localização de passado e a perspectiva imperfectiva e (iii) *foi* realiza a localização de passado e a perspectiva perfectiva. No entanto, como explicam Figueredo, Pagano e Ferregueti (2014, p. 325), *era* e *foi* coocorrem com orações que realizam a localização de passado; e *é*, com orações no presente ou futuro. Assim, o que ocorre com a partícula textual *ser* é que ela somente é determinada pela localização temporal realizada pela oração, não sendo capaz de estabelecer uma localização própria. Isso é evidenciado também pelo fato de uma das opções de Tema predicado proeminente local nem sequer apresentar a partícula textual *ser* em sua estrutura. Portanto, o Tema predicado não pode realizar a experiência de tempo, somente sendo guiado pela localização temporal realizada pela oração.

Figueredo, Pagano e Ferregueti (2014) também explicam que o Tema predicado é tratado em conjunto com o Tema identificativo pelo conceito de “oração clivada” por alguns autores (cf. BRAGA, 1991; BRAGA; BARBOSA, 2009). No entanto, uma das maneiras de evidenciar o fato de que se tratam de fenômenos diferentes do português brasileiro é a possibilidade de realização da experiência de tempo pelo Tema identificativo.

A realização do Tema identificativo se dá por meio da estrutura de orações relacionais identificativas: nominalização \wedge *ser* \wedge nominalização (ou grupo nominal). Essa estrutura estabelece uma relação de igualdade entre o Tema e o Rema da oração, de maneira que um dos elementos é o Identificado e o outro é o Identificador. O Tema identificativo por codificação envolve a seleção do Identificado em posição temática, enquanto o Tema identificativo por decodificação conta com a seleção do Identificador. O Exemplo (130) e o Exemplo (131) ilustram respectivamente essas duas opções, com os Temas indicados em itálico.

- Exemplo (130) *Mapear a concentração de mercúrio na região* foi o primeiro passo.
 Exemplo (131) *O primeiro passo* foi mapear a concentração de mercúrio na região.

Diferentemente do Tema predicado, o Tema identificativo tem à disposição a experiência de tempo, sendo possível realizar qualquer opção de localização (passado, presente e futuro), perspectiva (visualizada, atualizada, perfectiva, imperfectiva) e estágio (real, temporal, começo, intermédio e final).

Além do Tema tópico, o Tema textual também pode contribuir para a realização de opções da experiência de tempo. De acordo com Figueredo (2011, p. 122, 139-140), esse tipo de Tema tem a função de ligar a oração ao texto, podendo ser dividido em: (i) conjuntivo, ligando orações interdependentes e sendo realizado por um grupo conjuntivo (*e.g.*, “e”, “mas”, “pois”) ou frase preposicional (“em seguida”); (ii) continuativo, ligando uma oração ao discurso que a antecede, sendo também realizado por um grupo conjuntivo (“também”, “e mesmo porque”, “entretanto”), assim como por um grupo adverbial (“primeiramente”, “ainda”) ou frase preposicional (“nessa época”); e (iii) relativo, tendo a função de substituir em uma oração algum elemento experiencial da oração antecedente e sendo realizado por grupos nominais e adverbiais (“o qual”, “que”, “quando”). Figueredo (2011, p. 122) lista diversas possibilidades de realização do Tema textual, reproduzidos aqui no QUADRO 61.

Diante disso, é possível tratar de cada Tema textual detidamente. Começando pelo Tema conjuntivo, ele pode contribuir para a realização da experiência de tempo ao participar da estrutura da relação de intensificação temporal entre duas orações, na qual grupos conjuntivos podem contribuir para a construção da localização e da perspectiva.

QUADRO 61 – Realização e exemplos de Temas textuais

Tema textual	Realização	Exemplos
conjuntivo	grupo conjuntivo	e, nem, não só, sendo que, mas também, como também, mas ainda, mas; porém, todavia, contudo, no entanto, ou, ora quer, logo, portanto, pois, por isso, que, porque, como, que (projeção), se (projeção), ainda que, embora, entretanto, contanto que, salvo se, desde que, a menos que, a não ser que, se acaso, conforme, segundo, consoante, à medida que, quanto mais, ao passo que, enquanto, assim que, logo que, desde que, depois que, sempre que, mal, de modo que, de forma que, tão, tal, tanto que, tamanho, tal como, como se, além do mais, etc.
continuativo	continuativo	e, é, ah, mas, sim, bem, não, agora, então, pois é, tipo, tipo assim, ó, daí, aí, aí então, quer dizer, assim, primeiro-segundo-terceiro-..., 1-2-3..., em seguida, por fim, porque; porém, também, é que, olha, etc.
relativo	grupo nominal, grupo adverbial	que, quem, onde, de onde, qual, quais, a quem, a que, de onde, porque, como, pelo qual, quanto, quantos, etc.

Fonte: Figueredo (2011, p. 122).

Do Exemplo (132) ao Exemplo (134), observam-se os grupos conjuntivos “enquanto”, “assim que” e “sempre que” operando como Tema conjuntivo e contribuindo para a realização da experiência temporal.

Exemplo (132) Após promover um dos grandes réveillons do planeta, a cidade inicia o ano com a Couromoda, feira com mais de 65 mil profissionais de todo o mundo, enquanto prepara a primeira edição da SP Fashion Week, que acontece de novo em julho.

Exemplo (133) Assim que viu o jornal que Júlio Augusto Pereira, o marquês de Salles, estava lendo, Pimenta logo percebeu que não havia mais motivos para fazer segredos com o caso das moças mortas.

Exemplo (134) A Embraer reserva-se o direito de solicitar alterações ou melhorias nas embalagens, sempre que forem detectados falhas ou riscos de não conformidades ao material.

Nesses exemplos, a relação de intensificação temporal entre as orações é “mediada” pelo grupo conjuntivo, que assume uma posição temática na oração hipotática. No Exemplo (132), o Tema conjuntivo “enquanto” é o ponto de partida da oração hipotática e contribui para a realização da perspectiva atualizada & imperfectiva na relação lógico-semântica estabelecida entre as orações. Uma maneira de verificar a realização da perspectiva atualizada & imperfectiva é a agnação com uma oração simples com Circunstância de extensão (“*durante a feira, a cidade prepara a primeira edição da SP Fashion Week*”).

Já no Exemplo (133), o Tema conjuntivo “assim que” contribui para a realização da localização de passado e da perspectiva atualizada & perfectiva. Isso pode ser evidenciado por meio da agnação com uma oração com Circunstância de localização (“naquele momento, viu o jornal que Júlio Augusto Pereira, o marquês de Salles, estava lendo”).

E no Exemplo (134), o grupo conjuntivo “sempre que” operando como Tema conjuntivo colabora para a realização da localização de futuro e da perspectiva visualizada & imperfectiva, o que é evidenciado pelo Predicador da oração “forem detectados”, que realiza uma oração presa subjuntiva optativa. Como explicado anteriormente, orações subjuntivas realizam uma localização interna à própria figura e, no caso das optativas, realizam a localização de futuro. A realização da perspectiva visualizada & imperfectiva se deve ao tipo de oração, na qual subjuntivas somente realizam a visualização, e à presença do advérbio “sempre” no grupo conjuntivo, que realiza o desdobramento imperfectivo.

Com relação ao Tema continuativo, ele pode realizar a experiência de tempo estabelecendo uma relação de intensificação temporal entre uma oração e o texto que a antecede. Como no caso do Tema conjuntivo, a relação entre oração e texto é realizada na oração por algum elemento com função de Adjunto conjuntivo, podendo contribuir para a construção da localização e do estágio. Do Exemplo (135) ao Exemplo (137), os Temas continuativos “daqueles tempos”, “nessa época” e “até então” realizam a localização de passado. Já no Exemplo (138), no Exemplo (139) e no Exemplo (140), os Temas continuativos “em primeiro lugar”, “a seguir” e “finalmente” realizam os estágios de começo, intermédio e final, respectivamente. Semelhantemente ao Tema conjuntivo, nesses exemplos, a relação de intensificação temporal entre a oração e o texto antecedente é “mediada” pelo Adjunto conjuntivo em posição temática.

- Exemplo (135) Quase cinco séculos depois, o povoado de Piratininga se transformou numa cidade de 11 milhões de habitantes. Daqueles tempos, restam apenas as fundações da construção feita pelos padres e índios no Pateo do Collegio.
- Exemplo (136) Piratininga demorou 157 anos para se tornar uma cidade chamada São Paulo, decisão ratificada pelo rei de Portugal. Nessa época, São Paulo ainda era o ponto de partida das bandeiras, expedições que cortavam o interior do Brasil.
- Exemplo (137) O interesse de Jardim por estudar a bacia do rio Negro surgiu no início dos anos 1990, quando começaram a ser publicados os primeiros estudos mostrando alta concentração de mercúrio em peixes dessa região, historicamente pouco atingida pela mineração. Até então, as pesquisas voltadas para rastrear a concentração desse metal pesado nos rios da Amazônia se voltavam para as áreas próximas a garimpos, como as bacias dos rios Tapajós e Madeira, onde o mercúrio havia sido considerado um importante fator de contaminação da natureza.
- Exemplo (138) Em primeiro lugar são apontadas as características que estes algoritmos devem possuir, para, em seguida, mostrar quais os algoritmos mais frequentemente utilizados.
- Exemplo (139) A seguir, descrevem-se e discutem-se as variáveis espaço-temporais, que além dos propósitos de monitoramento e sinal de alerta, servem ainda para a localização geográfica das epidemias, lançando mão do geoprocessamento.
- Exemplo (140) O uso da internet é enfatizado, mencionando-se a utilização de servidores para rede, diferentes aplicativos, sistemas de informações geográficas (GIS) para redes e softwares de vigilância sanitários para redes. Segue-se a visualização das aplicações em vigilância sanitária, o que normalmente é realizado utilizando-se um GIS. Apresentam-se protocolos para comunicação dos usuários do sistema. Finalmente, são listados tópicos essenciais à implantação de um sistema de segurança para o sistema de vigilância.

É importante destacar, no entanto, que continuativos podem não ocorrer em posição temática, de maneira que esses elementos continuam contribuindo para a realização lexicogramatical do tempo na oração; porém, não mais sendo seu ponto de partida. Isso pode ser ilustrado com o Exemplo (141), realizando a função de conjunção, e o Exemplo (142) e o Exemplo (143), realizando a função de continuativo.

Exemplo (141) Piratininga demorou 157 anos para se tornar uma cidade chamada São Paulo, decisão ratificada pelo rei de Portugal. São Paulo, nessa época, ainda era o ponto de partida das bandeiras, expedições que cortavam o interior do Brasil.

Exemplo (142) A seção inicial do texto (parte introdutória) ressalta a importância da vigilância sanitária nos dias atuais e como as transformações no seu âmbito estão vinculadas ao progresso tecnológico, traçando um breve histórico deste vínculo dinâmico entre tecnologias e sua aplicação concreta em sistemas de informação. Exemplifica então os conceitos formulados, lançando mão de epidemias de grande relevância e magnitude que tiveram lugar no século XX, como, por exemplo, a epidemia da gripe (influenza) espanhola, nas primeiras décadas do século passado.

Exemplo (143) O uso da internet é enfatizado, mencionando-se a utilização de servidores para rede, diferentes aplicativos, sistemas de informações geográficas (GIS) para redes e softwares de vigilância sanitários para redes. Segue-se a visualização das aplicações em vigilância sanitária, o que normalmente é realizado utilizando-se um GIS. Apresentam-se protocolos para comunicação dos usuários do sistema. São listados, finalmente, tópicos essenciais à implantação de um sistema de segurança para o sistema de vigilância.

Por fim, o Tema relativo estabelece uma relação entre uma oração e algum elemento Experiencial de outra oração por meio da sua substituição por algum grupo nominal ou adverbial, realizados por um elemento *qu-* (“que”, “quem”, “onde”, “de onde”, “qual”, “quais”, “a quem”, “a que”, “de onde”, “porque”, “como”, “pelo qual”, “quanto”, “quantos”, etc.). Para ilustrar esse tipo de Tema, o Exemplo (144) e o Exemplo (145) apresentam os Temas relativos “nos quais” e “quando” nas orações hipotáticas “nos quais foram percorridos mais de seis mil quilômetros” e “quando começaram a ser publicados os primeiros... pela mineração”. Esses Temas estabelecem relações com o Participante “vinte e cinco dias” e a Circunstância de localização “no início dos anos 1990” nas orações que as antecedem.

Exemplo (144) Foram *vinte e cinco dias*, no final de 1994, nos quais foram percorridos mais de seis mil quilômetros.

Exemplo (145) O interesse de Jardim por estudar a bacia do rio Negro surgiu *no início dos anos 1990*, quando começaram a ser publicados os primeiros estudos mostrando alta

concentração de mercúrio em peixes dessa região, historicamente pouco atingida pela mineração.

Como nos Temas conjuntivo e continuativo, a relação entre elementos e orações exercida pelo Tema relativo pode contribuir para a construção da localização e da perspectiva. Entretanto, diferentemente dos Temas conjuntivo e continuativo, o Tema relativo só estabelece uma relação com um elemento de uma oração anterior. Mais especificamente, a realização da experiência de tempo pelo Tema relativo ocorre quando estabelece uma relação com uma Circunstância de localização ou extensão, como ilustrado nos exemplos acima.

Além disso, é possível observar nesses exemplos que o *qu-* relativo só pode ocorrer em posição temática, diferente dos elementos conjuntivos e continuativos que podem operar em outras posições na oração. Com isso, uma oração como “foram percorridos nos quais mais de seis mil quilômetros” é improvável de ser instanciada em português brasileiro. Nesse sentido, a relação estabelecida pelo Tema relativo necessariamente tem o papel de “mediar” essa relação entre elementos e orações, não sendo provável a ocorrência dessas relações em outras posições na oração além da temática.

Por fim, em relação ao Tema interpessoal, sua função é adotar como ponto de partida da oração a avaliação do falante sobre a troca e a encenação dos papéis dos interlocutores. O Tema interpessoal pode contribuir para a realização dos significados interpessoais nos casos em que é realizado por Adjuntos de modo, mais especificamente de temporalidade, ou por elementos *qu-* em orações interrogativas elementais, nas quais o elemento faltante é uma Circunstância. O QUADRO 62 é um resumo das realizações e exemplos apresentados por Figueredo (2011, p. 122), com enfoque nos tipos de Tema interpessoal que podem realizar a experiência de tempo.

QUADRO 62 – Realização e exemplos de Temas interpessoais

Tema interpessoal	Realização	Exemplos
avaliação: modo	grupo adverbial, frase preposicional	sempre, geralmente, de vez em quando, às vezes, vez por outra, ocasionalmente, raramente, nunca, totalmente, completamente, por completo, quase, virtualmente, quase nunca, dificilmente, de fato, de certeza, apenas, simplesmente, meramente, etc.
encenação: troca	grupo nominal, grupo adverbial	que, quem, qual, quanto, quantos, quando, como, onde, de quem, por quê, etc.

Fonte: adaptado de Figueredo (2011, p. 122).

O Exemplo (146), a seguir, apresenta o Tema interpessoal “já”, um Adjunto modal de temporalidade realizando a expectativa próxima positiva na oração e contribuindo para a realização da perspectiva imperfectiva do processo. No Exemplo (147), encontra-se o Tema interpessoal “quando”, um elemento *qu-* referente à informação solicitada pelo falante, que nesse caso diz respeito a uma Circunstância de localização. Essa Circunstância contribui para a realização da localização de passado do Processo/Predicador “ficou sabendo”, ainda que não seja específica, pois essa é justamente a informação faltante.

Exemplo (146) É isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes.

Exemplo (147) Quando você ficou sabendo dele?

4.2.2 A realização da experiência de tempo na ordem do grupo

Com relação à experiência de tempo realizada na ordem do grupo, ela pode ser tratada para cada classe de grupo detidamente. Primeiro, esta seção descreve como sistemas dos grupos verbais realizam a experiência de tempo; em seguida, apresenta os sistemas dos grupos nominais, por fim, discute como a frase preposicional pode ser entendida como uma estrutura experiencial realizando um Processo menor.

Os sistemas do grupo verbal são ilustrados pela FIGURA 50. Diferentemente dos sistemas da unidade da oração, não é necessário destacar sistemas específicos do grupo verbal. Isso se deve ao fato de a unidade semântica do processo ser realizada de maneira congruente na lexicogramática pelo grupo verbal. Com isso, o grupo verbal é o principal responsável na lexicogramática por realizar a rede de sistemas semântica de TEMPO. Em outras palavras: o grupo verbal é o principal componente da lexicogramática do português brasileiro a realizar a experiência de tempo conforme os parâmetros de localização, perspectiva e estágio.

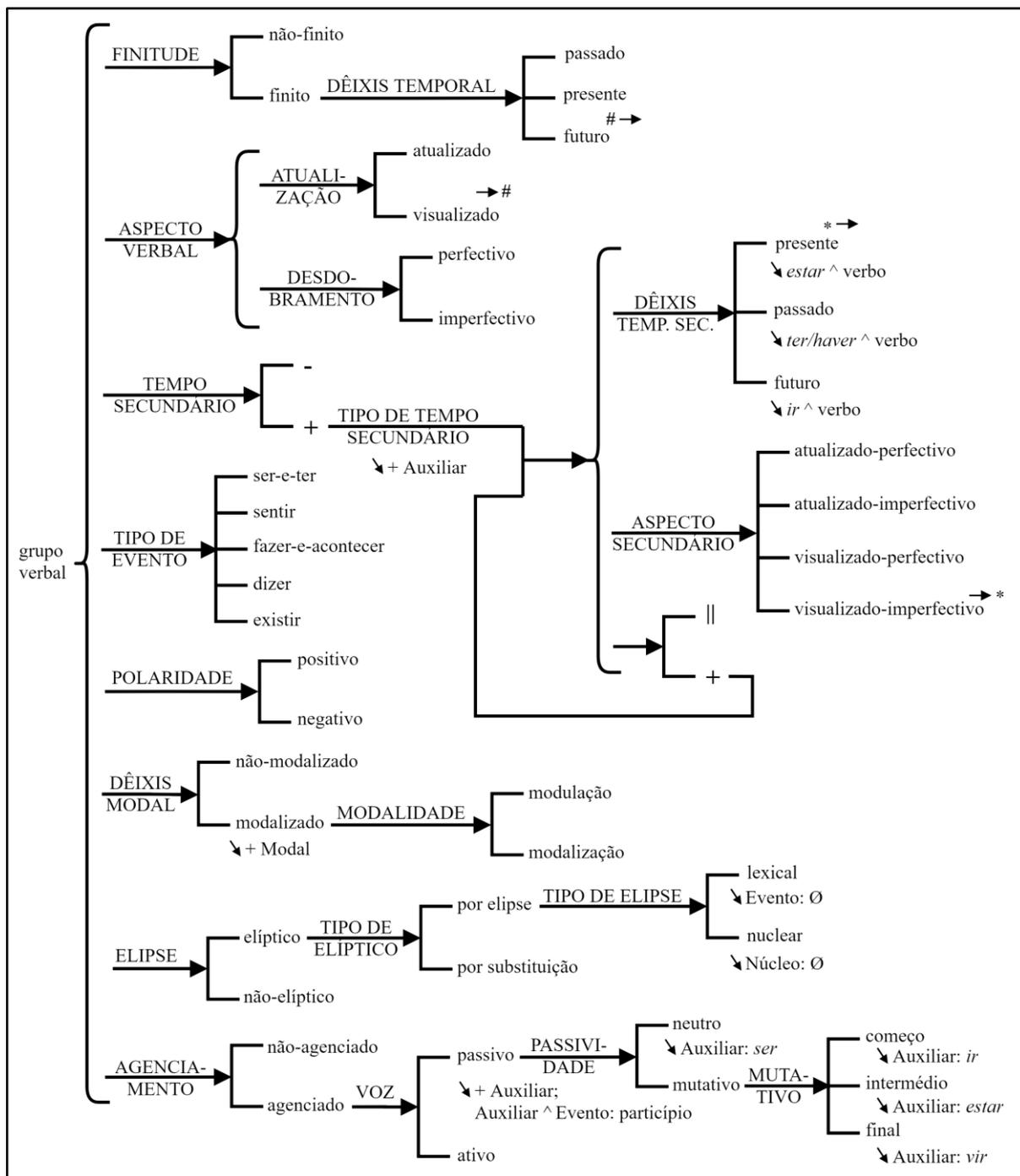


FIGURA 50 – Rede de sistemas do grupo verbal do português brasileiro

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

Começando pela realização da localização, o grupo verbal realiza as localizações primária e secundária. A localização primária é realizada pelo sistema de FINITUDE, que é o responsável por localizar o processo em relação ao aqui-e-agora na interação entre falante e ouvinte. Um grupo verbal finito é localizado em relação ao momento da interação (e.g.,

“conquistaram”, “estamos fazendo”, “criaremos”), enquanto um grupo verbal não-finito não realiza essa localização (“permita”, “seja”, “usado”). A finitude de um grupo verbal é realizada por um verbo com função de Finito, que é o primeiro verbo do grupo. Caso haja somente um verbo no grupo, ele tem a função de Finito e Evento; caso haja mais de um verbo, as funções são realizadas por componentes diferentes. O QUADRO 63 apresenta alguns exemplos de grupos verbais, ilustrando as funções desempenhadas pelos verbos, sua estrutura lógica e a localização temporal que realizam.

QUADRO 63 – As funções que os verbos operam no grupo verbal e sua estrutura lógica

	considerava
Funções	Finito/Evento
Estrutura lógica	
Localização	passado
Localização secundária	

	era	considerado
Funções	Finito/Auxiliar	Evento
Estrutura lógica	α	β
Localização	passado	
Localização secundária		

	havia	considerado
Funções	Finito/Auxiliar	Evento
Estrutura lógica	α	β
Localização	passado	
Localização secundária	passado	

	havendo	considerado
Funções	Auxiliar	Evento
Estrutura lógica	α	β
Localização		
Localização secundária	passado	

	havia	sido	considerado
Funções	Finito/Auxiliar	Auxiliar	Evento
Estrutura lógica	α	β	γ
Localização	passado		
Localização secundária	passado		

	podia	haver	sido	considerado
Funções	Finito/Modal	Auxiliar	Auxiliar	Evento
Estrutura lógica	α	β	γ	δ
Localização	passado			
Localização secundária		passado		

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Tendo em vista a rede de sistemas de MODO já discutida na seção 4.2.1, nota-se que a função do Finito opera tanto segundo a metafunção interpessoal, realizando o tipo de troca estabelecido entre falante e ouvinte (declaração, comando, pergunta ou oferta), quanto segundo a metafunção ideacional, realizando a localização temporal do processo em relação ao aqui-e-agora da troca entre falante e ouvinte (passado, presente ou futuro). Nesse sentido, grupos verbais finitos (“considerava”, “era considerado”, “havia considerado”, “havia sido considerado”, “podia haver sido considerado”) operam em orações indicativas, enquanto grupos verbais não-finitos operam em orações imperativas (“considere”) e presas não-finitas (“havendo considerado”, “considerasse”). Como consequência, somente grupos verbais finitos podem selecionar opções no sistema de DÊIXIS TEMPORAL e, portanto, realizar a localização primária.

Assim, os grupos do QUADRO 63 realizam a localização de passado por meio do verbo com função de Finito: “considerava” (que também tem função de Evento), “era” (também com função de Auxiliar), “havia” (também com função de Auxiliar) e “podia” (também com função de Modal). Em comparação, os grupos verbais “considerando”, “sendo considerado”, “havendo considerado”, “havendo sido considerado” e “podendo haver sido considerado” não realizam localização primária.

Também é possível notar no QUADRO 63 a estrutura lógica dos grupos verbais, que é organizada da esquerda para a direita, iniciando no verbo com função de Núcleo (α), que pode confluir com alguma outra função interpessoal (Finito, Modal) ou ideacional (Auxiliar), e culminando no verbo com função de Evento. Nessa estrutura lógica, o verbo com função de Núcleo é o responsável por localizar o grupo verbal no aqui-e-agora da interação, de maneira que nenhum outro verbo pode realizar essa função. Assim, se o Núcleo é realizado por um verbo não-finito, o grupo verbal não pode realizar a localização primária.

Em contrapartida, é a estrutura lógica do grupo verbal que lhe permite realizar a localização temporal secundária. É o caso de “havia considerado”, “havendo considerado”,

“havia sido considerado” e “podia haver sido considerado”, que apresentam a estrutura *haver* ^ verbo: participípio, que realiza a localização secundária de passado. O sistema de TEMPO SECUNDÁRIO é o responsável por realizar na lexicogramática a localização secundária do processo. O QUADRO 64 resume e ilustra as opções de realização da localização secundária pelo grupo verbal.

QUADRO 64 – Realização da localização pelo sistema de TEMPO SECUNDÁRIO

Estrutura	Significado	Exemplos
Auxiliar: <i>ter/haver</i> ^ verbo: participípio	passado atualizado-perfectivo	havia considerado
Auxiliar: <i>vir</i> ^ verbo: gerúndio	passado atualizado-imperfectivo	vem considerando
Auxiliar: <i>estar</i> ^ verbo: gerúndio	presente atualizado-imperfectivo	está considerando
Auxiliar: <i>ir</i> ^ verbo: infinitivo	futuro visualizado-perfectivo	vai considerar
Auxiliar: <i>ir</i> ^ verbo: gerúndio	futuro visualizado-imperfectivo	vai considerando

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Observam-se no QUADRO 64 as diferentes estruturas responsáveis por realizar a localização secundária. O sistema de TEMPO SECUNDÁRIO é realizado por uma estrutura formada por um verbo com função de Auxiliar, seguido de algum outro verbo (que pode também ter função de Auxiliar ou função de Evento). O primeiro verbo da estrutura, com função de Auxiliar, pode apresentar qualquer morfologia, enquanto o segundo verbo pré-seleciona morfologias específicas para cada tempo secundário (gerúndio para visualizados & imperfectivos e atualizados & imperfectivos; participípio para atualizados & perfectivos; e infinitivo para visualizados & perfectivos).

Além disso, como é possível notar na rede de sistemas do grupo verbal ilustrada pela FIGURA 50, o sistema de TEMPO SECUNDÁRIO é recursivo e seleciona opções de dois sistemas: DÊIXIS TEMPORAL SECUNDÁRIA e ASPECTO SECUNDÁRIO. O primeiro envolve a realização da localização secundária (passado, presente, futuro), enquanto o segundo diz respeito à sua perspectiva (atualizado-perfectivo, atualizado-imperfectivo, visualizado-perfectivo, visualizado-imperfectivo). Com isso, a dêixis temporal secundária (i) de passado pode ser atualizada & perfectiva ou visualizada & imperfectiva, (ii) a de futuro pode ser visualizada & perfectiva ou visualizada & imperfectiva, e (iii) a de presente somente seleciona o desdobramento visualizado & imperfectivo.

Como no caso da localização secundária, que localiza a figura em relação a si mesma, oferecendo maiores detalhes sobre a transitoriedade do *quantum* de mudança, o sistema de ASPECTO SECUNDÁRIO permite que seja construída uma perspectiva secundária, interna, restrita às estruturas lógicas do grupo verbal, também fornecendo maiores detalhes sobre a transitoriedade.

Por ser um sistema recursivo, a princípio seria possível selecionar tempos secundários indefinidamente em uma longa estrutura serial. No entanto, o sistema de TEMPO SECUNDÁRIO só permite duas iterações e ainda apresenta algumas limitações em relação à localização primária e à perspectiva. Por fim, esse sistema opera de maneira independente do sistema de FINITUDE, podendo realizar a localização secundária ainda que não haja realização da primária. Dessa forma, tanto grupos verbais finitos quanto não-finitos podem selecionar opções nesse sistema.

O QUADRO 65 apresenta o paradigma com todas as possibilidades de realização de tempo primário e secundário pelo grupo verbal, distinguindo as possibilidades para grupos finitos (que realizam localização primária) e não-finitos (que não a realizam).

QUADRO 65 – A realização da localização por grupos verbais

		Estrutura lógica		Grupo finito		Grupo não-finito	
		γ	β	α			
				sem localização secundária			
1				pass. per.	fez	fizera	fazendo; feito; fazer
2				pass. imp.	fazia		
3				pass. vol.	faria		
4				presente	faz		
5				futuro	fará		
				passado perfectivo no (...)			
6			passado perfectivo	pass. per.			tendo/havendo feito; ter/haver feito
7				pass. imp.	tinha/havia feito		
8				pass. vol.	teria/haveria feito		
9				presente	tem feito		
10				futuro	terá/haverá feito		
				passado imperfeito no (...)			
11			passado imperfeito	pass. per.	veio fazendo		vindo fazendo; vir fazendo
12				pass. imp.	vinha fazendo		
13				pass. vol.	viria fazendo		
14				presente	vem fazendo		

15			futuro	virá fazendo	
		presente no (...)			
16		presente	pass. per.	esteve fazendo	estando fazendo; estar fazendo
17	pass. imp.		estava fazendo		
18	pass. vol.		estaria fazendo		
19	presente		está fazendo		
20	futuro		estará fazendo		
		futuro perfectivo no (...)			
21		futuro perfectivo	pass. per.	foi fazer	indo fazer; ir fazer
22	pass. imp.		ia fazer		
23	pass. vol.		iria fazer		
24	presente		vai fazer		
25	futuro		irá fazer		
		futuro imperfectivo (...)			
26		futuro imperfectivo	pass. per.	foi fazendo	indo fazendo; ir fazendo
27	pass. imp.		ia fazendo		
28	pass. vol.		iria fazendo		
29	presente		vai fazendo		
30	futuro		irá fazendo		
		presente no passado perfectivo no (...)			
31	presente	passado perfectivo	pass. per.		
32			pass. imp.	tinha/havia estado fazendo	
33			pass. vol.	teria estado fazendo	
34			presente	tem estado fazendo	
35			futuro	terá/haverá estado fazendo	
		passado imperfectivo no presente no (...)			
36	passado imperfectivo	presente	pass. per.	esteve vindo fazendo	estar vindo fazendo
37			pass. imp.	estava vindo fazendo	
38			pass. vol.	estaria vindo fazendo	
39			presente	está vindo fazendo	
40			futuro	estará vindo fazendo	
		futuro perfectivo no presente no (...)			
41	futuro perfectivo	presente	pass. per.	esteve indo fazer	estar indo fazer
42			pass. imp.	estava indo fazer	
43			pass. vol.	estaria indo fazer	
44			presente	está indo fazer	
45			futuro	estará indo fazer	
		passado perfectivo no futuro perfectivo no (...)			
46	passado perfectivo	futuro perfectivo	pass. per.	foi ter/haver feito	ir ter/haver feito
47			pass. imp.	ia ter/haver feito	
48			pass. vol.	iria ter/haver feito	
49			presente	vai ter/haver feito	

50			futuro	irá ter/haver feito	
passado imperfeito no futuro perfeito no (...)					
51	passado imperfeito	futuro perfeito	pass. per.	foi vir fazendo	
52			pass. imp.	ia vir fazendo	
53			pass. vol.	iria vir fazendo	
54			presente	vai vir fazendo	
55			futuro	irá vir fazendo	
presente no futuro perfeito no (...)					
56	presente	futuro perfeito	pass. per.	foi estar fazendo	ir estar fazendo
57			pass. imp.	ia estar fazendo	
58			pass. vol.	iria estar fazendo	
59			presente	vai estar fazendo	
60			futuro	irá estar fazendo	
futuro imperfeito no futuro perfeito no (...)					
61	futuro imperfeito	futuro perfeito	pass. per.		
62			pass. imp.		
63			pass. vol.		
64			presente	vai ir fazendo	
65			futuro		
passado imperfeito no futuro imperfeito no (...)					
66	futuro imperfeito	passado imperfeito	pass. per.	foi vindo fazendo	
67			pass. imp.	ia vindo fazendo	
68			pass. vol.	iria vindo fazendo	
69			presente	vai vindo fazendo	
70			futuro	irá vindo fazendo	

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Antes de continuar com a descrição do sistema de TEMPO SECUNDÁRIO, é necessário elucidar como a leitura do tempo é feita. Uma vez que o Núcleo do grupo verbal o ancora no aqui-e-agora da interação entre falante e ouvinte, esse elemento é o que tem a “palavra final” sobre qual é a experiência de localização temporal construída. Nesse sentido, a leitura da estrutura lógica que realiza o sistema de TEMPO SECUNDÁRIO é feita da direita para a esquerda, isto é: parte do Evento em direção ao Núcleo. Por exemplo, o grupo verbal “está indo fazer” apresenta a seguinte estrutura lógica: (i) “está indo”, realizando o presente secundário, (ii) “indo fazer”, realizando o futuro perfeito, e (iii) “está”, que opera como Núcleo e realiza o presente. Com isso, a leitura da localização temporal desse grupo fica: futuro perfeito no presente no presente.

Além disso, o tempo secundário de passado somente realiza a perspectiva atualizada; e o tempo secundário futuro, somente a visualizada. Para simplificar a leitura das estruturas seriais, nesta tese elas são assim denominadas: (i) passado perfectivo (*ter/haver* ^ verbo: particípio), (ii) passado imperfectivo (*vir* ^ verbo: gerúndio), (iii) presente (*estar* ^ verbo: gerúndio), (iv) futuro perfectivo (*ir* ^ verbo: infinitivo) e (v) futuro imperfectivo (*ir* ^ verbo: gerúndio).

Observam-se no QUADRO 65 os grupos verbais organizados em finitos e não-finitos. Somente os grupos verbais finitos a localização primária. Os grupos verbais de 1 a 5 não apresentam estrutura lógica, pois, enquanto grupos finitos, são formados por apenas um verbo que funciona como Finito e Evento (“fez”, “fizera”, “fazia”, “faria”, “faz” e “fará”) e, como grupos não-finitos são formados por um verbo que funciona somente como Evento (“fazendo”, “feito”, “fazer”). Com isso, os grupos nas linhas 1 a 5 somente realizam a localização primária. Os demais grupos verbais apresentam estrutura lógica, e, portanto, realizam a localização secundária.

A primeira iteração do sistema de TEMPO SECUNDÁRIO leva à realização das opções de localização e perspectiva de 6 a 30, com os tempos secundários passado perfectivo (Auxiliar: *ter/haver* ^ Evento: particípio), passado imperfectivo (Auxiliar: *vir* ^ Evento: gerúndio), presente (Auxiliar: *estar* ^ Evento: gerúndio), futuro perfectivo (Auxiliar: *ir* ^ Evento: infinitivo) e futuro imperfectivo (Auxiliar: *ir* ^ Evento: gerúndio). Nessa primeira iteração do sistema, o primeiro verbo tem função de Auxiliar e Núcleo; e o segundo, de Evento. Com isso, o Auxiliar pode apresentar morfologia de passado (e.g., “tinha feito”), presente (e.g., “vai fazer”) ou futuro (e.g., “irá fazendo”) em grupos verbais finitos e apresenta morfologia de gerúndio (e.g., “indo fazer”) ou concretizado (e.g., “ter feito”) em grupos não-finitos.

Além disso, nessa primeira iteração já é possível notar no QUADRO 65 três outras questões relativas ao sistema de TEMPO SECUNDÁRIO. Em primeiro lugar, não é possível realizar a localização de passado perfectivo no passado perfectivo (“teve/houve feito”), isto é, a realização de dois passados perfectivos em sequência, como ilustra a linha 6. Também é possível notar que um fenômeno semelhante ocorre na linha 31, de maneira que não é possível realizar a localização de passado perfectivo no presente no passado perfectivo, não sendo provável a ocorrência de um grupo como “teve/houve estado fazendo”. Portanto, a ocorrência de dois passados perfectivos em um único grupo verbal não é possível.

Uma limitação semelhante à impossibilidade de ocorrência dois passados perfectivos em sequência se observa para a localização de dois futuros imperfectivos em sequência (linhas 61 a 65). Nesse caso, somente a localização de futuro imperfectivo no futuro perfectivo no presente pode ser realizada, na qual um verbo com morfologia de presente ocupa a função de Núcleo (“vai ir fazendo”). As demais opções de Núcleo têm probabilidade nula de ocorrer em um texto, tanto para verbos finitos (“foi ir fazendo”, “ia ir fazendo”, “iria ir fazendo”, “irá ir fazendo”) quanto não-finitos (“indo ir fazendo”, “ir ir fazendo”).

Em segundo lugar, é possível observar que os grupos verbais não-finitos só realizam a perspectiva imperfectiva, não havendo opções com o Núcleo realizado por verbo com morfologia de particípio (e.g., “tido feito”, “estado feito”). Portanto, se um grupo verbal seleciona opções no sistema de TEMPO SECUNDÁRIO, mas não seleciona opções no sistema de DÊIXIS TEMPORAL, ele necessariamente realiza a perspectiva imperfectiva, podendo ser atualizada, quando o Núcleo for realizado por verbo com morfologia de concretizado (“ir fazer”), ou visualizada, quando realizado por verbo com morfologia de gerúndio (“indo fazer”).

Por fim, percebe-se que a realização do passado perfectivo no presente só pode ser feita com o verbo *ter* na função de Núcleo (“tem feito”), não sendo possível o emprego do verbo *haver* (“há feito”). Esse fenômeno, observado na linha 9, também pode ser verificado nas linhas 33 e 34, com as realizações de (i) presente no passado perfectivo no presente (“tem estado fazendo”) e (ii) presente no passado perfectivo no passado volitivo (“teria estado fazendo”). Portanto, para a localização secundária de passado com perspectiva atualizada & perfectiva, quando for realizada por um grupo verbal com Núcleo realizado por verbo no presente, sua estrutura lógica é *ter* ^ verbo: particípio, não sendo possível a ocorrência do verbo *haver* com função de Auxiliar em nenhuma das iterações. De maneira semelhante, caso o Núcleo seja realizado por verbo com morfologia de passado volitivo, o tempo secundário passado perfectivo somente pode ser realizado com o verbo *ter* funcionando como Núcleo.

A segunda iteração do sistema de TEMPO SECUNDÁRIO pode ser observada nas linhas 31 a 70 do QUADRO 65. Nessa segunda iteração, encontram-se as seguintes realizações de localização e perspectiva: presente no passado perfectivo, passado imperfectivo no presente, futuro perfectivo no presente, passado perfectivo no futuro perfectivo, passado imperfectivo no futuro perfectivo, presente no futuro perfectivo, futuro imperfectivo no futuro perfectivo e passado imperfectivo no futuro imperfectivo.

Cumpra fazer três observações a respeito da segunda iteração do sistema de TEMPO SECUNDÁRIO. Primeiramente, é possível verificar no QUADRO 65 que duas localizações semelhantes não podem ocorrer em sequência. Por exemplo, um grupo como “estava estando fazendo”, realizando o presente no presente no passado imperfectivo, não é possível. O único caso em que isso pode ocorrer é com o futuro imperfectivo no futuro perfectivo no presente (“vai ir fazendo”, linha 64).

Em segundo lugar, percebe-se a ausência do passado imperfectivo (Auxiliar: *vir* ^ verbo: gerúndio) no início da estrutura lógica, com seu Auxiliar operando como Núcleo. O passado imperfectivo só ocorre em posição intermediária na estrutura lógica do grupo verbal na segunda iteração. Com isso, grupos como “vem estando fazendo” não são possíveis em português brasileiro.

Por fim, também é possível notar a ausência de grupos não-finitos realizando as seguintes opções: passado imperfectivo no futuro perfectivo, futuro imperfectivo no futuro perfectivo e passado imperfectivo no futuro imperfectivo. Nesses casos, o grupo verbal não realiza a localização secundária. Ainda é possível notar que, nos demais tempos secundários, o Núcleo somente é realizado por verbos com morfologia de concretizado.

Além dos grupos verbais finitos e não-finitos abordados até aqui, é necessário ainda levar em consideração a seleção de opções no sistema de TEMPO SECUNDÁRIO por grupos com Núcleo realizado por verbos com morfologia de subjuntivo. Como foi discutido nas seções 4.1 e 4.2.1, a morfologia de subjuntivo somente realiza processos visualizados e se restringe ao ambiente dos grupos não-finitos e das orações presas não-finitas. Ainda assim, esses grupos podem selecionar opções do sistema de TEMPO SECUNDÁRIO. O QUADRO 66 apresenta o paradigma com as opções disponíveis para o grupo verbal não-finito com Núcleo realizado por verbo com morfologia de subjuntivo.

QUADRO 66 – A realização do sistema de TEMPO SECUNDÁRIO por grupos verbais não-finitos com Núcleo realizado por verbo com morfologia de subjuntivo

		Estrutura lógica		Exemplos
		γ	β	α
				sem localização secundária
1				subjuntivo condicional fizesse
2				subjuntivo conjuntivo faça
3				subjuntivo optativo fizer

		passado perfeito no (...)		
4	passado perfeito		subjuntivo condicional	tivesse/houvesse feito
5			subjuntivo conjuntivo	tenha/haja feito
6			subjuntivo optativo	tiver/houver feito
		passado imperfeito no (...)		
7	passado imperfeito		subjuntivo condicional	viesses fazendo
8			subjuntivo conjuntivo	venha fazendo
9			subjuntivo optativo	vier fazendo
		presente no (...)		
10	presente		subjuntivo condicional	estivesse fazendo
11			subjuntivo conjuntivo	esteja fazendo
12			subjuntivo optativo	estiver fazendo
		futuro perfeito no (...)		
13	futuro perfeito		subjuntivo condicional	fosse fazer
14			subjuntivo conjuntivo	vá fazer
15			subjuntivo optativo	for fazer
		futuro imperfeito (...)		
16	futuro imperfeito		subjuntivo condicional	fosse fazendo
17			subjuntivo conjuntivo	vá fazendo
18			subjuntivo optativo	for fazendo
		presente no passado perfeito no (...)		
19	presente	passado perfeito	subjuntivo condicional	tivesse/houvesse estado fazendo
20			subjuntivo conjuntivo	tenha estado fazendo
21			subjuntivo optativo	tiver/houver estado fazendo
		passado imperfeito no presente no (...)		
22	passado imperfeito	presente	subjuntivo condicional	estivesse vindo fazendo
23			subjuntivo conjuntivo	esteja vindo fazendo
24			subjuntivo optativo	estiver vindo fazendo
		futuro perfeito no presente no (...)		
25	futuro perfeito	presente	subjuntivo condicional	estivesse indo fazer
26			subjuntivo conjuntivo	esteja indo fazer
27			subjuntivo optativo	estiver indo fazer
		passado perfeito no futuro perfeito no (...)		
28	passado perfeito	futuro perfeito	subjuntivo condicional	fosse ter/haver feito
29			subjuntivo conjuntivo	vá ter/haver feito
30			subjuntivo optativo	for ter/haver feito
		passado imperfeito no futuro perfeito no (...)		
31	passado imperfeito	futuro perfeito	subjuntivo condicional	fosse vir fazendo
32			subjuntivo conjuntivo	vá vir fazendo
33			subjuntivo optativo	for vir fazendo
		presente no futuro perfeito no (...)		
34	presente		subjuntivo condicional	fosse estar fazendo

35		futuro	subjuntivo conjuntivo	vá estar fazendo
36		perfectivo	subjuntivo optativo	for estar fazendo
futuro imperfectivo no futuro perfectivo no (...)				
37	futuro	futuro	subjuntivo condicional	fosse ir fazendo
38	imperfectivo	perfectivo	subjuntivo conjuntivo	vá ir fazendo
39			subjuntivo optativo	for ir fazendo
passado atualizado-imperf. no futuro visualizado-imperf. no (...)				
40	passado	futuro	subjuntivo condicional	fosse vindo fazendo
41	imperfectivo	imperfectivo	subjuntivo conjuntivo	vá vindo fazendo
42			subjuntivo optativo	for vindo fazendo

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

A diferença fundamental que esses grupos têm com os grupos finitos se deve ao fato de o subjuntivo não realizar a localização em relação ao aqui-e-agora da interação, mas estabelecer uma localização interna à própria figura. Com isso, não ocorrem as limitações de realização por causa da relação entre localização primária e secundária observadas nos grupos verbais finitos, como a impossibilidade de um grupo realizar o tempo secundário passado perfectivo (*ter/haver* ^ verbo: participio) em conjunto com o tempo primário passado perfectivo (e.g., “ter estado fazendo”).

Em suma, em relação aos sistemas de FINITUDE e TEMPO SECUNDÁRIO, observa-se que o grupo verbal é o principal responsável pela realização da localização na lexicogramática, sendo ainda o único responsável pela localização secundária por meio de sua estruturação lógica. Portanto, a partir dos sistemas de FINITUDE e TEMPO SECUNDÁRIO, o grupo verbal pode realizar as localizações primária e secundária e, em certa medida, a perspectiva.

No que diz respeito ao sistema de ASPECTO VERBAL, os grupos verbais em português brasileiro necessariamente selecionam alguma opção, independentemente se finitos ou não-finitos. A semelhança entre esse sistema e as categorias da perspectiva (cf. seção 4.1 e FIGURA 50) se deve ao fato de o grupo verbal ser o principal componente da lexicogramática responsável por realizá-lo. Nesse sentido, o sistema de ASPECTO VERBAL apresenta as mesmas opções que a perspectiva, a saber, atualizado & perfectivo, atualizado & imperfectivo, visualizado & perfectivo, visualizado & imperfectivo.

O QUADRO 67 apresenta exemplos de realização da perspectiva por grupos verbais finitos e não-finitos de acordo com as opções selecionadas no sistema de ASPECTO VERBAL.

QUADRO 67 – Realização da perspectiva temporal em relação às opções dos sistemas lexicogramaticais de ASPECTO VERBAL e FINITUDE

Aspecto	Finitude	Exemplos
atualizado & perfectivo	não-finito	<u>Convidados</u> os vizinhos a tomar licor na sala, Zana saiu.
	passado	Zana <u>convidou</u> os vizinhos a tomar licor na sala.
	presente	Zana <u>convida</u> os vizinhos a tomar licor na sala.
	futuro	
atualizado & imperfectivo	não-finito	Ao <u>convidar</u> os vizinhos a tomar licor na sala, Zana saiu.
	passado	Zana <u>convidava</u> os vizinhos a tomar licor na sala.
	presente	Zana <u>está convidando</u> os vizinhos a tomar licor na sala.
	futuro	
visualizado & perfectivo	não-finito	Zana, <u>convide</u> os vizinhos a tomar licor na sala.
	passado	Zana <u>convidaria</u> os vizinhos a tomar licor na sala.
	presente	Zana <u>vai convidar</u> os vizinhos a tomar licor na sala.
	futuro	Zana <u>convidará</u> os vizinhos a tomar licor na sala.
visualizado & imperfectivo	não-finito	<u>Convidando</u> os vizinhos a tomar licor na sala, Zana saiu.
	passado	Zana <u>viria convidando</u> os vizinhos a tomar licor na sala.
	presente	Zana <u>vai estar convidando</u> os vizinhos a tomar licor na sala.
	futuro	Zana <u>estará convidando</u> os vizinhos a tomar licor na sala.

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Como se pode perceber no QUADRO 67 e como já foi explicado na seção 4.1, a localização de futuro sempre seleciona a perspectiva visualizada. Por conta disso, não há exemplos no quadro para grupos verbais com aspecto verbal atualizado, pois tais grupos não selecionam a dêixis temporal no futuro.

Já os demais grupos verbais, que selecionam as opções não-finito, passado e presente no sistema de FINITUDE, podem selecionar qualquer opção do sistema de ASPECTO VERBAL, portanto realizando qualquer opção de perspectiva temporal.

Em relação aos grupos finitos no passado, observa-se no QUADRO 67 que a própria morfologia do verbo com função de Finito e Núcleo realiza as opções atualizado & perfectivo (passado perfectivo, “convidou”), atualizado & imperfectivo (passado imperfectivo,

“convidava”) e visualizado & perfectivo (passado volitivo, “convidaria”). Para a realização do aspecto verbal visualizado & imperfectivo, no entanto, o grupo verbal “viria convidando” apresenta (i) um verbo com morfologia de passado volitivo funcionando como Núcleo e Finito e (ii) o tempo secundário passado imperfectivo.

Já os grupos verbais finitos no presente no QUADRO 67 somente podem realizar o aspecto verbal atualizado & perfectivo por meio da morfologia de presente do verbo com função de Finito e Núcleo (“convida”). Para realizar os demais aspectos verbais, além de o Núcleo ser realizado por um verbo com morfologia de presente, o grupo apresenta: (i) para o aspecto atualizado & imperfectivo, tempo secundário presente (“está convidando”); (ii) para o aspecto visualizado & perfectivo, tempo secundário futuro perfectivo (“vai convidar”); e (iii) para o aspecto visualizado & imperfectivo, tempo secundário presente no futuro imperfectivo (“vai estar convidando”).

Por fim, os grupos não-finitos “convidados”, “convidar” e “convidando” realizam respectivamente os aspectos verbais atualizado & perfectivo, atualizado & imperfectivo e visualizado & imperfectivo por meio de suas morfologias de particípio, concretizado e gerúndio. Já o grupo “convide” realiza o aspecto visualizado & perfectivo por apresentar um verbo com morfologia de imperativo com função de Núcleo.

Para concluir a descrição da realização da perspectiva pelo sistema de ASPECTO VERBAL, o QUADRO 68 apresenta as opções de aspecto verbal para grupos finitos conforme as opções selecionadas no sistema de finitude em termos de passado, presente ou futuro. Por sua vez, o QUADRO 69 apresenta as opções de aspecto verbal para grupos não-finitos aspectuais, isto é, com Núcleo realizado por verbo com morfologia de gerúndio, particípio e concretizado. Por fim, o QUADRO 70 mostra as opções que podem ser selecionadas no sistema de ASPECTO VERBAL por grupos verbais não-finitos subjuntivos, isto é, com Núcleo realizado por verbo com morfologia de subjuntivo condicional, conjuntivo e optativo.

QUADRO 68 – Realização do sistema de ASPECTO VERBAL por grupos verbais finitos

Estrutura lógica		Grupo finito		Aspecto verbal	
γ	β	α			
		sem localização secundária			
1		pass. per.	fez	fizera	atualizado & perfectivo
2		pass. imp.	fazia		atualizado & imperfectivo
3		pass. vol.	faria		visualizado & perfectivo

4			presente	faz	atualizado & perfectivo
5			futuro	fará	visualizado & perfectivo
passado perfectivo no (...)					
6		passado perf.	pass. per.		
7			pass. imp.	tinha/havia feito	atualizado & perfectivo
8			pass. vol.	teria feito	visualizado & perfectivo
9			presente	tem feito	atualizado & imperfectivo
10			futuro	terá/haverá feito	visualizado & perfectivo
passado imperfectivo no (...)					
11		passado imperf.	pass. per.	veio fazendo	atualizado & imperfectivo
12			pass. imp.	vinha fazendo	atualizado & imperfectivo
13			pass. vol.	viria fazendo	visualizado & imperfectivo
14			presente	vem fazendo	atualizado & imperfectivo
15			futuro	virá fazendo	visualizado & imperfectivo
presente no (...)					
16		presente	pass. per.	estive fazendo	atualizado & imperfectivo
17			pass. imp.	estava fazendo	atualizado & imperfectivo
18			pass. vol.	estaria fazendo	visualizado & imperfectivo
19			presente	está fazendo	atualizado & imperfectivo
20			futuro	estará fazendo	visualizado & imperfectivo
futuro perfectivo no (...)					
21		futuro perf.	pass. per.	foi fazer	atualizado & perfectivo
22			pass. imp.	ia fazer	visualizado & perfectivo
23			pass. vol.	iria fazer	visualizado & perfectivo
24			presente	vai fazer	visualizado & perfectivo
25			futuro	irá fazer	visualizado & perfectivo
futuro imperfectivo (...)					
26		futuro imperf.	pass. per.	foi fazendo	atualizado & imperfectivo
27			pass. imp.	ia fazendo	visualizado & imperfectivo
28			pass. vol.	iria fazendo	visualizado & imperfectivo
29			presente	vai fazendo	visualizado & imperfectivo
30			futuro	irá fazendo	visualizado & imperfectivo
presente no passado perfectivo no (...)					
31	presente	passado perf.	pass. per.		
32			pass. imp.	tinha/havia estado fazendo	atualizado & imperfectivo
33			pass. vol.	teria estado fazendo	visualizado & imperfectivo
34			presente	tem estado fazendo	atualizado & imperfectivo
35			futuro	terá/haverá estado fazendo	visualizado & imperfectivo
passado imperfectivo no presente no (...)					
36	passado imperf.	presente	pass. per.	estive vindo fazendo	atualizado & imperfectivo
37			pass. imp.	estava vindo fazendo	atualizado & imperfectivo
38			pass. vol.	estaria vindo fazendo	visualizado & imperfectivo
39			presente	está vindo fazendo	atualizado & imperfectivo

40			futuro	estará vindo fazendo	visualizado & imperfeito
futuro perfectivo no presente no (...)					
41	futuro perf.	presente	pass. per.	estive indo fazer	atualizado & imperfeito
42			pass. imp.	estava indo fazer	atualizado & imperfeito
43			pass. vol.	estaria indo fazer	visualizado & imperfeito
44			presente	está indo fazer	atualizado & imperfeito
45			futuro	estará indo fazer	visualizado & imperfeito
passado perfectivo no futuro perfectivo no (...)					
46	passado perf.	futuro perf.	pass. per.	foi ter/haver feito	atualizado & perfectivo
47			pass. imp.	ia ter/haver feito	visualizado & perfectivo
48			pass. vol.	iria ter/haver feito	visualizado & perfectivo
49			presente	vai ter/haver feito	visualizado & perfectivo
50			futuro	irá ter/haver feito	visualizado & perfectivo
passado imperfeito no futuro perfectivo no (...)					
51	passado imperf.	futuro perf.	pass. per.	foi vir fazendo	atualizado & imperfeito
52			pass. imp.	ia vir fazendo	visualizado & imperfeito
53			pass. vol.	iria vir fazendo	visualizado & imperfeito
54			presente	vai vir fazendo	visualizado & imperfeito
55			futuro	irá vir fazendo	visualizado & imperfeito
presente no futuro perfectivo no (...)					
56	presente	futuro perf.	pass. per.	foi estar fazendo	atualizado & imperfeito
57			pass. imp.	ia estar fazendo	visualizado & imperfeito
58			pass. vol.	iria estar fazendo	visualizado & imperfeito
59			presente	vai estar fazendo	visualizado & imperfeito
60			futuro	irá estar fazendo	visualizado & imperfeito
futuro imperfeito no futuro perfectivo no (...)					
61	futuro imperf.	futuro perf.	pass. per.		
62			pass. imp.		
63			pass. vol.		
64			presente	vai ir fazendo	visualizado & imperfeito
65			futuro		
passado imperfeito no futuro imperfeito no (...)					
66	futuro imperf.	passado imperf.	pass. per.	foi vindo fazendo	atualizado & imperfeito
67			pass. imp.	ia vindo fazendo	visualizado & imperfeito
68			pass. vol.	iria vindo fazendo	visualizado & imperfeito
69			presente	vai vindo fazendo	visualizado & imperfeito
70			futuro	irá vindo fazendo	visualizado & imperfeito

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

QUADRO 69 – Realização do sistema de ASPECTO VERBAL por grupos verbais não-finitos aspectuais

Estrutura lógica		Grupo não-finito aspectual		Aspecto verbal
γ	β	α		
sem localização secundária				
1		gerúndio	fazendo	visualizado & imperfectivo
2		particípio	feito	atualizado & perfectivo
		infinitivo	fazer	visualizado & perfectivo
3		concretiz.	fazer	atualizado & imperfectivo
passado perfectivo no (...)				
4	passado perf.	gerúndio	tendo/havendo feito	visualizado & perfectivo
5		concretiz.	ter/haver feito	atualizado & perfectivo
passado imperfectivo no (...)				
6	passado imperf.	gerúndio	vindo fazendo	visualizado & imperfectivo
7		concretiz.	vir fazendo	atualizado & imperfectivo
presente no (...)				
8	presente	gerúndio	estando fazendo	visualizado & imperfectivo
9		concretiz.	estar fazendo	atualizado & imperfectivo
futuro perfectivo no (...)				
10	futuro perf.	gerúndio	indo fazer	visualizado & perfectivo
11		concretiz.	ir fazer	atualizado & perfectivo
futuro imperfectivo no (...)				
12	futuro imperf.	gerúndio	indo fazendo	visualizado & imperfectivo
13		concretiz.	ir fazendo	atualizado & imperfectivo
presente no passado perfectivo no (...)				
14	presente	gerúndio		
15		passado perf.	concretiz.	ter/haver estado fazendo
passado imperfectivo no presente no (...)				
16	passado imperf.	gerúndio		
17		presente	concretiz.	estar vindo fazendo
futuro perfectivo no presente no (...)				
18	futuro perf.	gerúndio		
19		presente	concretiz.	estar indo fazer
passado perfectivo no futuro perfectivo no (...)				
20	passado perf.	gerúndio		
21		futuro perf.	concretiz.	ir ter/haver feito
passado imperfectivo no futuro perfectivo no (...)				
22	passado imperf.	gerúndio		
23		futuro perf.	concretiz.	
presente no futuro perfectivo no (...)				
24	presente	gerúndio		
25		futuro perf.	concretiz.	ir estar fazendo

futuro imperfeito no futuro perfeito no (...)				
26	futuro imperf.	futuro perf.	gerúndio	
27			concretiz.	
passado imperfeito no futuro imperfeito no (...)				
28	passado imperf.	futuro imperf.	gerúndio	
29			concretiz.	

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

QUADRO 70 – Realização do sistema de ASPECTO VERBAL por grupos verbais não-finitos subjuntivos

Estrutura lógica		Grupo não-finito subjuntivo		Aspecto verbal
γ	β	α		
sem localização secundária				
1		cond.	fizesse	visualizado & perfeito
2		conj.	faça	visualizado & perfeito
3		opt.	fizer	visualizado & perfeito
passado perfeito no (...)				
4	passado perf.	cond.	tivesse/houvesse feito	visualizado & perfeito
5		conj.	tenha/haja feito	visualizado & perfeito
6		opt.	tiver/houver feito	visualizado & perfeito
passado imperfeito no (...)				
7	passado imperf.	cond.	viesses fazendo	visualizado & imperfeito
8		conj.	venha fazendo	visualizado & imperfeito
9		opt.	vier fazendo	visualizado & imperfeito
presente no (...)				
10	presente	cond.	estivesse fazendo	visualizado & imperfeito
11		conj.	esteja fazendo	visualizado & imperfeito
12		opt.	estiver fazendo	visualizado & imperfeito
futuro perfeito no (...)				
13	futuro perf.	cond.	fosse fazer	visualizado & perfeito
14		conj.	vá fazer	visualizado & perfeito
15		opt.	for fazer	visualizado & perfeito
futuro imperfeito (...)				
16	futuro imperf.	cond.	fosse fazendo	visualizado & imperfeito
17		conj.	vá fazendo	visualizado & imperfeito
18		opt.	for fazendo	visualizado & imperfeito
presente no passado perfeito no (...)				
19	presente	cond.	tivesse/houvesse estado fazendo	visualizado & imperfeito
20		conj.	tenha estado fazendo	visualizado & imperfeito
21		opt.	tiver/houver estado fazendo	visualizado & imperfeito
passado imperfeito no presente no (...)				

22	passado imperf.	presente	cond.	estivesse vindo fazendo	visualizado & imperfectivo
23			conj.	esteja vindo fazendo	visualizado & imperfectivo
24			opt.	estiver vindo fazendo	visualizado & imperfectivo
futuro perfectivo no presente no (...)					
25	futuro perf.	presente	cond.	estivesse indo fazer	visualizado & imperfectivo
26			conj.	esteja indo fazer	visualizado & imperfectivo
27			opt.	estiver indo fazer	visualizado & imperfectivo
passado perfectivo no futuro perfectivo no (...)					
28	passado perf.	futuro perf.	cond.	fosse ter/haver feito	visualizado & perfectivo
29			conj.	vá ter/haver feito	visualizado & perfectivo
30			opt.	for ter/haver feito	visualizado & perfectivo
passado imperfectivo no futuro perfectivo no (...)					
31	passado imperf.	futuro perf.	cond.	fosse vir fazendo	visualizado & imperfectivo
32			conj.	vá vir fazendo	visualizado & imperfectivo
33			opt.	for vir fazendo	visualizado & imperfectivo
presente no futuro perfectivo no (...)					
34	presente	futuro perf.	cond.	fosse estar fazendo	visualizado & imperfectivo
35			conj.	vá estar fazendo	visualizado & imperfectivo
36			opt.	for estar fazendo	visualizado & imperfectivo
futuro imperfectivo no futuro perfectivo no (...)					
37	futuro imperf.	futuro perf.	cond.	fosse ir fazendo	visualizado & imperfectivo
38			conj.	vá ir fazendo	visualizado & imperfectivo
39			opt.	for ir fazendo	visualizado & imperfectivo
passado atualizado-imperf. no futuro visualizado-imperf. no (...)					
40	passado imperf.	futuro imperf.	cond.	fosse vindo fazendo	visualizado & imperfectivo
41			conj.	vá vindo fazendo	visualizado & imperfectivo
42			opt.	for vindo fazendo	visualizado & imperfectivo

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Com relação ao estágio temporal, o grupo verbal o realiza através do sistema de AGENCIAMENTO. Esse sistema opera de maneira semelhante ao sistema de AGÊNCIA na oração, mas nesse caso organizando o grupo verbal de acordo com as possibilidades de realização da relação entre o processo e os participantes em uma figura. Assim, uma oração média tem um grupo verbal não-agenciado funcionando como Processo, enquanto em uma oração efetiva essa função é exercida por um grupo verbal agenciado. O QUADRO 71 ilustra o sistema de agenciamento, com orações apresentando grupos não-agenciados e agenciados.

QUADRO 71 – Opções do sistema de AGENCIAMENTO do grupo verbal

Grupo verbal		Exemplos		
não-agenciado		As indústrias <u>migraram</u> para municípios da Grande São Paulo, como o chamado ABCD (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema).		
agenciado	ativo	<u>Fizemos</u> um enorme esforço e sacrifício para conquistar competitividade.		
	passivo	neutro	Na seção 2 <u>são apresentados</u> elementos considerados de fundamental importância para a construção de indicadores em saúde populacional	
		mutativo	começo	Na seção 2 <u>vão apresentados</u> elementos considerados de fundamental importância para a construção de indicadores em saúde populacional
			intermédio	Na seção 2 <u>estão apresentados</u> elementos considerados de fundamental importância para a construção de indicadores em saúde populacional
			final	Na seção 2 <u>vêm apresentados</u> elementos considerados de fundamental importância para a construção de indicadores em saúde populacional

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

As orações médias não apresentam um elemento com função de Agente. No exemplo do QUADRO 71, o Participante “as indústrias” é o Meio pelo qual o Processo “migraram” se desenvolve em direção ao elemento com função de Alcance e Escopo “para municípios da Grande São Paulo, como o chamado...”. O grupo verbal “migraram” nesse caso não tem uma alternativa agnata que seja realizada pela voz passiva, como “eram migradas”, pois grupos agenciados pressupõem a existência de um componente da oração com função de Agente. Já o grupo verbal “fizemos” pressupõe um Agente, que na oração “fizemos um enorme esforço e sacrifício para conquistar competitividade” é realizado pela morfologia de primeira pessoa do plural do Finito.

Grupos verbais ativos (e.g. “o autor apresenta elementos considerados de fundamental importância...”) possuem alternativas agnatas na voz passiva, que podem ser um grupo verbal neutro, sem realização do estágio (“são apresentados”), ou grupos verbais mutativos, realizando (i) estágio de começo (“estão apresentados”), (ii) estágio de intermédio (“estava formada”) ou (iii) estágio de final (“vêm apresentados”). Com isso, nota-se que o sistema de VOZ pode realizar o estágio temporal por meio de grupos verbais mutativos. Mais

especificamente, esse sistema realiza a medida do estágio, não realizando as dimensões real e temporal.

Os grupos verbais passivos são realizados por uma estrutura formada por um verbo com função de Auxiliar seguido por outro com função de Evento, este com morfologia de participípio. A diferença entre os grupos passivos se dá pelo verbo que realiza a função de auxiliar nessa estrutura passiva: (i) para os neutros, o Auxiliar é realizado por *ser*, (ii) para os mutativos de começo, por *ir*, (iii) para os mutativos de intermédio, por *estar*, e (iv) para os mutativos de final por *vir*.

Em relação aos demais sistemas do grupo verbal, a voz passiva pode ocorrer com quaisquer opções dos sistemas de FINITUDE (“virá formada”, “está formada”, “era formada”, “sendo formada”), TEMPO SECUNDÁRIO (“vai ter sido formada”, “ir sendo formada”, “vier sendo formada”) e ASPECTO VERBAL (“está sendo formada”, “foi formada”, “será formada”, “sendo formada”).

Além dos sistemas abordados até aqui, destaca-se o papel do sistema de DÊIXIS MODAL na realização da experiência de tempo. Os grupos verbais em português brasileiro podem ou não ser modalizados. Caso seja modalizado, um grupo verbal pode estabelecer diferentes níveis de incerteza entre o “sim” e o “não”: dois polos em uma escala de polaridade relativa à proposta ou à proposição na troca entre falante e ouvinte. Com isso, o sistema de DÊIXIS MODAL está intrinsecamente ligado ao sistema de POLARIDADE, uma vez que a modalidade pode se aproximar de um dos polos (“tenho que fazer”, “deve não ser”) ou manter uma posição mais intermediária entre eles (“posso cozinhar”). Nesse sentido, um grupo verbal sempre seleciona alguma opção de polaridade, seja positiva ou negativa, podendo ainda realizar a modalidade, de maneira a construir a troca em uma gradação entre esses polos.

O sistema de DÊIXIS MODAL é realizado no grupo verbal por um operador com função de Modal, que pode ser formado por verbos modais, que em português brasileiro se resumem a *poder* e *dever*, ou por um verbo auxiliar acompanhado de preposição ou conjunção, a saber, *ter que*, *ter de*, *ter como*. Segue-se ao Operador Modal um verbo com função de Evento ou Auxiliar, e em qualquer dos casos esse verbo tem morfologia de infinitivo.

Já o sistema de POLARIDADE não apresenta necessariamente uma realização estrutural no grupo verbal para a polaridade positiva, sendo esta a sua opção não marcada. No entanto, a polaridade positiva pode ser realizada na estrutura do grupo de maneira marcada por meio de advérbios, como em “vou sim cozinhar” e “posso sim cozinhar”. A polaridade negativa

só pode ser realizada estruturalmente por advérbios (*e.g.*, “não”, “nem”) operando na estrutura do grupo.

Como discutido na seção 4.1, um processo que também constrói alguma opção de modalidade necessariamente constrói a perspectiva visualizada. No Exemplo (148), o grupo verbal “pode ficar” realiza a localização de presente e a perspectiva visualizada & perfectiva.

Exemplo (148) Nenhuma teoria, por mais sofisticada que seja, pode ficar indiferente à miséria e à exclusão.

Grupos verbais como o desse exemplo não fazem referência a situações instanciadas, que ocorreram em algum momento do passado ou estão ocorrendo no presente relativos ao aqui-e-agora da interação. Pelo contrário, o grupo do Exemplo (148) faz referência à habilidade de “nenhuma teoria” ser ou não “indiferente à miséria e à exclusão”, de maneira que há uma incerteza quanto a esse processo ocorrer ou não no presente relativo ao momento da interação. Nesse sentido, o Modal “pode” diz respeito a uma obrigação relativa à “teoria”, e não a algum fato ocorrido previamente ou que esteja ocorrendo.

A incerteza construída pela perspectiva visualizada é uma característica fundamental da modalidade e pode ocorrer em maior ou menor grau, a depender do Operador Modal. Por exemplo, o grupo verbal “pode ficar” no Exemplo (148) apresenta uma incerteza maior que “tem que ficar”. Ainda assim, nenhum desses grupos realiza um processo atualizado, pois não há certeza quanto à sua atualização em algum momento relativo ao aqui-e-agora da interação. O mesmo se aplica a grupos com polaridade negativa, como “não pode ficar” e “não tem que ficar”: em nenhum caso o processo é atualizado.

A modalidade e a polaridade podem ser construídas em relação ao grupo verbal como um todo ou somente a alguma parte do grupo. Isso fica mais evidente quando o grupo seleciona alguma opção de tempo secundário. O QUADRO 72 ilustra algumas possibilidades de realização dos sistemas de DÊIXIS MODAL (sublinhado) e POLARIDADE (itálico) para o grupo verbal “estamos fazendo” na oração “estamos fazendo a nossa parte”.

QUADRO 72 – Exemplos de realização dos sistemas de DÊIXIS MODAL e POLARIDADE

	Exemplos
modalidade	<u>Podemos</u> estar fazendo a nossa parte
	Estamos <u>podendo</u> fazer a nossa parte
	<u>Podemos</u> ir estar fazendo a nossa parte
	Vamos <u>poder</u> estar fazendo a nossa parte
	Vamos estar <u>podendo</u> fazer a nossa parte
polaridade	<i>Não</i> estamos fazendo a nossa parte
	Estamos <i>sim</i> fazendo a nossa parte
	<i>Não</i> vamos estar fazendo a nossa parte
	Vamos <i>não</i> estar fazendo a nossa parte
	Vamos estar <i>sim</i> fazendo a nossa parte
polaridade e modalidade	<i>Não</i> <u>podemos</u> estar fazendo a nossa parte
	<u>Podemos</u> <i>não</i> estar fazendo a nossa parte
	<i>Não</i> <u>podemos</u> <i>não</i> estar fazendo a nossa parte
	Estamos <i>não</i> <u>podendo</u> fazer a nossa parte
	Estamos <u>podendo</u> <i>não</i> fazer a nossa parte

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Nota-se no QUADRO 72 que a dêixis modal e a polaridade podem se referir ao grupo verbal como um todo ao se associarem ao verbo com função de Núcleo, como em “podemos estar fazendo”, “não estamos fazendo” e “não podemos estar fazendo”. Nesses casos, como o Núcleo é o responsável por ancorar o grupo verbal no aqui-e-agora da interação, ao ser regulado por um Operador Modal ou por um advérbio polar realiza a modalidade e/ou a polaridade em referência à troca entre falante e ouvinte como um todo. Em contrapartida, como é possível observar em “vamos poder estar fazendo”, “vamos estar sim fazendo” e “estamos podendo não fazer”, somente parte do grupo verbal é regulada pelo Operador Modal e pelo advérbio polar. Seja qual for o caso, a realização da modalidade necessariamente leva à construção de um processo com perspectiva visualizada.

Por fim, os sistemas de DÊIXIS MODAL e POLARIDADE também podem ter opções selecionadas por grupos verbais passivos. O funcionamento é semelhante aos grupos que realizam tempo secundário, com o Operador Modal e o advérbio polar regulando o grupo como um todo, como do Exemplo (149) ao Exemplo (151), ou somente parte dele, como do Exemplo (152) ao Exemplo (156). Novamente, em qualquer um dos casos, o processo tem perspectiva visualizada.

Exemplo (149)	Estes alertas sanitários <u>podem ser georreferenciados</u>
Exemplo (150)	Estes alertas sanitários <u>não são georreferenciados</u>
Exemplo (151)	Estes alertas sanitários <u>não podem ser georreferenciados</u>
Exemplo (152)	Estes alertas sanitários <u>podem estar sendo georreferenciados</u>
Exemplo (153)	Estes alertas sanitários <u>podem não ser georreferenciados</u>
Exemplo (154)	Estes alertas sanitários <u>não podem ser georreferenciados</u>
Exemplo (155)	Estes alertas sanitários <u>podem não estar sendo georreferenciados</u>
Exemplo (156)	Estes alertas sanitários <u>estão podendo sim ser georreferenciados</u>

Com relação aos grupos nominais, para além de seu funcionamento como Circunstâncias de localização e extensão temporal (ver QUADRO 60), esses grupos também podem contribuir para a realização da experiência de tempo ao possibilitarem a ocorrência de verbos e orações encaixadas em sua estrutura.

No entanto, nesses casos a temporalidade do processo, habitualmente realizada por verbos, grupos verbais e orações, é reconstruída como permanência na estrutura lexicogramatical que realiza os participantes. Halliday e Matthiessen (1999, p. 181) explicam a diferença fundamental entre processos e participantes, assim como a reconstrução dos processos como participantes da seguinte maneira:

participantes tendem a persistir no desdobramento de um texto. Ao fazerem isso, podem adquirir diferentes qualidades. Em comparação, processos não podem persistir em um texto: diferente do sistema dêitico do grupo nominal, o sistema dêitico do grupo verbal é o sistema de tempo verbal, não sendo desenhado para rastrear instâncias textuais do processo no desdobramento do texto. Para terem persistência no texto, processos devem ser reconstruídos metaforicamente como participantes [...] Quando processos são construídos como se fossem participantes, podem ser estabelecidos e mantidos como referentes em um texto, de maneira que, nessas condições, também podem adquirir diferentes qualidades.⁶⁷

Nesse sentido, um verbo ou uma oração operando na estrutura de um grupo nominal não constroem a experiência de tempo no texto, mas no ambiente dos próprios participantes. Ainda assim, é possível explorar como o grupo nominal pode construir em certa medida uma

⁶⁷ Minha tradução de: “*Participants tend to persist in the unfolding of a text; and since they do, they can accrue various qualities. In contrast, processes cannot persist in text: unlike the deictic system of the nominal group, the deictic system of the verbal group, the tense system, is not a system for tracking textual instances of processes as a text unfolds. To achieve persistence in text, processes have to be reconstrued metaphorically as participants [...] When processes are construed as if they were participants, they can be established and maintained as referents in a text; hence under these conditions they also can accrue various qualities.*”.

transitoriedade própria. As funções desempenhadas por esses componentes no grupo nominal são o verbo como Ente e Epíteto e a oração encaixada como Qualificador.

Na função de Ente, o verbo não pode realizar a localização ou o estágio temporal e restringe-se à perspectiva visualizada & perfectiva realizada pela morfologia de infinitivo. O Exemplo (157) ilustra esse caso, com o verbo “fazer” operando como Ente do grupo nominal “o fazer antropológico”.

Exemplo (157) Eliane examina a prática antropológica entre os instrumentos de identificação e as pressões e exigências de precisão que incidem e com os quais transcorre *o fazer antropológico* através da etnografia

Já o verbo funcionando como Epíteto também não realiza localização ou estágio, e realiza a perspectiva visualizada & perfectiva, realizada por morfologia de particípio. O Exemplo (158) ilustra o verbo (sublinhado) com função de Epíteto no grupo nominal (em itálico).

Exemplo (158) e saltavam-me aos olhos as maneiras com que os poetas/gravuristas pareciam submeter todo e qualquer assunto ao estilo de suas narrativas: uma poética-visual baseada numa *inscrição ordenada da fala na escrita que, entre versos e imagens, enreda saberes e personagens diversos.*

E com relação ao Qualificador, ele pode ser realizado por orações encaixadas, que operam no ambiente do grupo nominal modificando o Ente. Ainda que estejam operando em uma unidade hierarquicamente inferior na escala de ordens, as orações encaixadas são orações maiores e têm à disposição todos os sistemas apresentados na seção 4.2.1 para realizar a experiência de tempo. No Exemplo (159), o grupo nominal “artefatos que até então eu desconhecia” apresenta o Ente “artefatos” e o Qualificador “que até então eu desconhecia”, que é realizado por uma oração declarativa. Nesse exemplo, a oração realiza a localização de passado e a perspectiva atualizada & imperfectiva. Já no Exemplo (160) e no Exemplo (161) encontram-se orações não-finitas que não realizam a localização e realizam a perspectiva

atualizada & imperfectiva, também sendo possível observar no Exemplo (161) que a oração é receptiva, com grupo verbal passivo neutro.

Exemplo (159) uma vez que o arquivo se converteu em campo devido à inquietude diante de artefatos que até então eu desconhecia

Exemplo (160) O texto apresenta então exemplos de comunicação entre usuários de sistemas de vigilância de diferentes jurisdições, com o propósito de fomentar o trabalho colaborativo.

Exemplo (161) Nesta parte são abordados elementos e metodologias de todas as áreas envolvidas com o tema, como os indicadores de saúde da população potencialmente associados ao surgimento de uma epidemia, o registro de dados, os meios de armazenamento a serem utilizados, as técnicas, e os diferentes recursos oriundos das áreas de informática, da padronização de procedimentos e normas, da formulação e aplicação de legislação pertinente, da estatística e do geoprocessamento.

Portanto, as orações encaixadas podem realizar a experiência de tempo segundo qualquer parâmetro temporal. Porém, essa realização da experiência de tempo está restrita ao ambiente do grupo nominal e, por consequência, restrita à permanência realizada por ele.

Além do ambiente do grupo nominal, a oração encaixada também pode operar em frases preposicionais e grupos adverbiais com função de Circunstância. O Exemplo (162) e o Exemplo (163) ilustram esses casos.

Exemplo (162) Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala

Exemplo (163) Ao contrário, onde o fundamentalismo imperou não se alcançou a prometida estabilidade econômica

Semelhantemente às orações funcionando como Qualificador, as orações encaixadas, ao operarem no ambiente das circunstâncias, podem realizar qualquer experiência de tempo, ainda que essa realização também esteja restrita a esse ambiente e à permanência da Circunstância no fluxo de experiência.

Por fim, é importante destacar o papel das frases preposicionais na realização da experiência de tempo. Halliday e Matthiessen (2014, p. 329) explicam que

uma frase preposicional pode ser interpretada como uma oração encolhida, na qual a preposição funciona como um “processo menor”, interpretado como um tipo de miniverbo, e o grupo nominal como o participante nesse processo menor. [...] A preposição opera como um tipo de intermediário pelo qual o elemento nominal pode ser introduzido como um participante “indireto” do processo principal.⁶⁸

Diante disso, uma das consequências de a frase preposicional ser interpretada como uma oração encolhida e a preposição ser um processo menor é que poderia realizar a experiência de tempo, haja vista que essa é a principal característica dos processos (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 213). Essa semelhança entre processos e preposições pode ser evidenciada através do Exemplo (164) e do Exemplo (165).

Exemplo (164) Considerando apenas a camada mais superficial de solo, com cerca de um 1 metro de profundidade, Jardim e Fadini calculam que existam aproximadamente 126 mil toneladas de mercúrio na região.

Exemplo (165) Considerando apenas a camada mais superficial de solo, tendo cerca de um 1 metro de profundidade, Jardim e Fadini calculam que existam aproximadamente 126 mil toneladas de mercúrio na região.

Uma vez que a preposição em certa medida realiza a transitoriedade, é possível notar que no Exemplo (164) a preposição “com” introduz o participante “cerca de um 1 metro de profundidade”. Essa preposição poderia ser substituída por um grupo verbal realizando um Processo propriamente dito, sendo capaz de introduzir o mesmo participante.

No entanto, ainda que a preposição seja capaz de introduzir um participante, a experiência de tempo só pode ser realizada por elementos que realizem um processo propriamente dito. Com isso, uma preposição não pode realizar a localização, a perspectiva ou o estágio. Portanto, o que caracteriza a preposição como uma palavra verbal realizando um miniProcesso e a frase preposicional sendo uma oração encolhida é a capacidade de estabelecer

⁶⁸ Minha tradução de: “*A prepositional phrase can be interpreted as a shrunken clause, in which the preposition serves as a ‘minor process’, interpreted as a kind of mini-verb, and the nominal group as a participant in this minor process. [...] The preposition [...] acts as a kind of intermediary whereby a nominal element can be introduced as an ‘indirect’ participant in the main process*”.

uma relação entre participantes. No entanto, diferentemente do elemento semântico do processo, realizado lexicogramaticalmente por grupos verbais, não é capaz de construir a transitoriedade da experiência. Isso explica o fato de frases preposicionais realizarem Participantes e Circunstâncias na oração e não Processos: são elementos permanentes, isto é, que não têm como função construir a mudança, mas a permanência no fluxo de experiência.

Antes de concluir esta seção, cabe ainda ressaltar que grupos adverbiais são caracterizados por um advérbio com função de Núcleo e podem operar como Circunstâncias e Adjuntos na oração. De maneira semelhante, grupos conjuntivos são caracterizados por conjunções com função de Núcleo, operando textualmente como Adjuntos conjuntivos e continuativos na oração. A realização da experiência de tempo na ordem da oração por essas funções já foi abordada na seção anterior (4.2.1).

4.2.3 A realização da experiência de tempo na ordem da palavra

Na ordem da palavra, a experiência de tempo é realizada pelos sistemas do verbo, ilustrados pela FIGURA 51. Essa classe de palavra é organizada em português brasileiro por dois sistemas em cosseleção: ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL e ORIENTAÇÃO IDEACIONAL.

elemento da lexicogramática que realiza a transitoriedade da experiência e a troca entre interlocutores na ordem da palavra. Já o sistema de ORIENTAÇÃO IDEACIONAL é uma cosseleção dos sistemas de TIPO DE EXPERIÊNCIA e MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA. O primeiro é realizado por um morfema experiencial com função de Experiência do verbo, e o segundo é realizado por uma estrutura serial, pela qual a Experiência pode ser modificada paratática ou hipoteticamente. O sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL é abordado nessa seção, enquanto o sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA é tratado na próxima seção (4.2.4), dedicada a descrever a realização da experiência de tempo por estruturas seriais.

Com relação à localização temporal e à perspectiva, o verbo pode realizá-la por meio do sistema de TEMPORALIDADE. Esse sistema organiza os verbos finitos, dividindo-os de justamente acordo com as opções de localização e perspectiva que realizam. O QUADRO 73 apresenta as opções do sistema de TEMPORALIDADE, as quais podem realizar os significados de localização e perspectiva temporal.

QUADRO 73 – Opções do sistema de TEMPORALIDADE que realizam localização e perspectiva

Verbos finitos		Realização	Exemplos
presente		morfema de presente	canto, cantamos, cantam
futuro		morfema de futuro	cantarei, cantarão
passado	volitivo	morfema de passado volitivo	cantaria, cantaríamos
	pretérito	perfectivo	morfema de pretérito perfectivo I cantarei, cantou, cantamos
		perfectivo	morfema de pretérito perfectivo II cantara, cantáramos
	imperfectivo	morfema de pretérito imperfectivo	cantava, cantávamos

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Observa-se no QUADRO 73 e na FIGURA 51 que verbos no passado apresentam uma maior delicadeza que verbos no presente e no futuro. Isso ocorre porque verbos que realizam a localização de passado se diferenciam quanto à sua perspectiva. Verbos no passado volitivo (“cantaria”, “cantaríamos”) realizam a perspectiva visualizada, não realizando necessariamente alguma opção de desdobramento. Verbos no passado pretérito, por outro lado, realizam a perspectiva atualizada, dividindo-se entre perfectivos (“cantou”, “cantara”) e imperfectivos (“cantava”), isto é, segundo a realização do desdobramento. Os verbos perfectivos ainda podem ser realizados por dois tipos de morfemas, aqui denominados de

“pretérito perfectivo I” e “pretérito perfectivo II”⁶⁹, e a diferença entre eles diz mais respeito à probabilidade de instanciação em diferentes tipos de texto do que a uma diferença na realização da experiência de tempo (SÁ, 2016, p. 86–87). Assim, verbos com morfologia de pretérito perfectivo II (“cantara”, “fora”, “escrevera”) tendem a ocorrer em textos que realizam o processo sociossemiótico recriar, definido por Figueredo (2011, p. 90) da seguinte maneira:

O processo recriar busca criar linguisticamente um evento que aconteceu no mundo que, anteriormente, foi codificado por outro processo sociossemiótico, de forma ficcional. Citam-se como exemplo romances, histórias em quadrinho e causos.

Por sua vez, verbos com morfologia de pretérito perfectivo I (“cantou”, “foi”, “escreveu”) não tendem a ocorrer com algum tipo de texto realizando um processo sociossemiótico específico, antes sendo encontrado em textos realizando qualquer processo (explicar, reportar, compartilhar, fazer, recomendar, habilitar, explorar e o próprio recriar).

Já os verbos no futuro realizam a localização de futuro, evidentemente. Além disso, esses verbos realizam necessariamente processos com perspectiva visualizada (como já discutido na seção 4.1), de maneira que a experiência realizada por eles faz referência a experiências que (ainda) não ocorrem ou ocorreram.

Sobre os verbos realizando a localização no presente, eles realizam a localização de presente; porém, não realizam a perspectiva ou o estágio, de maneira que esses significados só podem ser realizados nas unidades superiores, cabendo ao verbo com morfologia de presente somente realizar essa localização.

Cumprido esclarecer ainda que verbos no passado imperfectivo também podem realizar a perspectiva visualizada, ocupando o lugar de verbos no passado volitivo, que têm como característica a realização dessa perspectiva. Essa situação é mais comum para verbos volitivos e no passado imperfectivo operando como Núcleo em grupos verbais que realizam tempos secundários, ocorrendo quando o tempo secundário é o futuro na primeira iteração do sistema. O QUADRO 74 ilustra os casos em que esses verbos podem operar de maneira “intercambiável”.

⁶⁹ Esses morfemas tradicionalmente são tratados em relação à “conjugação verbal”, denominados “pretérito/passado perfeito” e “pretérito/passado mais-que-perfeito” (e.g. CEGALLA, 2008; BECHARA, 2009); no entanto, esta tese adota a nomenclatura e a descrição sistêmica do verbo de Sá (2016).

QUADRO 74 – Verbos no passado imperfeito e passado volitivo realizando a perspectiva visualizada

		Estrutura lógica		Grupo verbal finito	Perspectiva
		γ	β	α	
				sem localização secundária	
1				pass. imp. fazia	visual. & imperf.
2				pass. vol. faria	visual. & perf.
passado perfectivo no (...)					
3		passado perfectivo	pass. imp.	tinha/havia feito	visualizado & perfectivo
4			pass. vol.	teria feito	
passado imperfeito no (...)					
5		passado imperfeito	pass. imp.	vinha fazendo	visualizado & imperfeito
6			pass. vol.	viria fazendo	
presente no (...)					
7		presente	pass. imp.	estava fazendo	visualizado & imperfeito
8			pass. vol.	estaria fazendo	
futuro perfectivo no (...)					
9		futuro perfectivo	pass. imp.	ia fazer	visualizado & perfectivo
10			pass. vol.	iria fazer	
futuro imperfeito (...)					
11		futuro imperfeito	pass. imp.	ia fazendo	visualizado & imperfeito
12			pass. vol.	iria fazendo	
presente no passado perfectivo no (...)					
13	presente	passado perfectivo	pass. imp.	tinha/havia estado fazendo	visualizado & imperfeito
14			pass. vol.	teria estado fazendo	
passado imperfeito no presente no (...)					
15	passado imperfeito	presente	pass. imp.	estava vindo fazendo	visualizado & imperfeito
16			pass. vol.	estaria vindo fazendo	
futuro perfectivo no presente no (...)					
17	futuro perfectivo	presente	pass. imp.	estava indo fazer	visualizado & imperfeito
18			pass. vol.	estaria indo fazer	
passado perfectivo no futuro perfectivo no (...)					
19	passado perfectivo	futuro perfectivo	pass. imp.	ia ter/haver feito	visualizado & perfectivo
20			pass. vol.	iria ter/haver feito	

passado imperfeito no futuro perfectivo no (...)					
21	passado	futuro	pass. imp.	ia vir fazendo	visualizado & imperfeito
22	imperfeito	perfectivo	pass. vol.	iria vir fazendo	
presente no futuro perfectivo no (...)					
23	presente	futuro perfectivo	pass. imp.	ia estar fazendo	visualizado & imperfeito
24			pass. vol.	iria estar fazendo	
passado imperfeito no futuro imperfeito no (...)					
25	futuro	passado	pass. imp.	ia vindo fazendo	visualizado & imperfeito
26	imperfeito	imperfeito	pass. vol.	iria vindo fazendo	

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Outro tipo de verbo que realiza a experiência de tempo são os não-finitos. Esses verbos não realizam a localização, mas podem realizar a perspectiva. O QUADRO 75 apresenta as possibilidades de realização e alguns exemplos.

QUADRO 75 – Realização de perspectiva por verbos não-finitos

Grupos não-finitos		Realização	Perspectiva	Exemplos
concretizado		morfema de concretizado	atual. & imp.	cantar, cantarmos
imperativo		morfema de imperativo I	visualizado	canta, cantemos, cantai
		morfema de imperativo II	visualizado	cantes, cantemos, canteis
subjuntivo	condicional	morfema de condicional	visualizado	cantasse, cantassem
	conjuntivo	morfema de conjuntivo	visualizado	cante, cantes, cantemos
	optativo	morfema de optativo	visualizado	cantar, cantarmos

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Como se observa no QUADRO 75, os verbos concretizados são os únicos a realizarem opções nos dois sistemas relativos à perspectiva, sendo atualizados e imperfeitos. Os demais verbos não-finitos realizam apenas a visualização da perspectiva.

Os verbos concretizados operam nos ambientes das orações presas não-finitas e das orações encaixadas operando como Qualificador no grupo nominal. Em termos temporais, esse tipo de verbo designa uma experiência realizada, isto é, em referência a experiências que já ocorreram, em termos materiais ou semióticos. No Exemplo (166), o verbo concretizado opera

em uma oração encaixada com função de Qualificador (em itálico); e no Exemplo (167), em uma oração presa não-finita (em itálico).

Exemplo (166) *Os dados a serem de fato incorporados* devem ser criteriosamente selecionados, contemplando exclusivamente os dados considerados úteis para os propósitos do sistema, evitando-se, com isso, a sobrecarga do sistema, e favorecendo a sua uniformização e armazenamento.

Exemplo (167) Encontrado na forma líquida à temperatura ambiente, o mercúrio era adicionado à mistura de areia e cascalho extraída dos rios porque, *ao se associar ao ouro*, facilita sua separação.

Com relação aos verbos imperativos, como já foi apontado na seção 4.1, sobre o parâmetro da perspectiva, e na seção 4.2.1, sobre as orações imperativas, é possível afirmar que (i) realizam uma tipo específico de localização, na qual esse tipo de verbo só pode estar localizado no “agora” relativo ao momento da interação entre falante e ouvinte; e (ii) realizam a perspectiva visualizada, pois tem como referência à sua consequência (esperada), isto é, o seu cumprimento em algum momento futuro em relação ao aqui-e-agora da interação.

Além disso, os verbos imperativos podem ser realizados por morfemas de imperativo I (“canta”) e II (“cantes”). A diferença entre os verbos imperativos, sugerem Lamberti e Schwenter (2018)⁷⁰, se dá com relação ao repertório de diferentes grupos de falantes e na relação que os verbos imperativos estabelecem com os Adjuntos modais de temporalidade (cf. QUADRO 60) e Circunstâncias de localização e extensão (cf. QUADRO 57). De acordo com os autores, dentre os grupos de falantes estudados, indivíduos dos estados de São Paulo e da Bahia apresentam um uso maior de morfemas imperativos II, enquanto no Rio Grande do Sul e no Pará há maior ocorrência de morfemas imperativos I.

Além disso, os autores sugerem que há correlação (i) entre verbos imperativos I e Adjuntos modais de temporalidade realizando (a) expectativa próxima positiva (“logo”), e também Circunstâncias de localização (b) absoluta: repouso (“hoje”, “agora”), (c) relativa: próxima (“daqui uma hora”), e (d) relativa: remota (“daqui um ano”); e (ii) entre verbos

⁷⁰ O trabalho desses autores não é orientado pela teoria sistêmico-funcional. Ainda assim, seus resultados podem ser interpretados à luz das dimensões e princípios da teoria sistêmico-funcional e da descrição sistêmica do português brasileiro, como informada na seção 2.2.4.

imperativos II e Adjuntos modais de temporalidade realizando (e) perspectiva atualizada positiva (“sempre”) e (f) perspectiva atualizada negativa (“nunca”), e Circunstância de extensão com duração indefinida (“a vida toda”).

Por fim, os verbos subjuntivos também realizam somente a perspectiva visualizada, não sendo capazes de realizar processos atualizados. Entretanto, esses verbos apresentam uma particularidade com relação à localização, como já foi apontado na seção 4.1: os verbos subjuntivos realizam uma localização interna ao próprio verbo, podendo ser caracterizados como (i) passado, para verbos subjuntivos condicionais, (ii) presente, para verbos subjuntivos conjuntivos, e (iii) futuro, para verbos conjuntivos optativos.

Até aqui somente foram abordados os verbos que são orientados segundo a metafunção interpessoal. Esses verbos estabelecem uma relação próxima com sistemas interpessoais em outras unidades, como LIBERDADE, TIPO DE MODO e SUJEITABILIDADE. Em contrapartida, verbos não-orientados não estabelecem nenhuma relação específica com esses sistemas interpessoais e podem realizar somente a perspectiva da seguinte maneira: verbos infinitivos realizam a perspectiva visualizada & perfectiva (“cantar”), verbos no particípio realizam a perspectiva atualizada & perfectiva (“cantado”), e verbos no gerúndio realizam a perspectiva atualizada & imperfectiva (“cantando”).

Os verbos no infinitivo têm sua operação restrita aos grupos verbais, podendo funcionar como Auxiliar (“*ia* ter cantado”) ou Evento (“*ia* cantar”). Os verbos no gerúndio também podem operar no grupo verbal, com função de Auxiliar (“*estar* indo cantar”) ou Evento (“*estar* cantando”), mas também podem operar sozinhos, realizando o Predicador/Processo em orações presas não-finitas (“guardando-a em um depósito do outro lado da rua”). Por fim, os verbos no particípio também operam no grupo verbal como Auxiliar (“*tinha* ido cantar”) ou Evento (“*tinha* cantado”) e na oração como Predicador/Processo em orações presas não-finitas (“guardada em um depósito do outro lado da rua”). Além disso, também podem exercer a função de Epíteto no grupo nominal, como em “uma inscrição ordenada da fala na escrita”.

Diferentemente dos demais verbos não-orientados, o verbo no particípio faz referência ao Sujeito da oração e ao Ente do grupo nominal em relação ao seu gênero e número. Do Exemplo (168) ao Exemplo (171), é possível notar a referência de gênero e número entre o Predicador/Processo (sublinhado) e o Sujeito (em itálico); do Exemplo (172) ao Exemplo (175), nota-se essa referência entre o Epíteto (sublinhado) e o Ente (em itálico).

- Exemplo (168) *Estes algoritmos são também usados com o objetivo de minimizar/evitar alarmes falsos*
- Exemplo (169) *Este algoritmo é também usado com o objetivo de minimizar/evitar alarmes falsos*
- Exemplo (170) *Estas funções são também usadas com o objetivo de minimizar/evitar alarmes falsos*
- Exemplo (171) *Esta função é também usada com o objetivo de minimizar/evitar alarmes falsos*
- Exemplo (172) *uma inscrição ordenada da fala na escrita*
- Exemplo (173) *algumas inscrições ordenadas da fala na escrita*
- Exemplo (174) *um movimento ordenado da fala na escrita*
- Exemplo (175) *alguns movimentos ordenados da fala na escrita*

Ao construir a referência por meio do gênero, o verbo no particípio se assemelha a palavras nominais, que, diferente dos verbos e grupos verbais, não realiza a dêixis temporal, mas a dêixis espacial, construindo a permanência da experiência no texto. Voltando a uma citação feita anteriormente, Halliday e Matthiessen (1999, p. 181) explicam que a diferença fundamental entre processos e participantes em relação à logogênese se dá em razão da persistência e temporalidade.

Participantes tendem a persistir no desdobramento de um texto. Ao fazerem isso, podem adquirir diferentes qualidades. Em comparação, processos não podem persistir em um texto: diferente do sistema dêitico do grupo nominal, o sistema dêitico do grupo verbal é o sistema de tempo verbal, não sendo desenhado para rastrear instâncias textuais do processo no desdobramento do texto.⁷¹

No entanto, ao referenciar o gênero do Sujeito e do Ente, o verbo no particípio em português brasileiro possibilita a construção de um elemento que é ao mesmo tempo transitório e permanente. Diante disso, Sá (2016, p. 69) argumenta que

é possível pensar em um contínuo da experiência, cujos polos são a permanência e a transitoriedade. A morfologia de particípio estaria, assim, num ponto mais próximo do centro desse contínuo, possibilitando que o verbo

⁷¹ Minha tradução de: “Participants tend to persist in the unfolding of a text; and since they do, they can accrue various qualities. In contrast, processes cannot persist in text: unlike the deictic system of the nominal group, the deictic system of the verbal group, the tense system, is not a system for tracking textual instances of processes as a text unfolds.”.

com morfologia de particípio realize a transitoriedade, mas apresentando características da permanência – como gênero e número.

Essa “semitransitoriedade” dos verbos no particípio explica o fato de poderem operar como Epítetos no grupo nominal, uma função prototipicamente realizada por palavras nominais (cf. FIGUEREDO, 2007, p. 226).

4.2.4 A realização da experiência de tempo por meio de relações lógico-semânticas

Por fim, a experiência de tempo pode ser realizada ao longo de toda a escala de ordens lexicogramatical por meio de complexos nas ordens da oração, do grupo e da palavra organizados pelos sistemas de TAXE e TIPO DE RELAÇÃO LÓGICO-SEMÂNTICA. A rede geral do sistema de COMPLEXIDADE pode ser ilustrada pela FIGURA 52.

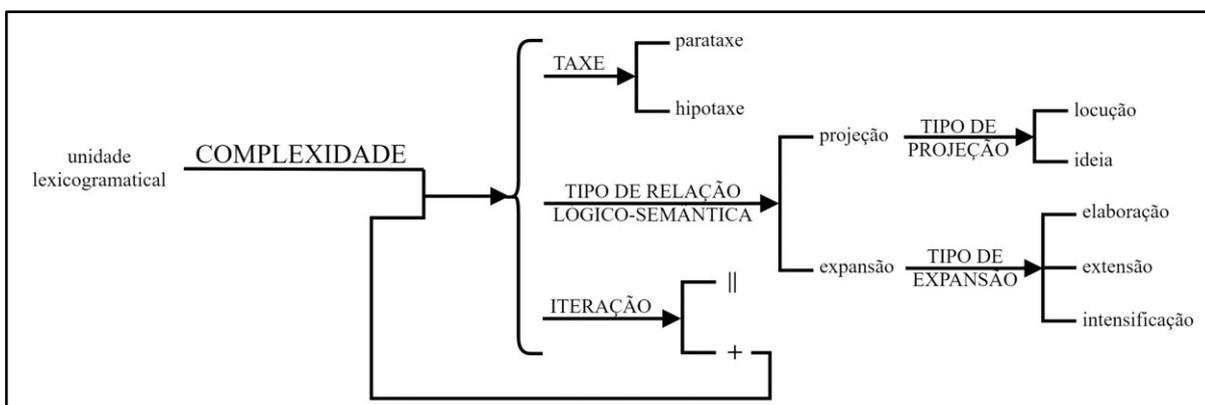


FIGURA 52 – Rede geral do sistema de COMPLEXIDADE do português brasileiro

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

Os complexos são estruturas seriais univariadas. Em outras palavras: complexos são estruturas organizadas pelo componente lógico da metafunção ideacional capazes de estabelecer relações entre duas ou mais unidades de uma mesma ordem, de maneira que esses elementos se modificam nessa relação. O sistema de COMPLEXIDADE tem como condição de entrada qualquer unidade da lexicogramática, e nesta seção primeiro é abordada a unidade da oração, seguida dos grupos e, por fim, das palavras.

Na ordem da oração, o sistema de complexidade organiza os complexos oracionais. Esses complexos oracionais podem estabelecer uma relação entre orações na qual há um *status* de igualdade entre elas, selecionando a parataxe no sistema de TAXE, e também podem estabelecer uma relação com um *status* desigual, selecionando a hipotaxe. Nesse sentido, a hipotaxe constitui uma relação entre um elemento (oração, grupo, palavra, morfema) dominante e um dependente, enquanto a parataxe é uma relação entre um elemento que a inicia e outro que a continua.

No Exemplo (176)⁷², as orações “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala”, “mas Talib agradeceu” e “disse que ia fazer a sesta, sentia dor de cabeça” formam um complexo oracional em relação paratática, no qual todas as orações se encontram em um estado de igualdade entre si. Já a oração “disse que ia fazer a sesta, sentia dor de cabeça” é um complexo hipotático, no qual a oração dominante “disse” está projetando as orações “que ia fazer a sesta” e “sentia dor de cabeça”. E há uma relação paratática entre as orações “ia fazer a sesta” e “sentia dor de cabeça”.

Exemplo (176) ||| Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, || mas Talib agradeceu,
 || disse | que ia fazer a sesta, | sentia dor de cabeça. | |||

Tendo em vista que a relação paratática estabelece um *status* de igualdade entre as orações, elas selecionam as mesmas opções no sistema de MODO e realizam as mesmas opções de localização e/ou de perspectiva. Em contrapartida, considerando o *status* desigual da relação hipotática, verifica-se que ela permite que as orações selecionem opções diferentes de MODO e realizem diferentes aspectos da experiência de tempo. Essa correlação entre as opções dos sistemas de TAXE e MODO e a experiência temporal em termos de localização e perspectiva é ilustrada no QUADRO 76.

⁷² Nesse exemplo, há ainda a oração “tomar licor na sala”, no entanto ela se encontra encaixada na frase preposicional “a tomar licor na sala”, que opera como Circunstância na oração “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala”. Esse caso já foi abordado na seção 4.2.2.

QUADRO 76 – Exemplo de realização da localização e da perspectiva nas relações paratáticas e hipotáticas por complexos oracionais

A	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala,	mas Talib agradeceu,	disse	que ia fazer a sesta,	sentia dor de cabeça.
taxe	parataxe				
	1	2	3		
				hipotaxe	
				α	β
				parataxe	
1				2	
modo	declarativo	declarativo	declar.	declarativo	declarativo
localização	passado	passado	passado	passado	passado
perspectiva	atualizado & perfectivo	atual. & perfectivo	atual. & perf.	visualizado & perfectivo	visualizado & perfectivo
B	Se Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala,	mas Talib agradecer,	diga	que ia fazer a sesta,	sentia dor de cabeça.
taxe	hipotaxe				
	β		α		
	parataxe		hipotaxe		
	1	2	α	β	
				parataxe	
1				2	
modo	não-finito subjuntivo	subj.	imper.	declarativo	declarativo
localização	-	-	-	passado	passado
perspectiva	visualizado & perfectivo	visual. & perfectivo	visual. & perf.	visualizado & perfectivo	visualizado & perfectivo
C	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala,	mas Talib agradeceu,	dizendo	que ia fazer a sesta,	se sentisse dor de cabeça.
taxe	parataxe				
	1	2			
			hipotaxe		
			α	β	
			hipotaxe		
			α	β	
			hipotaxe		
α			β		
modo	declarativo	declarativo	aspect.	declarativo	não-fin. subj.
localização	passado	passado	-	passado	-
perspectiva	atualizado & perfectivo	atual. & perfectivo	visual. & perf.	visualizado & perfect.	visualizado & perfectivo

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

No QUADRO 76, é possível notar três complexos oracionais, identificados pelas letras A, B e C. As relações paratáticas são indicadas por algarismos arábicos (1, 2, 3, etc.), sendo a oração inicial indicada pelo algarismo 1 e as relações hipotáticas indicadas por letras do alfabeto grego (α , β , γ , etc.), com a oração dominante indicada pela letra α .

O complexo de orações A é o mesmo encontrado no Exemplo (176). Primeiramente, encontram-se em relação paratática as orações “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala”, “mas Talib agradeceu” e “disse que ia fazer a sesta, sentia dor de cabeça”, como já foi apontado acima. Com isso, essas orações selecionam o modo declarativo e realizam a localização de passado e a perspectiva atualizada & perfectiva. Nesse complexo também há a projeção da oração verbal, a saber, “que ia fazer a sesta, sentia dor de cabeça”, que mantém uma relação hipotática com a oração dominante “disse” e, diferentemente dessa, realiza a perspectiva visualizada & perfectiva. Por fim, há também uma relação paratática entre as orações “que ia fazer a sesta” e “sentia dor de cabeça”, sendo orações declarativas realizando a localização de passado e a perspectiva visualizada & perfectiva.

Em relação ao complexo oracional B, é possível notar uma relação hipotática entre dois nexos oracionais (conjuntos de orações interdependentes): “se Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, mas Talib agradecer” e “diga que ia fazer a sesta, sentia dor de cabeça”. O primeironexo é dependente, sendo formado por duas orações não-finitas subjuntivas (“se Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala” e “mas Talib agradecer”) em relação paratática, realizando a somente a perspectiva visualizada & perfectiva. O segundo nexo é dominante, formado uma oração dominante imperativa (“diga”), realizando também a perspectiva visualizada & perfectiva, e ainda outro nexo oracional (“que ia fazer a sesta” e “sentia dor de cabeça”). Esse último nexo estabelece uma relação de parataxe entre as orações declarativas, que realizam a localização de passado e a perspectiva visualizada & perfectiva.

Por fim, o complexo de orações C apresenta as orações “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala” e “mas Talib agradeceu” em uma relação de parataxe, tratando-se de orações declarativas realizando a localização de passado e a perspectiva atualizada & perfectiva. A oração “mas Talib agradeceu”, por sua vez, opera como dominante em uma relação hipotática com o nexo “dizendo que ia fazer a sesta, se sentisse dor de cabeça”, este sendo formado por uma oração verbal não-finita aspectual em conjunto com suas orações

projetadas e realizando somente a perspectiva visualizada & imperfectiva. Já essa oração verbal é a dominante em uma outra relação hipotática com outro nexos, formado unicamente pelas suas orações projetadas, que, por sua vez, são respectivamente declarativa e não-finita subjuntiva, a primeira realizando a localização de passado, e ambas realizando a perspectiva visualizada & perfectiva. Finalmente, essas orações projetadas também encontram-se em relação hipotática.

Em suma, nos complexos oracionais do QUADRO 76, enquanto as relações paratáticas apresentam as mesmas opções de modo, localização e perspectiva, as orações hipotáticas podem apresentar diferenças para uma ou mais dessas características.

Além do sistema de TAXE, as orações também são organizadas em complexos conforme o sistema de TIPO DE RELAÇÃO LÓGICO-SEMÂNTICA. Esse sistema possui as opções projeção, que se subdivide em locução e ideia, e expansão, subdividindo-se em elaboração, extensão e intensificação. Como explicam Halliday e Matthiessen (2014, p. 432), as relações lógico-semânticas apresentam a mesma tipologia geral das circunstâncias (cf. rede de sistemas de TRANSITIVIDADE, FIGURA 48), de maneira que as relações e as Circunstâncias podem ser em algum nível agnatas. Isso pode ser ilustrado com o Exemplo (177), com a Circunstância de localização temporal “antes da volta para São Paulo” realizando a localização de passado e perspectiva atualizada & imperfectiva, e com o Exemplo (178), formado por duas orações em relação de hipotaxe, na qual a segunda (“antes de voltar para São Paulo”) intensifica a primeira, realizando a localização de passado e perspectiva atualizada & imperfectiva.

Exemplo (177) Só fui vê-lo no domingo, *antes da volta para São Paulo*.

Exemplo (178) Só fui vê-lo no domingo, *antes de voltar para São Paulo*.

Sendo assim, semelhantemente às Circunstâncias de intensificação (mais especificamente, localização e extensão temporal), as relações lógico-semânticas de intensificação desempenham um papel essencial na realização da experiência de tempo por complexos oracionais. Nesse sentido, ainda que a realização dessa experiência cumpra um papel nos complexos paratáticos e hipotáticos no geral, como demonstrado anteriormente (cf. QUADRO 76), as relações de intensificação temporal realizadas pelos complexos podem caracterizar essas relações segundo a localização, a perspectiva e o estágio.

As relações lógico-semânticas de intensificação temporal podem ser de três tipos, relativos à localização realizada pela oração inicial (no caso da parataxe) ou dominante (no caso da hipotaxe), a saber, (i) contemporânea, na qual a oração inicial ou dominante é intensificada por uma oração continuante ou dependente com a mesma localização (A ao mesmo tempo que B); (ii) precedente, com a oração inicial ou dominante realizando localização anterior à oração continuante ou dependente (A antes de B); e (iii) subsequente, com a oração inicial ou dependente realizando localização posterior à oração continuante ou dependente (A depois de B). O QUADRO 77 apresenta exemplos de realização da relação lógico-semântica de intensificação temporal conforme suas categorias.

QUADRO 77 – Exemplos de realização da relação lógico-semântica de intensificação temporal por complexos oracionais

Intensificação temporal	Parataxe	Hipotaxe	
		Oração dependente finita	Oração dependente não-finita
contemporânea	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, ao mesmo tempo que Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, ao mesmo tempo que Talib agradeceria	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, ao mesmo tempo em que Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, ao mesmo tempo em que Talib agradeceria	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, ao mesmo tempo Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, ao mesmo tempo Talib agradecia	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, enquanto isso Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, enquanto isso Talib agradecia	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, enquanto isso Talib agradecia
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, enquanto Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, enquanto Talib agradecia	Zana convidará os vizinhos a tomar licor na sala enquanto Talib agradecer
		Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, quando Talib agradeceu	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, no momento em que Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, no momento em que Talib agradecia	Zana convidaria os vizinhos a tomar licor na sala, no momento em que Talib agradecesse
	Naquele momento Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, e Talib agradecia	Naquele momento Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, e Talib agradeceu	
			Ao agradecer, Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala
	Zana convidando os vizinhos a tomar licor na sala, Talib agradecendo		Talib agradecendo, Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala

	Zana convidando os vizinhos a tomar licor na sala, e Talib agradecendo		
precedente			Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, antes de Talib agradecer
			Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, antes que Talib agradecesse
			Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, até Talib agradecer
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, até que Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, até que Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, até que Talib agradecesse
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, depois Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, depois Talib agradecerá	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, depois disso Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, depois disso Talib agradecerá	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, aí Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, aí Talib agradeceu	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, daí Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, daí Talib agradeceu	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, então Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, então Talib agradeceu	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, após isso Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, após isso Talib agradeceu	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, e Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, e Talib agradecia	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, a seguir Talib agradeceu	Zana convida os vizinhos a tomar licor na sala, a seguir Talib agradecerá	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, em seguida Talib agradeceu	Zana convida os vizinhos a tomar licor na sala, em seguida Talib agradecerá	

Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, na sequência Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, na sequência Talib agradeceria	
Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, posteriormente Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, posteriormente Talib agradeceu	
Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, mais tarde Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, mais tarde Talib agradeceria	
Zana convidou previamente os vizinhos a tomar licor na sala, e Talib agradeceu	Zana convidava previamente os vizinhos a tomar licor na sala, e Talib agradeceu	
Previamente Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, posteriormente Talib agradeceu	Previamente Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, posteriormente Talib agradeceria	
Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, agora Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, agora Talib agradecia	
Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, neste momento Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, neste momento Talib agradece	
Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, por fim Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, por fim Talib agradeceu	
Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, por último Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, por último Talib agradeceu	
Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, ao fim Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, ao fim Talib agradeceu	
Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, imediatamente Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, imediatamente Talib agradeceu	
Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, e logo Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, e logo Talib agradeceria	
Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, na próxima vez Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, na próxima vez Talib agradecerá	

	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, e em outra ocasião Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, e em outra ocasião Talib agradeceu	
	A partir do momento que Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, Talib agradeceu	A partir do momento que Zana convida os vizinhos a tomar licor na sala, Talib agradecerá	A partir do momento que Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, Talib agradece
	Antes Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, agora Talib agradeceu	Antes Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, agora Talib agradecerá	
			Convidados os vizinhos a tomar licor na sala, Talib agradeceu
subsequente			Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, depois de Talib agradecer
			Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, após Talib agradecer
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, depois que Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, depois que Talib agradeceu	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, desde que Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, desde que Talib agradeceu	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, antes disso Talib agradeceu	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, antes disso Talib agradecia	
	Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, assim que Talib agradeceu	Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, assim que Talib agradeceu	Zana convidará os vizinhos a tomar licor na sala, assim que Talib agradecer
			Zana convidará os vizinhos a tomar licor na sala, quando Talib agradecer
			♠ Se Zana convidasse os vizinhos a tomar licor na sala, depois Talib agradeceria

			♠ Quando Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, depois disso Talib agradecerá
			♠ Quando Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, aí Talib agradecerá
			♠ Quando Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, daí Talib agradecerá
			♠ Se Zana convidasse os vizinhos a tomar licor na sala, então Talib agradeceria
			♠ Se Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, após isso Talib agradecerá
			♠ Se Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, em seguida Talib agradecerá
			♠ Ainda que Zana convide os vizinhos a tomar licor na sala, na sequência Talib agradeceria
			♠ Quando Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, posteriormente Talib agradecerá
			♠ Se Zana convidasse os vizinhos a tomar licor na sala, mais tarde Talib agradeceria
			♠ Quando Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, posteriormente Talib agradecerá
			♠ Se Zana convidasse os vizinhos a tomar licor na sala, mais tarde Talib agradeceria

			♠ Ainda que previamente Zana convide os vizinhos a tomar licor na sala, posteriormente Talib agradecerá
			♠ Ainda que Zana convide os vizinhos a tomar licor na sala, agora Talib agradece
			♠ Se Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, por fim Talib agradecerá
			♠ Se Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, por último Talib agradecerá
			♠ Se Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, ao fim Talib agradecerá
			♠ Se Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, imediatamente Talib agradecerá
			♠ Se Zana convidar os vizinhos a tomar licor na sala, na próxima vez Talib agradecerá
			♠ Ainda que Zana convidasse os vizinhos a tomar licor na sala, em outra ocasião Talib agradecerá

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

O QUADRO 77 organiza diferentes exemplos de complexos oracionais paratáticos, que, no que tange à experiência de tempo, envolve duas orações realizando as mesmas opções de localização ou perspectiva. Nesse sentido, a oração 1 determina a localização ou perspectiva do complexo, e a oração 2 intensifica esses significados com novos processos, participantes e circunstâncias que operam nesse ambiente temporal da oração 1. Com isso, é possível observar complexos realizando relação de intensificação temporal (i) contemporânea, como “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, ao mesmo tempo em que Talib agradeceu” e “Naquele momento Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, e Talib agradecia”, (ii) precedente, como “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, até que Talib agradeceu” e “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, então Talib agradeceu”, e (iii) subsequente, como “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, depois que Talib agradeceu” e “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, assim que Talib agradeceu”. Em todos os casos, as mesmas opções de experiência de tempo são realizadas pelas duas orações.

Também encontram-se no QUADRO 77 complexos oracionais hipotáticos, os quais podem ter orações finitas e não-finitas como oração dependente. No caso das orações finitas, a relação lógico-semântica de intensificação temporal envolve alguma diferença na realização da localização; porém, é importante frisar, alguma localização primária é necessariamente construída. Já no caso das orações não-finitas, a oração dependente somente realiza a perspectiva temporal. É possível citar como exemplos de hipotaxe com oração dependente finita: (i) contemporânea, como “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, ao mesmo tempo que Talib agradeceria” e “Naquele momento Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, e Talib agradeceu”; (ii) precedente, como “Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, até que Talib agradeceu” e “Zana convida os vizinhos a tomar licor na sala, em seguida Talib agradecerá”; e (iii) subsequente, como “Zana convidava os vizinhos a tomar licor na sala, depois que Talib agradeceu” e “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, antes disso Talib agradecia”.

Citam-se exemplos de hipotaxe com oração dependente não-finita: (i) contemporânea, “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, enquanto isso Talib agradecia” e “ao agradecer, Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala”; (ii) precedente, “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, antes de Talib agradecer” e “convidados os vizinhos a tomar licor na sala, Talib agradeceu”; e (iii) subsequente, “Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, depois de Talib agradecer” e “Zana convidará os vizinhos a tomar licor na sala, assim que Talib agradecer”.

É importante notar que alguns exemplos de hipotaxe com orações dependentes não-finitas apresentam o símbolo “♠”, como “se Zana convidasse os vizinhos a tomar licor na sala, depois Talib agradeceria”. Nesses casos, restritos à relação temporal subsequente (A depois de B), a relação lógico-semântica de intensificação temporal estabelece uma cooperação com a relação de intensificação causal (se A, então B). A realização prototípica das relações causais é feita por orações dependentes não-finitas subjuntivas, que somente constroem processos com perspectiva visualizada. Isso possibilita a realização da relação lógico-semântica de intensificação temporal subsequente, de maneira que a diferença na realização da experiência de tempo nesses casos pode ocorrer tanto em relação à localização (pois subjuntivas não podem realizar esses significados, como já discutido em 4.1) quanto em relação à perspectiva. Assim, no exemplo “se Zana convidasse os vizinhos a tomar licor na sala, depois Talib agradeceria”, ocorrem as relações temporal e causal, nas quais a oração dominante “depois Talib agradeceria” realiza a localização de passado e a perspectiva visualizada & perfectiva, enquanto a oração dependente “se Zana convidasse os vizinhos a tomar licor na sala” realiza a perspectiva visualizada & imperfectiva – assim como também constrói a relação causal com a oração dominante.

Além das relações de intensificação temporal, outros tipos de relação lógico-semântica também podem contribuir para a realização da experiência de tempo de maneira mais pontual. Como exemplo é possível citar as relações hipotáticas de elaboração, conforme ilustrado pelo Exemplo (179), cuja oração “quando começaram a ser publicados os primeiros estudos...” (sublinhada) funciona como um detalhamento da primeira oração, mais especificamente, enfocando a Circunstância “no início dos anos 1990” (em itálico).

Exemplo (179) O interesse de Jardim por estudar a bacia do rio Negro surgiu *no início dos anos 1990*, quando começaram a ser publicados os primeiros estudos mostrando alta concentração de mercúrio em peixes dessa região, historicamente pouco atingida pela mineração.

Por se tratar de uma relação hipotática, as orações podem realizar diferentes opções da experiência de tempo. Com isso, a oração dependente do exemplo acima tem uma opção agnata formada por uma oração não-finita, realizando somente a perspectiva atualizada & imperfectiva, como ilustrado pelo Exemplo (180).

Exemplo (180) O interesse de Jardim por estudar a bacia do rio Negro surgiu *no início dos anos 1990*, começando a ser publicados os primeiros estudos mostrando alta concentração de mercúrio em peixes dessa região, historicamente pouco atingida pela mineração.

Em alguns casos em particular, a oração dependente nem mesmo apresenta grupo verbal realizando Predicador/Processo, como acontece no Exemplo (181). Aqui, mesmo que o processo não seja realizado na lexicogramática, o segmento sublinhado continua sendo uma oração, realizando a configuração de participantes e circunstâncias na figura, o que pode ser evidenciado, por exemplo, pela explicitação do Agente (*e.g.*, “quando da publicação dos primeiros estudos *por Jardim...*”).

Exemplo (181) O interesse de Jardim por estudar a bacia do rio Negro surgiu *no início dos anos 1990*, quando da publicação dos primeiros estudos mostrando alta concentração de mercúrio em peixes dessa região, historicamente pouco atingida pela mineração.

As relações de projeção também podem contribuir para a realização da experiência de tempo. O QUADRO 78 resume as opções gerais das relações lógico-semânticas de projeção em relação à parataxe e à hipotaxe.

Em primeiro lugar, o sistema de TIPO DE PROJEÇÃO opera em conjunto com outros dois sistemas: TIPO DE PROCESSO e FUNÇÃO DISCURSIVA. Com relação ao sistema de TIPO DE PROCESSO, as relações de projeção de locução são realizadas por orações verbais, e as relações de projeção de ideia são realizadas por orações mentais, juntamente com suas respectivas orações projetadas. Em relação ao sistema de FUNÇÃO DISCURSIVA, a oração projetada pode realizar qualquer opção desse sistema semântico, seja declaração, pergunta, comando ou oferta. Por fim, as orações projetadas podem selecionar qualquer tipo de processo (material, mental, verbal, relacional ou existencial).

QUADRO 78 – As relações de projeção em complexos oracionais paratáticos e hipotáticos

Tipo de projeção	Função discursiva	Parataxe	Hipotaxe
locução	declaração	Disse “vou fazer a sesta”	Disse que ia fazer a sesta
	pergunta	Disse “vou fazer a sesta?”	Perguntou se ia fazer a sesta
		Disse “vou fazer o que?”	Perguntou o que iria fazer
	comando	Disse “faça a sesta”	Mandou ele fazer a sesta
	oferta	Disse “podemos fazer a sesta?”	Ofereceu fazer a sesta
ideia	declaração	Pensou ‘vou fazer a sesta’	Pensou que ia fazer a sesta
	pergunta	Pensou ‘vou fazer a sesta?’	Imaginou se iria fazer a sesta
		Pensou ‘vou fazer o que?’	Imaginou o que iria fazer
	comando	Pensou ‘faça a sesta’	Quis que fizesse a sesta
	oferta	Pensou ‘podemos fazer a sesta?’	Quis que pudesse fazer a sesta

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Como se observa no QUADRO 78, as orações projetadas, tanto nas relações de projeção de locução quanto projeção de ideia, podem realizar quaisquer funções discursivas. No entanto, somente nas relações paratáticas as orações projetadas podem selecionar qualquer opção no sistema de MODO (declarativo, interrogativo ou imperativo), pois a relação paratática mantém um *status* de igualdade entre as orações do complexo. Assim, a oração projetada paratática realiza a experiência de tempo e seleciona opções nos sistemas da oração de maneira independente da oração projetante. Por exemplo, no complexo oracional “disse ‘faça a sesta’”, a oração projetante encontra-se no modo declarativo e realiza a localização de passado e a perspectiva atualizada & perfectiva, enquanto a oração projetada encontra-se no modo imperativo, realizando a localização de presente e a perspectiva visualizada & perfectiva.

A seleção do modo e a realização da experiência de tempo no complexo hipotático não funcionam de maneira tão independente entre as orações projetada e projetante. Enquanto a oração projetante pode selecionar qualquer opção de modo (*e.g.*, “disse que ia fazer a sesta”, “diga que ia fazer a sesta”, “disse que ia fazer a sesta?”), a oração projetada deve ser declarativa (“disse que ia fazer a sesta”), não-finita aspectual (“mandou ele fazer a sesta”) ou não-finita subjuntiva (“quis que fizesse a sesta”).

Na realização de proposições, isto é, declarações e perguntas, a oração projetada é declarativa e pode realizar qualquer opção de localização, perspectiva e estágio. Há um único caso excepcional na realização das perguntas, no qual a pergunta elemental também pode ser

realizada por uma oração não-finita com o Predicador/Processo realizado por verbo com morfologia de infinitivo (e.g., “perguntou o que fazer”, “imaginou o que fazer”).

Já na realização de propostas, isto é, comandos e ofertas, a oração projetada pode ser (i) não-finita aspectual concretizada (“mandou fazer a sesta”, “imaginou fazer a sesta”), (ii) não-finita subjuntiva conjuntiva (“mandou que faça a sesta”, “imaginou que faça a sesta”) ou (iii) não-finita subjuntiva condicional (“mandou que fizesse a sesta”, “imaginou que fizesse a sesta”). Além disso, essas orações projetadas podem realizar somente a localização secundária e a perspectiva visualizada, podendo realizar qualquer desdobramento da perspectiva e qualquer estágio.

O QUADRO 79 ilustra a realização da experiência de tempo pelas orações projetadas nas relações de projeção de locução e ideia segundo a função discursiva.

QUADRO 79 – Exemplos de realização da experiência de tempo por orações projetadas

Função discursiva	Tipo de projeção	Tempo	Exemplos
declaração	locução	passado; atualizado & perf.	Disse que fez a sesta
		passado; atualizado & imperf.	Disse que fazia a sesta
		futuro; visualizado & imperf.	Disse que fará a sesta
		futuro no passado; atualizado & perfectivo	Disse que foi fazer a sesta
		futuro no passado; visualizado & perfectivo	Disse que podia fazer a sesta
		passado; atualizado & perfectivo; temporal & começo	Disse que começou a fazer a sesta
		presente; atualizado & imperfectivo; real & intermédio	Disse que permanece fazendo a sesta
		futuro; visualizado & perfectivo; temporal & final	Disse que terminará de fazer a sesta
	ideia	passado; atualizado & perfectivo	Pensou que fez a sesta
		passado; atualizado & imperf.	Pensou que fazia a sesta
		futuro; visualizado & imperf.	Pensou que fará a sesta
		futuro no passado; atualizado & perfectivo	Pensou que ia fazer a sesta
		futuro no passado; visualizado & perfectivo	Pensou que podia fazer a sesta
		futuro no passado; visualizado & perfectivo	Pensou que podia fazer a sesta

		passado; atualizado & perfectivo; temporal & começo	Pensou que começou a fazer a sesta
		presente; atualizado & imperfectivo; real & intermédio	Pensou que permanece fazendo a sesta
		futuro; visualizado & perfectivo; temporal & final	Pensou que terminará de fazer a sesta
comando	locução	visualizado & imperfectivo	Mandou fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo	Mandou que fizesse a sesta
		visualizado & imperfectivo	Mandou que faça a sesta
		futuro secundário; visualizado & perfectivo	Mandou ir fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo	Mandou que pudesse fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo; temporal & começo	Mandou que comece a fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo; real & intermédio	Mandou que permanecesse fazendo a sesta
		visualizado & imperfectivo; temporal & final	Mandou terminar de fazer a sesta
	ideia	visualizado & imperfectivo	Desejou fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo	Desejou que fizesse a sesta
		visualizado & imperfectivo	Desejou que faça a sesta
		futuro secundário; visualizado & perfectivo	Desejou ir fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo	Desejou que pudesse fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo; temporal & começo	Desejou que comece a fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo; real & intermédio	Desejou que permanecesse fazendo a sesta
visualizado & imperfectivo; temporal & final		Desejou terminar de fazer a sesta	
pergunta	locução	passado; atualizado & perfectivo	Perguntou se fez a sesta
			Perguntou o que fez
		passado; atualizado & imperfectivo	Perguntou se fazia a sesta
			Perguntou o que fazia
		futuro; visualizado & imperfectivo	Perguntou se fará a sesta
			Perguntou o que fará
		futuro no passado; atualizado & perfectivo	Perguntou se ia fazer a sesta
			Perguntou o que ia fazer
		futuro no passado; visualizado & perfectivo	Perguntou se podia fazer a sesta
			Perguntou o que podia fazer

		passado; atualizado & perfectivo; temporal & começo	Perguntou se começou a fazer a sesta
			Perguntou o que começou a fazer
		presente; atualizado & imperfectivo; real & intermédio	Perguntou se permanece fazendo a sesta
			Perguntou o que permanece fazendo
		futuro; visualizado & perfectivo; temporal & final	Perguntou se terminará de fazer a sesta
	Perguntou o que terminará de fazer		
	visualizado & perfectivo	Perguntou o que fazer	
	ideia	passado; atualizado & perfectivo	Imaginou se fez a sesta
			Imaginou o que fez
		passado; atualizado & imperfectivo	Imaginou se fazia a sesta
			Imaginou o que fazia
		futuro; visualizado & imperfectivo	Imaginou se fará a sesta
			Imaginou o que fará
		futuro no passado; atualizado & perfectivo	Imaginou se ia fazer a sesta
			Imaginou o que ia fazer
		futuro no passado; visualizado & perfectivo	Imaginou se podia fazer a sesta
			Imaginou o que podia fazer
		passado; atualizado & perfectivo; temporal & começo	Imaginou se começou a fazer a sesta
			Imaginou o que começou a fazer
presente; atualizado & imperfectivo; real & intermédio		Imaginou se permanece fazendo a sesta	
		Imaginou o que permanece fazendo	
futuro; visualizado & perfectivo; temporal & final	Imaginou se terminará de fazer a sesta		
	Imaginou o que terminará de fazer		
visualizado & perfectivo	Imaginou o que fazer		
oferta	locução	visualizado & imperfectivo	Sugeriu fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo	Sugeriu que fizesse a sesta
		visualizado & imperfectivo	Sugeriu que faça a sesta
		futuro secundário; visualizado & perfectivo	Sugeriu ir fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo	Sugeriu que pudesse fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo; temporal & começo	Sugeriu que comece a fazer a sesta
		visualizado & imperfectivo; real & intermédio	Sugeriu que permanecesse fazendo a sesta
		visualizado & imperfectivo; temporal & final	Sugeriu terminar de fazer a sesta

ideia	visualizado & imperfectivo	Desejou fazer a sesta
	visualizado & imperfectivo	Desejou que fizesse a sesta
	visualizado & imperfectivo	Desejou que faça a sesta
	futuro secundário; visualizado & perfectivo	Desejou ir fazer a sesta
	visualizado & imperfectivo	Desejou que pudesse fazer a sesta
	visualizado & imperfectivo; temporal & começo	Desejou que comece a fazer a sesta
	visualizado & imperfectivo; real & intermédio	Desejou que permanecesse fazendo a sesta
	visualizado & imperfectivo; temporal & final	Desejou terminar de fazer a sesta

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Além disso, as orações projetadas também podem ser menores, de maneira que não realizam nenhuma experiência temporal. No Exemplo (182), a oração projetada “calma, delegado” não apresenta Predicador, sendo, por isso, uma oração menor e não sendo capaz de realizar localização, perspectiva ou estágio temporal.

Exemplo (182) Já ia puxar seu revólver da algibeira, quando Holmes o tranquilizou: “Calma, delegado”.

A projeção envolvendo orações menores só é possível em relações paratáticas, não sendo possível uma oração como “Holmes o tranquilizou se calma, delegado”. Opções agnatas são orações projetadas não-finitas, por exemplo: “Holmes pediu que o delegado se acalmasse”, “Holmes pediu para o delegado ter calma” e “Holmes pediu para o delegado se acalmar”.

Por último, os complexos oracionais em relação de extensão não realizam opções específicas da experiência de tempo. Antes, esses complexos somente dispõem as orações em uma sucessão, cada uma construindo sua própria localização, perspectiva e estágio. Dessa maneira, retomando um exemplo anterior ilustrado aqui no Exemplo (183), nota-se uma oração realizando a localização de passado e a perspectiva atualizada & perfectiva (“Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala”), seguida de outra oração no passado com perspectiva atualizada & perfectiva (“mas Talib agradeceu”), seguida de mais outra oração no passado com

perspectiva atualizada & perfectiva (“disse que ia fazer a sesta, sentia dor de cabeça”). Assim, complexos oracionais extensivos somente constroem uma sucessão de tempos.

Exemplo (183) ||| Zana convidou os vizinhos a tomar licor na sala, || mas Talib agradeceu,
 || disse | que ia fazer a sesta, | sentia dor de cabeça. | |||

Até aqui foi abordado como o sistema de COMPLEXIDADE opera na ordem da oração. Entretanto, esse sistema também opera na ordem do grupo. Na realização da experiência de tempo, o complexo de grupos verbais desempenha um papel fundamental, pois são o principal recurso para a realização do estágio. Mais especificamente: complexos de grupos verbais hipotáticos em relação lógico-semântica de elaboração são a principal forma de realização lexicogramatical da experiência de tempo conforme esse parâmetro. Esses complexos de grupos verbais se organizam no sistema de FASE, cuja condição de entrada é a conjunção das opções hipotaxe e elaboração, do sistema de COMPLEXIDADE. As opções deste sistema são análogas às categorias do estágio. Esse sistema é ilustrado pelo QUADRO 80, apresentado primeiramente na seção 4.1, e apresenta as opções do sistema de FASE e as possibilidades de realização do estágio por complexos de grupos verbais em relação lógico-semântica de elaboração.

QUADRO 80 – As opções do sistema de FASE e suas realizações

Estágio	Realizações	Exemplos
começo	<i>começar ^ verbo: gerúndio,</i> <i>começar a ^ verbo: infinitivo,</i> <i>passar a ^ verbo: infinitivo,</i> <i>pôr ^ clítico ^ a ^ verbo: infinitivo</i>	começa fazendo, começaria a pensar, passará a ter, põem-se a pesquisar
intermédio	<i>continuar ^ verbo: gerúndio,</i> <i>continuar a ^ verbo: infinitivo,</i> <i>ficar ^ verbo: gerúndio,</i> <i>seguir ^ verbo: gerúndio</i>	continua jogando, continua a nadar, ficava sabendo, seguiu escrevendo
final	<i>acabar de ^ verbo: infinitivo,</i> <i>terminar de ^ verbo: infinitivo</i>	acaba de gripar, terminava de digitar

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

A realização da FASE pode ser resumida a algumas opções de Eventos dominantes que podem modificar outros Eventos dependentes em uma relação de elaboração, como mostra o QUADRO 80. O primeiro Evento em um complexo é o dominante, pois é ele que realiza a localização temporal do processo, portanto localizando-o em relação ao aqui-e-agora da interação entre falante e ouvinte. O segundo Evento é dependente, pois não pode realizar a localização do processo, sendo realizado por verbos não-orientados (*i.e.*, gerúndio e infinitivo). Por exemplo, no complexo “começa fazendo”, o grupo verbal “começa” é dominante, realizado por um verbo finito presente, enquanto o grupo verbal “fazendo” é dependente, realizado por um verbo com morfologia de gerúndio.

Assim, o Evento dominante do complexo de grupos verbais pode realizar quaisquer opções de dêixis temporal e modal e de aspecto verbal, de maneira que o sistema de FASE pode realizar quaisquer opções de localização e perspectiva. O QUADRO 81 ilustra a realização da experiência de tempo pelo Evento dominante nessa relação hipotática de elaboração dos complexos de grupos verbais organizados pelo sistema de FASE.

QUADRO 81 – Realização de estágio, localização e perspectiva pelo Evento dominante em complexos de grupos verbais hipotáticos com relação de elaboração

Estágio	Localização	Perspectiva	Exemplos
começo	passado	atualizado & perfectivo	começou a fazer
		atualizado & imperfectivo	começava a fazer
		visualizado	começaria a fazer
	presente	atualizado	começa a fazer
	futuro	visualizado	começará a fazer
intermédio	passado	atualizado & perfectivo	continuou a fazer
		atualizado & imperfectivo	continuava a fazer
		visualizado	continuará a fazer
	presente	atualizado	continua a fazer
	futuro	visualizado	continuará a fazer
final	passado	atualizado & perfectivo	terminou de fazer
		atualizado & imperfectivo	terminava de fazer
		visualizado	terminaria de fazer
	presente	atualizado	termina de fazer
	futuro	visualizado	terminará de fazer

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Além disso, cada Evento pode selecionar opções no sistema de TEMPO SECUNDÁRIO, DÊIXIS MODAL e POLARIDADE⁷³ de maneira relativamente independente do outro. Portanto, o complexo de grupos verbais pode realizar (i) a localização secundária, por meio do tempo secundário no Evento dominante (“está começando a fazer”), no Evento dependente (“começou a estar fazendo”) ou em ambos (“está começando a ir fazer”); (ii) a perspectiva visualizada, por meio de Operadores modais no Evento dominante (“pode começar a fazer”), no Evento dependente (“começa a poder fazer”) ou em ambos (“pode começar a poder fazer”); e (iii) a localização secundária e a perspectiva visualizada juntos, por meio do tempo secundário e de Operadores modais no Evento dominante (“pode estar começando a fazer”), no Evento dependente (“começa a poder estar fazendo”) ou em ambos (“pode estar começando a poder estar fazendo”).

Neste ponto é necessário elucidar que o sistema de FASE é iterativo, de maneira que os complexos de grupos verbais em relação de elaboração podem formar estruturas seriais mais longas, como em “termina de começar a seguir fazendo”. Embora estruturas com mais de dois grupos verbais sejam improváveis, o caráter iterativo do sistema de complexidade não impossibilita sua ocorrência em algum texto. Ademais, os Eventos nesses complexos mais longos podem igualmente realizar de maneira independente a localização e a perspectiva em termos de tempo secundário, dêixis temporal e modal e polaridade (e.g., “está podendo terminar de começar a seguir fazendo”, “termina de estar podendo começar a seguir fazendo”, “termina de começar a estar podendo seguir fazendo”, e suas respectivas agnações com polaridade negativa). Novamente, embora tais complexos tenham ocorrência improvável em algum texto, não são impossíveis do ponto de vista sistêmico, dada a natureza iterativa do sistema de FASE.

Além dos complexos hipotáticos em relação de elaboração, os complexos de grupos verbais hipotáticos também podem realizar a atualização da perspectiva por meio da relação de extensão. A noção básica desse tipo de complexo pode ser resumida na tentativa ou sucesso de atualização do processo. Com isso, um Evento modifica outro Evento ao realizar sua atualização (“conseguiu fazer”) ou visualização (“tentou fazer”). A opção agnata mais próxima desses complexos são grupos verbais simples com Operadores modais (“pode fazer”, “tem que fazer”, “deve fazer”).

⁷³ Conferir o QUADRO 72 e sua discussão na seção 4.2.2, onde é tratada a realização da dêixis modal e da polaridade na estrutura serial dos complexos de grupos verbais.

O funcionamento dos complexos de grupos verbais em relação de extensão é semelhante aos complexos em relação de elaboração, com alguns Eventos podendo funcionar como dominantes, a saber, *tentar*, *conseguir*, *procurar*, *buscar*, *intentar*, *testar* e *lograr*. Esses complexos são então organizados em um sistema denominado CONAÇÃO, que tem como condição de entrada a conjunção das opções hipotaxe e extensão, do sistema de COMPLEXIDADE. Semelhantemente ao sistema de FASE, os complexos que realizam a conação podem realizar quaisquer opções de localização (“conseguiu fazer”, “consegue fazer”, “conseguirá fazer”), perspectiva (“tentou fazer”, “está tentando fazer”, “conseguiu fazer”, “está conseguindo fazer”) e estágio (“começou a tentar fazer”, “continua conseguindo fazer”, “terminou de conseguir fazer”), sendo a realização também de certa maneira independente por cada Evento (“pode estar começando a tentar fazer”, “tentou começar a poder estar fazendo”). Complexos de grupos verbais realizando a conação podem ser divididos segundo a tentativa (realizada por um Evento dominante realizado verbos como *tentar*, *procurar*, *buscar*, *intentar* e *testar*, seguidos de outro verbo com função de Evento com morfologia de infinitivo) e o sucesso (com o Evento dominante realizado por *conseguir* e *lograr*). O QUADRO 82 apresenta as categorias de conação, as realizações e alguns exemplos.

QUADRO 82 – Opções do sistema de CONAÇÃO e suas realizações

Conação	Realizações	Exemplos
tentativa	<i>tentar</i> ^ verbo: infinitivo, <i>procurar</i> ^ verbo: infinitivo, <i>buscar</i> ^ verbo: infinitivo, <i>intentar</i> ^ verbo: infinitivo, <i>testar</i> ^ verbo: infinitivo	tenta escrever, procurava estudar, buscou apontar, intentava descobrir, testaram aplicar
sucesso	<i>conseguir</i> ^ verbo: infinitivo, <i>lograr</i> ^ verbo: infinitivo	consegue cortar, lograria recuperar

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Além disso, complexos de grupos verbais em relação de intensificação também podem desempenhar um papel na realização da perspectiva de uma maneira própria. Mais especificamente, esses complexos são formados por Eventos dominantes realizados por *começar por*, *estar por*, *estar para*, *terminar por*, *viver*, *voltar a*, *tornar a*, *tender a* e *costumar*. Esses complexos podem realizar a extensão visualizada (“começa por fazer”, “está por fazer”), atualizada & terminada (“termina por fazer”) e atualizada & contínua (“vive fazendo”, “tende

a fazer”, “costuma fazer”) e são organizados segundo o sistema de MODULAÇÃO, que tem como condição de entrada a conjunção das opções hipotaxe e intensificação, do sistema de COMPLEXIDADE. A opção agnata mais próxima dos complexos em relação de intensificação são grupos verbais simples operando juntamente com Circunstâncias de extensão (“faz por muito tempo”, “faz frequentemente”, “faz muitas vezes”, “faz nenhuma vez”). O QUADRO 83 apresenta as categorias, realizações e exemplos de complexos de grupos verbais realizando a modulação.

QUADRO 83 – Opções do sistema de MODULAÇÃO e suas realizações

Perspectiva	Realizações	Exemplos
visualizada	<i>começar</i> ^ por ^ verbo: infinitivo	começa por informar
atualizada & terminada	<i>estar</i> ^ por ^ verbo: infinitivo, <i>estar</i> ^ por ^ verbo: infinitivo	está por enfrentar, estava para cair
atualizada & contínua	<i>terminar</i> ^ por ^ verbo: infinitivo	termina por indicar

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Novamente, o funcionamento dos complexos de grupos verbais em relação de intensificação se assemelha aos complexos em relação de elaboração e extensão, de maneira que podem realizar qualquer opção de localização (“estava para fazer”, “terminará por fazer”, “vive fazendo”), de perspectiva (“vai estar fazendo”, “terminaria por fazer”, “tem vivido fazendo”) e de estágio (“começou a estar fazendo”, “terminou de terminar por fazer”, “continua vivendo fazendo”). É possível ainda construir complexos com opções dos três sistemas, de FASE, CONAÇÃO e MODULAÇÃO, como em “vive começando a tentar fazer”, assim como cada Evento realizar as diferentes opções dos sistemas da ordem do grupo, como em “pode ir viver começando a tentar fazer”, “vive podendo ir começar a tentar fazer” e “vive começando a poder ir tentar fazer”.

Por fim, complexos de grupos verbais em relação de projeção e complexos paratáticos não apresentam nenhuma peculiaridade na realização da experiência de tempo. Com relação à projeção, o Evento dominante pode ser realizado por *concordar, propor, esperar, decidir, aspirar (a), visar, voltar, prometer, gostar de, pretender, querer, resolver*, como em “quero falar-lhes de forma simples e direta”. Novamente, esses complexos podem realizar qualquer opção de localização, perspectiva e estágio e apresentam iteração com as demais opções do sistema de COMPLEXIDADE.

Com relação às relações paratáticas, elas podem ocorrer com grupos verbais com qualquer relação lógico-semântica, por exemplo: “não respondeu, perguntou” (elaboração), “o direito de rejeitar e/ou recusar o recebimento deste material” (extensão) e “ele rouba mas faz” (intensificação). Nesses casos, tanto o Evento inicial quanto o Evento continuante realizam as mesmas opções de localização e perspectiva e não podem realizar o estágio. Esses complexos não são organizados em sistemas específicos como no caso das relações hipotáticas, antes sendo as opções mais raras de complexos de grupo verbal e não estabelecendo iterações com as demais opções do sistema de COMPLEXIDADE na ordem do grupo.

Por último, no que tange à unidade da palavra, mais especificamente a classe dos verbos, além do sistema de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL, um sistema de ORIENTAÇÃO IDEACIONAL em específico também contribui para a realização da experiência de tempo, qual seja, MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA (cf. FIGURA 51).

Esse sistema permite modificar o verbo iterativamente por meio de relações paratáticas e hipotáticas. Nas relações paratáticas, um morfema experiencial, realizando alguma opção do sistema de TIPO DE EXPERIENCIA, é modificado por outro morfema experiencial, também realizando alguma opção desse sistema. Por exemplo, o verbo “solicitei” é formado pelo morfema experiencial “cit” com função de Experiência de dizer e pelo morfema interpessoal “ei” com função de Verbalidade. O morfema experiencial “soli” modifica parataticamente “cit”, estabelecendo uma relação de intensificação entre eles.

Nas relações hipotáticas, um morfema lógico-semântico modifica um morfema experiencial. Em especial, (i) os morfemas lógico-semânticos “pre”, “pro”, “retro” e “ante” podem realizar as localizações de passado em relações de intensificação, (ii) o morfema “pós” a localização de futuro, também em relações de intensificação, e (iii) “re” pode realizar o aspecto atualizado em relações de elaboração. O QUADRO 84 apresenta as possibilidades de realização da experiência de tempo por esses morfemas.

QUADRO 84 – Realização da experiência de tempo por morfemas lógico-semânticos

Significados temporais		Realização	Exemplos
localização	passado	pre, pro, ante	pré-aquecer, prospectar, antever
	futuro	pos	postergar, pós-graduar
perspectiva	atualizado & imperfectivo	re	reaquecer

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

Palavras nominais também podem selecionar opções no sistema de MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA, de maneira que também podem realizar a localização e a perspectiva na ordem da palavra. Diferentemente dos verbos, palavras nominais como substantivos (“pré-aquecimento”, “provisão”, “ancião”, “pós-combustão”, “redundância”) e adjetivos (“antigo”, “pré-colombiano”, “póstumo”) não contribuem para a realização do processo, mas realizam uma localização e uma perspectiva interna, relativa somente à experiência dos elementos com função de participante ou circunstância na figura, e não à experiência da figura como um todo. Além disso, as palavras nominais contam com dois morfemas lógico-semânticos próprios para realizar (i) a localização de passado e a perspectiva atualizada & perfectiva, realizada por “ex”, como em “ex-presidente”, “ex-capitão” e “ex-professor”, e (ii) a localização de passado e a perspectiva visualizada & imperfectiva, realizada por “proto”, como em “protofascista”, “protolinguagem” e “protótipo”.

4.3 A instanciação das estruturas lexicogramaticais que realizam a experiência temporal em português brasileiro

Após descrever o potencial de realizações lexicogramaticais da experiência de tempo do português brasileiro, esta seção busca demonstrar a realização dessa experiência no polo da instância. Esta seção explora a instanciação do potencial da realização da experiência de tempo em dois segmentos de um texto específico. Esses segmentos fazem parte do corpus de análise, e compõem um texto do tipo ficção intitulado “O Xangô de Baker Street”, escrito por Jô Soares. A seguir são apresentadas as principais estruturas lexicogramaticais que constroem a localização, a perspectiva e o estágio nestes segmentos de texto.

O Texto (1) mostra parte de uma interação entre os personagens Sherlock Holmes, delegado Mello Pimenta, Giacomo Peruggio, Watson e Mukumbe. Após investigar o local onde o violino de Giacomo Peruggio foi roubado e de Watson medicar forçadamente Giacomo Peruggio com quinino, pensando que este tinha malária, os personagens são interrompidos por Mukumbe, que traz um convite do marquês de Salles.

Texto (1)

Sherlock **esquadrinhou** o resto do aposento sem **encontrar** nada de relevante. **Voltando** para dentro da loja, ele e Pimenta **despediram**-se de Peruggio. Watson, **ainda contrafeito**, também **apertou** a mão do italiano, **gritando**:

— **Fico satisfeito** de que não **seja** malária! Para essas suas crises nervosas, eu **aconselho** água de melissa! — **disse**, com a certeza britânica de que, **falando**-se bastante alto, todos os seres humanos do planeta **entendem** inglês.

Pimenta **ia começar a dizer** alguma coisa; porém, **foi cortado** pelo ruído de um negro gigantesco que entrou no recinto, quase **arrancando** a porta do umbral. **Já ia puxar** seu revólver da algibeira, **quando** Holmes o **tranquilizou**:

— Calma, delegado. Este **é** Mukumbe, **trabalha** para a senhora baronesa e **está** à minha disposição.

— Um moleque de recados **veio** me **avisar** que o marquês de Salles **está** no Café do Amorim e **convida** os senhores para um refresco — **informou** Mukumbe, sem se **alterar**.

— Se não **fosse** incômodo, eu **gostaria de discutir** com o senhor Holmes o caso que **estou tratando agora** — **disse** Mello Pimenta, **guardando** a arma.

— Pois **venha** também ao café — **convidou** Holmes. — Se os hábitos daqui **são** iguais aos de Londres, as mesas de bodega **são sempre** um manancial de informações.

Pimenta não **gostou** muito da ideia, pois **preferia manter** a investigação em termos confidenciais, todavia, diante do entusiasmo do detetive, não **teve como recusar**. Giacomo Peruggio **acompanhou**-os até a saída.

— Senhor Holmes, **diga** à dona Maria Luísa que não me **queira** mal.

— **Fique** tranquilo, senhor Giacomo. Não **queria assustá-lo**. A baronesa **sabe** que o senhor não **teve** culpa.

Peruggio, **agradecido**, **estendeu**-lhe dramaticamente os braços. Holmes **aproveitou**-se do gesto para **deixar** o coco vazio nas mãos do dono da Viola d'Ouro.

Observa-se no Texto (1) segmentos em destaque. Esses segmentos são os responsáveis por construir a experiência de tempo. Ao todo, há 51 processos nesse texto. Começando pela localização temporal, observa-se que quase todos os processos com localização de presente (11 de um total de 12) encontram-se nas fases das falas dos personagens (e.g. “**Fico** satisfeito de que não seja malária” e “**está** à minha disposição”), enquanto quase todos aqueles com localização de passado (4 em 22) encontram-se nas fases das narrações (e.g. “Sherlock esquadrinhou o resto do aposento” e “Pimenta ia começar a dizer alguma coisa”). Processos sem localização estão distribuídos de maneira mais uniformemente ao longo das duas fases do texto (e.g. “Voltando para dentro da loja” e “Se não fosse incômodo”). Além disso, neste trecho não há processos com localização de futuro.

Com relação à perspectiva, a maior parte dos processos é atualizado (“ele e Pimenta despediram-se de Peruggio”, “eu aconselho água de melissa”, “disse Mello Pimenta”) – são 37 de um total de 51. Esses processos ocorrem 24 vezes nas fases de narração (“Sherlock esquadrinhou o resto do aposento”) e 13 vezes nas de fala dos personagens (“Um moleque de recados veio me avisar que o marquês de Salles está no Café do Amorim e convida os senhores para um refresco”). Já os processos visualizados encontram-se distribuídos entre as falas (“Fico satisfeito de que não seja malária”, “Pois venha também ao café” e “Se não fosse incômodo, eu gostaria de discutir com o senhor Holmes o caso que estou tratando agora”) e as narrações (“Pimenta ia começar a dizer alguma coisa” e “todavia, diante do entusiasmo do detetive, não teve como recusar”).

Nesse texto, os processos no passado têm desdobramento contínuo em somente 1 caso (“Não queria assustá-lo”) e terminado em 16 casos (“Giacomo Peruggio acompanhou-os até a saída”). E dentre os processos sem localização que constroem o desdobramento, isto é, aqueles realizados por verbos com morfologia de gerúndio, particípio e infinitivo, é possível notar 5 casos em que o desdobramento é contínuo (“Voltando para dentro da loja, ele e Pimenta despediram-se de Peruggio” e “porém, foi cortado pelo ruído de um negro gigantesco que entrou no recinto, quase arrancando a porta do umbral”) e 5 casos em que é terminado (“Peruggio, agradecido, estendeu-lhe dramaticamente os braços” e “Sherlock esquadrinhou o resto do aposento sem encontrar nada de relevante”).

É importante destacar que os processos em “Pimenta ia começar a dizer alguma coisa” e “pois preferia manter a investigação em termos confidenciais”, ainda que sejam realizados por verbos com morfologia de passado imperfeito não constroem processos atualizados, mas visualizados. Como foi demonstrado na seção 4.2.3, verbos com morfologia de passado imperfeito operando como Núcleo podem ocupar o lugar que seria prototipicamente de verbos com morfologia de passado volitivo.

No que tange ao parâmetro do estágio, só há uma ocorrência: “Pimenta ia começar a dizer alguma coisa”, no qual o processo constrói o estágio de começo. Observa-se ainda que este processo contribui para a construção da narração, não fazendo parte da fala de algum dos personagens.

De maneira geral, a análise da instanciação da experiência de tempo no Texto (1) revela duas fases distintas do texto que se intercalam: a narração e as falas dos personagens. A narração é caracterizada por maior ocorrência de processos no passado, além de perspectiva

atualizada e, no caso dos processos no passado, com desdobramento terminado. Já as falas são caracterizadas por processos no presente, com a presença das perspectivas atualizada e visualizada, e com a única ocorrência de estágio. A FIGURA 53 ilustra essas duas fases do Texto (1), com as fases da narração em laranja e das falas em azul.

<p>Sherlock esquadrinhou o resto do aposento sem encontrar nada de relevante. Voltando para dentro da loja, ele e Pimenta despediram-se de Peruggio. Watson, ainda contrafeito, também apertou a mão do italiano, gritando:</p>
<p>— Fico satisfeito de que não seja malária! Para essas suas crises nervosas, eu aconselho água de melissa! — disse, com a certeza britânica de que, falando-se bastante alto, todos os seres humanos do planeta entendem inglês.</p>
<p>Pimenta ia começar a dizer alguma coisa; porém, foi cortado pelo ruído de um negro gigantesco que entrou no recinto, quase arrancando a porta do umbral. Já ia puxar seu revólver da algibeira, quando Holmes o tranquilizou:</p>
<p>— Calma, delegado. Este é Mukumbe, trabalha para a senhora baronesa e está à minha disposição.</p>
<p>— Um moleque de recados veio me avisar que o marquês de Salles está no Café do Amorim e convida os senhores para um refresco — informou Mukumbe, sem se alterar.</p>
<p>— Se não fosse incômodo, eu gostaria de discutir com o senhor Holmes o caso que estou tratando agora — disse Mello Pimenta, guardando a arma.</p>
<p>— Pois venha também ao café — convidou Holmes. — Se os hábitos daqui são iguais aos de Londres, as mesas de bodega são sempre um manancial de informações.</p>
<p>Pimenta não gostou muito da ideia, pois preferia manter a investigação em termos confidenciais, todavia, diante do entusiasmo do detetive, não teve como recusar. Giacomo Peruggio acompanhou-os até a saída.</p>
<p>— Senhor Holmes, diga à dona Maria Luísa que não me queira mal.</p>
<p>— Fique tranqüilo, senhor Giacomo. Não queria assustá-lo. A baronesa sabe que o senhor não teve culpa.</p>
<p>Peruggio, agradecido, estendeu-lhe dramaticamente os braços. Holmes aproveitou-se do gesto para deixar o coco vazio nas mãos do dono da Viola d'Ouro.</p>

FIGURA 53 – As fases da narração e das falas no Texto (1)

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

O Texto (2) é a continuação do Texto (1). Enquanto o primeiro trecho mostra a interação entre diferentes personagens em uma cena de crime, o Texto (2) apresenta uma descrição do Café Amorim nos dois primeiros parágrafos e, no terceiro, o início de uma nova interação entre novos personagens – seu Amorim, coronel Mendes Freire e um grupo de fazendeiros de café. Como no texto anterior, encontram-se destacados no Texto (2) os segmentos que constroem a experiência de tempo. Ao todo, há 26 processos no Texto (2).

Texto (2)

O Café do Amorim **ficava** no beco das Cancelas, **fazendo** esquina com a rua do Rosário. **Era** famoso por seus refrescos e comidas frias, além, é claro, do café. Também **servia** os melhores vinhos e licores. O dono, seu Amorim, **era** um homem enorme de gordo, na casa dos quarenta, com bigodes de pontas viradas para cima. **Vestia**-se de calças pretas, camisa, colete e um avental à volta da cintura, como os garçons franceses que **via** nas gravuras. O avental **era** tão grande que Paula Nei **costumava brincar**: “Ô Amorim, isto mais **parece** uma mortalha **cobrindo** as vastas refeições que **jazem** na tua barriga”.

Amorim **ria** e **continuava** a se **espremer** entre as mesas para **servir** pessoalmente seus fregueses preferidos.

Às vezes, **fazia** perguntas indiscretas, como **agora**, junto a um grupo de fazendeiros de café, que **bebericavam** licor de jenipapo **discutindo** os preços da última safra. Um deles, o coronel Mendes Freire, **era** o caçula de uma família de sete filhos. Curiosamente, apesar dos pais **serem** brancos e todos os irmãos muito louros, Mendes Freire **era** moreno escuro, quase negro, e de cabelos crespos. Amorim não **resistiu**: Coronel, **há** muito tempo que **estou para** lhe **perguntar**. Como **é possível** que seus pais e seus irmãos **sejam** brancos e louros e o senhor **tenha saído** assim, tão escurinho?

Em relação ao parâmetro da localização, ao todo há 15 processos construindo a localização de passado (“O Café do Amorim **ficava** no beco das Cancelas”, “Amorim **ria** e **continuava a se espremer** entre as mesas”), e todos contribuem para a fase de narração deste trecho. As 4 ocorrências de localização no presente têm lugar nas falas de Paula Nei, que aparece como parte do parágrafo de narração (“Ô Amorim, isto mais **parece** uma mortalha cobrindo as vastas refeições que **jazem** na tua barriga”) e de Amorim (“Coronel, **há** muito tempo que **estou para** lhe **perguntar**”). Há ainda 7 casos em que o processo não constrói a localização, dentre os quais 5 contribuem para a narração (“O Café do Amorim ficava no beco das Cancelas, **fazendo** esquina com a rua do Rosário” e “e continuava a se espremer entre as mesas para **servir** pessoalmente seus fregueses preferidos”) e 2, para a fala de Amorim (“Como é possível que

seus pais e seus irmãos sejam brancos e louros e o senhor tenha saído assim, tão escurinho”). E como no Texto (1), não há casos de processos com localização no futuro.

Sobre a perspectiva, a maior parte dos processos é atualizado (“O dono, seu Amorim, era um homem enorme de gordo [...]”, “Amorim não resistiu”). Somente 3 são visualizados: um ocorrendo na fase de narração (“e continuava a se espremer entre as mesas para servir pessoalmente seus fregueses preferidos”) e os outros dois na fala de Amorim (“Como é possível que seus pais e seus irmãos sejam brancos e louros e o senhor tenha saído assim, tão escurinho”).

Além disso, os processos no passado têm desdobramento terminado em somente 1 caso (“Amorim não resistiu”) e contínuo em 14 casos (“Vestia-se de calças pretas, camisa, colete [...]). Há também processos sem localização que constroem o desdobramento, com 2 casos em que o desdobramento é contínuo (“O Café do Amorim ficava no beco das Cancelas, fazendo esquina com a rua do Rosário” e “junto a um grupo de fazendeiros de café, que bebericavam licor de jenipapo discutindo os preços da última safra”) e 1 caso em que é terminado (“e continuava a se espremer entre as mesas para servir pessoalmente seus fregueses preferidos”).

E com relação ao parâmetro do estágio, semelhantemente ao Texto (1), só há uma ocorrência: “e continuava a se espremer entre as mesas para servir pessoalmente seus fregueses preferidos”, com o processo construindo o estágio de intermédio na fase da narração.

A análise da experiência temporal instanciada no Texto (2) também revela duas fases distintas do texto: a narração e as falas dos personagens. Como no trecho anterior, a narração é caracterizada por maior ocorrência de processos no passado, além de perspectiva atualizada. Entretanto, diferentemente do Texto (1), os processos no passado da fase de narração do Texto (2) apresentam desdobramento contínuo. Além disso, a única ocorrência de estágio se encontra em uma das fases de narração. Já as falas do Texto (2) são caracterizadas por processos no presente e sem localização, com a presença das perspectivas atualizada e visualizada. A FIGURA 54 ilustra as duas fases do Texto (2), com as fases da narração em verde e das falas em vermelho.

O Café do Amorim **ficava** no beco das Cancelas, **fazendo** esquina com a rua do Rosário. **Era** famoso por seus refrescos e comidas frias, além, é claro, do café. Também **servia** os melhores vinhos e licores. O dono, seu Amorim, **era** um homem enorme de gordo, na casa dos quarenta, com bigodes de pontas viradas para cima. **Vestia**-se de calças pretas, camisa, colete e um avental à volta da cintura, como os garçons franceses que **via** nas gravuras. O avental **era** tão grande que Paula Nei **costumava brincar**: “Ô Amorim, isto mais **parece** uma mortalha **cobrindo** as vastas refeições que **jazem** na tua barriga”.

Amorim **ria** e **continuava** a se **espremer** entre as mesas para **servir** pessoalmente seus fregueses preferidos.

Às vezes, **fazia** perguntas indiscretas, como **agora**, junto a um grupo de fazendeiros de café, que **bebericavam** licor de jenipapo **discutindo** os preços da última safra. Um deles, o coronel Mendes Freire, **era** o caçula de uma família de sete filhos. Curiosamente, apesar dos pais **serem** brancos e todos os irmãos muito louros, Mendes Freire **era** moreno escuro, quase negro, e de cabelos crespos. Amorim não **resistiu**: Coronel, **há** muito tempo que **estou para** lhe **perguntar**. Como **é possível** que seus pais e seus irmãos **sejam** brancos e louros e o senhor **tenha saído** assim, tão escurinho?

FIGURA 54 – As fases da narração e das falas no Texto (2)

Como constatação geral, é possível notar que a narração ocupa um espaço maior no Texto (2) em comparação ao Texto (1). Além disso, as falas no Texto (2) apresentam uma variedade maior de opções.

Em conclusão, a análise do Texto (1) e do Texto (2) teve como base a descrição do potencial de significados construído pelas estruturas que realizam a experiência de tempo apresentada nas seções 4.1 e 4.2 deste capítulo. Assim, esta análise permite verificar a instanciação da experiência de tempo nesses segmentos de texto e observar como as estruturas que realizam a experiência de tempo constroem diferentes fases nos textos, denominadas nesta seção de maneira *ad hoc* como “narração” e “falas dos personagens”. Portanto, os resultados desta tese permitem mapear a experiência de tempo nos polos tanto do potencial quanto da instância do contínuo de instanciação no que se refere ao português brasileiro.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a discussão dos resultados da pesquisa apresentada nesta tese, tendo como base o que foi apresentado no capítulo 2, que trata da revisão da literatura. A discussão é pautada pela diferenciação entre estudos teóricos, descritivos e aplicados, como foi explicado nas seções 2.2, 2.3 e 2.6, tendo como base Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a), Halliday e Matthiessen (2014), Matthiessen, Teruya e Wu (2008) e Holmes (2000), sendo essa diferenciação válida para os estudos linguísticos e para os estudos da tradução, compreendidos como parte dos estudos multilíngues (MATTHIESSEN; TERUYA; WU, 2008).

Primeiro são discutidas as contribuições desta pesquisa para os estudos teóricos, nos estudos linguísticos e da tradução. Em seguida, este capítulo trata das contribuições desta pesquisa para os estudos descritivos, novamente em relação aos estudos linguísticos e da tradução. Por fim, são discutidas as contribuições para os estudos linguísticos e da tradução aplicados.

Tendo como base a diferenciação entre o estudo linguístico como ação e reflexão, tal qual estabelecida por Matthiessen, Teruya e Wu (2008, p. 203), e considerando a concepção de teoria como nível mais abstrato de produção de conhecimento sobre sistemas semióticos, tal qual estabelecida por Caffarel, Matthiessen e Martin (2004a, p. 12-13) e Matthiessen (2009, p. 50), este capítulo discute as contribuições desta pesquisa para os estudos linguísticos e para os estudos da tradução.

5.1 Contribuições para os estudos linguísticos

Com relação à teoria sistêmico-funcional, esta pesquisa se fundamenta nas dimensões globais e locais e nos princípios da linguagem definidos pela teoria, com as dimensões sendo a instanciação, a estratificação, a metafunção, o sistema e a estrutura, organizadas respectivamente segundo os princípios da instanciação, da realização, da metafunção, da ordenação e da delicadeza. Assim, esta pesquisa pode ser entendida a partir de cada dimensão e princípio.

No que diz respeito à dimensão da instanciação, entendida nesta tese como “o contínuo entre o potencial sistêmico geral de uma língua e o texto (a instância desse potencial)” (MARTIN, 2013, p. 116), a descrição apresentada nas seções 4.1 e 4.2 sobre a realização da experiência de tempo do português brasileiro se dá no polo do potencial de significados do contínuo de instanciação. Já a análise dos trechos do livro “O Xangô de Baker Street”, apresentada na seção 4.3, trata do polo da instância, observando como orações, grupos e verbos selecionam diferentes opções nos sistemas.

Em relação à estratificação, esta dimensão da linguagem é definida na teoria sistêmico-funcional como a organização hierárquica da linguagem em diferentes níveis de abstração (contexto, semântica, lexicogramática, fonologia e fonética), que se relacionam através do princípio da realização, com cada estrato menos abstrato realizando um estrato mais abstrato (HALLIDAY, 2005; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; MATTHIESSEN; HALLIDAY, 2009). A descrição apresentada nesta tese mostra (i) como a experiência humana de tempo é transformada em experiência de tempo, sendo compreendida de acordo com os parâmetros da localização, da perspectiva, do estágio e do perfil; e (ii) como essa experiência é realizada na lexicogramática por diferentes sistemas nas ordens da palavra, do grupo e da oração.

Sobre as metafunções, Matthiessen, Teruya e Lam (2010, p. 145) explicam que

diferentes tipos ou modos de significado associam-se a diferentes **metafunções**. Na metafunção ideacional, **construímos** nossa experiência sobre o mundo à nossa volta e dentro de nós como significado. Na metafunção interpessoal, **encenamos** nossos papéis e relacionamentos como significado. Na metafunção textual, **criamos** os significados ideacionais e interpessoais como um fluxo de informações⁷⁴.

A experiência de tempo é organizada na semântica como recursos ideacionais, embora se relacione com outras metafunções, especialmente no caso da localização, e como fica evidenciado nas realizações lexicogramaticais, onde se observa essa experiência sendo realizada por recursos ideacionais (*e.g.*, Circunstâncias e complexos), interpessoais (Finito, Predicador, Adjunto) e textuais (com diferentes opções de Tema podendo adotar alguma experiência temporal como ponto de partida da oração). Neste ponto, é importante notar que Halliday e Matthiessen (2014) apontam a natureza metafuncional do tempo ao tratarem do papel

⁷⁴ Minha tradução de: “*Different kinds of meaning associated with the different metafunctions. Within the ideational metafunction, we **construe** our experience of the world around us and inside us as meaning; within the interpersonal metafunction, we **enact** our roles and relationships as meaning; and within the textual metafunction, we **create** ideational and interpersonal meanings as a flow of information*”.

de frases preposicionais operando como Circunstâncias ou outras funções na oração em inglês. Os autores explicam que

o tempo experiencial é uma característica do processo: sua localização, duração e repetição em alguma história real ou imaginária. O tempo interpessoal diz respeito à interação entre falante e ouvinte: a temporalidade relativa ao agora da fala, ou a habitualidade como um espaço entre os polos positivo e negativo sobre o qual é possível construir um argumento. E o tempo textual trata do momento do discurso: um “então” na construção da realidade externa ao texto, ou na organização interna do próprio texto.⁷⁵ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 332)

Ainda que os autores se refiram especificamente às frases preposicionais e sua função na oração, é possível notar um paralelo com a realização da experiência de tempo na lexicogramática. Assim, entende-se a realização lexicogramatical da experiência de tempo como recursos ideacionais (*e.g.*, rede de sistemas de TRANSITIVIDADE e os sistemas de COMPLEXIDADE, ASPECTO VERBAL, TEMPO SECUNDÁRIO e TEMPORALIDADE), interpessoais (rede de sistemas de MODO e os sistemas de FINITUDE, DÊIXIS MODAL e ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL) e textuais (rede de sistemas de TEMA).

No que diz respeito à dimensão do sistema (cf. HALLIDAY, 2002; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004a; MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010), a seção 4.2 mostra como a experiência de tempo é realizada na lexicogramática, observando como redes de sistemas da oração, do grupo verbal e do verbo podem realizá-la.

Uma vez que o princípio que ordena a dimensão do sistema é a delicadeza, é possível entender a organização do contínuo lexicogramatical na realização da experiência de tempo. Assim, em um nível menos delicado, é possível diferenciar, por exemplo, orações indicativas e imperativas de acordo com a capacidade de realizar a localização; e, em níveis mais delicados, é possível explicar a diferença entre orações indicativas declarativas construindo passado, presente ou futuro, de acordo com as opções do sistema de DÊIXIS TEMPORAL na oração.

A dimensão da estrutura (HALLIDAY; MCINTOSH; STREVENSON, 1964; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010;

⁷⁵ Minha tradução de: “*Experiential time is time as a feature of a process: its location, its duration or its repetition rate in some real or imaginary history. Interpersonal time is time as enacted between speaker and listener: temporality relative to the speaker-now, or usuality as a band of arguable space between positive and negative poles. Textual time is time relative to the current state of the discourse: ‘then’ in the text’s construction of external reality, or in the internal ordering of the text itself*”.

FIGUEREDO, 2007, 2011) permite entender o funcionamento das unidades semânticas e lexicogramaticais e como operam na construção da experiência de tempo. Na dimensão da estrutura, é possível identificar o processo como a unidade semântica na qual a experiência de tempo é construída e organizada segundo a localização, a perspectiva, o estágio e o perfil e identificar as unidades da oração, do grupo, da palavra e do morfema e seu funcionamento hierárquico na escala de ordens lexicogramatical, de modo a compreender como cada unidade opera na unidade imediatamente superior para a realização da experiência de tempo. Assim, observa-se como morfemas operam nos verbos, como verbos operam nos grupos verbais e como grupos verbais operam nas orações.

As dimensões do sistema e da estrutura representam dois eixos de argumentação sobre um mesmo fenômeno semiótico. Nesse sentido, os sistemas lexicogramaticais apresentam declarações de realização específicas para cada opção (MARTIN, 2013), como a presença ou ausência de Finito determinando a diferença entre os modos indicativo e imperativo. Com isso, a dimensão da estrutura e a do sistema permitem verificar como a lexicogramática realiza a experiência de tempo nos ambientes menos abstratos da oração, do grupo e da palavra, sendo possível explicar, por exemplo, o funcionamento de morfemas interpessoais na realização da localização conforme as opções no sistema de TEMPORALIDADE do verbo ou, então, como diferentes opções de AGENCIAMENTO no grupo verbal podem contribuir para a realização do estágio de acordo com a presença de determinados verbos com função de Auxiliar em sua estrutura.

Portanto, a teoria sistêmico-funcional tem um papel fundamental na descrição da experiência de tempo do português brasileiro, pois permite que esses significados sejam entendidos conforme as dimensões globais (instanciação, estratificação e metafunção) e locais (sistema e estrutura) da linguagem. Nesse sentido, uma contribuição desta tese para os estudos linguísticos teóricos é validar as dimensões e os princípios da linguagem propostos pela teoria sistêmico-funcional para a descrição do potencial de significados de uma língua e para a análise textual.

Além disso, a metodologia de descrição da experiência de tempo foi guiada pelos parâmetros básicos de Halliday e Matthiessen (1999, p. 214), que os autores afirmam ter contribuído, na história humana, para a transformação da experiência humana de tempo em significado, quais sejam: localização, perspectiva, estágio e perfil. Ao apresentar esses parâmetros, Halliday e Matthiessen (1999, p. 215) explicam que,

em determinada língua é possível que (i) um ou outro parâmetro tenha maior proeminência, (ii) dois ou mais parâmetros sejam combinados em um único sistema semântico, (iii) algum parâmetro seja construído mais próximo do polo gramatical ou lexical, (iv) características que não estritamente temporais possam ser incorporadas nesses significados, podendo ser ideacionais, como tentativa ou sucesso, ou interpessoais, como o posicionamento do falante no processo, na forma de um julgamento de o quanto seria provável, desejável, etc.⁷⁶

Assim, é possível afirmar que, no português brasileiro a localização e a perspectiva têm maior proeminência, com a perspectiva desempenhando um papel central na construção da experiência de tempo como significado, pois, ainda que um processo não construa a localização e o estágio, sempre constrói a atualização e, em alguns casos, o desdobramento. Além disso, não é possível observar nas estruturas que realizam a experiência de tempo dois ou mais parâmetros sendo combinados em um único sistema semântico; pelo contrário, nota-se que o perfil temporal não organiza um sistema próprio, mas é construído como uma síndrome a partir de outros sistemas. Com relação aos polos gramatical e lexical, é possível afirmar que, em português brasileiro, a localização e a perspectiva são construídas em um ponto mais próximo do polo gramatical, enquanto o estágio encontra-se em um ponto mais próximo do polo lexical. Por fim, observa-se que, no português brasileiro, a localização contribui diretamente para a negociação entre falante e ouvinte. Como foi tratado no capítulo anterior, a localização primária é realizada na ordem do grupo pelo Finito, que realiza a dêixis referente ao aqui-e-agora troca entre falante e ouvinte. Assim, há uma confluência entre a construção da experiência de passado, presente e futuro pelo processo e a negociação entre falante e ouvinte, que é realizada no estrato lexicogramatical pelo Finito, cuja função é apontar a relação entre a proposição ou proposta e o momento da fala no sistema de DÊIXIS.

No que diz respeito aos estudos linguísticos descritivos, uma contribuição desta pesquisa é para a descrição do português brasileiro. Esta tese apresenta uma nova abordagem da experiência de tempo, tendo como referência as dimensões globais e locais da linguagem, como abordado na seção anterior, conferindo um caráter inédito a esta descrição.

As descrições de Câmara Jr. (1999), Cunha e Cintra (2017), Cegalla (2008), Perini (2005), Travaglia (1991, 2014), Castilho (1967, 2010), Bechara (2009), Neves (2000) e Bagno (2012) não se fundamentam na teoria sistêmico-funcional. Portanto, não se guiam pela

⁷⁶ Minha tradução de: “*Thus, in any given language, (i) one or other parameter may be given prominence, (ii) two or more parameters may be combined into a single semantic system, (iii) any parameter may be construed either more grammatically or more lexically, and (iv) a number of features that are not strictly temporal may be incorporated into the picture, both ideational ones like attempting/succeeding and interpersonal ones like the speaker's angle on the process —judgement of its likelihood, desirability, and so on*”.

organização dos significados como potencial e instâncias, nem pela ordenação dos estratos, nem pela diversificação metafuncional, nem pela relação axial entre sistema e estrutura. De maneira geral esses autores abordam a construção da experiência de tempo a partir do eixo sintagmático, isto é, da dimensão estrutural da língua, e enfocam a unidade lexicogramatical da palavra. Além disso, a maioria das propostas aborda a experiência temporal a partir do polo lexical do contínuo lexicogramatical, de maneira que algumas descrições chegam a se resumir a listas de regras. Além do mais, nenhuma das propostas anteriores reconhece a organização hierárquica da lexicogramática em uma escala de ordens (formada por oração, grupo, palavra e morfema) ou o espectro das metafunções (organizando os significados em ideacionais, interpessoais e textuais) – ainda que reconheçam em certa medida a relação entre o sistema interpessoal de MODO e a experiência de tempo. E, com exceção de Perini (2005) e Travaglia (1991, 2014), e guardadas as devidas proporções e definições, as propostas anteriores não se baseiam na hierarquia de estratificação para localizar a experiência de tempo no estrato semântico e suas realizações no estrato lexicogramatical, como na descrição apresentada nesta tese.

Ainda assim, nota-se que todas as propostas anteriores abordam a construção da perspectiva e do perfil pelo processo, ainda que algumas descrições não tratem da localização e do estágio. Dessa forma, a perspectiva e o perfil seriam parâmetros sempre presentes na construção do fluxo de experiência do português brasileiro, enquanto a localização e o estágio podem ou não contribuir para esta construção.

Essa diferença na fundamentação teórica da descrição pode ser visualizada de maneira mais sucinta em Battaglia (1999). A autora busca descrever o fenômeno que denomina “*aktionsart*” do português brasileiro, definindo esse conceito como “modo de ser da ação” ou, simplesmente, “modo da ação” (BATTAGLIA, 1999, p. 261). A autora relaciona esse fenômeno com o que denomina “aspecto”, que explica se tratar de “uma característica do sistema verbal do português”, podendo ser considerado uma “categoria gramatical [...], morfo-semântica [...], ou semântica” e formando “um sistema binário onde a ação é descrita como perfectiva ou imperfectiva” (BATTAGLIA, 1999, p. 261).

A partir dessas definições gerais, a autora segue com a descrição desse fenômeno do português brasileiro, partindo de uma comparação com o alemão e a diferenciação feita nessa língua entre “aspecto” e “*aktionsart*”. Isso leva a autora a fazer a seguinte pergunta “se a *aktionsart* faz parte do significado do verbo [em alemão], também não poderia estar presente nos verbos do português?”, para a qual ela própria responde “é claro que sim” (BATTAGLIA, 1999, p. 267). E então conclui, definindo o “aspecto” e a “*aktionsart*” da seguinte maneira:

Ante o exposto acima, interpreto o aspecto como uma categoria morfo-semântica que, no português, é expressa essencialmente pelas formas de [pretérito perfeito] e [pretérito imperfeito]. O aspecto realiza-se por meio de morfemas acrescidos ao radical do verbo e compõe-se de uma oposição binária: a perfectividade e a imperfectividade. O aspecto perfectivo é descrito por [pretérito perfectivo] e marca os limites de uma ação, que é descrita de maneira global, sem se ater à constituição temporal interna. O aspecto imperfectivo é descrito por [pretérito imperfeito], e marca o desenvolvimento de um evento que é descrito em sua constituição interna, ou seja, marca as diferentes fases do evento. [...] O aspecto pode ainda ser atualizado pelos lexemas, ou seja, a *Aktionsart*, que é uma categoria léxico-semântica, inerente ao significado do verbo. (BATTAGLIA, 1999, p. 269)

A descrição de Battaglia (1999) permite observar como diferentes fundamentações teóricas levam a descrições diferentes de um mesmo fenômeno. Primeiramente, é possível observar que Battaglia (1999) não faz distinção entre categorias teóricas e descritivas, transpondo uma categoria que descreve o alemão (a “*aktionsart*”) para o português brasileiro. Além disso, uma vez que a autora não fundamenta sua descrição nas dimensões teóricas globais e locais, ela não concebe a perspectiva e o perfil temporal do processo como fenômenos diferentes. Além disso, por não levar em conta a ordenação hierarquizada da escala de ordens, Battaglia (1999) aborda esses significados somente na ordem da palavra, não considerando como grupos e orações também contribuem para sua construção. Por fim, ao não levar em conta a estratificação da linguagem, a autora tenta entender como o verbo (um componente da lexicogramática) funciona no texto (uma unidade semântica), o que a leva a definir o “aspecto” como um fenômeno “morfo-semântico”, que “no texto narrativo [...] é usado para indicar a ação da figura de fundo” (BATTAGLIA, 1999, p. 269).

Portanto, ao localizar a experiência de tempo no escopo da teoria sistêmico-funcional, é possível entender como são construídos semanticamente no processo e como diferentes sistemas no estrato lexicogramatical contribuem para a sua realização. Com isso, a abordagem sistêmica da descrição apresentada nesta tese permite uma categorização ao mesmo tempo mais ampla e mais detalhada do tempo em português brasileiro, pois leva em consideração todas as dimensões globais e locais da “arquitetura” da linguagem, resultando em uma abordagem trinocular do tempo. Isso permite que a experiência de tempo seja localizada de forma precisa no português brasileiro conforme as dimensões da instanciação, da estratificação, da metafunção, do sistema e da estrutura. Dessa maneira, a descrição apresentada nesta tese se mostra como uma contribuição nova para a descrição do português brasileiro ao abordar o tempo a partir de uma nova perspectiva que ainda não havia sido adotada por outros autores.

Com isso, é possível afirmar que a descrição da experiência de tempo contribui para a descrição do português brasileiro, em especial para a descrição sistêmico-funcional dessa língua. Nesse sentido, a descrição apresentada nesta tese soma-se aos esforços de Araújo (2007), Figueredo (2007, 2011, 2015b), Pagano, Ferregueti e Figueredo (2011), Ferregueti (2014, 2018), Figueredo, Pagano e Ferregueti (2014), Sá (2016), Braga (2016), Monteiro (2016), Rosa (2017), A. Paula (2017), L. Alves (2017) e R. Alves (2018). Como explica Figueredo (2011, p. 43), estudos descritivos “exploram áreas dos sistemas linguísticos ainda não compreendidas de modo exaustivo”, de maneira que a contribuição desta tese é explorar a experiência de tempo do português brasileiro, que, ainda que sejam apontados em alguns trabalhos, ainda não eram compreendidos de modo exaustivo. Portanto, esta tese contribui para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro ao lançar luz sobre um novo fenômeno.

5.2 Contribuições para os estudos tipológicos

No que tange às contribuições desta tese para outras áreas dos estudos multilíngues, os resultados da descrição podem ajudar a informar generalizações tipológicas acerca da construção da experiência de tempo em diferentes línguas. Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 10-11) explicam que a construção da experiência de tempo pode ser entendida em um contínuo ideacional, com um modelo lógico de construção ocupando um dos polos, no qual a experiência de tempo é construída como uma serialização, e um modelo experiencial ocupando o outro polo, no qual a experiência de tempo é construída como uma taxonomia. A FIGURA 55 ilustra esses dois modelos de construção da experiência de tempo.

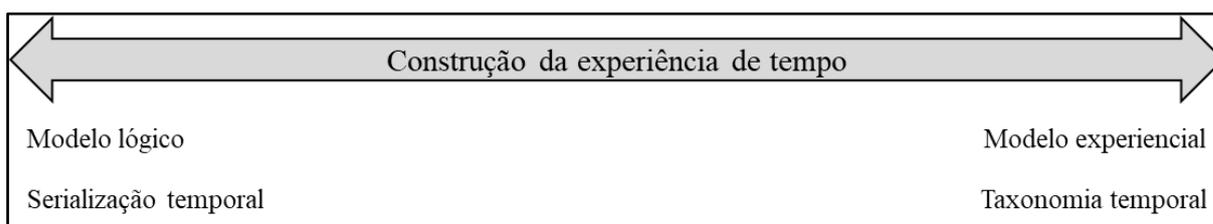


FIGURA 55 – Modelos de construção da experiência de tempo

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

De acordo com os autores, a experiência de tempo em inglês é construída segundo o modelo lógico, por meio de um sistema de tempo (*tense system*). Em comparação, o chinês e “algumas línguas faladas na África” constroem a experiência de tempo segundo o modelo experiencial, por meio de um sistema de aspecto (*aspect system*). Por outro lado, Caffarel, Martin e Matthiessen (2004a, p. 10-11) explicam que o russo e “outras línguas eslavas” encontram-se em uma posição intermediária nesse contínuo, empregando ao mesmo tempo recursos característicos dos modelos lógico e experiencial.

Matthiessen (2004, p. 578-580) também contribui para essa generalização sobre a construção da experiência de tempo segundo um modelo lógico ou experiencial por diferentes línguas. Matthiessen (2004, p. 579-580) explica que

o contraste entre os modelos de tempo, concentrados nos sistemas de TEMPO e ASPECTO, se fundamenta no contraste entre o tempo linear (tempo verbal) e não linear (aspecto). Em outras palavras, é um contraste entre a progressão de tempo a partir do passado, passando pelo presente, até o futuro, e as etapas no desdobramento do processo no tempo.⁷⁷

O autor então argumenta que a construção da experiência de tempo em línguas como o francês também é feita com base principalmente em recursos lógicos, semelhante ao inglês. Em línguas como bamileke-nyemboon, washo e yimas, a construção da experiência de tempo utiliza principalmente recursos experienciais. Além disso, Matthiessen (2004, p. 609-610) também aponta que o grego emprega recursos tanto do modelo lógico quanto do modelo experiencial.

É possível afirmar que o português brasileiro, semelhante ao russo, ao grego e a “outras línguas eslavas”, encontra-se em uma posição intermediária no contínuo de construção da experiência de tempo, empregando recursos do modelo lógico, como os sistemas de TEMPO SECUNDÁRIO e FASE, e do modelo experiencial, como o sistema de ASPECTO VERBAL. A FIGURA 56 ilustra a distribuição das línguas abordadas nesta discussão de acordo com os modelos de construção da experiência de tempo.

⁷⁷ Minha tradução de: “*The contrast between the models of time embodied in tense and aspect systems is based on the ideational contrast between linear time (tense) and non-linear time (aspect) – between the progression of time from the past via the present to the future and the stages of unfolding of a process in time*”.

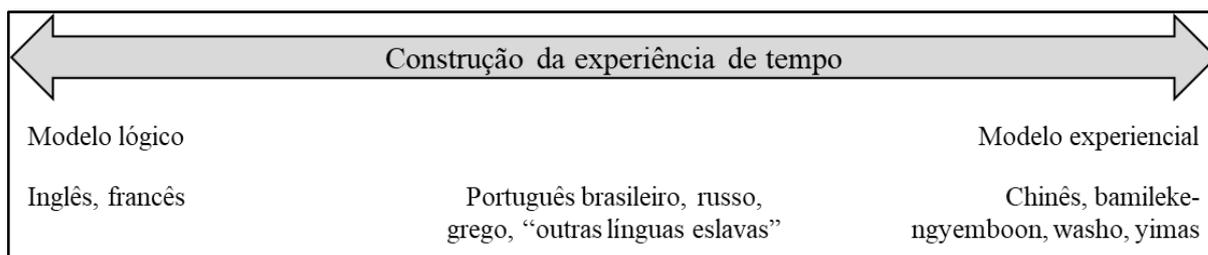


FIGURA 56 – Distribuição das línguas de acordo com os modelos de construção da experiência de tempo

Fonte: elaborada para fins desta pesquisa.

Outra generalização proposta por Matthiessen (2004) a respeito da construção da experiência de tempo é em relação à noção de tempo como localização. O autor explica que casos como o inglês, o chinês e o russo constroem a experiência de tempo como localização temporal, isto é, com o processo se desdobrando no tempo. Línguas como quéchuá, jacalteca e “várias línguas tibeto-birmanesas” constroem a experiência de tempo como localização espacial, com o processo se desdobrando no espaço, principalmente de acordo com a direção: a montante (*upriver*) e a jusante (*downriver*) (MATTHIESSEN, 2004, p. 541–542). Nesse contexto, o português brasileiro se assemelha mais ao inglês, ao chinês e ao russo, pois também constrói a experiência temporal em termos do desdobramento do processo no tempo, e não no espaço.

5.3 Contribuições para os estudos da tradução

Outra contribuição desta tese diz respeito ao campo disciplinar dos estudos da tradução, por apresentar uma nova abordagem da experiência de tempo. Nesta tese, são citadas as pesquisas de Appelo (1986, 1994), Olsen *et al.* (2000), Bond, Ogura e Uchino (2000), Safar e Marshall (2001), Wang, Collins e Koehn (2007), Meyer (2011), Meyer e Popescu-Belis (2012), Rodrigues (2000), Ramalho (2004) e Braga (2016).

Tendo como base o mapa de Holmes (2000), é possível afirmar que a maior parte das contribuições anteriores investiga a experiência de tempo no ramo dos estudos aplicados da tradução, objetivando mais especificamente o desenvolvimento de ferramentas de tradução automática, a saber, Appelo (1986, 1994), Olsen *et al.* (2000), Bond, Ogura e Uchino (2000),

Safar e Marshall (2001), Wang, Collins e Koehn (2007), Meyer (2011), Meyer e Popescu-Belis (2012). Rodrigues (2000) propõe um estudo teórico sobre o fenômeno da equivalência em tradução, o que a leva a considerar da tradução da experiência de tempo ao ilustrar problemas relativos à equivalência, principalmente entre o português brasileiro e o inglês. Já Ramalho (2004) e Braga (2016) consistem em estudos descritivos da tradução, o primeiro abordando especificamente a equivalência da experiência de tempo, ainda que através de uma abordagem literária, e a segunda abordando a equivalência de Circunstâncias de maneira geral, mas tratando marginalmente dessa experiência, uma vez que Circunstâncias de localização e extensão podem realizá-los.

Além disso, cada contribuição anterior observa diferentes parâmetros temporais, mas nenhuma delas investiga ao mesmo tempo os parâmetros de localização, perspectiva, estágio e perfil. Como foi explicado na seção 2.5, o parâmetro temporal mais abordado nessas pesquisas foi o da localização, seguido da perspectiva. O perfil é tratado nessas pesquisas por “*aktionsart*” ou “aspecto lexical” e foi investigado somente em alguns casos (APPELO, 1986, 1994; BOND; OGURA; UCHINO, 2000; OLSEN *et al.*, 2000; RAMALHO, 2004; BRAGA, 2016). No entanto, cada trabalho abordou esse parâmetro de uma maneira, não havendo uniformidade na fundamentação teórica ou na metodologia entre eles. Ademais, o estágio só foi abordado por Braga (2016), que, ainda que tenha como base a linguística sistêmico-funcional, não focaliza a análise na construção da experiência de tempo em português brasileiro e em inglês, visto que seu objeto de estudos se encontra no estrato lexicogramatical (a Circunstância).

Nesse contexto é possível afirmar que, diferentemente dos estudos anteriores, esta tese se enquadra nos estudos descritivos da tradução, com enfoque no potencial de significados temporais do contato entre o português brasileiro e o inglês. Assim, é possível desenvolver uma comparação entre os potenciais sistêmicos do português brasileiro e do inglês na construção da experiência de tempo.

Como explica Figueredo (2011, p. 323),

No que tange à tradução, devido ao fato de a língua criar contexto (cf. HALLIDAY, 1978) e de tanto o potencial quanto o texto não serem fenômenos separados, mas manifestações de um mesmo fenômeno (cf. HALLIDAY, 2003b), é possível vislumbrar o estudo da tradução para além da comparação entre duas instâncias textuais específicas (o texto fonte e o texto alvo).

Tradicionalmente, grande parte dos estudos da tradução são entendidos como um tipo de linguística contrastiva entre textos (MALMKJÆR, 2005; cf.

MUNDAY, 1998), como é o caso dos trabalhos de Catford [1965], Ivir [1981] e Matthiessen *et al.* [2008]. Contudo, Halliday (2003b) afirma que instância e sistema não são fenômenos linguísticos distintos, mas manifestações distintas de um mesmo processo, de produção de significado. Com isto, todo estudo contrastivo, incluindo a tradução, implica em algum grau de contraste tipológico

A próxima seção dedica-se à comparação do potencial de significados do português brasileiro e do inglês, com foco na realização lexicogramatical da experiência de tempo segundo os parâmetros temporais de localização, perspectiva, estágio e perfil.

5.3.1 As estruturas lexicogramaticais que realizam a experiência de tempo em português brasileiro e inglês

Após apresentar de maneira detalhada a realização experiência de tempo do português brasileiro ao longo da escala de ordens no capítulo 4, e após ter apresentado um panorama geral da realização da experiência de tempo em inglês nas seções 2.2.1 e 2.2.2, é possível comparar o potencial de construção dessa experiência dessas duas línguas.

Os sistemas lexicogramaticais explorados nesta tese estão resumidos no QUADRO 85, para o português brasileiro, e no QUADRO 86, para o inglês.

QUADRO 85 – Realização da experiência de tempo de acordo com cada sistema em cada unidade lexicogramatical do português brasileiro

	Unidade	Parâmetro	Metafunção			
			interpessoal	ideacional	textual	
simples	oração	localização	TIPO DE MODO, FINITUDE, DÊIXIS TEMPORAL	TIPO DE CIRCUNSTÂNCIA	TEMA (tópico, textual e interpessoal)	
		perspectiva	TIPO DE MODO, FINITUDE, DÊIXIS MODAL			
		estágio				TEMA (tópico, textual)
		perfil				
	grupo	localização	DÊIXIS TEMPORAL	DÊIXIS TEMPORAL, TEMPO SECUNDÁRIO		
		perspectiva	DÊIXIS MODAL, ASPECTO VERBAL	TEMPO SECUNDÁRIO, ASPECTO VERBAL		
		estágio		AGENCIAMENTO		
		perfil				
	palavra	localização	ORIENTAÇÃO	ORIENTAÇÃO		
		perspectiva	INTERPESSOAL	INTERPESSOAL		
		estágio				
		perfil				
complexo	oração	localização		COMPLEXIDADE		
		perspectiva				
		estágio				
		perfil				
	grupo	localização				
		perspectiva		CONAÇÃO, MODULAÇÃO		
		estágio		FASE		
		perfil				
	palavra	localização		MODIFICAÇÃO DA		
		perspectiva		EXPERIÊNCIA		
		estágio				
		perfil				

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

QUADRO 86 – Realização da experiência de tempo de acordo com cada sistema em cada unidade lexicogramatical do inglês

	Unidade	Parâmetro	Metafunção			
			interpessoal	ideacional	textual	
simples	oração	localização	TIPO DE MODO, FINITUDE, DÊIXIS TEMPORAL	TIPO DE CIRCUNSTÂNCIA	TEMA (tópico, textual e interpessoal)	
		perspectiva	TIPO DE MODO, FINITUDE, DÊIXIS MODAL			
		estágio				TEMA (tópico, textual)
		perfil				
	grupo	localização	DÊIXIS TEMPORAL	DÊIXIS TEMPORAL, TEMPO SECUNDÁRIO		
		perspectiva	DÊIXIS MODAL, ASPECTO VERBAL	TEMPO SECUNDÁRIO, ASPECTO VERBAL		
		estágio				
		perfil		<u>TIPO DE EVENTO</u> <u>(verbos frasais)</u>		
	palavra	localização	ORIENTAÇÃO	ORIENTAÇÃO		
		perspectiva	INTERPESSOAL	INTERPESSOAL		
		estágio				
		perfil				
complexo	oração	localização		COMPLEXIDADE		
		perspectiva				
		estágio				
		perfil				
	grupo	localização				
		perspectiva		CONAÇÃO, MODULAÇÃO		
		estágio		FASE		
		perfil				
	palavra	localização		MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA		
		perspectiva				
		estágio				
		perfil				

Fonte: elaborado para fins desta pesquisa.

É possível notar nesses quadros que o português brasileiro e o inglês dispõem de muitos recursos semelhantes organizados em sistemas lexicogramaticais para a realização da

localização (*e.g.*, FINITUDE, DÊIXIS TEMPORAL, TEMPO SECUNDÁRIO), da perspectiva (*e.g.*, TIPO DE CIRCUNSTÂNCIA, ASPECTO VERBAL) e do estágio (*e.g.*, FASE). Também é possível notar que essas línguas apresentam recursos próprios para a construção do tempo: em português brasileiro, na realização do estágio no grupo verbal pelo sistema de AGENCIAMENTO e na realização da localização no verbo pelo sistema de TEMPORALIDADE; e em inglês na realização do perfil no grupo verbal pelo sistema de TIPO DE EVENTO, mais especificamente sendo realizado por verbos frasais.

Além disso, ainda que essas línguas apresentem recursos semelhantes para a realização da experiência de tempo, é importante destacar que a realização dos sistemas lexicogramaticais por estruturas se dá com base nos recursos de cada língua. Por exemplo, na realização da localização secundária, ambas as línguas lançam mão do sistema de TEMPO SECUNDÁRIO na ordem do grupo, podendo construir passado, presente e futuro secundários. No entanto, dadas as características do português brasileiro, o tempo secundário se organiza também de acordo com a realização da perspectiva, diferenciando, por exemplo, o passado secundário entre atualizado-perfectivo e atualizado-imperfectivo. Essa distinção não ocorre em inglês, no qual a localização secundária é realizada pelo tempo secundário somente, sem subcategorização baseada na perspectiva.

É importante notar que a diferença mais significativa entre o português brasileiro e o inglês quanto à realização da experiência de tempo reside na realização da localização primária e da perspectiva. No inglês, a finitude da oração, do grupo verbal e do verbo é construída pela oposição entre duas formas diferentes de relacionar o processo ao aqui-e-agora da interação: através da localização, com verbos finitos construindo o passado, presente ou futuro do processo, ou através da perspectiva, com verbos modais construindo a avaliação do falante em relação ao processo. Em comparação, no português brasileiro a finitude da oração, do grupo verbal e do verbo sempre envolve a construção de processos segundo a localização e a perspectiva, de maneira que dêixis temporal e modal não se encontram em oposição, mas em cosseleção. Essa diferença na realização da “deiticidade” do processo influencia a realização da localização e da perspectiva em todas as unidades, de maneira que o português brasileiro apresenta opções mais delicadas em sistemas como DÊIXIS, ASPECTO VERBAL, TEMPO SECUNDÁRIO e ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL.

As demais diferenças na realização da experiência de tempo são mais específicas e se limitam a certos ambientes lexicogramaticais mais restritos. É o caso, por exemplo, dos grupos verbais com voz passiva mutativa, que em português brasileiro realizam o estágio

(começo: *ir* ^ Evento: participípio; intermédio: *estar* ^ Evento: participípio; final: *vir* ^ Evento: participípio), enquanto em inglês a diferença entre um grupo verbal passivo neutro (“*is eaten*”) e mutativo (“*got eaten*”) diz respeito às diferentes relações entre participantes (cf. DOWNING, 1996).

6 CONCLUSÃO

Esta tese apresenta uma investigação sobre a experiência de tempo do português brasileiro em tradução com base na teoria sistêmico-funcional, trazendo contribuições para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro e para os estudos da tradução, no espaço dos estudos multilíngues.

A descrição da experiência de tempo relatada nesta tese tem como fundamento a teoria sistêmico-funcional (HALLIDAY, 2003a; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, 2014), o que torna possível sua localização em relação às dimensões globais (instanciação, estratificação, metafunção) e locais (sistema e estrutura) da linguagem. Nesse sentido, a descrição da experiência de tempo (i) ocupa o polo do potencial de significados, (ii) envolve a caracterização do tempo nos estratos da semântica e da lexicogramática, (iii) diz respeito à construção da experiência como significado, reconhecendo o processo como o elemento semântico que constrói a experiência de tempo em termos ideacionais, e também que a realização da experiência de tempo encontra-se distribuída ao longo das demais metafunções na lexicogramática, (iv) resulta no mapeamento das estruturas lexicogramaticais que constroem a experiência de tempo a partir dos parâmetros temporais e (v) busca entender como essa experiência é realizada por diferentes estruturas em cada unidade lexicogramatical. Assim, a descrição apresentada nesta tese oferece uma nova abordagem à construção da experiência de tempo do português brasileiro que ainda não havia sido adotada.

A pesquisa apresentada nesta tese leva em conta as contribuições de Câmara Jr. (1999), Cunha e Cintra (2017), Cegalla (2008), Perini (2005), Travaglia (1991, 2014), Castilho (1967, 2010), Bechara (2009), Neves (2000) e Bagno (2012). No entanto, a partir de uma leitura criteriosa desses autores, foi possível observar que essas propostas abordam a construção da experiência de tempo a partir do eixo sintagmático, com enfoque quase total na realização dessa experiência na unidade da palavra. Nesse sentido, a proposta desta tese foi abordar a experiência de tempo no português brasileiro a partir do eixo paradigmático, o que possibilitou estabelecer relações entre as funções lexicogramaticais que realizam essa experiência nas estruturas de cada ordem da escala. Ademais, esta tese adotou como ponto de partida os parâmetros de tempo propostos por Halliday e Matthiessen (1999), de maneira que foi possível comparar as propostas de descrição anteriores a fim de encontrar pontos de contato e divergências entre elas.

Assim, esta tese se configurou como uma nova abordagem nos estudos linguísticos sobre a construção da experiência de tempo em português brasileiro. Para isso, a descrição apresentada foi guiada pela relação entre os eixos paradigmático e sintagmático, com foco no primeiro, possibilitando um mapeamento mais delicado das funções lexicogramaticais que realizam essa experiência nas unidades da oração, do grupo e da palavra. Uma vez que aborda a construção de experiência a partir das dimensões da teoria sistêmico-funcional, esta tese aponta novas possibilidades de descrição da realização da experiência de tempo na lexicogramática ao relacionar as estruturas em redes de sistemas.

Nesse sentido, esta tese contribui de maneira específica para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro, somando-se aos esforços de Araújo (2007), Figueredo (2007, 2011, 2015b), Pagano, Ferregueti e Figueredo (2011), Ferregueti (2014, 2018), Figueredo, Pagano e Ferregueti (2014), Sá (2016), Braga (2016), Monteiro (2016), Rosa (2017), A. Paula (2017), L. Alves (2017) e R. Alves (2018). A partir dos sistemas e estruturas descritos por esses autores, foi possível observar como a experiência de tempo é realizada em cada unidade da escala de ordens por diferentes funções em diferentes redes de sistemas.

Além disso, um dos objetivos desta tese é descrever a experiência temporal no contato entre português brasileiro e inglês através do produto tradutório. Para isso, esta pesquisa enfoca o polo do potencial no contínuo de instanciação, de maneira que a experiência de tempo é compreendida como um potencial de significados multilíngue, com pontos de contato e divergências em relação às redes de sistemas, estruturas e funções que realizam a experiência temporal na lexicogramática em português brasileiro e inglês. Dessa forma, esta pesquisa busca contribuir com a proposta de Figueredo (2015a), o qual sugere a identificação de interseções e disjunções entre as redes de sistemas das línguas em contato como parte do esforço para a compreensão da produção de significado no espaço multilíngue.

Em vista disso, esta tese contribui para os estudos da tradução ao investigar como a realização lexicogramatical da experiência temporal em português brasileiro e inglês organiza-se no polo do potencial, verificando interseções e disjunções. E mesmo que não sejam desenhados sistemas multilíngues, esta tese oferece recursos para que sejam desenvolvidos em pesquisas futuras, podendo contribuir com o desenvolvimento da metodologia proposta por Figueredo (2015a).

Os resultados desta pesquisa são apresentados no capítulo 4 desta tese. Primeiramente, apresenta-se um panorama geral de como a experiência de tempo é construída

no estrato semântico segundo os parâmetros temporais, quais sejam: localização, perspectiva e estágio. Esses parâmetros operam no processo, um elemento da figura que é o responsável por construir a transitoriedade da experiência. Os significados organizados por esses parâmetros permitem que o processo (i) seja localizado em relação ao aqui-e-agora da interação entre falante e ouvinte, podendo ser passado, presente ou futuro, (ii) se relacione com o fluxo de experiência como um todo, no qual pode ser atualizado ou visualizado, perfectivo ou imperfectivo, e (iii) ocupe alguma medida relativa ao tempo, podendo ser o começo, o intermédio ou o final. A partir disso, observa-se como a experiência de tempo é realizada no estrato lexicogramatical com a contribuição de diferentes unidades, envolvendo sistemas nas três metafunções. Assim, é possível mapear a experiência de tempo na lexicogramática em relação às redes de sistemas da oração, do grupo verbal e do verbo.

A partir da descrição das realizações da experiência de tempo do português brasileiro, foi possível comparar com os sistemas, funções e estruturas que realizam essa experiência em inglês. Nesse sentido, observou-se a presença de recursos semelhantes para a realização da localização (*e.g.*, FINITUDE, DÊIXIS TEMPORAL, TEMPO SECUNDÁRIO), da perspectiva (*e.g.*, TIPO DE CIRCUNSTÂNCIA, ASPECTO VERBAL) e do estágio (*e.g.*, FASE). Além disso, cada língua também dispõe de recursos próprios para realização da experiência de tempo, como é o caso do sistema de AGENCIAMENTO do grupo verbal em português brasileiro, que colabora com a realização do estágio, e o sistema de TIPO DE EVENTO do grupo verbal em inglês, que realiza o perfil através dos verbos frasais.

Ao observar opções mais delicadas das redes de sistemas dessas línguas, foi possível notar diferenças fundamentais na realização da localização e da perspectiva: em inglês, a finitude da oração, do grupo verbal e do verbo é formada pela oposição entre localização (realizada por verbos finitos, construindo passado, presente ou futuro) e perspectiva (realizada por verbos modais, que constroem a avaliação do falante). Já o português brasileiro não opera a partir da oposição desses parâmetros, sendo que a finitude da oração, do grupo verbal e do verbo envolve a construção de processos conforme ambos os parâmetros, de modo que há cosseleção de dêixis temporal e modal.

Além disso, uma vez que esta pesquisa se filia aos estudos multilíngues, seus resultados podem ser discutidos em relação às diferentes áreas desse espaço. Assim, a descrição da experiência de tempo do português brasileiro possibilita seu tratamento na tipologia. Com base na distinção entre dois modelos de construção da experiência de tempo, um modelo lógico, com o tempo construído como serialização, e outro experiencial, construindo o tempo através

de taxonomias (CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004a; MATTHIESSEN, 2004), é possível constatar que o português brasileiro emprega recursos de ambos os modelos. Nesse sentido, o português brasileiro se assemelha a línguas como o russo e o grego, que ocupam uma posição intermediária nesse contínuo, e se diferencia de línguas como o inglês e o francês, que empregam em maior medida a serialização temporal, e como o chinês e o yimas, que empregam em maior medida a taxonomia temporal. Outra generalização tipológica diz respeito à construção do tempo como localização temporal ou espacial, com o português brasileiro se valendo da primeira opção, semelhante ao inglês, russo e chinês, e diferente de quéchua e jocalteca, que envolvem a localização espacial do tempo. Portanto, esta tese também buscou contribuir com o esforço iniciado pelas descrições de orientação tipológica em Caffarel, Martin e Matthiessen (2004b), mais especificamente com o tratamento da construção da experiência de tempo em Matthiessen (2004). Assim, a descrição da experiência de tempo do português brasileiro contribui com o espaço dos estudos multilíngues ao oferecer novos subsídios para a construção de uma tipologia sistêmico-funcional.

Com isso, é possível retornar aos objetivos apresentados na introdução desta tese. Esta tese teve como objetivos gerais (i) contribuir para a descrição sistêmico-funcional do português brasileiro, e (ii) contribuir para os estudos da tradução de orientação sistêmico-funcional. Como objetivos específicos, esta tese se propôs a: (i) mapear a realização da experiência de tempo segundo os parâmetros de localização, perspectiva, estágio e perfil em português brasileiro nas unidades lexicogramaticais da oração (em relação às estruturas que realizam os sistemas de TRANSITIVIDADE, MODO e TEMA), do grupo (em relação às estruturas que realizam os sistemas de TEMPO SECUNDÁRIO, AGENCIAMENTO, ASPECTO VERBAL, FINITUDE e MODALIDADE), e da palavra (em relação às estruturas que realizam os sistemas de ORIENTAÇÃO INTERPESSOAL e MODIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA); (ii) comparar as estruturas do português brasileiro e do inglês que realizam a experiência de tempo conforme os parâmetros de localização, perspectiva, estágio e perfil nas unidades da oração, do grupo e da palavra; (iii) identificar semelhanças e diferenças nas redes de sistemas da oração, do grupo e da palavra que organizam as estruturas que realizam a experiência temporal em português brasileiro e em inglês.

Diante do que foi exposto, considera-se que esta tese cumpriu seus objetivos. No entanto, entende-se que esta tese não esgota as possibilidades de pesquisa e discussão sobre a experiência de tempo. Como recomendação para pesquisas futuras, sugere-se que a descrição da experiência de tempo seja feita também a partir de abordagens “ao redor”, com o desenho

de um sistema semântico que tenha o processo como condição de entrada, e “de cima”, levando em consideração padrões observados em outras unidades semânticas, como a figura e a sequência, bem como nas variáveis contextuais de campo, sintonia e modo. Uma outra possibilidade de investigação da experiência de tempo do português brasileiro são as realizações metafóricas na lexicogramática, uma vez que esta tese somente descreve as realizações congruentes. Além disso, tendo em vista que esta tese enfoca o estudo do potencial de significados, sugere-se que seja também estudado a instanciação da experiência de tempo no ambiente multilíngue, mais especificamente com a análise do produto tradutório.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. **Uma proposta de descrição sistêmico-funcional das orações materiais do português brasileiro orientada para os estudos multilíngues**. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem)—Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2017.
- ALVES, R. J. **Para além da oração: uma descrição sistêmico-funcional do sistema de conjunção do português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem)—Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2018.
- APPELO, L. **A compositional approach to the translation of temporal expressions in the Rosetta system**. Proceedings of the 11th conference on Computational linguistics - COLING 1986. **Anais...** In: COLING 1986. Bonn: Association for Computational Linguistics, 1986
- APPELO, L. Translation of temporal expressions. In: ROSETTA, M. T. (Ed.). . **Compositional translation**. Boston: Kluwer Academic Publishers, 1994.
- ARAÚJO, C. **O sistema semântico de PROJEÇÃO e sua dispersão gramatical em português brasileiro: uma descrição sistêmico-funcional orientada para os estudos linguísticos da tradução**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2007.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo, SP: Parábola, 2012.
- BATTAGLIA, M. H. V. Aktionsart. **Pandaemonium Germanicum**, n. 3, p. 259, 1999.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOND, F.; OGURA, K.; UCHINO, H. Temporal Expressions in Japanese-to-English Machine Translation. **Seventh International Conference on Theoretical and Methodological Issues in Machine Translation: TMI-97, Santa Fe, July 1997**, p. 55–62, 2000.
- BRAGA, A. B. C. **O sistema de Transitividade no inglês e no português brasileiro: caracterização da função Circunstância com base em textos originais e traduzidos**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2016.

BRAGA, M. L. As Sentenças Clivadas no Português Falado no Rio de Janeiro. **Organon**, v. 5, n. 18, 1991.

BRAGA, M. L.; BARBOSA, E. DE M. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 16, n. 24, 2009.

CAFFAREL, A. Interacting between a generalized tense semantics and register-specific semantic tense systems: a bi-stratal exploration of the semantics of French tense. **Language Sciences**, v. 14, n. 4, p. 385–418, 1992.

CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. Introduction - Systemic functional typology. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Eds.). **Language typology: a functional perspective**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2004a. p. 1–76.

CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (EDS.). **Language typology: a functional perspective**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2004b.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua Portuguesa**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CASTILHO, A. T. DE. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 12, 1967.

CASTILHO, A. T. DE. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2010.

CATFORD, J. C. **A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics**. London: Oxford University Press, 1965.

CATFORD, J. C. **Uma Teoria lingüística da tradução: um ensaio de lingüística aplicada**. São Paulo: Cultrix, 1980.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 2008.

COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CUNHA, C. F. DA; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DAVIES, M. **The Corpus of Contemporary American English: 520 million words, 1990-present**. Disponível em: <<https://www.english-corpora.org/coca/>>.

DOWNING, A. The Semantics of Get-passives. In: HASAN, R.; CLORAN, C.; BUTT, D. G. (Eds.). . **Current Issues in Linguistic Theory**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1996. p. 179–207.

FERREGUETTI, K. **As orações existenciais em inglês e português brasileiro: um estudo baseado em corpus**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2014.

FERREGUETTI, K. **A frase preposicional com função de Qualificador no grupo nominal: um estudo de equivalentes textuais no par linguístico inglês e português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2018.

FIGUEREDO, G. P. **Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos lingüísticos da tradução**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2007.

FIGUEREDO, G. P. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2011.

FIGUEREDO, G. P. Uma metodologia de perfilação gramatical sistêmica baseada em corpus. **Letras & Letras**, v. 30, n. 2, p. 17–45, 2014.

FIGUEREDO, G. P. Uma descrição sistêmico-funcional dos marcadores discursivos avaliativos em português brasileiro: a gramática das Partículas Modais. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 59, n. 2, p. 281–308, 2015b.

FIGUEREDO, G. P. Um estudo do conjunto multilíngue interpessoal Português Brasileiro/Inglês subsidiado pelos Estudos da Tradução e pela Linguística Sistêmico Funcional. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 1, p. 139–166, 2015a.

FIGUEREDO, G. P.; PAGANO, A. S.; FERREGUETTI, K. Os sistemas textuais de focalização na organização funcional da gramática do Português Brasileiro. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 30, n. 2, p. 309–352, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. Some Notes on “Deep” Grammar. **Journal of Linguistics**, v. 2, n. 1, p. 57–67, 1966.

HALLIDAY, M. A. K. Functional Diversity in Language as Seen from a Consideration of Modality and Mood in English. **Foundations of Language**, v. 6, n. 3, p. 322–361, 1970.

HALLIDAY, M. A. K. Linguistic function and literary style: an enquiry into the language of William Golding’s “The Inheritors”. In: CHATMAN, S. (Ed.). . **Literary Style: a symposium**. New York: Oxford University Press, 1971. p. 330–368.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. Baltimore: University Park Press, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: E. Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. Towards a theory of good translation. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (Eds.). . **Beyond content: exploring translation and multilingual text**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001. p. 13–18.

HALLIDAY, M. A. K. **On grammar**. London; New York: Continuum, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. **On language and linguistics**. London: Continuum, 2003a.

HALLIDAY, M. A. K. New ways of meaning: the challenge to applied linguistics. In: WEBSTER, J. (Ed.). . **On language and linguistics**. Collected works of M. A. K. Halliday. London: Continuum, 2003b. p. 139–174.

HALLIDAY, M. A. K. **Computational and quantitative studies**. London; New York: Continuum, 2005.

HALLIDAY, M. A. K. **Complementarities in language**. Beijing: The Commercial Press, 2008.

HALLIDAY, M. A. K. Introduction. In: MARTIN, J. R. (Ed.). . **Systemic Functional Grammar: A next Step into the Theory - Axial Reactions**. Beijing: Higher Education Press, 2013. p. v–viii.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition**. London: Continuum, 1999.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4. ed. London: Routledge, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MCDONALD, E. Metafunctional profile of the grammar of Chinese. In: CAFFAREL, A.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; MARTIN, J. R. (Eds.). . **Language typology: a functional perspective**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 305–396.

HALLIDAY, M. A. K.; MCINTOSH, A.; STREVEVS, P. **The linguistic sciences and language teaching**. London: Longmans, 1964.

HOLMES, J. S. The name and nature of translation studies. In: VENUTI, L. (Ed.). . **The translation studies reader**. New York: Routledge, 2000.

HOUSE, J. How do we know when a translation is good? In: STEINER, E.; YALLOP, C. (Eds.). . **Beyond content: exploring translation and multilingual text**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001. p. 127–160.

IVIR, V. Formal Correspondence vs. Translation Equivalence Revisited. **Poetics Today**, v. 2, n. 4, p. 51–59, 1981.

KIM, M. Meaning-oriented assessment of translations: SFL and its application to formative assessment. In: ANGELELLI, C. V.; JACOBSON, H. E. (Eds.). . **Testing and assessment in translation and interpreting studies: a call for dialogue between research and practice**. Amsterdam: Benjamins, 2009. p. 123–157.

KOGUT, L. G. **O perfil metafuncional do texto argumentativo no RPG de mesa**. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem)—Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2017.

LAMBERTI, L.; SCHWENTER, S. A. Testando o papel da referência temporal na forma do imperativo em Português Brasileiro. **Revista Linguística**, v. 14, n. 2, p. 231–258, 2018.

LEUVEN-ZWART, K. Translation and Original: Similarities and Dissimilarities, I. **Target**, v. 1, n. 2, p. 151–181, 1989.

LEUVEN-ZWART, K. Translation and Original: Similarities and Dissimilarities, II. **Target**, v. 2, n. 1, p. 69–95, 1990.

MALMKJÆR, K. **Linguistics and the language of translation**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2005.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization. **Text - Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse**, v. 8, n. 3, 1988.

MARTIN, J. R. Intrinsic functionality: Implications for contextual theory. **Social Semiotics**, v. 1, n. 1, p. 99–162, 1991.

MARTIN, J. R. **Systemic Functional Grammar: A next Step into the Theory - Axial Reactions**. Beijing: Higher Education Press, 2013.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Lexicogrammatical cartography: English systems**. Tokyo: International Language Sciences Publishing, 1995.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Tense in English seen through systemic-functional theory. In: BUTLER, C. et al. (Eds.). . **Meaning and form: systemic functional interpretations**. Norwood: Ablex, 1996. p. 431–498.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. The environments of translation. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (Eds.). . **Beyond content: exploring translation and multilingual text**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001. p. 41–124.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Descriptive motifs and generalizations. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Eds.). . **Language typology: a functional perspective**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 537–673.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Ideas & new directions. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. (Eds.). . **Continuum companion to systemic functional linguistics**. London ; New York: Continuum, 2009. p. 12–58.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; HALLIDAY, M. A. K. **Systemic Functional Grammar: A First Step Into the Theory**. Beijing: Higher Education Press, 2009.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; LAM, M. **Key terms in systemic functional linguistics**. London ; New York: Continuum, 2010.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; WU, C. Multilingual studies as a multi-dimensional space of interconnected language studies. In: WEBSTER, J. (Ed.). . **Meaning in**

context: implementing intelligent applications of language studies. London: Bloomsbury Publishing, 2008. p. 146–220.

MEYER, T. **Disambiguating temporal-contrastive connectives for machine translation.** Proceedings of the ACL 2011 Student Session. **Anais...** In: ACL 2011. Portland: Association for Computational Linguistics, 2011

MEYER, T.; POPESCU-BELIS, A. Using sense-labeled discourse connectives for statistical machine translation. **EACL 2012 Proceedings of the Joint Workshop on Exploiting Synergies between Information Retrieval and Machine Translation (ESIRMT) and Hybrid Approaches to Machine Translation (HyTra)**, p. 129–138, 2012.

MONTEIRO, G. F. **Da organização oracional ao fluxo do discurso : o Adjunto e a vírgula sob perspectiva sistêmico-funcional.** Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem)—Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2016.

MUNDAY, J. Problems of Applying Thematic Analysis to Translation between Spanish and English. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 3, p. 183–213, 1998.

NEVES, M. H. DE M. **Gramática de usos do português.** São Paulo: Editora Unesp, 2000.

NUNES, L. P. **As conjunções but e mas em textos ficcionais originais e traduzidos: uma análise tridimensional com base na linguística sistêmico-funcional.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2010.

NUNES, L. P. **Relações coesivas e estruturais: um estudo de conjunções em corpus paralelo e comparável no par linguístico inglês – português brasileiro.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2014.

OLIVEIRA, F. S. **Modelagem do ambiente multilíngue de produção de introduções de artigos acadêmicos da área das Ciências da Saúde em inglês e português brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2018.

OLSEN, M. et al. **Telicity as a cue to temporal and discourse structure in Chinese-English machine translation.** NAACL-ANLP 2000 Workshop on Applied interlinguas practical

applications of interlingual approaches to NLP -. **Anais...** In: NAACL-ANLP 2000 WORKSHOP. Washington: Association for Computational Linguistics, 2000

PAGANO, A. S.; ALVES, F.; SILVA, I. A. L. DA. Modelagem da produção de significados em tarefas tradutórias. In: GUERINI, A.; TORRES, M.-H. C.; COSTA, W. C. (Eds.). . **Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. p. 163–190.

PAGANO, A. S.; FERREGUETTI, K.; FIGUEREDO, G. P. Significados relacionais em tradução: uma abordagem da equivalência baseada em corpus. **Caderno de Letras**, v. 17, p. 88–115, 2011.

PAGANO, A. S.; FIGUEREDO, G. P.; LUKIN, A. Modelling proximity in a corpus of literary retranslations: A methodological proposal for clustering texts based on systemic-functional annotation of lexicogrammatical features. In: JI, M. (Ed.). . **Empirical translation studies: interdisciplinary methodologies explored**. Sheffield: Equinox, 2014. p. 91–125.

PAGANO, A. S.; VASCONCELLOS, M. L. Explorando interfaces: estudos da tradução, lingüística sistêmico-funcional e lingüística de corpus. In: PAGANO, A. S.; MAGALHÃES, C. M.; ALVES, F. (Eds.). . **Competências em Tradução: Cognição e Discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PAULA, A. A. DE. **Orações verbais – uma descrição sistêmico-funcional dos processos de representação do dizer do português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem)—Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2017.

PAULA, F. F. DE. **Picturebooks/narrativas infantis ilustradas: um estudo de relações semânticas verbo-visuais em textos originais e suas respectivas traduções com base na teoria sistêmico-funcional**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2018.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. Tradução: Leônidas Hegenberg; Tradução: Octanny Silveira Da Mota. São Paulo: Cultrix, 2001.

R CORE TEAM. **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2019.

RAMALHO, E. A figuração do tempo em Beowulf. Do original à tradução. **Brathair - Revista de estudos celtas e germânicos**, v. 4, n. 2, p. 127–141, 2004.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROSA, A. L. **Descrição sistêmico-funcional do verbo no português brasileiro orientada para os estudos da tradução: o sistema de modificação da experiência**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2017.

SÁ, A. DE M. **Uma descrição sistêmico-funcional do grupo verbal do português brasileiro orientada para os estudos da tradução**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2016.

SAFAR, E.; MARSHALL, I. The Architecture of an English-Text-to-Sign-Languages Translation System. **Recent Advances in Natural Language Processing (RANLP)**, p. 223–228, 2001.

SCOTT, M. **WordSmith Tools**. Stroud: Lexical Analysis Software Ltd., 2016.

SILVA, J. M. G. DA. **Relações de equivalência português brasileiro-inglês: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras, 2016.

TEICH, E. Contrastive linguistics and translation studies revisited. In: GIL, A. (Ed.). . **Modelle der Translation: Grundlagen für Methodik, Bewertung, Computermodellierung**. Frankfurt am Main; New York: Lang, 1999. p. 507–521.

TEICH, E. Towards a model for the description of crosslinguistic divergence and commonality in translation. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (Eds.). . **Exploring translation and multilingual text production: beyond content**. Text, translation, computational processing. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 191–227.

TEICH, E. **Cross-Linguistic Variation in System and Text, A Methodology for the Investigation of Translations and Comparable Texts**. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2003.

TOURY, G. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

TRAVAGLIA, L. C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística)—Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, 1991.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

VELA, M.; HANSEN-SCHIRRA, S. **The use of multi-level Annotation and Alignment for the Translator**. Proceedings der ASLIB Translating and the computer 28 conference. **Anais...** In: 28 INTERNATIONAL CONFERENCE ON TRANSLATING AND THE COMPUTER. London: ASLIB, 2006

WANG, C.; COLLINS, M.; KOEHN, P. **Chinese Syntactic Reordering for Statistical Machine Translation**. Proceedings of the 2007 Joint Conference on Empirical Methods in Natural Language Processing and Computational Natural Language Learning (EMNLP-CoNLL). **Anais...** In: JOINT CONFERENCE ON EMPIRICAL METHODS IN NATURAL LANGUAGE PROCESSING AND COMPUTATIONAL NATURAL LANGUAGE LEARNING. Prague: Association for Computational Linguistics, 2007

WILLIAMS, G.; LUKIN, A. (EDS.). **Development of language: functional perspectives on species and individuals**. London: Continuum, 2006.

WU, C. Corpus-based research. In: HALLIDAY, M. A. K.; WEBSTER, J. (Eds.). . **Continuum companion to systemic functional linguistics**. London ; New York: Continuum, 2009. p. 128–142.